

CONTRIBUIÇÃO À ORNITOLOGIA DO BAIXO AMAZONAS

Estudo crítico de uma coleção de aves do Estado do Pará

por

OLIVÉRIO PINTO

I. INTRODUÇÃO

Baseia-se o presente trabalho num extenso lote de aves do Estado do Pará, cedido ao Departamento de Zoologia pelo Museu Goeldi, por ocasião da visita oficial que lhe fiz em fins de 1945, a convite do Exmo. Sr. Cel. Magalhães Barata, então Chefe do Governo daquela unidade federativa.

Este material, que foi permutado por número equivalente de exemplares oriundos de localidades amazônicas não representadas nas coleções do mencionado instituto, fazia parte de uma copiosa série reunida depois do afastamento da Dra. Emília Snethlage e já havia recebido uma determinação provisória por parte do Museu de que durante muitos anos fôra diretora aquela distinta ornitologista.

Em sua quase totalidade, os espécimes foram obtidos por um colecionador de nome Lasso, entre os anos de 1932 e 1939, e procedem de numerosas localidades do baixo Amazonas, muitas das quais foram por êle visitadas em sucessivas excursões, a serviço do Museu. Não me tendo sido possível colher a respeito destas atividades quaisquer referências interessantes, nem tampouco averiguar as circunstâncias em que se exerceram, limitar-me-ei a expor o que a êste respeito pude inferir dos dados fornecidos pelos rótulos do colecionador, o qual, si não fui mal informado, teria trabalhado durante algum tempo em companhia do sr. Alfonso Olalla, como aliás o sugere o fato de haver alguns exemplares do baixo Tapajós devidos a êste último, a par do estilo uniforme e bem conhecido das preparações.

Razões de vária ordem havendo aconselhado a publicação deste estudo em duas partes, resolvi dividi-lo à maneira do que foi feito no "Catalogo das Aves do Brasil;" (1) a parte final, relativa aos Pássaros Oscines, acha-se ainda em elaboração, e deverá vir a lume em próximo volume da mesma série.

II. LISTA DAS LOCALIDADES

Aramanaí é, em ordem cronológica, a primeira destas localidades, figurando com exemplares obtidos em 1932, nos meses de setembro a novembro. Fica situada na margem direita do Rio Tapajós, pouco acima de *Santarem*, de onde por sua vez procedem, datados de março de 1933 e julho de 1934, uns poucos espécimes subscritos pelo sr. A. Olalla.

Inumu, com exemplares coligidos por Lasso em dezembro do mesmo ano, situa-se também na margem direita do baixo Tapajós, provavelmente a muito pequena distância de *Aramanaí*.

Aveiro é outra localidade da margem oriental do Rio Tapajós. Os exemplares dela procedentes têm a data de fevereiro e março de 1934 e trazem o rótulo do sr. Olalla, pertencendo portanto ao mesmo lote dos que foram adquiridos naquela época ao mencionado colecionador pelo Departamento de Zoologia. (2)

Piquiatuba, sítio próximo de Santarém, concorre com numerosas peças obtidas por Lasso, em setembro de 1937.

O *Rio Arapiuns*, pequeno afluente do Tapajós pela margem esquerda, ou ocidental, figura com espécimes de Lasso, obtidos em outubro de 1937.

Capanema pertence ao distrito este-paraense e fica pouco antes de Bragança, à margem da Estrada de Ferro que liga esta cidade a Belém. Lasso visitou-a pelo menos duas vezes no ano de 1936, conseguindo numerosos exemplares ornitológicos, uns de fevereiro, e outros de outubro e novembro.

Macapá é cidade litorânea situada na margem septentrional ou esquerda do estuário do Rio Amazonas. Lasso esteve colecionando nela entre os meses de março e setembro de 1936.

O *Rio Erepecurú* é um importante afluente da margem esquerda do baixo Amazonas, onde despeja as suas águas depois de mis-

(1) O. PINTO, Rev. do Mus. Paulista, XXII, págs. 1-566 (1938).

(2) Cf. PINTO, "Cinquenta anos de investigação ornitológica", em Arquivos de Zoologia, vol. IV, p. 39 (1945).

turá-las com as do Rio Trombetas. Figura com exemplares obtidos por Lasso em começos de 1937.

Oriximiná, na mesma margem do Amazonas, pouco a oeste da foz do Trombetas, foi explorada ornitológicamente por Lasso em julho e agosto de 1937.

O *Rio Mapuera* é um grande tributário da margem direita, ou ocidental, do Trombetas. Foi visitado por Lasso em julho de 1937.

Portel é uma pequena povoação localizada na margem meridional do estuário amazônico, aproximadamente a igual distância das bocas dos rios Tocantins e Xingú. Os espécimes ornitológicos nem sempre provirão das suas imediatas adjacências, visto que trazem também a indicação de Portel os colecionados nos dois rios abaixo mencionados.

O *Rio Pracupi* é um afluente relativamente importante do último trecho do baixo Amazonas, situado a leste do Rio Xingú; contribui com exemplares colecionados por Lasso entre janeiro e março de 1939.

O *Rio Anapú*, que é antes um tributário do Pracupi pela margem direita, acha-se inscrito em numerosas peças datadas de fins de 1938 (novembro).

Resumindo, vemos que as localidades representadas na coleção em estudo pertencem tanto à margem direita (Portel, Rio Pracupi, Rio Anapú) e especialmente ao Rio Tapajós (Santarém, Piquiatuba, Aramaná, Inumu, Aveiro, Rio Arapiuns), como à esquerda ou setentrional (Amapá, Oriximiná, Rio Erepecurú), e à região a leste de Belém (Capanema).

A coleção, por certo, é bastante interessante no que diz respeito à variedade de formas e ao número de localidades que abrange, mas, dado o número restrito de exemplares, seria talvez incapaz, por si só, de ministrar contribuição apreciável ao estudo crítico da ornitologia do baixo Amazonas. Ela me deu todavia o ensejo de trabalhar a fundo boa parte do material desta procedência existente nas séries do Departamento de Zoologia, e não raro me poz na necessidade de rever grupos inteiros de formas correlatas, habilitando-me a apreciar ou discutir o que dizem sobre elas os autores mais modernos.

Dos trabalhos publicados nestes últimos anos merece destaque o de Griscom & Greenway, "Birds of Lower Amazonia" (Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, vol. LXXXVIII, 1941, págs. 93-344), por versar expressamente sobre a ornitologia da zona coberta pelos nossos exemplares. São porém de todo indispensáveis

as contribuições mais antigas, especialmente as de C. E. Hellmayr, (1) a quem inegavelmente se deve o desbravamento da maior parte dos problemas atinentes à sistemática das aves neotrópicas em geral e amazônicas em particular. Nos esplêndidos "Studies of Peruvian Birds", dados a lume por J. T. Zimmer em números sucessivos dos American Museum Novitates, são quase sempre tomadas também em consideração as formas peculiares à região que nos ocupa. Foram-me ainda de grande utilidade, embora inspiradas em material de diversa procedência, as minuciosas notas críticas constantes do autorizado trabalho do conde N. Gyldenstolpe (2) sobre a avifauna do Rio Juruá. Outras fontes bibliográficas de necessária consulta acham-se referidas no correr do presente trabalho. Quanto à literatura antiga, é desnecessário reproduzir a lista encontrada no clássico "Catalogo das Aves Amazônicas" da Dra. Emilia Sneathlage (Boletim do Museu Goeldi, vol. VIII, 1914), trabalho que suponho sempre presente aos que se interessam pelo assunto.

Ao distinto confrade e amigo sr. I. Machado Coelho, Diretor do Museu Goeldi, agradeço todas as facilidades que me proporcionou no exame das coleções pertencentes ao instituto sob a sua esclarecida administração. Também ao Dr. G. Hagmann, o saudoso colega de baixo de cuja responsabilidade técnica se achava a secção zoológica, presto o tributo de minha sincera gratidão pelo interesse com que acompanhou os meus trabalhos, auxiliando-me ainda na escolha e separação dos espécimes a serem permutados com o Departamento de Zoologia.

(1) Dentre os trabalhos deste eminente ornitologista, hoje falecido, abstração feita das notas e comentários incluídos no "Catalogue of Birds of the Americas" publicado pelo Field Museum de Chicago, relacionam-se mais diretamente com o nosso tema os seguintes:

"Notes on a collection of Birds made by Mons. A. Robert in the district of Pará", em *Novitates Zoologicae* (Tring Museum), vol. XII, pags. 369-305.

"Notes on a second collection of Birds from the district of Pará, Brazil", em publ. cit., vol. XIII, pags. 353-385 (1906).

"Another contribution to the Ornithology of the lower Amazons", em publ. cit., vol. XIV, pags. 1-39 (1907).

"Zoologische Ergebnisse einer Reise in Mündungsgebiet des Amazons", publ. cit., vol. XXVI, 2 Abhandl., pags. 1-142 (1912).

(2) "The Bird Fauna of Rio Juruá in Western Brazil", em *Kungl. Svenska Vetenska Akademins Handlingar*, Tredje Serien, Band 22, N.º 3, pags. 1-338 (1945).

III. ESTUDO CRÍTICO DA COLEÇÃO

Familia TINAMIDAE

Crypturellus soui albigularis (Brabourne & Chubb)

Crypturus soui albigularis Brabourne & Chubb, 1914, Ann. and Magaz. Nat. Hist., 8ª Ser., XIV, p. 320: Rio de Janeiro.

Uma ♀ ad. de Piquiatuba, na margem direita (oriental) do baixo Tapajós, perto de Santarém (Lasso col., 8 set. de 1937).

O exemplar combina bem, em colorido, com outra ♀ de Piquiatuba (N.º 22.550) colecionada por Olalla em julho de 1936, com a diferença talvez de ter as partes inferiores menos avermelhadas. Uma ♀ de Santarém (N.º 10.587), coligida por E. Garbe (jul. de 1920) é ainda mais castanha do que as de Piquiatuba, admitindo sob êste particular paralelo com uma da Barra do Sussui (Rio Doce), a leste de Minas Gerais. Dois ♂♂ de Santarém (N.ºs 21.282 e 22.382) apresentam as partes inferiores muito mais desbotadas, pardo-ocráceas ("clay color"), à semelhança do que se vê num ♂ de Patuá (baixo Amazonas, marg. esquerda), único exemplar que possuímos da área atribuída à forma típica por Hellmayr & Conover. (1) Uma série de 6 ♂♂ de Caxiricatuba, embora bastante desigual no que diz respeito à plumagem, oscila entre os dois extremos.

A existência de duas raças brasileiras em *Crypturellus soui*, e principalmente o papel do Rio Amazonas como divisor zoogeográfico, afigura-se-me ainda bastante discutível, pois a amplitude das variações individuais torna muito difícil reconhecer diferenças constantes entre as populações da espécie. Seis ♀♀ de leste do Brasil, umas de Espírito Santo (Pau Gigante) e outras do leste de Minas Gerais (Rio Doce, Mairinque) destacam-se pela tonalidade fortemente castanho-ferruginosa das partes inferiores. A de Mairinque (N.º 7.791) é particularmente notável sob êste particular. Para comparar com estas ♀♀ de Espírito Santo e Minas, temos dois ♂♂, um

(1) Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., vol. XIII, Pte. I, N.º 1, pág. 39 (1942).

de Páu Gigante e outro do Rio Doce, ambos com menos ferrugem nas partes inferiores do que os indivíduos do sexo oposto.

Crypturellus parvirostris (Wagler)

Crypturus parvirostris Wagler, 1827, Syst. Av., I, fol. 19, gen. *Crypturus*, sp. 13: "Brasilien", col. Spix (Bahia, local típica; proposta por Hellmayr). (1)

Uma ♀ adulta, de Santarém, colecionada pelo sr. Olalla em 27 de julho de 1934.

Também de Santarém possui o Departamento de Zoologia um ♂ adulto, de 16 de março de 1935, adquirido ao mesmo colecionador. A semelhança entre ambos é quase completa, assim no tamanho como na côr da plumagem; apenas no ♂ as cores são um pouco mais vivas, o plúmbeo da cabeça mais carregado, e mais arruivados o dorso e as supracaudais.

É fato patente, já verificado por Hellmayr, o tamanho menor dos exemplares amazônicos, quando comparados com os do Brasil central e meridional; mas, conforme posso observar, e o quadro de medidas nô-lo demonstra, essa diminuição de porte dá-se muito gradativamente, pelo que é assás custoso delimitar duas populações com base na aludida diferença. Miranda Ribeiro (2) julgou reconhecer três raças geográficas na espécie, apelando não só para essa real desproporção, como para pretensos característicos de colorido. Material abundante teria porém demonstrado ao saudoso zoologista patricio a impraticabilidade da divisão triplice que propuzera. A côr da plumagem varia enormemente, obedecendo, ao que parece, às condições físicas do meio; coloração viva, e forte contraste entre dorso e alto da cabeça, denotariam ambiente mais húmido e sombrio (presença de matas), ao passo que a côr mais desmaiada, e desaparecimento daquele contraste, revelaria a existência em zona sêca e descampada. (3) Afora o tamanho um pouco menor dos ♂ ♂, seria interessante verificar a existência de diferenças constantes na plumagem dos dois sexos, assunto sôbre o qual a literatura prática-

(1) Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 478 (1929).

(2) Rev. Mus. Paul., XXIII, pág. 773 (1938).

(3) Não são raros, entre as aves, os exemplos de evidente influência da humidade ambiente sobre as populações de uma espécie; mas, na maioria dos casos, é bastante difícil decidir da conveniência de estabelecer raças geográficas com base nas diferenças ocasionadas pelo referido fator, mórmente quando estas apenas dizem respeito ao colorido da plumagem. A êste propósito, são muito instrutivas as conclusões de Griscom (Amer. Mus. Novitates, N.º 379, p. 8, 1929) sobre as variações experimentadas por *Nyctidromus albicollis* ao longo da região compreendida entre o México e as Guianas. Entre os Mamíferos, o fato é também de antiga observação, dele se tendo ocupado vários investigadores, tais como Dice & Blossom (Carnegie Inst. Wash., 1937, Publ. 485), referidos por E. Mayr (System. and orig. of species, 1942, p. 87).

mente silencia, talvez por escassez de material. Na coleção em estudo há grande predominância de ♀♀; em quase tôdas a côr do pileo difere fortemente da do dorso. Cinco ♂♂ de diferentes regiões de campo do Brasil (Campo Grande, Rio das Almas, Pirapora, Rio Cristalino) têm plumagem muito desmaiada, ocráceo-acinzentada, com o alto da cabeça da côr do dorso, ou apenas mais cinzento do que êle. Essa semelhança de colorido entre o pileo e o resto das partes superiores não é privativa dos exemplares desbotados como os que acabo de citar, pois num ♂ adulto (N.º 29.263) das proximidades da Corredeira das Flores (Rio Paranapanema, Estado de São Paulo), cujo colorido geral é tão vivo como no comum das ♀♀, o alto da cabeça apresenta a mesma côr arruivada do restante das partes superiores, com uma estreita faixa cinzenta de permeio. Tais particularidades são ainda mais evidentes num exemplar de Rincão (N.º 9.821) colecionado por Lima em fevereiro de 1900, mas cujo sexo não fôra registrado. O “♂” N.º 22.518 de Santarem (Olalla, col., março de 1935) seria o único a possuir pileo cinzento-plúmbeo como as ♀♀; fica porém a possibilidade de engano na verificação do sexo do exemplar, cujas medidas, em vez de menores, equivalem às da ♀ de Santarem, motivo destas notas.

MEDIDAS (adultos)

		asa	tarso	bico
N.º 29.264, ♀,	Rio Paranapanema (S. Paulo)	124 mils.	31 mils.	21 mils.
26.072, ♀,	Ilha Sêca (Rio Tietê, S. Paulo)	123 „	34 „	19 „
808, ♀,	“São Paulo”	122 „	28 „	18 „
29.263, ♂,	Rio Paranapanema (S. Paulo)	116 „	29 „	19 „
18.404, ♀,	Campo Grande (Mato Grosso)	123 „	30 „	19 „
12.636, ♀,	Aquidauana (Mato Grosso)	120 „	30 „	20 „
17.060, ♀,	Sto. Antônio (pto. de Cuiabá, M. Grosso)	114 „	29 „	18 „
10.112, ♀,	São Luiz de Cáceres (Mato Grosso)	114 „	27 „	18 „
12.850, ♂,	Campo Grande (Mato Grosso)	115 „	28 „	17 „
17.520, ♂,	Rio das Mortes (Mato Grosso)	109 „	25 „	19 „
14.696, ♀,	Inhumas (Goiáz)	117 „	29 „	18 „
14.764, ♀,	Rio das Almas (Goiáz)	117 „	29 „	19 „
	♀, Santarem (Pará)	108 „	29 „	17 „
22.518, ♂,	Santarem „	108 „	28 „	17 „

Família ANATIDAE

Dendrocygna autumnalis discolor Sclat. & Salv.

Dendrocygna discolor Sciator & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 161: “Venezuela, Guiana et Brasilia” (pátria típica Rio Maroni, Guiana Holandesa, teste Salvadori, Catal. Bds. Brit. Mus., XXVII, p. 162).

Um ♂ adulto do Rio Vila Nova, próximo de Macapá.

Parece comum, tanto na Amazônia, como na borda do São Francisco e de outros grandes rios interiores do Brasil oriental; desce o Rio Paraguai até o sul de Mato-Grosso (Carandazinho, Água Branca de Corumbá), estendendo-se ainda mais para o sul até o Paraguay e o noroeste da República Argentina (Jujuy, Salta). Não consta porém que apareça nos Estados mais meridionais do Brasil; em São Paulo a única ocorrência até hoje assinalada deve-se a Natterer, que em abril de 1823 viu bandos desta marreca em brejo próximo ao Rio Grande ("Porto do Rio Paraná").

Familia ACCIPITRIDAE

Accipiter bicolor bicolor (Vieillot)

Sparvius bicolor Vieillot, 1817, Nouv. Dict., X, p. 325: Cayenne.

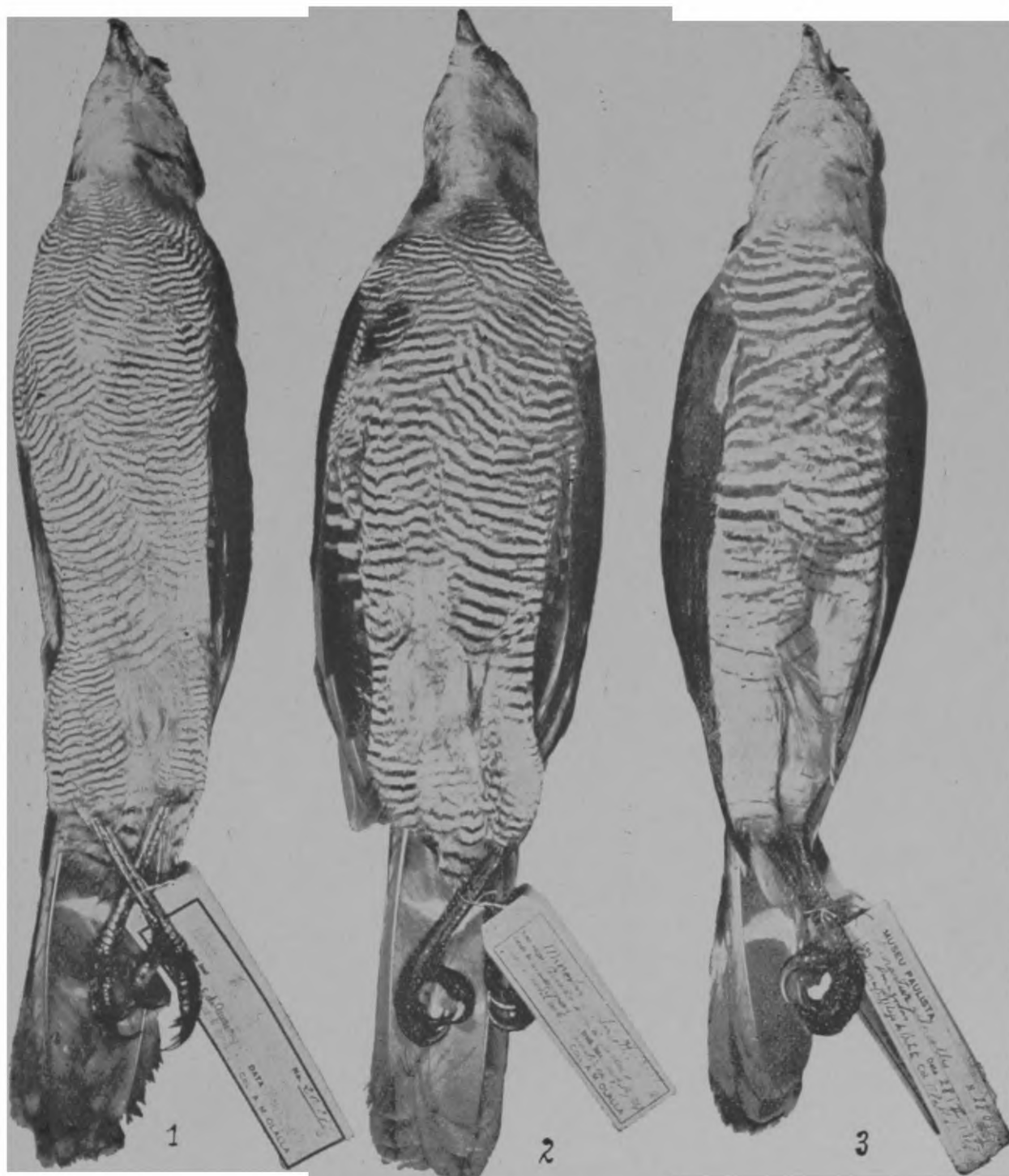
Um ♂, imat., de Vila-Nova (Macapá), col. por Lasso em 8 de set. de 1936. Medidas: asa 195 mils., cauda 165 mils., culmen 21 mils., tarso 57 mils.

Há, no que se refere ao Brasil, bem poucas referências a este gavião, aparentemente comum nos países mais septentrionais da América do Sul. O primeiro a notificá-lo deve ter sido Pelzeln, que determinou como *Accipiter pileatus* uma ♀ colecionada na Barra do Rio Negro por Natterer e examinada anos atrás por Hellmayr (Novit. Zool., XIII, 1906, pág. 382).

No Pará, conhecem-se exemplares de Santarém e das proximidades mesmo de Belém (Benfica, Igarapé-Assú). (1)

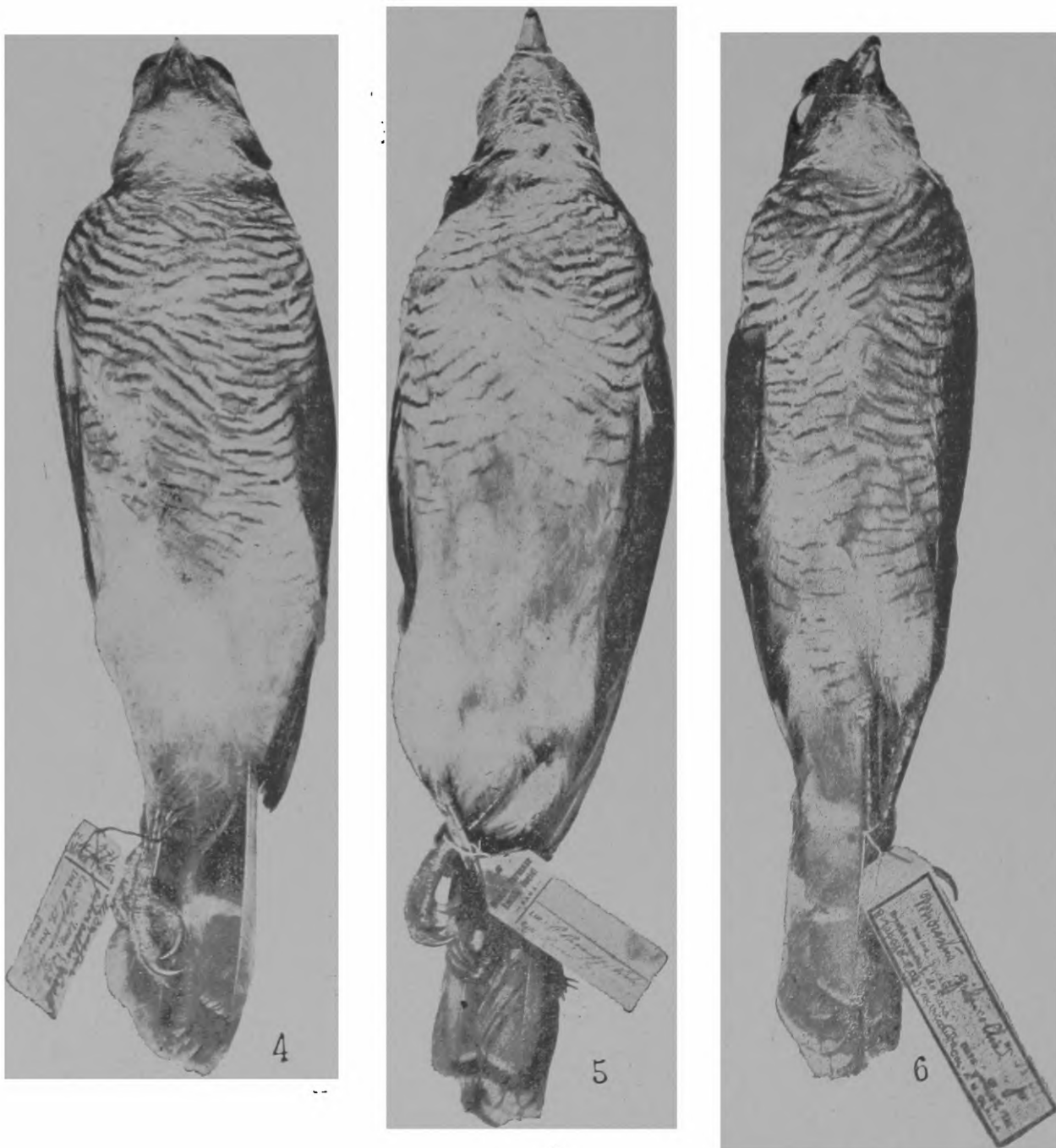
O Museu Paulista nunca havia conseguido exemplares da espécie; atualmente, porém, possui o Departamento de Zoologia, além do exemplar agora registrado, um ♂ ad. de Lago Canaçari (perto Itacoatiara) e duas ♀♀, também adultas, uma de Lago do Batista e outra do Rio Eirú (Santa Cruz), no alto Rio Juruá, adquiridos ao sr. Olalla. Em seu estudo sobre a avifauna do Rio Juruá, afora exemplares do baixo Tapajós (Aveiro, Iroçanga), consigna o corde Gyldenstolpe uma ♀ imat. de Igarapé Grande (alto Juruá), praticamente semelhante ao ♂ de Vila Nova. Todavia, em nosso exemplar as partes superiores têm coloração pardo-escuro quase uniforme, sem nenhum vestígio distinto de orla ferruginosa nas penas, sem excetuar as supracaudais. As partes inferiores são cor de camurça clara, com a garganta mais esbranquiçada do que o peito. Estas particularidades, ao lado da ausência completa do colar ru-

(1) V. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 112 (1941).



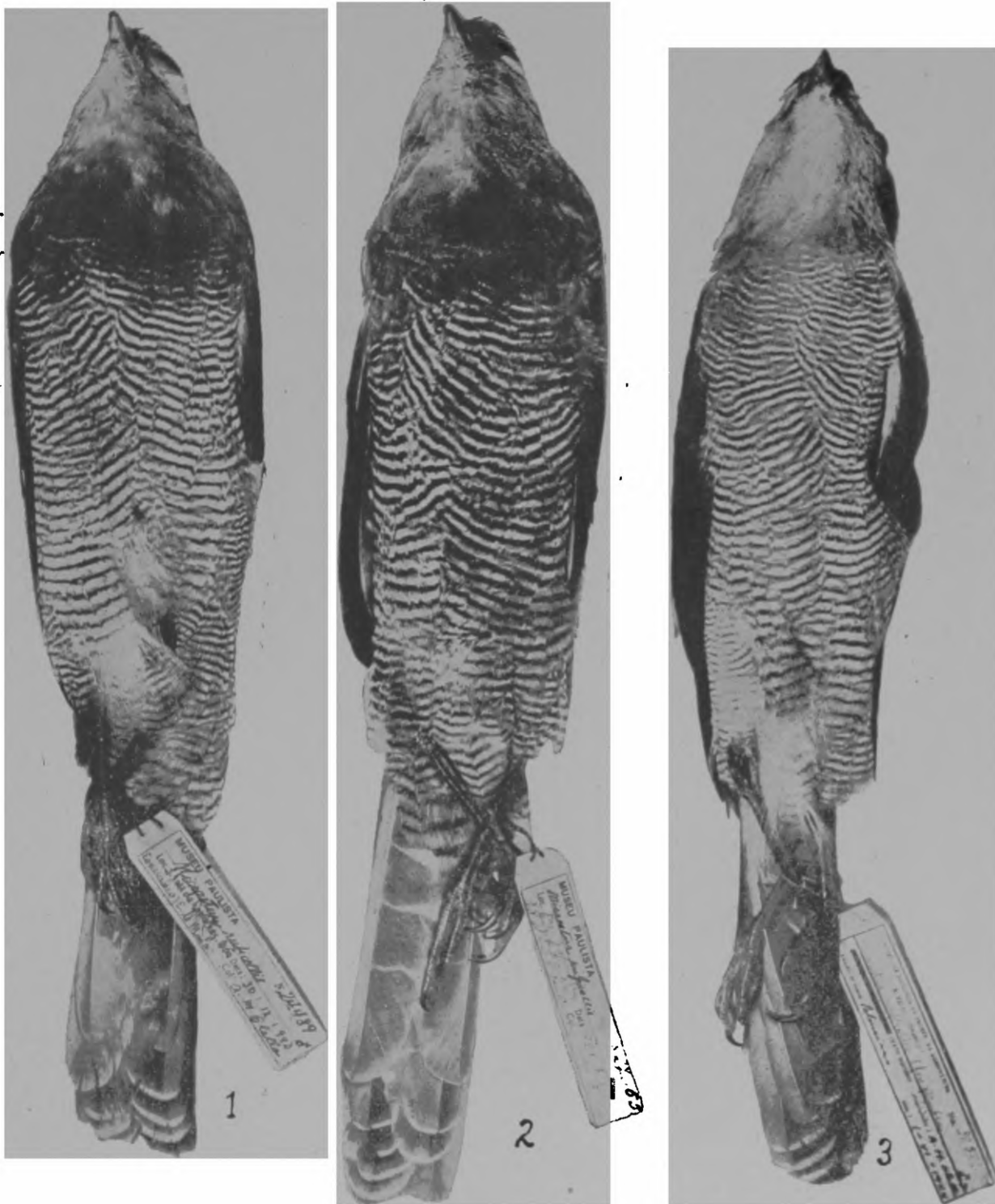
Micrastur gilvicollis (Vieill.)

- N.º 20.373, ♂ ad., Lago do Batista (Amazonas)
18.031, ♀ ad., Itacoatiara
18.032, ♀ ad., Lago do Batista



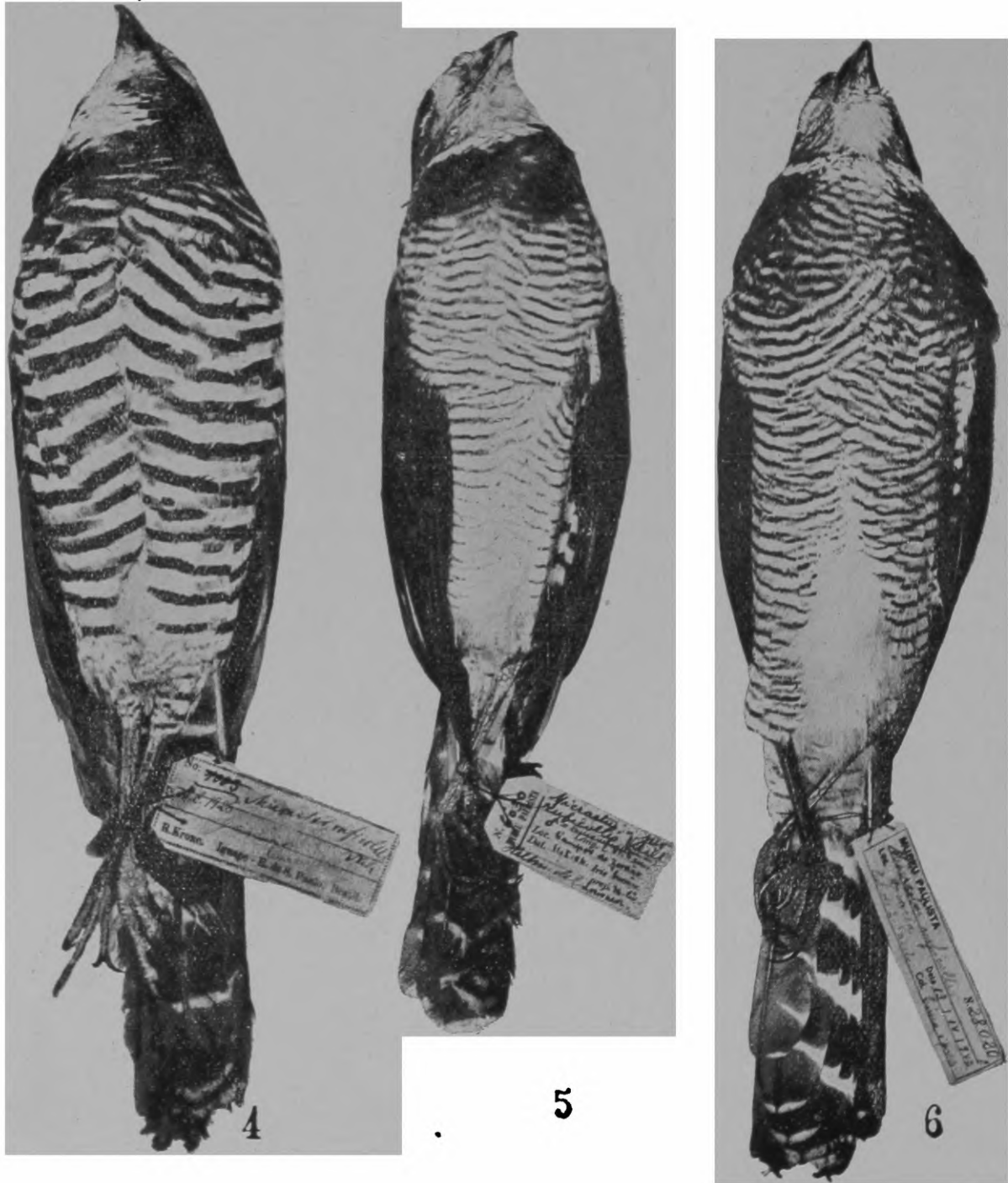
Micrastur gilvicollis (Vieill.)

- N.º 11.156, ♂ ad., Itabuna (Bahia)
— ♀ imat., Rio Pracupi (Pará)
18.030, ♂ juv., Caxiricatuba „



Micrastur ruficollis (Vieill.)

- N.º 24.489, ♂ ad., S. José da Lagoa (Minas Gerais)
27.365, ♀ ad., Angra dos Reis (Rio de Janeiro)
30.503, ♂ ad., (fase plúmbea), Palmeiras (Mato-Grosso)



Micrastur ruficollis (Vieill.)

- N.º 1.926, ♀ juv. (*leucauchen*), Iguape (S. Paulo)
6.030, ♂ juv. (*id.*), Campos do Jordão (S. Paulo)
28.020, ♂ juv. (*id.*), Boracéia (*id.*)

vo descrito nos jovens, prova que o espécime se acha muito próximo da maturidade. Não obstante, falta ainda às partes superiores qualquer indício da coloração cinzento-azulada que caracteriza a plumagem dos adultos. As coberteiras inferiores das asas são quase tão arruivadas como num δ juv. de *A. bicolor pileatus*, obtido em Inhumas (sul de Goiás); nas aves novas é pois praticamente sem valor uma das diferenças que melhor caracterizam os adultos das duas raças afins.

Leucopternis schistacea schistacea (Sundevall)

Asturina schistacea Sundevall, 1851 (teste Gyldenstolpe), Overs. K. Svenska Vet. Akad. Förhandl., VII, p. 132, nota 3. "Brasilian", pátria típica Rio Negro, por sugestão de Pinto (Rev. Mus. Paul., XXII, pag. 76 — 1937).

Um exemplar adulto, sem indicação de sexo, col. em Macapá por Lasso, em 10 de agosto de 1936. Medidas: asa 271 mils., cauda 173 mils., tarso 89 mils., bico (cera incl.) 34 mils.

Pena é se tenha deixado de registrar o sexo do exemplar, que pelas medidas parece um δ em completa maturidade. Toda a plumagem é uniformemente plúmbea clara, com exceção apenas da garganta, lados do pescoço e alto da cabeça, que são mais escuros; as infracaudais são, em parte, manchadas de branco na ponta e no meio; algumas supracaudais têm também uma nódoa branca no trecho médio de cada barba; outras, embora imaculadas, apresentam pequenos indícios de orla branca terminal.

Pelo material em estudo, vê-se que o dimorfismo nesta espécie está longe de ser tão acentuado quanto fariam supor as medidas dadas por Swann na "Synopsis" e confirmadas na "Monograph of the Birds of Prey" (tomo I, pág. 463). O comprimento de 240 mils. que esse autor dá para a asa dos $\delta \delta$ deve ser absolutamente excepcional, e em qualquer hipótese não poderá representar a média; também parece algo exagerado o comprimento de 303 mils. dado pelo mesmo autor à asa das $\varphi \varphi$. Um adulto do Rio Guamá, rotulado como δ , chega a ter 296 mils. de asa. Mesmo deixando à margem este exemplar, pela possibilidade de ter havido erro na verificação do sexo, temos um δ adulto do Rio Juruá (E. Garbe col.) em que a asa mede nada menos de 285 mils., número igual ao que se observa numa φ adulta do Igarapé do Arari (Rio Amazonas, margem sul) e superior ao encontrado na φ adulta de Santa Cruz (Rio Eirú, afl. do Juruá), cuja asa não tem mais de 283 mils. Parece muito raro que nas $\varphi \varphi$ a asa tenha mais de 300 mils.; uma

♀ de Lago do Batista (N.º 20.358), que considero adulta apesar da presença de infra-caudais manchadas de branco, não tem mais de 292 mils. de asa, comprimento que na nossa série é apenas ultrapassado no exemplar do Rio Guamá, porventura do mesmo sexo. Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handlingar, XXII, N.º 3, pág. 27) dá para um ♂ e uma ♀ de João Pessoa (Rio Juruá) 288 e 295 mils., respectivamente, o que confirma as nossas observações. De qualquer modo, tanto nos ♂♂ como nas ♀♀, as medidas da asa variam entre limites muito largos e em parte interferentes, donde devermos admitir que nesta espécie a desproporção entre os dois sexos, si existe, é muito pequena. Norman Hill, em seu recente estudo sobre o dimorfismo nos Falconiformes, (1) não faz referência a *Leucopternis schistacea*, que, pelo visto, deverá enquadrar-se no 2.º, e mais numeroso, dos três grupos em que êle divide os representantes da ordem.

A plumagem juvenil da espécie está bem representada numa ♀ de Itacoatiara (N.º 20.363) caçada em maio de 1939 e, como a maioria dos outros exemplares, adquirida ao sr. Olalla; o abdome, as pernas, as coberteiras inferiores das asas e as infra-caudais são listadas transversalmente de branco; a barba interna das primárias, desde a base até o meio da perna, é também manchada de largas faixas brancas; as rectrizes, por sua vez, afora a orla terminal, têm de 4 a 6 faixas brancas, estreitas e irregulares. Noutra ♀, igualmente jovem, de Lago do Arari (N.º 20.364), as coberteiras superiores da asa maiores apresentam também, freqüentemente, uma estreita orla branca terminal.

No quadro abaixo dou, em milímetros, as medidas dos exemplares da coleção do Departamento de Zoologia de São Paulo:

	asa	cauda	tarso	cu'men
N.º 2.682, ♂ ad., Rio, Juruá, E. Garbe col., jan. 1902	285	200	82	35
20.357, ♂ ad., Lago do Batista, Olalla col., jun. 1939	276	177	81	32
30.969, ♂ ad. (?), Rio Guamá, M. Valle col., nov. 1944	296	200	78	34
22.359, ♀ ad., Rio Eirú (Sta. Cruz), Olalla col., out. 1936	283	198	84	37
20.356, ♀ ad., Igarapé do Arari, Olalla col., maio 1939	285	200	80	35
20.358, ♀ ad., Lago do Batista, Olalla col., jun. 1939	292	197	80	34
— sexo?, ad., Macapá, Lasso-col., ag. 1936	271	173	89	34
20.363, ♀ juv., Itacoatiara, Olalla col., maio de 1939	259	171	75	32
20.364, ♀ juv., Igarapé do Arari, Olalla col., maio 1939	266	165	80	33

(1) The Auk, LXI, págs. 228-234 (1944)

Spizaëtus tyrannus (Wied)

Falco tyrannus Wied, 1820, Reise nach Brasilien, I, pag. 360: Quartel dos Arcos (Rio Belmonte, sul da Bahia).

Um exemplar adulto, do Rio Pracupi, rotulado como ♀ e colecionado por Lasso em 20 de fevereiro de 1939.

Parece definitivamente encerrada a discussão relativa à validade desta espécie, que Swann supoz em dado momento não passar de "phase" melanística de *Spizaëtus ornatus*. As diferenças apontadas por Stresemann são confirmadas satisfatoriamente pelos exemplares que tenho à disposição, tanto no que respeita à cor da plumagem, quanto às medidas. No que toca porém a diferença de tamanho entre os dois sexos experimento o mesmo embaraço referido por Swann (Monograph of the Birds of Prey, vol. II, pág. 99-100), ficando-me também a impressão de que deve haver erro freqüente na verificação dos sexos pelos colecionadores. Doutro modo será difícil explicar o fato de apresentarem freqüentemente os "♂♂", tanto em *Spizaëtus tyrannus* como em *ornatus* dimensões equivalentes ou mesmo superiores às "♀♀". Esse reparo merece ser feito com relação ao exemplar de Pracupi, que a julgar pelo que é de regra entre os falcônidas, parece ser um ♂, e não uma ♀, como registrou o colecionador. O comprimento proporcionalmente muito maior da cauda em *S. ornatus*, caracter acentuado por Stresemann, evidencia-se nos nossos exemplares, provando ser um dos mais utilizáveis na prática. Outro ponto para o qual me permito chamar a atenção é o comprimento proporcionalmente maior não só dos tarsos, como principalmente das unhas do dedo posterior em *S. ornatus*. Nesta espécie, a unha trazeira é mais longa, mais forte e recurvada do que nos indivíduos de *S. tyrannus* do mesmo sexo e idade.

A tabela abaixo fornece a prova dêsses assertos e poderá contribuir para o melhor esclarecimento do interessante assunto. As indicações de sexo correm por conta dos colecionadores e abrem margem às dúvidas há pouco assinaladas:

MEDIDAS (em milímetros)

Spizaëtus ornatus

	asa	cauda	tarso	culmen
♂, Barra do Cascalho	330	260	92	38
♂, Colônia Hansa	355	270	105	41

	asa	cauda	tarso	culmen
♂, S. Gabriel (Rio Negro)	350	265	90	42
♂, Presidente Epitácio'	385	280	96	43
♂, "Santos"	375	268	88	44
♂, Rio das Almas	350	250	90	41

Spizaëtus tyrannus

♀, Rio Pracupi	388	315	82	37
♂, Ubatuba	450	370	100	37
juv., Vargem Alegre	440	385	90	37
♂?, Angra dos Reis	480	385	95	38

Família FALCONIDAE

Micrastur gilvicollis gilvicollis (Vieillot)

Sparvius gilvicollis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., X, p. 322: nenhuma indicação de localidade — Cayenne (Guiana Francesa), localidade típica aceita, por proposta de Hellmayr. (1)

Uma ♀ ad. do Rio Pracupi (Portel), colecionada por Lasso em 1 de março de 1939. Medidas: asa 187 mils., cauda 149 mils., culmen (excl. a cera) 18 mils., tarso 62 mils.

O exemplar, embora adulto, está ainda a caminho de adquirir a plumagem definitiva, cinzento-azulada, característica das aves amazônicas plenamente desenvolvidas; no manto e no píleo há mistura irregular de penas pardas e plúmbeas, enquanto que o baixo dorso e as asas são de côr parda, sem nenhuma tonalidade azulada. A cauda, pardo-escura, além da faixa terminal estreita (3 mils.), apresenta no trecho médio larga faixa branca (4 a 6 mils.), formando em cada pena um V muito aberto, de vértice voltado para a ponta; na base das rectrizes, em vez de faixa propriamente dita, larga mancha branca, limitada à barba interna e completamente encoberta pelas tectrizes superiores e inferiores da cauda. Nas partes inferiores o colorido geral é branco, com leves toques de amarelo-creme; a garganta é clara e não apresenta faixas distintas; o pescoço e o peito são listados transversalmente de faixas cinzento-escuras muito estreitas (2 mils. em média) e espaçadas umas das outras, passando a simples vermiculações na parte alta do abdome e nos flancos; baixo ventre e infracaudais brancos, sem nenhum vestígio de faixas ou vermiculações; calções (tíbias) igualmente brancos, com exceção de algumas raras penas distintamente vermiculadas (especialmente no lado esquerdo); dedo externo um pouco mais longo do que o interno; maxila superior escura, com pequena mancha amarelada na base, junto à tômia; mandíbula ama-

(1) Novit. Zool., XVII, p. 410 (1910).

relada, exceção feita de pequena nódoa escura próximo à extremidade.

Este espécime pertence seguramente à espécie descrita por Vieillot, ajustando-se bem à descrição do tipo de *Sparvius gilvicollis* dada por Hellmayr. (1) abstração feita de pequenas diferenças, tais como o colorido das partes superiores, que são em grande parte brunas (em vez de "pale slate gray"), a cor clara (em vez de cinzenta) da garganta e a menor quantidade de faixas no peito e no pescoço.

Apezar das extraordinárias variações de que é susceptível a plumagem no que respeita particularmente à distribuição e à maior ou menor abundância de faixas nas partes inferiores, e a despeito da opinião em contrário da generalidade dos autores modernos, acho-me hoje persuadido de que as diferentes populações amazônicas deste gavião pertencem a uma mesma unidade taxonômica, especificamente distinta de *Micrastur ruficollis* (Vieillot), (2) e com distribuição, talvez descontínua, até a faixa costeira florestada do sul da Bahia, onde, como tive ocasião de referir anos atrás, (3) vivem lado a lado indivíduos tipicamente pertencentes a uma e outra forma. Em *M. gilvicollis*, afora a brevidade da cauda, sempre mais curta do que a asa, praticamente não existe o dimorfismo cromático descrito por Ridgway (4) em seu trabalho clássico, em virtude do predomínio quase absoluto da fase plúmbea, com prejuízo da fase ruiva, que nos adultos apenas se manifesta através de uma tonalidade eventualmente mais escura das partes superiores. Em *M. ruficollis*, pelo contrário, a cauda é normalmente mais longa do que a asa e o dimorfismo cromático atinge intensidade máxima, com predominância todavia da fase ruiva, que não só atinge a grande maioria dos indivíduos, como ainda constantemente se manifesta através de uma maior ou menor quantidade de ferrugem no peito e na garganta. Como o demonstrara Hellmayr, (5) alguns dos caracteres utilizados por Ridgway na sistematização das formas do grupo, como seja o comprimento dos dedos, mostram-se totalmente despidos de importância, correspondendo a variações in-

(1) HELLMAYR, *Nov. Zool.*, XXVIII, p. 178 (1921). O autor afasta definitivamente a hipótese de ser o tipo de Vieillot, como supoz Ridgway, exemplo de fase plúmbea de *M. ruficollis*.

(2) *Sparvius ruficollis* Vieillot, 1817, *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, X, p. 322: "l'Amérique méridionale" — Rio de Janeiro, pátria típica proposta por Hellmayr (*Novit. Zool.*, XXVIII, p. 179, nota 1).

(3) PINTO, *Rev. Mus. Paul.*, XIX, pp. 96-98 (1935).

(4) R. RIDGWAY, *Proc. Acad. Nat. Sci. Phila.*, ano de 1875, págs. 480-500.

(5) *Novit. Zool.*, XVII, p. 410.

dividuais. A regra é ser o dedo externo mais longo do que o interno, embora varie muito a diferença entre ambos, a ponto de anular-se praticamente em alguns casos. Assim, de acôrdo com Hellmayr, penso que as espécies descritas por Ridgway sob os nomes de *Micrastur concentricus* (1) e *Micrastur pelzelni* não passam de meros sinônimos de *Micrastur gilvicolis*, baseados em diferenças de natureza individual ou dependentes da idade. Esta conclusão é plenamente apoiada pela coleção em estudo, onde se vêem exemplares capazes de se enquadrar nas descrições daquelas supostas espécies, como ainda nas de outras, que sob vários nomes, têm sido descritas na área geográfica a meu vêr abrangida pela espécie amazônica. As diferenças encontradas entre a ♀ de Portel e o tipo de *M. gilvicolis* devem correr por conta da incompleta maturidade do exemplar, por baixo das penas de cujo peito já se observam algumas das que deveriam substituí-las após a muda, dando a esta parte o aspecto densamente listado que de ordinário é encontrado na plumagem definitiva. Uma ♀ de Lago do Batista (N.º 18.032), afora o menor comprimento da cauda (142 mils., em vez de 155 mils.) ajusta-se ainda melhor ao tipo de *M. gilvicolis*, possuindo dêste as três faixas na cauda, as partes superiores decididamente cinzento-azuladas, a garganta acinzentada, e o peito raiado de largas faixas cinzentas, separadas por espaços aproximadamente da mesma largura. Um ♂ de Igarapé Grande (Rio Juruá), com vestígios de crescente retro-auricular de penas brancas e outros sinais de imaturidade, copia, por assim dizer, a descrição de *M. concentricus* de Ridgway, assim no comprimento equivalente dos dedos externo e interno, como na côr branca imaculada da garganta, do abdome, tíbias e infracaudais. Em seu substancioso estudo sôbre as aves do Rio Juruá, chama o conde Gyldenstolpe (2) a atenção para um ♂ de Aveiro (baixo Tapajós), singularizado pela extrema redução das faixas nas partes inferiores. Tenho para mim que êste exempló se enquadra no mesmo caso do de Igarapé Grande, embora com feições muito mais acentuadas. A pobreza de faixas parece acompanhada de uma tonalidade mais clara das partes superiores, significando possivelmente para a espécie amazônica o que a fase plúmbea representa em *M. ruficollis*. Dois exemplares de nossa coleção, aparentemente

(1) *Nisus concentricus* Lesscn, 1830, *Traité d'Ornithologie*, livr. 1, p. 60: Cayenne (col. Poiteau). O tipo, examinado por Hellmayr no Museu de Paris, prova ser imaturo de *M. gilvicolis*, com restos do "crescente" retro-auricular de penas pintadas de branco, pequenas manchas transversais brancas nas supracaudais, etc. Cf. Hellmayr, *Novit. Zool.*, XXVIII, p. 179 (1921).

(2) *Kunigl. Sv. Vet. Akad. Handl.*, XXII, N.º 3, págs. 32 e 35 (1945).

imatuross, um ♂ de Lago do Batista e uma ♀ de Itacoatiara, correspondem ao *M. pelzelni* de Ridgway, possuindo tôdas as partes inferiores, inclusive as tibias, densamente raiadas de branco e cinza, com exceção apenas da garganta, que é de um cinzento uniforme, mais claro na parte média. Não obstante, êles diferem consideravelmente entre si, principalmente no que se refere à largura das raias, que são muito mais estreitas e numerosas no primeiro do que no segundo. Também, em ambos, a cauda (mais curta do que a asa) tem três faixas brancas (em vez de duas), além da terminal, e o dedo externo é decididamente mais comprido do que o externo. As partes superiores são cinzento-ardosiadas escuras, com o pileo enegrecido e mescla abundante de penas pardas nas asas. O estado juvenil em *M. gilvicollis* é representado caracteristicamente por um ♂ de Caxiricatuba (N.º 18. 030); as partes superiores, abstraidas algumas raras penas plúmbeas na nuca, são pardo-chocolate, com o pileo anegrado e as secundárias ainda distintamente pintadas de manchas transversais pardo-esbranquiçadas; o lado inferior é branco-amarelado e listrado transversalmente de estreitas faixas pardo-escuras, bastante espaçadas umas das outras e transformadas em simples vermiculações no baixo abdome e tibias; as rectrizes centrais têm apenas três faixas brancas, incluindo a terminal, ao passo que as laterais apresentam cinco, muito mais largas (exceção feita da terminal) e com o aspecto mais de manchas do que propriamente de faixas; em cada região retro-auricular um crescente bem distinto de penas brancas. Este exemplar parece ajustar-se bem à descrição do tipo de *Micrastur concentricus* Lesson, fornecida por Hellmayr.

Dois ♂♂ da Bahia, um de Itabuna e outro do Rio Jucuruçu são inseparáveis dos da Amazônia, pelo que é impossível, sem fazer violência aos fatos, deixar de referi-los a *Micrastur gilvicollis*. Com a exceção de possuir três faixas na cauda (a terminal inclusa) a semelhança do primeiro com a ♀ do Rio Pracupi (Portel) chega a ser muito maior do que a de qualquer exemplar amazônico de nossa série. Trata-se também de ave em incompleta maturidade e ainda provida dos "crescentes" retroauriculares característicos. Em nenhuma parte da plumagem existe o mínimo vestígio de ferrugem; o dorso, cinzento xistáceo, passa a escuro no alto da cabeça e a pardo-cinza nas asas; as partes inferiores, branco-amareladas, são raiadas de faixas plúmbeo-pardacentas, largas e abundantes no peito, e passando gradativamente a finas vermiculações no alto abdome e nas tibias; baixo ventre e infracaudais imaculados; garganta

branca; o bico é amarelado, com sombreado escuro na base de ambas as maxilas; cauda muito mais curta do que as asas, pardo-escura, com três faixas brancas, incluída a terminal. O do Rio Jucuruçu apresenta as mesmas características, com a diferença de possuir o colorido fundamental das partes inferiores de um branco mais puro e apresentar maior abundância de faixas e vermiculações cinzentas. Exemplares da Bahia com os característicos acima descritos ocorrem na literatura, devendo entrar seguramente neste número os colecionados por Kaehne em princípios do século passado para o Museu de Berlim, e referidos ultimamente por O. Neumann (1) a *Micrastur plumbeus* W. L. Sclater (2). Dir-se-ia estar também no mesmo caso *Micrastur jugularis* Gurney, (3) cujo tipo proveio da Bahia; mas Hellmayr (1921), confirmando as asseverações de W. L. Sclater, contesta esta hipótese, reconhecendo nessa espécie um caso extremo da fase plúmbea de *Micrastur ruficollis*. Seja como fôr, nos dois ♂♂ da Bahia que tenho sob exame a plumagem é absolutamente semelhante à das aves amazônicas, e impossível de confundir com a dos indivíduos plúmbeos da espécie sul-brasileira, que mesmo nos casos extremos, conforme reconhece o próprio Sclater, "all retain some traces of the rufous on the throat and chest". Um ♂ adulto de Palmeiras, localidade situada no centro do Estado de Mato Grosso (90 quilômetros a leste de Cuiabá e não longe da Serra da Chapada) representa em nossa coleção o caso extremo da fase plúmbea em *M. ruficollis*. Neste interessante exemplar, tôda a plumagem é de um cinzento-azulado muito claro (mais claro do que em qualquer dos nossos espécimes de *M. gilvicollis*); mas, sob observação mais atenta, a sua verdadeira identidade logo se trai no leve sombreado ruivo das faixas cinzentas do peito. Percebe-se ainda, embora com dificuldade, que a orela de algumas penas da porção média do dorso é distintamente tingida de ferrugem. Em *M. ruficollis* é caráter importante o ser a cauda normalmente bastante mais longa do que a asa e apresentar, mesmo na idade adulta, quatro a cinco faixas brancas transversais (a terminal inclusa) expostas, enquanto que em *M. gilvicollis* a cauda

(1) — Verh. Orn. Gesells. Bay., XX, p. 188 (1933).

(2) — *Micrastur plumbeus* W. L. Sclater, 1918, Bull. Brit. Orn. Cl., XXXVIII, p. 44 (reprod. em The Ibis, 10a. Ser., VI, p. 347, pl. VIII): tipo de Carondelet, Rio Bogotá Ecuador, prov. de Esmeraldas). Segundo Neumann os exemplares de Kaehne são os que Cabanis (em Tschudi, Fauna Peruana, Orn., 1845-46, p. 98) descreveu como *M. concentricus*.

(3) — *Micrastur jugularis* Gurney, 1884, List Diurnal Birds of Prey, p. 118: "Brasil, Venezuela, Colombia" (tipo da Bahia, teste W. L. Sclater).

é sempre mais curta, às vezes muito mais curta, e nunca possui mais de três (excepcionalmente quatro) faixas. Noutro exemplo da fase plúmbea de *M. ruficollis*, um ♂ de São Lourenço (Rio Grande do Sul), observam-se, mas em grau muito mais acentuado, as mesmas feições encontradas no de Palmeiras; não só o peito é francamente tingido de ferrugem — mas ainda penas parcialmente ferruginosas fazem nódoa no cincento-plúmbeo das costas. O ♂ jovem do Rio Jucuruçu (sul da Bahia), estudado por mim faz alguns anos, (1) é um exemplo normal da fase ruiva de *M. ruficollis*, e corresponde ao *Falco leucauchen* de Temminck; (2) êle se assemelha muito de perto com um exemplar de Campos do Jordão pertencente ao mesmo sexo, a que Hellmayr faz referência. (3) Uma ♀ jovem de Iguaçu, com a diferença apenas de não ter tanto branco dos lados da garganta, copia ainda mais de perto a estampa de Temminck, destacando-se pela largura e regularidade das faixas transversais pardo-escuras que enfeitam as partes inferiores, desde o peito até as infracaudais.

Ao terminar estas considerações, convém frizar que a separação de *M. gilvicollis* e *M. ruficollis* como boas espécies se apoia na ocorrência de exemplos típicos de ambos no mesmo espaço geográfico; ela todavia não remove tôdas as dificuldades apresentadas pelo problema, sôbre que é ainda impossível dizer a última palavra. A semelhança do ♂ de Palmeiras com alguns dos nossos exemplares amazônicos densamente listados, abstração feita das particularidades há pouco descritas, sugere, de fato, a existência de uma intergradação entre as duas formas. Só estudos futuros, à luz de material mais farto, poderá dizer qual o melhor critério a adotar no caso.

MEDIDAS (em milímetros)

Micrastur ruficollis

	asa	cauda
N.º 24.494, ♂, São José da Lagoa	170	168
24.490, ♀, „ „ „	176	170
24.489, ♂ ad., São José da Lagoa	169	174
27.365, ♀ ad., Angra dos Reis	182	185
28.677, ♂ ad., Chaves	165	170
8.263, ♂, Ituverava	174	177
8.264, ♀?, „	167	173

(1) — Rev. Mus. Paul., XIX, p. 96 (1935).

(2) — *Falco leucauchen* Temminck, 1824, Réc. Pl. Color., pl. 306:

(3) — Novit. Zool., XXVIII, p. 180 (1921).

	asa	cauda
3.851, ♂ ad., São Lourenço	178	186
6.059, ♀ ?, juv., Mariana	174	175
30.503, ♂ ad., Palmeiras (Cuiabá)	169	165
13.979, ♂ juv., Rio Jucurucu	165	173
6.030, ♂ juv., Campos de Jordão	162	161
1.926, ♀ juv., Iguape	187	197
28.020, ♂ juv., Boracéia	168	170

Micrastur gilvicollis

18.031, ♀ ad., Itacoatiara	174	150
20.373, ♂ ad., Lago do Batista	174	160
18.032, ♀ ad., " " "	185	142
14.020, ♂ ad., Rio Jucurucu	184	150
28.035, ♂ ad., Igarapé Grande	177	152
11.864, ♂ imat., Itabuna	178	142
22.915, ♀ ad., Rio Pracupi	187	142
18.030, ♂ juv., Caxiricatuba	168	160

Família CRACIDAE

Penelope marail (P. L. S. Müller)

Phasianus marail P. L. S. Müller, 1776, *Natursyst., Supplem.*, p. 125 (com base em "Le Marail" de Buffon): Cayenne.

A espécie foi verificada pela primeira vez no Brasil por Spix, que a descreveu e figurou como nova sob a denominação de *Penelope jacupeba*. (1) Berlepsch, nos começos deste século, (2) revelou porém sua identidade, hoje por todos reconhecida, com "Le Marail" de Buffon. Sua área de dispersão compreende as três Guianas até, para oeste, a faixa oriental da Venezuela, e, para o sul, a margem septentrional do baixo Amazonas, limite que, tanto quanto se sabe, nunca transpõe. Ensina Hellmayr (3) que a espécie, conforme reconhecia O. Grant, (4) é perfeitamente distinta de *Penelope granti* Berlepsch, que com ela convive na Guiana Inglesa e parece pertencer antes ao grupo de *Penelope jacquacu* Spix. A zona de Itacoatiara parece marcar na Amazonia as lindes ocidentais da distribuição de *Penelope marail*; abstração de uma ♀ de Óbidos, e de outra do

(1) — *Penelope jacupeba* Spix, 1825, *Av. Spec. Nov. Bras.*, II, p. 54, pl. 71: "in sylvis Parae". O tipo foi estudado e redescrito por Hellmayr, em *Abhandl. 2 Kl. Bayr. Mus. Akad. Wissens.*, XXII, p. 689 (1906).

(2) — H. BERLEPSCH, *Novit. Zool.*, XIII. (*Tring. Mus.*), XV, p. 297.

(3) — *Field Mus. Nat. Hist. Zool.*, XIII, pte. I, N.º 1, p. 144, nota 1 (1942).

(4) — *Catal. Bds. Brit. Mus.*, XXII, 495 (1893).

Lago Cuipeva, a ela pertencem todos os exemplares que existiam em nossa coleção: uma ♀ de Silves, dois ♂ ♂ e três ♀ ♀ de Rio Anibá, e uma ♀ do Rio Atabani.

Familia RALLIDAE

Laterallus viridis viridis (P. L. S. Müller)

Rallus viridis P. L. S. Müller, 1776, Natursyst, Suplem., p. 120 (com base em "Râle de Cayenne" de Daubenton, Pl. Enlum. 368): Cayenne.

Uma ♀ ad. de Oriximiná, Lasso col. (28-VII-1937).

Pinto d'água comum na bacia amazônica e encontrado nos Estados septentrionais e orientais do Brasil, até o Rio de Janeiro. Por experiência, sei que é pouco exigente quanto ao habitat, podendo multiplicar-se em lugares quase completamente secos, tais como a ilha de Madre de Deus, da baía de Todos os Santos, onde o encontrei em grande abundância durante o verão de 1941-42. Como já tive ocasião de informar, (1) seus ninhos de gravetos ali se viam sempre a um metro ou mais de altura do chão, sobre a copa dos arbustos, ou no meio do cipóal.

Via de regra, os exemplares da Bahia e Espírito Santo acusam medidas um pouco maiores do que os do Pará e Amazona; pertencentes ao mesmo sexo; nuns e noutros observa-se também que as ♀ ♀ se avantajam geralmente aos ♂ ♂, em tamanho.

MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda
N.º 11.052, ♂, Belém	82	34
16.582, ♂, Manacapuru	84	35
23.088, ♀, Santarem	85	34
— ♀, Oriximiná	86	33
27.753, ♂, Madre de Deus (Bahia)	85	38
27.755, ♂, " " " "	89	36
7.779, ♀, Caravelas (Bahia)	90	33
7.778, ♀, " " " "	94	36
24.558, ♀, Pau Gigante (Espírito Santo)	91	38

(1) — Papeis Avulsos do Dept. de Zoologia, vol. III, N.º 20, pag. 268 (1943).

Familia HELIORNITHIDAE

Heliornis fulica (Boddaert)

Colymbus fulica Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 54 (base em "Grebe foulque, de Cayenne", de Daubenton, Pl. enl. 893): Cayenne.

♀ adulta do Rio Arapiuns, Lasso col. em 27 de outubro de 1937. Medidas: asa 144 mils., cauda 93 mils., culmen 41 mils.

Largamente distribuído desde a América Central por tôdas as regiões quentes e florestadas da América do Sul cisandina, inclusive o Brasil, com exceção apenas dos três Estados mais meridionais.

Familia CHARADRIIDAE

Belonopterus chilensis cayennensis (Gmelin)

Parra cayennensis Gmelin, 1786, Syst. Nat., I, pte. II, p. 706: Caienne (baseado em "Vanneau armé de Cayenne" de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 836).

Um exemplar adulto, sem sexo especificado, procedente do Rio Vila Nova (Macapá) e colecionado por Lasso.

Segundo Brodkorb, (1) que teve à disposição as ricas coleções dos museus norte-americanos, as aves do Pará são intermediárias entre *B. c. cayennensis* e *B. c. lampronotus* (Wagler), vendo-se exemplares em que, como nas da Guiana, a lista preta da garganta é interrompida no pescoço, ao lado de outros nos quais a dita se estende ininterruptamente do mento ao peito, como nos do Brasil central e meridional. Estas asserções são plenamente confirmadas pelo nosso material, e particularmente por uma série de seis exemplares da foz do Rio Curuá (margem direita do baixo Amazonas), nos quais a lista preta ora se limita à garganta, como uma mancha circunscrita (♀ N.º 21.967), ora se interrompe a certa altura do pescoço (♂ N.º 21.920, ♀ N.º 22.629), ora se estende sem solução de continuidade até o peito (♂ N.º 21.728, ♀ N.º 21.896). Nestes últimos é também muito variável a largura da lista central, não sendo raros os casos em que ela iguala à verificada em muitos indivíduos de *B. c. lampronotus*. O exemplar de Macapá está precisamente neste caso. Não há assim nenhuma base para a exata identificação de *Belonopterus cayennensis intermedius* Sztolcman, que Brodkorb, não obstante, supõe sinônimo de *B. c. lampronotus*, restringindo-lhe pátria à margem sul do Rio Amazonas. Um ♂ da Ilha de Marajó foi

(1) — PIERCE BRODKORB, Occas. Papers Mus. Zool., Univ. Michigan, N.º 293, jun. (1934).

arrolado no "Catalogo das Aves do Brasil" (1) como *B. c. lampronotus*, opinião que está de acôrdo com a de Laubmann (2) e ainda hoje estou disposto a subscrever .

Na diferenciação das duas raças, e tomando em consideração apenas as populações brasileiras da espécie, a côr da cabeça é caráter ainda mais falível e incerto do que a extensão da lista preta da garganta; no lote do Rio Curuá todos os espécimes têm a cabeça e os lados do pescoço mais escuros do que em vários exemplos do Brasil central e oriental. como sejam uma ♀ (N.º 14.075) do Rio Gongogi (Bahia), um ♂ do Rio das Almas (Goiaz) e um ♂ de Cuiabá (Mato-Grosso). Também não é de maior recurso o comprimento dos tarsos.

Hoploxypterus cayanus (Latham)

Charadrius cayanus Latham, 1790, Index Ormith., II, p. 749 (com base ep Daubenton, Pl. Enlum., N.º 633): Cayenne.

Um ♂ ad., do Rio Erepecurú (baixo Amazonas, marg. direita), col. por Lasso em 8 de março de 1937.

Charadrius collaris collaris Vieillot

Charadrius collaris Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., XXVII, p. 136 (com base em "Imbatuitui collar negro" de Azara, N.º 392): Paraguay.

Um ♂ de Aramaná (marg. direita do baixo Tapajós), coletado por Lasso em 12 de setembro de 1932.

Em comparação com as do Paraguai e sul do Brasil, parece fora de dúvida o menor tamanho dos exemplares provenientes da porção mais septentrional da área da espécie, inclusive a Amazônia. Diante porém das variações individuais e da insensível transição que dêste ponto de vista se observa entre as populações extremas, pode-se, com Hellmayr (3) e Gyldenstolpe, (4) negar a conveniência de separar as aves do norte, sob a denominação de *Charadrius collaris gracilis* (Cab.), (5) conforme foi proposto por Hartert & Jackson (6) e seguido por Laubmann. (7)

(1) — PINTO, Catálogo das Aves do Brasil, 1.ª Parte, p. 128 (1938).

(2) — Wissens. Ergbn. Gran Chaco-Exped., Vögel, p. 60 (1930).

(3) — Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 493 (1929).

(4) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, p. 43 (1945)

(5) — *Aegialitis collaris gracilis* Cabanis, 1872, Journ. f. Ornith., p. 158: Tehuantepec (Mexico).

(6) — The Ibis, 1915, p. 531.

(7) — Verh. Ornith. Gesells. Bay., XX, p. 593-4 (1935).

O reconhecimento das duas raças tem a seu favor muitas analogias e se conforma com o fato de que a intergradação é precisamente o que melhor caracteriza raças geográficas estreitamente afins.

A tabela de medidas que aqui apresento, suplementa as de Ridgway e de Naumburg, sugerindo as mesmas ilações:

MEDIDAS (em milímetros)

N.º	Sexo	Localidade	asa	cauda	culmen
2.742	♂	Rio Juruá (VII-902)	94	46	15
2.743	♂	" " " "	91	46	16
—	♂	Aramanaí, Rio Tapajós (X-932)	95	48	15
17.070	♂	Sto. Antônio, Mato Grosso (IX-937)	102	50	15
4.984	♀	Rio Paraná, Mato Grosso (X-904)	104	51	15
7.598	♀	Joazeiro, Bahia (XII-907)	100	49	15
14.070	♂	Madre de Deus, Bahia (I-933)	102	48	15
14.069	♀	" " " " (I-933)	99	48	16
14.064	♂	Curupeba, Bahia (II-933)	105	53	15
29.250	♂	Lagoa Feia, Estado do Rio (IX-941)	105	53	17
26.939	♂	" " " " " (IX-941)	106	55	15
5.541	♂	Ubatuba (II-905)	102	52	15
31.481	♂	Peruíbe, litor. São Paulo (X-945)	102	49	17
31.479	♀	" " " " (X-945)	102	47	17
31.484	♀	" " " " (X-945)	103	50	16
14.966	♀	Cananéia (IX-934)	103	50	15
4.980	♂	Itapura (X-904)	102	48	16
15.915	♂	Rio Paraná, São Paulo (VIII-935)	108	50	16
27.543	♂	" " " " (XI-941)	110	53	16
13.307	♂	Tucuman (II-927)	100	50	16

Capella paraguaiae paraguaiae (Vieillot)

Scolopax paraguaiae Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 356 (baseada em "Beccanina 1", N.º 387 de Azara): Paraguai.

Scolopax braziliensis Swainson, 1832, Fauna Bor.-Amer., II, p. 400: "Equinoctial Brazil".

Uma ♀ adulta do Rio Erepecuru (Lasso col., 8 de março de 1937).

As outras localidades amazônicas já representadas na coleção do Depart. de Zoologia são Foz do Rio Curuá (um casal), Manacapuru (um ♂) e Itacoatiara, de onde temos uma bela série de 7 ♂♂ e 6 ♀♀ (Olalla col.).

Hoje são todos unânimes em reconhecer a nossa narceja na ave descrita por Azara em seus "Apuntamientos" sob o número 387; isso torna desnecessário reviver *Scolopax braziliensis* Swainson, embora aceitando como perfeitamente válidas as duas raças reco-

nhecidas, quase simultaneamente, por Mrs. Meinertzhagen (1) e A. Wetmore. (2) Apesar dos hábitos migratórios da espécie, parece que em todo o território brasileiro e convizinhanças não ocorre mais do que uma raça geográfica, que é também a mesma encontrada nos países septentrionais da América do Sul, desde as Guianas até a Colômbia. No Uruguai e norte da Argentina a raça paraguaio-brasileira convive com *Capella paraguaiae magellanica* (King), que procria em zonas mais meridionais (sul do Chile, Patagônia, Terra do Fogo, Ilhas Falkland), mas emigra para o norte durante o inverno. Um único exemplar de Rio Negro (Patagônia), não me permite apreciar devidamente os caracteres desta raça meridional, cuja ocorrência acidental no sul do Brasil não está fora de probabilidade. Segundo Wetmore e Hellmayr, (3) que os estudaram em minúcia, consistem êles principalmente na menor quantidade de preto (maior abundância de manchas claras) nas partes superiores e pescoço, cauda mais ruiva e rectrizes externas de ponta mais afilada. *C. p. andina* (Taczanowski) e *C. p. innotata* Hellmayr, raças também admitidas atualmente na espécie, são peculiares à região andina e à costa pacífica, diferindo das primeiras pelo porte mais reduzido. (4)

Família RECURVIROSTRIDAE

Himantopus himantopus melanurus Vieillot

Himantopus melanurus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., X, p. 42 (baseado em "Zancudo" de Azara, n.º 393): Paraguay.

Um adulto do Rio Arapiuns, que pelo intenso colorido preto, lustrado de azul ferrete, das partes superiores, suponho ser ♂, embora o registro do sexo não tenha sido feito pelo colecionador (Lasso, 10-X-937).

A larga cinta branca dorsal e a extensão do branco por quase todo o píleo força-me a referir o exemplar do Rio Arapiuns à forma originariamente descrita por Azara. E' possível que na Amazonia os indivíduos como êste procedam de regiões mais meridionais; mas, visto que pouco se conhece sôbre a biologia da espécie, é também admissível hipótese contrária, a de serem imigrantes do norte os exemplares de *H. h. mexicanus* autorizadamente registrados no

(1) — The Ibis, 1926, p. 506.

(2) — Bull. 133 Un. St. Nat. Mus., p. 161 (1929).

(3) — Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIX, p. 338 (1932).

(4) — Vide ALFR. LAUBMANN, Verh. Orn. Gesellsch. Bay., XX, p. 265-7 (1934).

norte do Brasil. Infelizmente muito poucas informações nos ministra a literatura sobre os caracteres dos exemplares do Pará existentes nos museus. Pelzeln, sem nenhum comentário, reuniu sob a mesma denominação de *Himantopus nigricollis* Vieillot os exemplares obtidos por Natterer na praia de Cajutuba (Pará) aos colecionados no sul do Brasil pelo mesmo naturalista. Todos os outros autores referem porém as aves amazônicas à raça septentrional. Para Sharpe (Catal. Brit. Mus., XXIV, p. 323) é de *H. mexicanus* o adulto coligido na ilha Mexiana por Wallace; Ihering & Ihering. (1) certamente com base em Riker & Chapman, (2) incluem na área da mesma forma Santarém; Sneath, (3) por sua vez, refere a *H. mexicanus* todos os seus 16 exemplares do baixo Amazonas e ilhas do estuário; o mesmo faz Pierce Brodkorb (4) com os dois adultos (sexo?) colecionados por Steere na ilha Caviana (foz do Amazonas). Também Griscom & Greenway colocam sob a denominação de *H. h. mexicanus* tôdas as localidades baixo-amazônicas da espécie mencionadas pelos autores. (5) Não obstante é de crêr que, mesmo sem falar no de Cajutuba, não seja o exemplar do Rio Arapiuns o primeiro, de procedência amazônica, com os caracteres da forma meridional. Por outro lado, não são raros os exemplos no Brasil este-septentrional e oriental, de aves em tudo semelhantes às do hemisfério boreal. Um ♂ da ilha Mangunça é, segundo Hellmayr, (6) "a perfectly typical example of the American Stilt, without trace of a white band across the upper back, and with the white restricted to the anterior crown". Rigorosamente no mesmo caso estão uma "♀" (?) de Primeira Cruz (norte do Maranhão) e, o que é muito mais surpreendente, um adulto, provavelmente ♂, de Pirapora, no Rio São Francisco (Minas Gerais), ambos pertencentes à coleção do Depart. de Zoologia.

Numa ♀ adulta da Cidade da Barra (Rio São Francisco, Bahia) a faixa branca interescapular é antes indistinta, mas o largo capacete branco permite referi-la a *melanurus*. As aves do sul de Mato Grosso são tipicamente da raça meridional, conforme o demonstra a comparação de um casal da zona de Campo Grande com um ♂ de Buenos Aires e uma ♀ de Cordoba.

(1) — Catal. Fauna Brasil, Aves, p. 49 (1907).

(2) — Auk, VIII, p. 76 (1891).

(3) — Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 86 (1914).

(4) — Occasional Papers Mus. Zool., Univ. Michigan, N.º 349, p. 2 (1937).

(5) — Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 132 (1941).

(6) — Field Mus. Nat. Hist. Zool., XII, p. 495 (1929).

No quadro abaixo, com as respectivas medidas em milímetros, procuro resumir as características essenciais dos exemplares utilizados na presente discussão.

Branco restrito a região frontal; cinta branca interescapular incompleta ou ausente:

	asa	cauda	tarso	bico
N.º 11.410, ♂ ad., Gardner's Laguna (Satlon River, Calif., E. Unidos)	227	75	106	66
6.622, ♀ ad., Primeira Cruz (Maranhão), ag. 1906	204	70	104	58
8.347, ♂ ? ad., Pirapora (Rio S. Francisco, Minas Gerais), maio de 1912	228	76	109	64

Píleo extensamente branco; cinta dorsal indistinta:

8.572, ♀ ad., Cidade da Barra (Rio S. Francisco, Bahia), out. 1913	228	77	117	69
8.346, ♀ ?, Pirapora, maio 1912	225	78	103	67

Píleo quase inteiramente branco; cinta branca dorsal muito distinta e completa:

— ♂ ? ad., Rio Arapiuns (baixo Amazonas), out. 1937	203	75	106	66
18.410, "♀" ad., Campo Grande (Mato-Grosso), jul. 1939	231	75	114	66
1.007, ♂ ad., Buenos Aires (Rep. Argentina), data?	211	75	117	58?

Familia COLUMBIDAE

Columba cayennensis (1) *sylvestris* Vieillot

Columba sylvestris Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., XXVI, p. 366 baseada em "Paloma montés" de Azara, N.º 319): Paraguay.

Um ♂ adulto de Aramanai, na margem direita do baixo Tapajós, coligido por Lasso, em 17 de nov. de 1932.

O exemplar combina bem com os que temos do baixo Tapajós (Santarém, Piquiatuba, Caxiricatuba) e outras localidades da margem direita do baixo Amazonas (Lago do Batista, foz do Rio Curuá), embora com o manto e as coberteiras da asa um pouco menos avermelhadas do que é comum nos indivíduos do mesmo sexo. Não há também entre as aves amazônicas e as dos outros pontos do Brasil diferenças bastante sensíveis; todavia, nas últimas, via de regra, os ♂ ♂ têm mais ferrugem nas asas e, em ambos os sexos,

(1) — Como adverte Todd (Proc. Biol. Soc. Wash., L. 1937, p. 186, nota (8)), *Columba cayennensis* Bonnaterre, 1792 (Tabl. Enc. Méth., Orn, I, livr. 51, p. 234), baseada em "Le Pigeon Ramier de Cayenne" de Holandre (Abregé d'Hist. Nat., II, p. 214), tem precedência sobre *Columba rufina* Temminck, 1810 (em Temm. & Knip., Les Pigeons, I, p. 59, pl. 24), uma e outra tendo Caiena como pátria típica.

é geralmente mais forte o contraste entre o cinzento claro das pontas das rectrizes e o plúmbeo escuro da porção restante.

Não disponho, infelizmente, de nenhum espécime da margem esquerda do Amazonas, onde, segundo parece, a raça paraguaio-brasíleira invade, aqui e ali, a área de *C. c. cayennensis*. (1)

Columbigallina passerina griseola (Spix)

Columbina griseola Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 58, tab. 75a, fig. 2: "in sylvis flumen Amazonum".

1 ♂ do Rio Pracupi (Portel), col. por Lasso em 21 de março de 1939.

1 ♀ de Aveiro (margem direita do baixo Tapajós), Olalla col. em 17 de março de 1934.

A identidade de *Columbina griseola* ficou definitivamente asentada depois que Hellmayr fez o exame direto do tipo no Museu de Munich, (2) verificando tratar-se de uma ♀ jovem, o que até certo ponto explica a má estampa que acompanha a descrição de Spix. Raça geográfica de uma espécie em que o primeiro distingue nada menos de dezoito variedades, sua distribuição abrange, além das três Guianas e do baixo Amazonas, onde é comum, os estados litorâneos do Brasil septentrional, até à Bahia. Afora os dois exemplares aqui registrados, existiam na coleção por mim examinada no Museu Goeldi exemplares de Santarém, Aramaná (Rio Tapajós) e Capanema (proxim. de Belém). A coleção do Depart. de Zoologia possui material de Manacapuru (3 ♂♂), Itacoatiara (5 ♂♂, 2 ♀♀ e um filhote), Igarapé Anibá (1 ♂), Igarapé Bravo (perto de Obidos, 1 ♂), Igarapé Boiussú (id., 1 ♂) e Belém (♂).

Leptotila (3) *rufaxilla rufaxilla* (Rich. & Bernard)

Columba rufaxilla Richard & Bernard, 1792, Act. Soc. Hist. Nat. Paris, I. (1), p. 118: Cayenne.

Uma ♀ do Rio Vila-Nova (Macapá), provavelmente imatura.

O exemplar, afora a forte tonalidade canelina das partes superiores, singulariza-se por ter a metade anterior azul-cinzenta do

(1) V. HELLMAYR, Catal. Bds. of the Americas (Field Mus., Zool., XII) pte. I, N.º 1, pag. 459. A observação é corroborada por Gyldenstolpe (Kungel. Sv. Vet. Akad. Handl., XXXII, p. 45).

(2) — V. Abh. K. Bayer. Akad. Wissens. II Kl., vol. XXII, p. 697 (1906).

(3) — É hoje corrente, a exemplo de Ridgway (Bull. Un. St. Nat. Mus., L. pte 7, 1916, pag. 438), adotar-se a grafia original de *Leptotila* Swainson, 1937 (Classif. of Birds, II, pag. 349), dada a impossibilidade de provar não passe ela de mero erro tipográfico.

píleo bruscamente separada da metade posterior pardo-vinácea; esta última peculiaridade, de aspecto meramente acidental, penso estar ligada à provável imaturidade do espécime. Numa ♀, seguramente jovem, do Igarapé Boiussú, também na margem septentrional do baixo Amazonas, o píleo é inteiramente pardo-azeitão, como o dorso. Os autores não fazem referência à presença de *Leptotila rufaxilla* na porção intermédia da margem esquerda do Rio Amazonas; para Hellmayr & Conover (1) o Rio Jamundá marcaria mesmo o limite ocidental da distribuição de *L. rufaxilla rufaxilla* ao norte do referido rio. Há porém na coleção do Departamento de Zoologia um ♂ e cinco ♀♀ adultos de Itacoatiara, todos perfeitamente semelhantes às de ambas as margens do trecho inferior do Amazonas, inclusive o baixo Tapajós (Aveiro, Santarém, Rio Arapiuns). Uma ♀ adulta do alto Rio Juruá (João Pessoa) e outra do Rio Eirú (Santa Cruz) parece darem razão ao conde Gyldenstolpe, (2) quando refere as aves da região a *L. rufaxilla dubusi*, raça peculiar ao leste do Equador e do Perú e reconhecidamente muito fraca. Seja como fôr, elas se destacam das demais pela coloração mais verde-olivácea (menos canelina) do dorso, pela tonalidade menos violácea (antes vináceo-cervina) do peito, pelo ruivo mais intenso dos lados da cabeça e, finalmente, pela côr francamente arruivada da base da frente.

Oreopeleia montana montana (Linnaeus)

Columba montana Linnaeus, 1758, Syst. Nat., 10a. ed., I, p. 163 (baseada principalmente em "The Mountain Partridge" de Edwards): "in Jamaica" (ex Sloane).

Um ♂ imaturo, do Rio Pracupi.

Abundante em todo o vale amazônico, esta espécie é incontavelmente muito mais rara nos Estados meridionais do Brasil, onde dir-se-ia que aparece como ave de arribação. Não há observações ecológicas ou bionômicas que permitam afastar peremptoriamente esta hipótese; acredito porém que mesmo em São Paulo, de onde temos exemplares caçados na zona da Serra, seja ave residente. Noto até que os nossos desta última procedência acusam medidas um pouco superiores aos de nossa extensa série amazônico-pa-raense. (3)

(1) — Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte I, N.º 1, p. 592 (1942).

(2) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.c 3, p. 47 (1945).

(3) — Depois de redigir estas notas, verifico que elas são concordantes com as observações que sobre o assunto faz Gyldenstolpe em seu recentíssimo estudo da avifauna do norte da Bolívia (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXIII, N. p 1, p. 82, (1945)).

MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen
N.º 10.605, ♂, Obidos (Pará)	132	77	12
10.603, ♂, „ „	132	77	12
21.390, ♂, Itacoatiara (Amazonas)	137	78	13
16.530, ♂, Manacapuru „	130	77	13
— ♂, Rio Pracupi (Pará)	135	68	12
— ♂, Santarém (Pará)	134	75	14
20.812, ♂, Caxiricatuba (Rio Tapajós)	132	76	13
23.069, ♂, Rio Juruá (Amazonas)	136	78	14
23.077, ♂, Rio Eirú (afl. do Juruá)	133	77	12
21.912, ♂, „ „ „ „ „	133	74	14
10.606, ♀, Santarém (Pará)	130	73	12
23.065, ♂, Rio Eiru (afl. do Juruá)	137	73	12
10.604, ♀, Obidos (Pará)	129	73	13
23.084, ♀, Igarapé Anibá (Amazonas)	135	75	11
2.377, ♂, Iguape (São Paulo)	145	90	15
14.992, ♂, Ilha do Cardozo (São Paulo)	140	83	14
24.391, ♀, Rio Juquiá (São Paulo)			

Família CUCULIDAE

Piaya cayana cayana (Linnaeus)

Cuculus cayanus Linnaeus, 1766, Syst. Nat., 12a. ed., I, p. 170 (baseada em *Cuculus cayanensis* de Brisson): Cayenne.

1 ♂ adulto de Piquiatuba (margem direita do Tapajós, perto de Santarém), Lasso col., 4 de setembro de 1937.

1 exemplar sem sexo determinado, de Aramaná (mesma margem do Tapajós, acima de Santarém), Lasso col., 9 de outubro de 1932.

O extenso material de que no momento disponho não me permite acompanhar Griscom & Greenway, (1) quando enfeixam na raça típica tôdas as populações de *Piaya cayana* distribuídas ao norte e ao sul do médio e baixo Amazonas. Quando muito, poder-se-á contestar a validade de *Piaya cayana hellmayri* Pinto (2), visto que é muito difícil separar as aves do norte do Maranhão, pátria típica da referida raça, da forma nordestina há muito conhecida pelo nome de *Piaya cayana pallescens* (Caban. & Heine). Comparados com os exemplares do Nordeste inclusive o Maranhão, os do baixo Tapajós e, provavelmente, os de tôda a margem meridional e orien-

(1) — Bull. Mus. Compar. Zool., IXXXVIII, p. 151 (1941).

(2) — *Piaya cayana hellmayri* Pinto, 1937, Rev. Mus., XXII, p. 173 (baseada em *Piaya cayana* sp. Hellmayr, Fiel Mus. Nat. Hist., Zool., XII, p. 434): Tuhiassu Maranhão).

tal da mais baixa porção do Amazonas, mostram diferenças bastante apreciáveis e constantes para serem tratados como forma à parte. Sua maior semelhança é com as aves da margem septentrional da mesma porção do mencionado rio, pelo que seria tolerável referi-las à *P. cayana cayana*, posto que estas, como é corrente admitir-se, sejam inseparáveis das da Guiana Francesa.

Em rigor, a julgar pelo material que serve de base a estas notas, as aves do baixo Tapajós ocupam no tocante ao colorido posição precisamente intermediária entre as do Nordeste brasileiro e as do norte do baixo Amazonas, representadas em nossa coleção por numerosos exemplares das zonas de Monte Alegre (Igarapé Boiuçú) e Itacoatiara (Igarapé Anibá). Nestes, de modo geral, a côr da plumagem vai se tornando gradativamente mais carregada de leste para oeste, até adquirir, depois de passado o Rio Negro (Manacapuru), tonalidade quase igual à dos do Rio Juruá. Não possuo, infelizmente, exemplares do Rio Purus, pátria típica de *Piaya cayana obscura* Sneathlge; (1) mas o que sôbre êles nos informam, tanto a descobridora da raça, como, em dias recentes, o conde Gyldenstolpe, (2) dá-nos a prova de que são em tudo semelhantes aos do Rio Juruá, de que temos, em compensação neste momento, afóra a ♀ caçada outrora por E. Garbe, um ♂ e uma ♀ de João Pessoa (antiga São Felipe) e um ♂ de Igarapé Grande. A côr escura do crisso e das coberteiras inferiores da cauda, longe de constituir, como admitem Griscom & Greenway, simples variação individual, mostra-se, pelo contrário, caracter eminentemente constante nas aves do Rio Juruá, as quais ainda se distinguem claramente das do Tapajós pelo colorido muito mais carregado das partes superiores, chocolate-ferruginosas (em vez de castanho-ferruginosas), com a cauda e as asas intensamente lustradas de violeta. Um ♂ de Lago do Batista, região a leste do baixo Madeira, ocupa, do ponto de vista da coloração, posição intermediária entre os do Tapajós e os do Juruá, aproximando-se contudo mais dos últimos do que os primeiros, de modo a ser praticamente inseparável dos espécimes de Itacoatiara referidos no começo. Pelo que se vê, é muito complexo o problema das variações geográficas de *Piaya cayana* na Amazônia brasileira, sendo ainda prematura qualquer tentativa de conclusão definitiva a seu respeito. Em qualquer hipótese, as aves do Juruá, como as do

(1) — *Piaya cayana obscura* Sneathlge, 1908, Journ. f. Ornith., p. 21; Bom Lugar (alto Purus).

(2) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, p. 59 (1945).

Purus, e talvez ainda as do baixo Madeira, diferem das do baixo Amazonas o bastante para garantir a sua separação sob o nome proposto por Mme. Sneath. Quanto à existência de uma nova raça taxinômica e geograficamente interposta entre *P. cayana obscura* e *P. cayana boliviana*, como aventaram Griscom & Greenway, embora teoricamente possível, torna-se todavia muito improvável à vista do exposto.

Coccyzus minuta minuta (Vieillot) (1)

Coccyzus minutus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., VIII, p. 275 (baseado em "*Cuculus cayanaensis*, var. a" de Latham): Cayenne.

1 ♂ adulto de Macapá (Lasso col., 2-IX-1936).

A grande quantidade de material amazônico de que agora disponho não confirma a suposição que anos atrás me foi sugerida pela comparação de dois exemplares amazônicos (Rio Cunani, Rio Juruá) com os do Brasil central existentes por aquela época na coleção do Museu Paulista. (2) Numa esplêndida série de 11 ♂♂ e 9 ♀♀ de Itacoatiara a tonalidade da plumagem, longe de ser uniforme, varia do chocolate-ferrugíneo, semelhante ao do ♂ colecionado no Rio Juruá por Garbe, ao ferrugem claro encontrado nos exemplares de Goiás (Inhumas) e Mato-Grosso estudados naquela ocasião. O mesmo se observa entre as aves do Rio Juruá (João Pessoa) que vieram depois juntar-se à nossa coleção. O ♂ de Macapá, no que se refere à coloração das partes superiores, ocupa o meio-térmo entre aqueles dois extremos.

Crotophaga ani (Linn.)

Crotophaga ani Linnaeus, 1758, Syst. Nat., 10a. ed., I, p. 105 (baseado principalmente em "Ani" de Marcgrave): Brasil (pátria aceita, Pernambuco). (3)

Um exemplar, sem indicação de sexo, proveniente de Inumú (Rio Tapajós), obtido por Lasso (19-XII-1932).

(1) — Revendo a nomenclatura da espécie, ponde Zimmer (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XVII, 1930, p. 262) certificar-se de que *Cuculus rutilus* Illiger, 1816 (Abh. Akad. Wissens. Berlin, "1812-15", p. 224), é um nome composto que abrange as variedades b, e g de *Cuculus cayanus* Gmelin (Syst. Nat., I, pte., p. 417) devendo portanto ser rejeitado em favor da denominação dada por Vieillot e desde longa data adotada por Shelley (Catal. Bds. Brit. Mus., XIX, 1891, p. 378).

(2) — Pinto, Rev. Mus. Paul., XX, p. 71 (1936).

(3) — Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 154 (1935).

No que respeita à Hileia, esta espécie está representada por numerosos espécimes de Igarapé Boiuçu (Pará) e Itacoatiara (Amazonas). A literatura ornitológica refere-a também em Óbidos, no baixo Tapajós, nas ilhas do delta e na região de Belém, pelo que é de crer não seja menos comum nas zonas descobertas da Amazônia do que nas do resto do Brasil.

Crotophaga major (Gmelin)

Crotophaga major Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, 1, p. 363: Cayenne.

Um ♂ adulto, de Oriximiná (norte do baixo Amazonas, acima do Trombetas), colecionado por Lasso em 1937.

O anum grande, ou coróia, existe aparentemente em tôda a bacia Amazônica, exceção feita dos lugares muito freqüentados pelo homem. E', porém raramente mencionado nas listas do material referentes a essa imensa região, que já estava representada em nossas coleções por espécimes dos rios Solimões (Manacapuru), baixo Amazonas (Itacoatiara, Silves), Anibá, Juruá, Tapajós (Piquiatuba, Aveiro) e Curuá do sul. Fora da Amazônia, deveria ter sido comum nos primeiros tempos, ao longo dos cursos d'água, ou imediatas vizinhanças. Hoje está muito escasso quase por tôda a parte, com exceção de alguns grandes rios do interior, ou das regiões florestadas da faixa costeira.

Nos Estados litorâneos, tem sido encontrado desde o Pará e o Maranhão, até, pelo menos, o Estado do Paraná, onde Sztolcman julgou ter reconhecido uma raça particular, *Crotophaga major ivahensis*, (1) caracterizada pelo brilho azul-ferrete (em vez de violáceo-purpurino) das rectrizes. O material que tenho em mão persuade-me de que é altamente problemática a realidade desta diferença, pois a idade das penas influi grandemente na tonalidade do brilho. Recentemente mudadas, são de côr predominantemente azul, lustradas de violeta; mas, com o tempo, adquirem tonalidade acentuadamente purpurina ou verde bronzeada. Também as primárias, azuis quando novas, adquirem mais tarde matiz esverdeado, em alguns exemplares pelo menos.

(1) *Crotophaga major ivahensis* Sztolcman, 1926, Annales Zool. Mus. Hist. Nat. Polon., V, p. 135: Salto de Ubá.

Tapera naevia naevia (Linnaeus)

Cuculus naevius Linnaeus, 1766, Syst. Nat., 12a. ed. I, p. 170 (baseado em "*Cuculus cayanensis naevius*" de Brisson, Orn., IV p. 128): "*in Cayania*" (= Cayenne) (1).

1 ♂ de Vila-Nova (Macapá), colecionado por Lasso, em 5 de maio de 1936.

Dispondo apenas de material brasileiro, não me é possível apreciar a diferença de medidas encontrada por Bangs & Penard (2) quando confrontaram exemplares da Guiana Holandesa (Paramaribo) e do Paraguai (Concepcion del Uruguay). Entretanto, mesmo sem sair do Brasil, pode-se observar um aumento apreciável de tamanho nas aves do sul em comparação com as da Amazônia, (3) sendo assim lícito separá-las em duas variedades geográficas, como fizeram aqueles autores e passou a ser aceito sem grande relutância por todos os ornitologistas. Toda dificuldade está em assinar limites às áreas de cada uma, à vista das variações observadas entre os indivíduos de qualquer população, e da maneira gradual por que se manifesta a aludida diferença. Estendi alhures (4) ao Recôncavo da Bahia a distribuição de *Tapera naevia naevia*; não obstante, tenho hoje a impressão de que seria talvez mais natural restringir à bacia amazônica o domínio da raça típica em território brasileiro, daí excluída apenas a porção alta dos grandes afluentes da margem meridional. Isso provavelmente nos levaria a dilatar a área de *T. naevia chochi* (Vieillot) a todo o nordeste, inclusive o Maranhão, de onde infelizmente não possuo exemplares.

O quadro de medidas abaixo pode servir a quem se interesse pelo assunto. De resto, só as da asa me parecem dignas de consideração; a cauda não só varia muito de comprimento, como é difícil, senão impossível, eliminar satisfatoriamente os erros consecutivos à muda ou ao desgaste natural. As medidas do bico não foram registradas por motivo semelhante.

(1) — O tipo de Brisson pertencia ao museu particular do abade D. Aubry, que o recebera da capital da Guiana Francesa.

(2) — Bull. Mus. Compar. Zoology, LXII, p. 50 (1919). As diferenças de corido mencionadas por estes autores não me parecem susceptíveis de verificação.

(3) — É aqui o lugar para retificar um lapso cometido no estudo das aves colecionadas em Goiaz (Rev. Mus. Paulista, XX, p. 72), quando ao referir-me às medidas encontradas por Bangs & Penard, atribui a *T. naevia naevia* as de *T. n. chochi*, e vice-versa.

(4) — Rev. Mus. Paulista, XIX, p. 152 (1935); id., XXII, p. 178 (1938).

MEDIDAS (em milímetros)

Tapera naevia naevia

	asa	cauda
N.º 16.540, ♂ Manacapuru (Amazonas)	106	149
16.539, ♀ " "	104	135
19.487, ♂, Itacoatiara "	111	144
21.137, ♂, " "	106	140
21.407, ♂, " "	106	147
21.143, ♀, " "	103	133
21.404, ♀, " "	102	145
23.585, ♀, " "	97	124
23.575, ♂, Igarapé Boiçu (Pará)	106	146
23.579, ♂, " " "	110	156
23.582, ♀, " " "	107	142
— ♂, Rio Vila Nova (Macapá), Pará	109	156

Tapera naevia chochi

9.920, ♀, Corumbá (Mato-Grosso)	107	141
12.582, ♂, Aquidauana (Mato-Grosso)	112	158
14.816, ♂, Inhumas (Goiaz)	112	165
— ♂, (1) Inhumas (Goiaz)	109	152
18.141, ♂, Tapera (Pernambuco)	112	?
8.568, ♂, Joazeiro (Bahia)	113	165
14.149, ♂, Curupeba "	110	157
14.143, ♀, " "	104	142
24.561, ♂, Pau Gigante (Espírito Santo)	112	174
28.062, ♂, Sta. Tereza " "	105	154
29.229, ♀, Rio Muriaé (Rio de Janeiro)	112	154
5.091, ♂, Rio Feio (São Paulo)	107	148
26.047, ♂, Lins " "	115	167
4.121, ♂, Itararé " "	115	165
14.169, ♂, Itatiba " "	111	156
14.470, ♀, " "	114	156
2.336, ♀, Ipiranga " "	109	158
2.335, ♀, São Sebastião (São Paulo)	116	166
14.999, ♂, Cananéia (São Paulo)	112	161

Familia **PSITTACIDAE****Aratinga aurea aurea** Gmelin

Psittacus aureus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, 1a., p. 329 (com base, através de Brisson e Bufon em "Golden-crowned Parrakeet" ed Edwards, Glean. Nat. Hist., V, p. 235): "Supposed to be a native of Brazil" (pátria típica Bahia, escolhida por Cherrill & Reichenberger).

1 ♂ de Santarém (Olalla col., 16-III-1933).

(1) Exemplar cedido ao Mus. Compar. Zoology de Cambridge, Mass. (Est. Unidos).

Este periquito aparece em quase tôdas as coleções feitas em Santarém, mas não tem sido registrado em nenhuma outra localidade do baixo Tapajós, a qual ao sul do Rio Amazonas parece assinalar o limite da dispersão ocidental da espécie. Na margem septentrional já foi notificado no Rio Jamundá (Snethlage) e há numerosas recôrdes de sua ocorrência nas ilhas do estuário. Como é antes ave de campo, não será para admirar que a sua dispersão na Amazônia se amplie à medida que se desbravem as regiões atualmente florestadas.

E êste um dos muitos casos em que se torna difícil circunscrever o domínio geográfico de raças baseadas na comparação entre as populações extremas da área de uma espécie. Não só no sul de Mato-Grosso, como o observara Hellmayr, (1) mas em tôda a porção meridional do Brasil, são muito freqüentes os indivíduos em que o porte, avaliado pelo comprimento da asa, ultrapassa o dos exemplos mais avantajados de norte e leste do Brasil, igualando ao que os autores acusam nas aves do Paraguay, pátria típica de *Aratinga aurea major* Cherrie & Reichenberger. (2) Em nossa coleção, as dimensões maiores são encontradas numa ♀ de Franca, norte de São Paulo, cuja asa mede 157 mils. Numa ♀ de Baurú e noutra de Macaubas, localidades ambas do oeste de São Paulo, a asa mede 154 mils., o mesmo acontecendo com um ♂ (12.691) de Três Lagoas, no sudeste de Mato-Grosso. A asa mede 153 mils. num ♂ de Rio Claro, sul extremo de Goiaz, e 152 mils. numa ♀ de Cuiabá (Mato-Grosso), ao passo que em quatro ♀♀ de Salobra (Mato-Grosso), localidade mais meridional, ela oscila entre 142 e 147 mils. de comprimento. As aves da Amazônia são sob êste particular inseparáveis das da Bahia, que se conveio em considerar a pátria típica da espécie.

COMPRIMENTO DE ASA (em milímetros)

N.º	♂, Santarém (Rio Tapajós)	142
3.413,	♂, " " "	143
3.412,	♀, " " "	146
6.643,	♂, Primeira Cruz (Maranhão)	140

(1) — Field Mus. Nat. Hist, Zool Ser., XII, n. 443 (1929).

(2) — *Aratinga aurea major* Cherrie & Reichenberger, 1923, Amer. Mus. Novit., LVIII, p. 3: Puerto Pinasco (Paraguay).

Laubmann, medindo a asa de machos e fêmeas de Nueva Germania e Rio Apa (leste do Paraguay) encontrou para os primeiros de 151 a 158 mils., e para as últimas 152 e 154 mils. Cf. Wissensch. Ergebn. Deutsch. Gran Chaco-Expedition, Die Vogel von Paraguay, p. 178 (1938).

13.991, ♂, Curupeba (Bahia, Recôncavo)	137 (adulto)
13.992, ♂, " " " " " " " "	140
13.993, ♂, Ilha de Madre de Deus (Recôncavo)	144
15.756, ♂, Rio Pandeiro (NO de Minas Gerais)	151
15.755, ♂, Barra do Rio São Dómingos (Goiáz)	144
15.754, ♂, " " " " " " " "	144
15.757, ♀, " " " " " " " "	142
14.894, ♀, Rio das Almas (Goiáz)	141
14.893, ♂, Jaraguá (Goiáz)	145
26.709, ♂, Rio Claro " "	149
26.710, ♂, " " " " " " " "	153 (adulto)
9.940, ♂, São Luiz de Cáceres (Mato-Grosso)	150
9.941, o?, " " " " " " " "	144
30.149, ♂, Cuiabá (Mato-Grosso)	142
30.147, ♀, " " " " " " " "	152
30.148, ♀, " " " " " " " "	143
30.146, ♂, Rio Aricá " "	151
30.150, ♀, " " " " " " " "	146
12.227, o?, Coxim " "	146
29.058, ♀, Salobra " "	147
18.283, ♀, " " " " " " " "	142
18.284, ♀, " " " " " " " "	146
18.285, ♀, " " " " " " " "	145
12.689, ♂, Três Lagoas " "	148
12.690, ♂, " " " " " " " "	152
12.691, ♂, " " " " " " " "	154 (adulto)
12.692, ♀, " " " " " " " "	146
23.790, ♀, Macaúbas (São Paulo)	154 (adulto)
26.712, ♀, Lins " "	146
26.713, ♀, " " " " " " " "	146
26.711, o?, " " " " " " " "	150
4.489, ♀, Avanhândava " "	146
5.557, ♀, Baurú " "	154
4.272, ♀, Franca " "	157 (adulto)

Pyrrhura perlata anerythra Neumann

Pyrrhura perlata anerythra Neumann, 1927, Orn. Monatsber., XXXV, p. 89: Arumateua (Rio Tocantins, margem esquerda).

1 ♂ e uma ♀, do Rio Pracupi (Portel), colecionados por Lasso em 1 de março e 12 de fevereiro, respectivamente.

O par foi escolhido entre mais 7 exemplares, todos provenientes do Rio Pracupi, que é um pequeno tributário da margem direita do baixo Amazonas, adjacente à localidade de Portel e a meia distância entre os rios Tocantins e Xingú. Com êles amplia-se sensi-

velmente para oeste a área de *P. p. anerythra*, (1) que até aqui era apenas conhecida de Arumateua (os tipos) e Cametá (exemplar do museu de Berlim, colecionado por Sieber), ambos na margem ocidental do Rio Tocantins. Mede o ♂ de Pracupi 131½ mils. de asa, 125 de cauda e 19 de culmen; a ♀ 129 mils. de asa, 121 de cauda e 18½ de culmen. O reconhecimento de *P. p. anerythra* entre suas afins oferece uma facilidade que nem sempre se encontra nas raças de uma mesma espécie. As coberturas inferiores das asas são nos dois exemplares inteiramente verdes, como descreve Neumann; mas no bordo da asa esquerda do ♂, junto ao ângulo, vê-se pequena mancha escarlate vivo, enquanto que no bordo da asa direita existem também leves vestígios da mesma côr. Na ♀ não se percebe o menor indício de vermelho em qualquer parte da asa. O abdome tanto num como noutro é distintamente tinto de vermelho sanguineo, carater que aparece muito menos acentuado num ♂ e numa ♀ de Belém (Utinga), representativos de *P. p. lepida* Wagl.; (2) também o alto da cabeça é de um pardo mais escuro do que nestes últimos. No limite inferior da fronte, contornando a base da maxila superior, há um estreito debrum de penas vermelhas, cousa que não se observa nos espécimes de Belém, nem nos de Miritiba (Maranhão), pertencentes a *P. p. coerulescens* Neumann.

Pyrrhura picta amazonum Hellmayr

Pyrrhura picta amazonum Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XIX, p. 8: Obidos.

1 ♂ de Aramanaí (marg. dir. do Tapajós), colecionado por Lasso em 21 de setembro de 1932.

O exemplar combina bem com os que temos de Santarém e Caxiricatuba, de que Aramanaí aliás pouco dista; as penas do peito e do pescoço têm um tom pardo-avermelhado que não vejo em nenhum outro, e dão a impressão de provir de alguma substância estranha à plumagem. Comparados com os espécimes da margem septentrional do baixo Amazonas (Obidos, Lago Cuiteua) os do Tapajós não mostram nenhuma diferença. A área geográfica da *Pyrrhura p.*

(1) — O momento é asado para retificar o erro tipográfico que fez no Catálogo das Aves do Brasil, 1a. parte (Rev. Mus. Paul., XXII, pag. 197) aparecer o nome da raça grafado *cmerytha*, em lugar de *anerythra*.

(2) — *Sittace lepida* Wagler, 1832, Abh K. Bayer, Akad. Wissens., math. - physik. Kl., I, p. 643: "Brasilia versus flumen Amazonum". Peters (Check List Bds. World, III, p. 195) revela a invalidez dêste nome por derivar de uma confusão da espécie com *Psittacus lepidus* Kuhl, 1820 (= *Psittacus pictus* Müller).

amazonum, conforme foi o próprio Dr. Hellmayr o primeiro a proclamar, (1) dilata-se para oeste até o alto Madeira (Humaitá), não se percebendo o motivo pelo qual o conde Gyldenstolpe (2) refere os seus exemplares de Porto Velho a *Pyrrhura picta lucianii* (Deville), cuja pátria típica sabe-se que é Tefé (antiga Ega), na margem direita do Rio Solimões, a meia distância entre os rios Purús e Juruá. A descrição original de *Conurus Lucianii* Deville (3) deixa muito a desejar; mas, segundo Hellmayr (1919), que examinou o tipo no Museu de Paris, concorda perfeitamente com os indivíduos jovens do Rio Juruá, tanto em tamanho, como em caracteres de plumagem. Há no Departamento de Zoologia uma boa série de ♂♂ e ♀♀ da região de João Pessoa (= São Felipe), alto Juruá; nela figuram exemplares de tôdas as idades, desde uma "♀ juv." (colecionada por E. Garbe em outubro de 1902) de píleo inteiramente preto-sepiáceo (afora simples indícios, quase imperceptíveis, de vermelho na base da fronte), até indivíduos erados, como um ♂ (N.º 20.393) adquirido ao sr. Olalla (col. em 11 de dezembro de 1936), em que todo o píleo é vermelho vivo, com exceção apenas da nuca. Si as aves da região do Madeira, como Mme. Snethlage supoz, (4) e Hellmayr (1919) achou possível, devem constituir uma raça diversa da das populações baixo-amazônicas da espécie, é essa uma outra questão e sôbre a qual não tenho elementos para emitir qualquer opinião. A falta de azul na fronte dos jovens de *P. p. lucianii*, é bom carater para distingui-los dos exemplares pertencentes a *P. p. amazonum*; no entanto, um ♂ jovem de Yurimaguas (nordeste do Perú), possui na orla frontal igual quantidade de penas azuis e vermelhas.

Há, no final, muito pouca viabilidade na tentativa, feita a principio por Miranda Ribeiro (5) e renovada últimamente pelo conde Gyldenstolpe de reviver *Conurus roseifrons* G. R. Gray (6) para as aves do Juruá e alto Amazonas, sob o fundamento de que a cabeça, com a idade do indivíduo, adquiriria muito mais vermelho do que nas da pátria típica de *P. p. lucianii*.

(1) — C. R. Hellmayr, *Novitates Zoologicae*, XVII, p. 403-4 (1910); idem, *Archiv f. Naturges.*, LXXXV, A, Heft 10, p. 127 (1919). V. também *Field Mus. Nat. Hist.*, Zool. Ser., XII, p. 145 (1929).

(2) — *Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl.* Bd. XXII, No. 3, pag. 50 (1945).

(3) — *Rev. et Magaz. de Zoologie*, 1851, pag. 210.

(4) — *Boletim do Mus. Goeldi*, VIII, p. 499-500 (1914).

(5) — Miranda Ribeiro, *Rev. Mus. Paulista*, XII, p. 79 (1929).

(6) — *Conurus roseifrons* G. R. Gray, 1859, *Hand - List Birds Brit. Mus.*, Psittaci, p. 42.

Brotogeris st. thoma takatsukasae Neumann

Brotogeris st. thomae takatsukasae Neumann, 1931, Mitteilungen Zool. Mus. in Berlin, XVII, p. 442: "margem septentrional do baixo Amazonas, oposta a Santarém".

Um ♂ de Piquiatuba (perto de Santarém, a leste da boca do Tapajós), colecionado por Lasso col., 19 de setembro de 1937.

A presença da pinta amarela atrás dos olhos é absolutamente constante nas aves do baixo Amazonas, permitindo só por si caracterizar a raça nomeada por Neumann. Não se têm ainda elementos suficientes para traçar o limite ocidental de sua distribuição; mas é de crer que êle coincida, aproximadamente, ao norte do Rio Amazonas com o baixo Rio Negro, e ao sul com o Rio Madeira. Em todo caso, pode-se afirmar que em Manacapuru (margem esquerda do baixo Solimões), segundo o nosso material, e no Rio Purus, conforme Gyldenstolpe, (1) ela passa a ser substituída por *B. st. thoma st. thoma* P. L. S. Müller, sem zona conhecida de intergradação. Na forma típica não só as medidas são um pouco inferiores, como ainda a mancha amarela frontal é em regra bem menor e quiçá mais irregular.

A prioridade de *Psittacus st. thoma* Müller sobre *Psittacus tui* Gmelin, (2) há muito foi reconhecida, a despeito do erro originariamente cometido ao dar-se ao primeiro como procedência a Ilha de São Tomas, ou São Tomé, não distante da costa ocidental africana. Hellmayr, (3) ao retificar êste erro geográfico, limitou-se a propôr, em substituição, como pátria da espécie o Amazonas brasileiro, não nos dando portanto elementos para decidir sobre a qual das duas raças hoje conhecidas deveria caber o nome de Müller em seu sentido restrito. Há, porém, a meu vêr, muito maior probabilidade de que êste último corresponda à raça paraense e não à sua similar amazônico-peruana, pelo que fôra preferível tivesse Neumann escolhido esta última para receber denominação especial, como forma não descrita. Como, sem alterar o que está feito, convenha fixar de modo mais preciso uma pátria típica para *Psittacus*

(1) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, p. 36 (1945).

(2) — *Psittacus tui* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, 1a., pag. 352: "Habitat in Brasilia". O nome de Gmelin é aliás um composto, que só corresponde ao presente periquito na parte relativa às citações de Buffon ("Petite perruche de l'isle de S. Thomas") e Daudenton (Pl. enlum. 456, fig. 1); no resto êle cabe, através de Brisson ("*Psittacula brasiliensis icterocephalus*") e outros, ao "Tui, quarta species" de Marcgrave (= Tui aputejuba" do mesmo Marcgrave), ou seja ao periquito de testa dourada de leste do Brasil, *Aratinga aurea aurea* Gmel.

(3) — Abl. K. Bayer. Akad. Wissens. II Kl., Bd. XXII, p. 58 (1906); também Novit. Zool., XIV, p. 88 (1907).

st. thomae Müller, proponho se aceite como tal a margem septentrional do baixo Solimões. Esta nova restrição da pária de *B. st. thomá st. thoma* se torna tanto mais necessária quanto, a julgar pelos nossos exemplares de Manacapurú, as aves dessa região, embora semelhantes às do Juruá no que toca aos caracteres de plumagem (particularmente a ausência de mancha amarela retro-ocular), aproximam-se decididamente das do baixo Amazonas no menor comprimento da asa, da cauda e do bico (culmen, sem a cera). Este asserto pode ser verificado pela tabela ao lado. Num dos ♂♂ de Manacapurú (N.º 16.524), esta particularidade se cása com a presença de um vestígio de amarelo no lado esquerdo da cabeça, a certa distância do olho. (1)

No "Catálogo das Aves do Brasil" (Rev. Mus. Paul., XXII, p. 204) incluí Belém (Pará) na área geográfica de *B. st. thoma takatsukasae*, baseando-me em dois exemplares com rótulo de "Independência, Belém" fornecidos ao Museu Paulista pelo sr. F. Q. Lima, antigo preparador do Museu Paraense. Não creio hoje que tais exemplares tenham sido caçados naquela localidade, senão que ali viveram em cativeiro, como o indica terem ambos as duas asas cortadas. Resta portanto provar a ocorrência da espécie na região de Belém, aliás não de todo improvável, visto que Sneath (2) nos dá o testemunho de sua ocorrência ao norte do estuário (Maracá). No sul do Amazonas, a bôca do Rio Curuá, de onde temos dois ♂♂ colecionados por "Olalla" em dezembro de 1936, parece ser o ponto mais oriental em que tenha sido seguramente notificada.

MEDIDAS (em milímetros)

Brotogeris st. thoma st. thoma

	asa	cauda	culmen
N.º 3.515, ♂, Rio Juruá	109	58	16
20.419, ♂, João Pessoa (Rio Juruá)	113	67	15 ½
16.258, ♂, " " " "	116	70	16
16.259, ♀, " " " "	111	68	15
3.516, ♀, Rio Juruá	112	65	15
16.522, ♂, Manacapurú (Rio Solimões)	101	59	13
16.523, ♂, " " " "	103	58	13
16.524, ♂, " " " "	103	57	14 ½

(1) — V. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 550 (1937).

(2) — Ecl. Mus. Goeldi, VIII, pag. 160 (1914).

Brotozeris st. thoma takatsukasae

20.418, ♂, Itacoatiara	102	58	14 ½
20.020, ♂, „	109	66	14
17.884, ♂, „	108	62	14
21.029, ♂, „	101	50	13
20.405, ♀, „	104	57	13 ½
21.038, ♀, „	104	62	14
21.039, ♀, „	100	56	15
20.415, ♀, Igarapé Anibá	101	61	13
10.643, ♂, Obidos	105	54	15
10.640, ♂, „	104	57	13
10.642, ♀, „	100½	49	14
20.407, ♂, Lago do Batista	105	50	14 ½
21.034, ♂, „ „ „	107	56	14
21.006, ♂, „ „ „	102	50	14
17.885, ♀, „ „ „	101	54	14
20.409, ♀, „ „ „	104	58?	14
— ♀, Piquiatuba (Rio Tapajós)	101	57	14
23.569, ♂, Foz do Curuá	101	54	13
20.413, ♂, „ „ „	102	56	14
23.571, ♀, Igarapé Boiussú	103	46	14

Brotozeris versicolorus versicolorus (P. L. S. Müller).

Psittacus versicolorus P. L. S. Müller, (1) 1776, *Natursyst.*, Suplem., p. 75 (baseada em Daubenton, *Pl. enlum.* 359): "Cayenne".

1 exemplar de Inumu (Lasso col., 20 de dezembro de 1932), na margem direita do baixo Tapajós.

Com uma boa série, tanto do norte (Itacoatiara, Patauá, Igarapé Bravo, Igarapé Boiussú), como do sul e leste do Rio Amazonas (Santarém, Taperinha, Foz do Curuá, Utinga, Murutucu), nenhuma variante digna de nota consigo observar nos característicos dêste periquito, que hoje é corrente considerar-se, a exemplo de Laubmann, (2)

(1) — A exemplo de Hellmayr quando fez o estudo dos tipos de Spix (*Abh. K. Bayer. Akad. Wiss.*, II Kl., XXII, 1906, p. 587). voltou-se últimamente, depois de Neumann *Mitteil. Zool. Mus. Berl.*, XVII, 1931, p. 444 a adotar o nome de Müller, a despeito do erro que êste deixou escapar em sua descrição, atribuindo à cauda as côres da aza. O deslize é fácil de explicar, sabendo-se que Müller, como compilador, não tivera quaquer exemplar em mãos, baseando-se apenas na estampa de Daubenton. ou talvez mesmo, mais particularmente, na descrição da "Perruche à ailes variées" de Buffon *Psittacus virescens* Gmelin (*yst. Nat.*, 1788, p. 348), usual até pouco tempo, passa assim a sinônimo, em que pese as considerações que levaram Berlepsch (*Novit. Zool.*, XV, 1908, p. 285, nota margin) e tantos outros a impugnar *Psittacus versicolorus*, nome além de tudo gramaticalmente mal feito.

(2) — ALFR. LAUBMANN, *Wissens. Ergebn. Gran Chaco-Exped.*, Vogel, p. 117 (1930).

coespecífico de *Brotogeris chiriri* (Vieillot). Apesar das acentuadíssimas diferenças que há entre ambos e da falta de intermediários, (1) prevalece no caso o critério das "formas representativas", cada vez mais em voga na moderna ornitologia.

Brotogeris versicolurus versicolurus, que ocorre em quase todo o vale amazônico, até o nordeste do Perú, não ultrapassa a região de Belém, sendo logo substituído, a partir do Maranhão, por *B. v. chiriri*, cuja área geográfica abrange todo Brasil oriental e central. Uma terceira raça, *B. v. behni* Neumann, (2) diferente de *B. v. chiriri* pelo tamanho um pouco maior ("asa com 132 a 135 mils., em vez de 105 a 128 mils.") e pela tonalidade do verde (verde-cana, como na raça amazônica, e não verde-amarelado), está confinada às regiões altas do sudoeste boliviano (Pilcomayo, Chiquisaca, Cochabamba). Convém todavia registrar que não é raro encontrarem-se exemplares amazônicos com as partes inferiores quase tão lavadas de amarelo como na raça este-brasileira. Está por exemplo neste caso um ♂ de Itacoatiara, N.º 22.320 da col. do Depart. de Zoologia de S. Paulo.

Forpus passerinus deliciosus (Ridgway)

Psittacula deliciosa Ridgway, 1888, Proceed. Un. St. Nat. Mus., X, pags. 533 (em chave) e 545: Diamantina (marg. direita do Tapajós, perto de Santarém).

1 ♂ do Rio Anapu (Portel), col. por Lasso em nov. de 1933.

Dá-nos o presente exemplar a importante prova de que a dispersão de *Forpus passerinus deliciosus* se estende pela margem sul do baixo Amazonas muito para leste do Rio Tapajós, alcançando a zona do estuário. No Museu Paraense, vi também determinado como "*Psittacula deliciosa*" um exemplar de Macapá, localidade da margem norte, e quase tão oriental quanto Portel. O ♂ do Rio Anapú, no seu uropígio verde-esmeralda, como em tudo mais, combina exatamente com três ♂♂ da boca do Rio Curuá do Sul, localidade praticamente equidistante dos rios Tapajós e Xingú; sua comparação com um ♂ de Igarapé Anibá e uma série numerosa de Itacoatiara não revela também a menor diferença constante, podendo-se assim formar melhor idéia a respeito do raio de dispersão da raça baixo-amazônica, cuja presença, por outro lado, a leste do baixo Madeira (Lago do Batista) nos é assegurada pelo conde Gyldenstolpe (op. cit., p. 53).

(1) — Cf. HELLMAYR, Field Mus. Nat. Hist., XII, p. 449 (1929).

(2) — *Brotogerys versicolurus behni* Neumann, 1931, Mitteil. ungem. Zool. Mus. Berlin, XVII, p. 443: Vila Montes (Pilcomayo, sudoeste da Bolívia).

Familia STRIGIDAE

Bubo virginianus deserti (Reiser)

Bubo magellanicus deserti Reiser, 1905, Anz. K. Akad. Wissens. Wien, Mathem.-Naturwiss. Kl., LII, p. 324: Salitres (perto de Joazeiro, Bahia).

1 ♂ ad. do Rio Vila Nova (Macapá), colecionado por Lasso em 10 de agosto de 1936.

Este exemplar acrescenta mais uma localidade às de Pinhi e Tauari (marg. direita do baixo Tapajós), mencionadas por Griscom & Greenway, como sendo as primeiras em que o corujão de orelhas já fôra autenticamente notificado no baixo Amazonas. A êsses registros posso juntar ainda Taperinha, na margem direita do Amazonas, perto de Santarém, de onde possui um exemplar adulto, sem indicação de sexo, adquirido ao Dr. G. Hagmann.

A comparação dêstes exemplares do Pará com dois ♂ ♂ do Rio Aricá (Estado de Mato-Grosso, a sudeste de Cuiabá) não deixa dúvida de que devem pertencer a uma mesma forma, como ainda convence da pouca importância das diferenças de colorido em que baseou Reiser a caracterização de *B. virginianus deserti*. Num dos ♂ ♂ do Rio Aricá (N.º 30.963), de plumagem mais clara que a dos demais, tanto as partes superiores como as inferiores são manchadas de pardo-cinza e branco, com muito pouca mistura de ocre, com exceção apenas dos dois penachos e das primárias, em que o branco é acentuadamente tingido de ferrugem; no outro (N.º 30.964), pelo contrário, predominam os tons pardos e ocráceo-ferruginosos, tal como acontece nos exemplares de Macapá e Taperinha. No que respeita às medidas não se observa também diferença digna de nota entre os espécimes do Pará e do Mato-Grosso.

O confronto de todos êstes exemplares com um ♂ adulto do Rio Negro (Patagônia) acusa, pelo contrário, uma diferença muito apreciável de tamanho entre as aves brasileiras e as da porção mais meridional da América do Sul, pátria de *B. virginianus nacurutu*, (1) justificando a separação de umas e outras como boas raças. Não disponho, infelizmente, de material nordestino para comparação com os da Amazônia e de Mato-Grosso, mas à vista da variabilidade verificada na coloração dos últimos, admito a probabili-

(1) *Strix nacurutu* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., VII, p. 44 (baseada em Azara, N.º 42): Paraguay, *Bubo magellanicus* Gmelin, 1788, Sist. Nat., I, p. 286 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 385: "Terres Magellaniques") é tido como inaproveitável à luz das regras da Nomenclatura. V. Hellmayr, Novit. Zool., XXVIII, p. 191, nota 5 (1921).

dade de se filiarem tôdas as populações brasileiras a uma mesma forma, entre cujas diferenças da raça típica estaria o tamanho sensivelmente maior, como se depreende da tabela junta. Em qualquer caso à mesma raça das aves de Mato-Grosso devem pertencer as do norte da Bolívia, de onde Gyldenstolpe (1) registra um ♂ e 3 ♀ ♀, o primeiro com 333 mils. de asa e as últimas com medidas que variam entre 337 e 357 mils.

MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen (sem cera)
1.019, ♂, Rio Negro (Rep. Argentina, Patagônia)	298	174	24
30.963, ♂, Rio Aricá (Mato-Grosso)	346	194	30
30.964, ♂, " " " "	337	183	30
♂, Macapá (Pará)	325	178	30
♂?, Taperinha (Pará)	314	181	30

Família CAPRIMULGIDAE

Chordeiles rupestris rupestris (Spix)

Caprimulgus rupestris Spix, 1825, Av. sp. nov. Bras., II, p. 2, pl. II: "in insulis petrosis fl. *Nigri*" (= Rio Negro, Est. do Amazonas).

1 ♀ de Aveiro (margem direita do baixo Tapajós), col. por Olalla em 17 de abril de 1934.

O curiango branco prova ser endêmico no baixo Tapajós, em cujas praias arenosas acampa aos grandes bandos, à semelhança do que observara Hoffmanns no Rio Machados, afluente do Madeira. (2) Afora o exemplar de Aveiro, 2 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀ de Iroçanga concorrem para avolumar a lista das localidades (Pinhel, Caxiricatu-ba) (3) em que a espécie já tem sido registrada, tanto a leste, como a oeste do referido rio. Este bacuráu está representado em nossa coleção por uma esplêndida série de 8 ♂ ♂ e 8 ♀ ♀ do alto Rio Juruá (João Pessoa) adquiridos ao sr. Olalla, o que confirma a antiga observação de E. Garbe, que em julho de 1902 obteve na mesma região 1 ♂ e 2 ♀ ♀ para o Museu Paulista. Ele não aparece, todavia, no trabalho do conde Gyldenstolpe (4) sobre a coleção de aves do alto Juruá feita pelo sr. Olalla; isso se explicará pelo fato de

(1) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXIII, N.º 1, p. 95 (1945).

(2) — V. C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XVII, p. (1910).

(3) — GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 161 (1941).

(4) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, pags. 1-338 (1945).

terem sido todos os nossos exemplares coligidos entre 8 de dezembro de 1936 e 3 de fevereiro de 1937, posteriormente, portanto, ao período em que o referido colecionador reunira a coleção fornecida ao Museu de Estocolmo, ou seja de 8 de julho a 20 de outubro de 1936. (1) Poder-se-ia também pensar em hábitos migratórios da espécie; mas isso tem contra si o fato de estar a sua ocorrência na região em meados do ano atestada pelos exemplares de Garbe, os quais datam do mês de julho.

As diferenças apontadas entre os dois sexos por Hellmayr e Oberholser (2) verificam-se na generalidade dos exemplares da série em estudo. As ♀ ♀ têm sempre a plumagem abundantemente manchada de ferrugem; mas não são raros os ♂ ♂ semelhantes às ♀ ♀ neste particular. Estão, por exemplo, neste caso dois do alto Juruá (N.ºs 2.761 e 21.618), um de Igarapé Anibá (N.º 20.733) e outro de Iroçanga (N.º 16.081). A presença de mancha branca marginal na barba externa da quarta primária (a contar de fora) das ♀ ♀, caráter sexual acentuado por Oberholser, prova ser muito inconstante, posto que dela não se observa qualquer vestígio em perto de 50 % dos exemplares que tenho à disposição; ela é bastante conspicua numa ♀ de João Pessoa (N.º 21.614) e noutra do Igarapé Anibá (N.º 21.675), mas não raro se restringe a simples vestígio na ourela da pena. Sob este ponto de vista a ♀ de Igarapé Anibá é singularmente interessante, pois que na asa esquerda a mancha branca da barba externa da 4.^a primária atinge o raque da pena, caráter de *zaleucus*, enquanto que na asa direita ela se limita à ourela e não tem mais de 16 mils. de comprimento, por 1 ½ de largura. Parece de todo justificado incluir-se, com Peters, (3) *Ch. rupestris zaleucus* Oberh. (4) na sinonímia de *Ch. r. rupestris*, uma vez que as diferenças atribuídas ao primeiro desaparecem diante das variações individuais encontradas no último. Tampouco se me afigura comprovada a separabilidade de *Ch. rup. xyostictus* Oberh., (5) que se diz diferente da forma típica pelo seu maior tamanho; as medidas de asa (♀ ♀ 172,5 mils., ♂ ♂ 165,5 mils.) e cauda (♀ ♀ 100 mils., ♂ ♂ 92,5 mils.) utilizadas na caracterização da

(1) — Cf. Rev. Mus. Paul., XXIII, 235 (1937).

(2) — Bull. 86, Un. St. Nat. Mus., pp. 23 e 113 (1914).

(3) — Check-List Bds. World, IV, p. 186 (1940).

(4) — *Chordeiles rupestris zaleucus* Oberholser, 1914, Bull. Un. St. Nat. Mus., LXXXVI, p. 118; tipo de Pebas (norte do Perú, Rio Marañon).

(5) — *Chordeiles rupestris xyostictus* Oberholser, 1914, op. cit., p. 116: tipo de Bogotá (Colombia). Parece lícito ter dúvida sobre a procedência do exemplar, que data de 1860 (Evans col.).

raça, são largamente ultrapassadas por muitos dos nossos exemplares, conforme se verifica pela tabela junta.

MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda
N.º 21.678, ♂, João Pessoa (alto Juruá)	178	95
21.696, ♂, " " " "	176	100
21.675, ♂, Igarapé Anibá (Itacoatiara)	172	99
21.616, ♂, " " " "	175	99
23.945, ♂, " " " "	174	100
21.676, ♂, " " " "	172	95
16.081, ♂, Iroçanga (Rio Tapajós)	169	92
21.617, ♂, João Pessoa (alto Juruá)	165	95
21.614, ♂, João Pessoa (alto Juruá)	160	94
♂, Aveiro (Rio Tapajós)	160	92

Nyctidromus albicollis albicollis (Gmelin)

Caprimulgus albicollis Gmelin, 1789, I, pte. 2, p. 1030 (baseado em "White - throated Goatsucker" de Latham): Cayena.

1 ♀ adulta (fase ruiva), de Capanema, col. por Lasso em 9 de fevereiro de 1936.

Os diferentes aspectos do complicado problema que oferece este caprimúlgida ao sistematista foram focalizados com maestria por Griscom, ao estudar as raças norte e centro-americanas da espécie; (1) mas, no que toca aos limites entre as áreas de distribuição das duas raças geográficas reconhecidas no Brasil, aquele ornitólogo nenhuma opinião se julgou habilitado a aventurar. Dispondo de pouco material, admiti tempos atrás (2) que a forma típica se restringisse no Brasil ao vale amazônico e região adjacente do nordeste (Maranhão); mais tarde estudando exemplares da Bahia, (3) pareceu-me mais acertado incluir na área de *N. a. albicollis*, afora o Amazonas, todos os Estados marítimos do Brasil septentrional, até o Espírito Santo, e ainda uma parte de Minas Gerais (Rio Matipoó, afluente do alto Rio Doce). Este modo de ver coincide praticamente com o de Peters, (4) com abstração apenas do Estado

(1) — Amer. Mus. Novit., N.º 379, pags. 6-10 (1929).

(2) — Rev. Mus. Paulista, XIX, p. 134 (1935).

(3) — Catálogo das Av. do Bras., 1a. parte (Rev. Mus. Paul., vol. XXII), pags. 237-8 (1938).

(4) — Check-list Bds. Word, IV, p. 193 (1940).

de Minas Gerais, cujo oeste, em compensação, é por êsse autor incluído na distribuição de *N. a. derbyanus*. (1)

No discrimine das raças brasileiras de *N. albicollis*, o único elemento verdadeiramente utilizável está na diferença de tamanho entre as aves do norte e as do sul, estas muito maiores do que aquelas nos pontos extremos das áreas respectivas. Êste aumento de tamanho, para o sul, como se pode vêr pela tabela de medidas que uma quantidade muito maior de material me permite apresentar, (2) processa-se gradual e paulatinamente, sem intervalo capaz de fixar limite claro entre as faunas racialmente diversificadas. Impressiona todavia a relativa constância nas dimensões das aves distribuídas pelo vale amazônico, em comparação com as da área restante, o que ainda vem corroborar a impressão adquirida pelo exame visual direto das séries em conjunto. Afóra o tamanho menor (140 a 150 milímetros de asa) as aves amazônicas têm, em geral, tanto na fase ruiva como na cinzenta, colorido mais carregado, mais escuro, do que as do Brasil oriental e central, o que parece aconselhar se restrinja para elas a denominação de *N. a. albicollis*, voltando ao esquema por mim adotado ao estudar exemplares da Bahia (1935), com a possível exclusão do Maranhão da área da forma típica.

MEDIDAS (em milímetros)

Nyctidromus albicollis albicollis

	asa	cauda
N.º 16.575, ♂, Manacapuru (Amazonas)	143	140
21.671, ♂, Itacoatiara ,,	142	140
20.743, ♂, ,, ,,	151	150
20.477, ♂, ,, ,,	149	143
21.673, ♂, ,, ,,	143	135
21.667, ♀, ,, ,,	140	133
21.669, ♀, ,, ,,	145	135
21.658, ♀, ,, ,,	143	131
21.659, ♀, Silves ,,	146	140
21.657, ♂, Rio Atabani ,,	151	145
21.672, ♂, ,, ,, ,,	146	136
21.662, ♂, Igarapé Anibá ,,	145	143
21.661, ♀, im. Igarapé Anibá ,,	148	129
21.666, ♀, im. ,, ,, ,,	144	128
2.768, ♂, Rio Juruá ,,	150	144

(1) — *Nyctidromus derbyanus* Gould, 1838, Icones Avium, II, p. 12: sul do Brasil (localidade típica Ipanema, Estado de São Paulo, sugerida por Pinto, (1935).

(2) — Foram excluídos da tabela os exemplares imaturos ou em más condições (muda, erosão da plumagem etc.) para serem aproveitados.

	asa	cauda
2.168, ♀, João Pessoa (Rio Juruá, Amazonas)	147	133
21.670, ♀, " " " " " "	154	149
— ♂, Capanema (L. do Pará)	141	136

Nyctidromus albicollis derbyanus

6.651, " ♂ juv.", Pra. Cruz (Maranhão)	146	146
7.225, ♀, Miritiba (Maranhão)	155	140
14.094, ♀, Curupeba (Bahia, Recôncavo)	152	136
— ♂, Ilha de Madre de Deus (Bahia)	156	155
— ♂, Rio Gongogi " "	157	146
14.095, ♂, Rio Jucurucu " "	156	153
7.770, ♀, Caravelas " "	161	148
24.571, ♂, Pau Gigante (Espírito Santo)	(156)	155
24.570, ♀, " " " " " "	166	152
28.644, ♀, Rio São José " "	161	154
6.720, ♂, Rio Doce " "	166	160
6.436, ♀, " " " " " "	162	157
28.645, ♂, Guarapari " "	(157)	155
27.267, ♂, Rio Muriaé (Rio de Janeiro)	158	156
27.352, ♂, Angra dos Reis (Rio de Janeiro)	156	162
27.354, ♂, " " " " " " " "	163	160
24.533, ♂, São José da Lagoa (Minas Gerais)	174	176
24.532, ♀, " " " " " " " "	165	162
24.530, ♂, Rio Piracicaba " "	173	173
24.531, ♀, " " " " " " " "	160	149
15.800, ♂, Nova Roma (Goiaz)	170	172
14.828, ♂, Rio das Almas (Goiaz)	157	145
14.827, ♀, " " " " " " " "	157	142
26.507, ♂, " " " " " " " "	175	175
14.822, ♂, Inhumas " "	165	168
17.487, ♂, Rio das Mortes (Mato-Grosso)	169	154
17.488, ♀, " " " " " " " "	153	152
30.953, ♂, " Aricá " "	160	157
10.101, ♂, Corumbá " "	169	176
26.508, ♀, Salobra " "	161	154
26.537, ♂ Lins (São Paulo)	173	180
26.538, ♂, " " " " " " " "	177	180
4.511, ♂, São Jerônimo (São Paulo)	176	180
4.502, ♂, " " " " " " " "	184	172
11.814, ♂, " " " " " " " "	175	158
1.988, ♀, Baurú " "	174	165
4.640, ♂, Barretos " "	175	185
8.196, ♂, Ituverava " "	172	177
2.304, ♂, Tietê " "	175	163
2.580, ♂, Itatiba " "	175	174
14.409, ♂, " " " " " " " "	172	177
14.408, ♀, " " " " " " " "	177	164

2.305, ♀, São Sebastião (São Paulo)	167	?
23.764, ♀, Rio Juquiá „ „	154	142
	asa	cauda
14.972, ♂, Cananéia „ „	163	151
23.331, ♀, Rio Paranapanema (São Paulo)	170	163
1.854, ♀, Jacarézinho (Paraná)	175	163

Nyctipolus nigrescens nigrescens (Caban's)

Caprimulgus nigrescens Cabanis, 1848, em Schomburgk, Reis. Brit. Guiana, III, p. 710: Guiana Inglesa.

1 ♀ ad. do Rio Vila Nova (Macapá), col. por Lasso em 18 de agosto de 1936.

Na coleção do Depart. de Zoologia não existia mais que uma ♀ adulta e um filhote de Utinga (Belém), adquiridos ao falecido colecionador Fr. Queiroz Lima. Contudo a espécie não parece nada rara no baixo Amazonas, à vista dos numerosos records (Obidos, Santarém, Caxiricatuba, Vila Braga etc.) reunidos por Griscom & Greenway (1). As três raças admitidas na espécie por êsses competentes ornitologistas (2) baseiam-se no número e situação das manchas existentes nas primárias externas dos ♂ ♂; não possuindo tais características, as ♀ ♀ são muito mais difíceis de reconhecer. Admitte-se que no Brasil ocorre somente a forma típica, a despeito de apresentarem as aves da margem meridional do Rio Amazonas dimensões um pouco superiores às da margem septentrional e Guianas. Sob êste particular as ♀ ♀ agora estudadas são muito dignas de atenção; as medidas da de Macapá (asa 132 mils., cauda 93 mils.) coincidem muito exatamente com as da de Utinga (asa 132 mils., cauda 90 mils.) e ficam notavelmente aquém das que encontraram Griscom & Greenway em exemplares guiano-paraenses do mesmo sexo (139 a 146 mils. de asa).

Diante dos largos limites dentro dos quais variam as medidas neste curiango parece problemática a validade de *Nyctipolus nigrescens australis* Gyldenstolpe, (3) baseado numa ♀ de Cochuela Esperanza (Rio Beni, norte da Bolívia) com 154 mils. de asa e 103 mils. de cauda.

Como verificou Hellmayr, (4) a distribuição de *N. nigrescens nigrescens* estende-se para leste muito além do estuário amazônico, alcançando o norte do Estado do Maranhão (Turiassu); para o sul,

(1) — Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXIII, p. 164 (1941).

(2) — V. Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 422 (1937). Peters, em sua Check-List (vol. IV, p. 232), reconhece apenas duas raças.

(3) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl, Bd. XXIII, p. 99 (1945).

(4) — Field Mus. Nt. Hist., Zool. Ser., XII, p. 400 (1929).

sabe-se que ela atinge os limites do Estado de Mato-Grosso, através de duas ♀ ♀ colecionadas pela expedição Rondon-Roosevelt. (1)

Familia TROCHILIDAE

Phaethornis squalidus amazonicus Hellmayr

Phaethornis rufurumii amazonicus Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XVI, p. 82: Itaituba (= Santarem, suburb.).

1 ♀ de Aramaná (margem direita do Tapajós, pouco acima de Santarém), colecionada em 5 de novembro de 1932 por Lasso.

Neste exemplar a mandíbula é clara quase até a ponta, ao contrário do que acontece com um ♂ de Igarapé Boiuçu (margem norte do baixo Amazonas, em oposição à boca do Tapajós) e um espécime insexuado de Óbidos. (2) Ignoram-se ainda os limites ocidentais da distribuição desta raça; mas sabe-se que na margem norte do Rio Amazonas ela ocorre pelo menos até Itacoatiara, de onde o Departamento de Zoologia possui um bonito ♂ adulto (A. Olalla col., 31 de março de 1937). Para leste, o rio Tapajós continua sendo o limite da distribuição. Também não se têm informes sobre a existência de *P. s. amazonicus* mais para leste da margem oriental do baixo Tapajós.

O parentesco íntimo de *P. rufurumii* e *P. amazonicus* com *P. squalidus*, (3) de sudeste do Brasil, foi há muito assinalado por Hellmayr (4) e é demasiado evidente para que se não reconheça neles mais do que raças geográficas de uma mesma espécie. O largo hiato existente hoje entre a área geográfica das raças septentrionais e a da sul-brasileira tem sua explicação na mudança das condições físicas do nordeste do Brasil, já sob a influência de fatores naturais, já pelo progressivo desflorestamento. *P. squalidus amazonicus* difere da forma típica pelo colorido mais claro, menos pardo-acanelado, das partes inferiores, pelo seu tamanho mais reduzido e principalmente pelo menor comprimento das rectrizes centrais. *P. s. squalidus* ainda se destaca pela cor muito mais escura das primá-

(1) — Cf. E. Naumburg, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 141 (1930).

(2) — O momento é oportuno para retificar o Catálogo das Aves do Brasil (pte. 1, p. 253), onde este exemplar (N.º 10.892 da coleção do Dept. de Zoologia) aparece indevidamente alistado sob *Pygmornis nattereri* (Berlepsch).

(3) — *Trochilus squalidus* Temminck (ex Natterer manuscr.), 1882, Nouv. Rec. Pl. Color., livr. 20, pl. 120, fig. 1: Ipânema (São Paulo).

(4) — Novit. Zool., XIV, p. 23 (1907).

rias, que apresentam um acentuado brilho metálico violáceo quase de todo ausente na raça amazônica. *P. s. squalidus* é representado na nossa coleção por exemplares de Santa Catarina (Hansa), São Paulo (Iguape, Monte Alegre) e Espírito Santo (Santa Leopoldina).

MEDIDAS (em milímetros)

Phaethornis squalidus squalidus

	asa	cauda	culmen
N.º 31.420, ♂, Monte Alegre (pto. de Amparo, S. Paulo) ..	48	57	25
28.170, ♂, Santa Leopoldina (Espírito Santo)	49	56	24 ½
28.171, ♂, " " " " " "	49	58	24
28.172, ♂, Santa Tereza " " " " " "	49	51	26

Phaethornis squalidus amazonicus

10.892, ♂, Obidos (Pará)	44	45	24
20.080, ♂, Igarapé Boiussu (Pará)	45	46 ½	25
— ♂ Aramanai (Rio Tapajós)	45	44	25

Pygmornis ruber ruber Linnaeus

Trochilus ruber Linnaeus, 1758 Syst. Nat., 10a. ed., I, p. 121 (com base em "The Little Brown Humming-Bird" de Edwards, Nat. Hist. Uncom. Bds., I, p. 32, pl. 32, fig. super.): Surinam (= Guiana Holandesa).

1 ♀ ad. de Macapá, col. por Lasso em 28 de março de 1936.

O exemplar combina perfeitamente com os da região de Belém (Murutucu, Utinga); o segmento terminal escurecido da mandíbula mede 10 milímetros e equivale muito aproximadamente à metade do comprimento desta última; as partes inferiores como as pontas das retrizes são francamente acaneladas e as supracaudais de colorido ferrugíneo intenso. Um ♂ de Ubatuba (No. 5.523), no litoral do Estado de São Paulo, apresenta as mesmas características, com a simples diferença de apresentar mais nítida a faixa reluzente pardo-purpúrea do peito. Num ♂ de Santa Cruz (Rio Eiru, alto Juruá) e numa ♀ de João Pessoa (Rio Juruá) é menor a porção escurecida da mandíbula correspondendo precisamente a 2/5 de seu comprimento; isso está ainda longe do que acontece com as aves da alta Amazônia (leste do Equador e do Peru) conhecidas como *P. ruber nigricinctus* Lawr., (1) nas quais, segundo Hellmayr, (2) só a ponta da mandíbula é escura (1 a 2 mils.).

(1) — *Phaethornis ruber nigricinctus* Lawrence, 1858, Ann. Lyc. N. H. New York, VI, p. 260: Equador.

(2) — Nevit. Zool., XIV, p. 75 (1907).

Nossos exemplares do Juruá e de Itacoatiara possuem as partes inferiores mais claras do que os de Macapá e Belém; dois exemplares do sul de Goiás (Rio das Almas, Rio Claro) estão todavia aproximadamente no mesmo caso, com a diferença porém de terem as rectrizes centrais mais alongadas e com extensa porção terminal branca, em vez de acanelada ou ferruginosa. De qualquer maneira é muito difícil reconhecer em todo território brasileiro mais do que uma raça na espécie.

Campylopterus largipennis largipennis (Boddaert)

Trochilus largipennis Boddaert, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 4 (baseado em Daubenton, Pl. enlum. 672 fig. 2): Cayenne..

Um exemplar de Rio Vila Nova (Macapá), sem indicação de sexo, col. por Lasso em 18 de agosto de 1936.

Este é provavelmente o mais oriental dos registros conhecidos para a raça típica de *C. largipennis*. Sua distribuição no Brasil alcança portanto toda a margem septentrional do baixo Amazonas, desde o estuário até, pelo menos, a região de Itacoatiara, representada na coleção do Departamento de Zoologia por duas ♀ ♀ desta cidade e diversos espécimes (4 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀) do Igarapé Anibá.

Glaucis hirsuta hirsuta (Gmelin)

Trochilus hirsutus Gmelin, 1788 Syst. Nat., I, pte 1, p. 490 (baseado primordialmente em *Polytmus brasilianus* de Brisson): "Brasilia" (como pátria típica sugiro Pernambuco, ex Marcgrave, Guianumbi, 4ta. species).

1 ♀ imatura de Vila Nova (Macapá), col. por Lasso em 13 de agosto de 1936.

A ♀ de Macapá (margem septentrional do estuário amazônico) tem as partes superiores verde-bronzeadas, como nos exemplares que temos da zona de Belém. Entre estes últimos merece destaque um ♂ adulto, colecionado na própria cidade pelo sr. Fr. Queiroz Lima em 24 de agosto de 1925; nele as partes superiores são intensamente bronzeadas, com reflexos cúpreos não observados em nenhum outro da coleção em estudo. Numa pequena série de João Pessoa, no alto Rio Juruá (3 ♂ ♂ e 1 ♀), embora haja variação individual bastante sensível, os reflexos brônzeos são muito mais atenuados, o mesmo acontecendo com uma ♀ de Itacoatiara. As partes superiores são também fortemente bronzeadas nos nossos exemplares do Brasil central (Goiás, Mato-Grosso) e meridional (S. Paulo).

Nas aves amazônicas há de ordinário abundante mescla de verde nas partes inferiores; nossos exemplares de Mato-Grosso (1 ♂ de Rondonópolis) e de Goiaz (1 ♂ do Rio das Almas), têm pelo contrário o lado ventral muito mais claro, côr de ferrugem. Não obstante, uma ♀ de João Pessoa se assemelha decididamente aos últimos sob êste particular. A mesma variabilidade se observa nos outros caracteres, tendo-me falhado tôdas as tentativas para descobrir diferenças raciais nas populações brasileiras da espécie.

O primeiro naturalista a dar descrição satisfatória dêste beija-flor foi Marcgrave, citado por Brisson (Orn., III, p. 670); todavia, não parece que o último, ao descrevê-lo, se tenha baseado exclusivamente no seu antecessor, pois há na sua descrição pormenores que não aparecem na noticia dada pelo naturalista do período holandês.

MEDIDAS (adultos, em milímetros)

	asa	cauda
N.º 20.089, ♂, João Pessoa (Rio Juruá)	63	40
23.290, ♂, „ „ „ „	63	41 ½
20.088, ♂, „ „ „ „	63	43
23.294, ♂, „ „ „ „	58	34 ½
— ♂, Macapá (baixo Amazonas)	54	33
16.127, ♂, Belém (leste do Pará)	61	38
11.069, ♂, Utinga (pto. de Belém)	62	41 ½
18.144, ♂, Tapera Pernambuco	59	39 ½
6.302, ♂, Espírito Santo	63	40
24.886, ♂, Rio Piraciçaba (Minas Gerais)	60	37
2.169, ♂, São Sebastião (São Paulo)	63	39
15.498, ♂, Rio das Almas (Goiaz)	64	40

Thalurania furcata furcatoides Gould

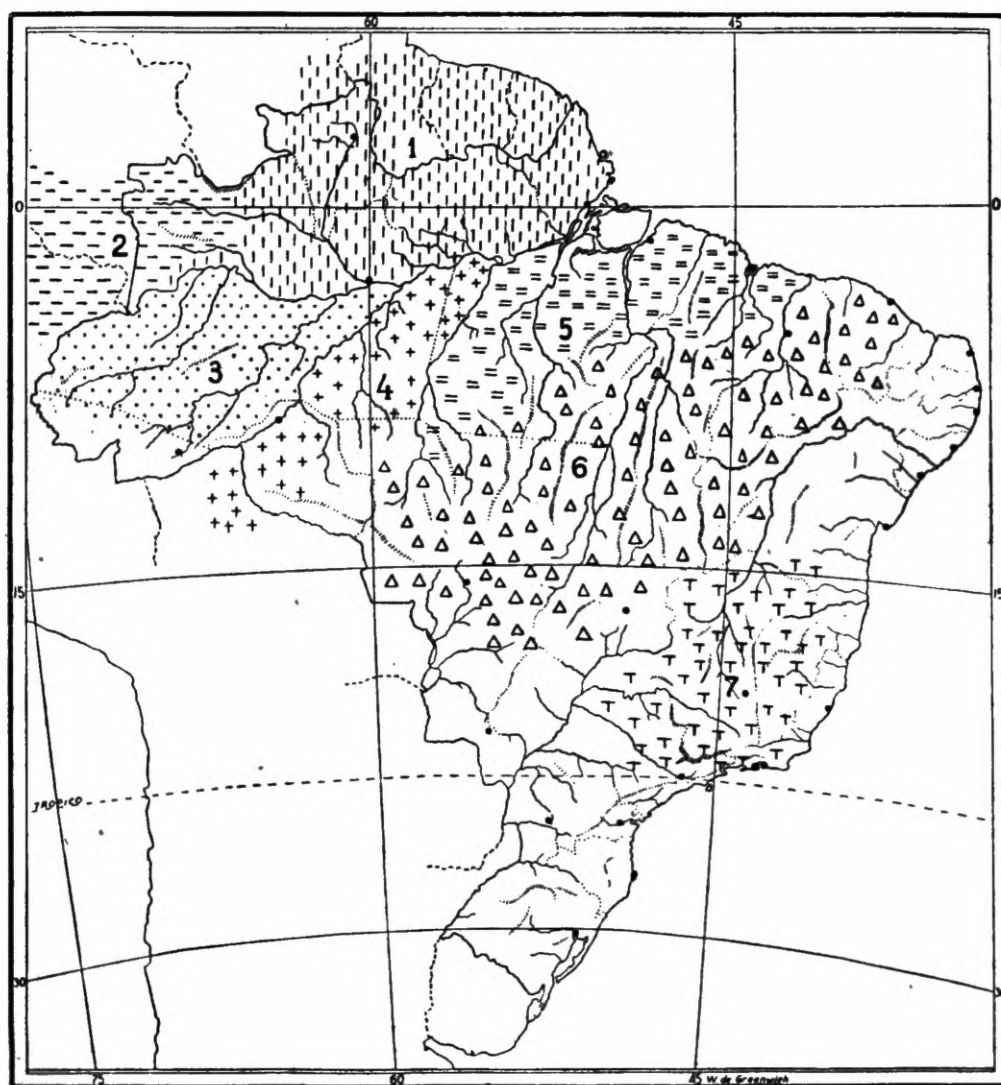
Thalurania furcatoides Gould, 1881, Introd. Trochil., p. 77. "Pará and the lower part of Amazon" (pátria típica aceita, Belém).

1 ♂ e 1 ♀ do Rio Anapu (Portal, margem direita do baixo Amazonas), colecionados por Lasso em novembro de 1938; 1 ♂ de Aramaná (baixo Tapajós, margem direita), obtido por Lasso em 4 de outubro de 1932.

Conforme o observara Hellmayr vezes repetidas, (1) são muito fracos e variáveis os caracteres em que se apoia a separação das aves do sul e leste do baixo Amazonas, como raça diferente da forma

(1) — Cf. Novit. Zoologicae. XIII. p. 377 (1906); Abh. K. Bayer. Akad. Wissensch. Mathem. physik. Klasse, XXVI, Abh. 2, p. 54 (1912); Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 392 (1929)..

típica, cuja distribuição se estende da margem septentrional às Guianas. Não obstante, em *Th. furcata furcatoides* os δ δ diferem dos de *Th. furcata* (1) pela bifurcação um pouco menos profunda da cauda (6 a 8 milímetros de diferença entre o comprimento das retrizes laterais e centrais, em vez de 11 a 12 milímetros), pelo bico quase sempre mais longo e pela freqüente interrupção da faixa violácea no trecho médio das costas. No δ de Aramanai, como num cutro de Santarém (No. 20.117), as grandes coberteiras inferiores da cauda são brancas, ou apenas levemente escurecidas no meio,



Distribuição geográfica das raças de *Thaluranina furcata* Gmel.

- | | |
|---|--|
| 1. <i>Th. furcata furcata</i> (Gmel.) | 5. <i>Th. furcata furcatoides</i> Gould. |
| 2. <i>Th. furcata nigrofasciata</i> (Gould) | 6. <i>Th. furcata baeri</i> Hellmayr |
| 3. <i>Th. furcata simoni</i> Hellmayr | 7. <i>Th. furcata eriphile</i> (Lesson) |
| 4. <i>Th. furcata balsani</i> Simon | |

(1) — *Trochilus furcatus* Gmelin, 1788, Syst. Nat. I, 1, p. 486 (com base primordialmente em Brisson, Orn., III, p. 732): Cayenne (excl. Jamaica e Brasil).

pelo que se aproximam dos da margem ocidental do Tapajós, a partir de onde *T. f. furcatoides* cede o lugar a *Th. furcata balzani* Simon, (1) raça cuja principal característica é, na descrição dos autores, a alvura imaculada das infracaudais. (2) Num ♂ de Utinga, subúrbio de Belém, as infracaudais são intensamente tismadas de escuro, com lustro azul, à semelhança do que acontece em três ♂♂ do norte do Maranhão (Miritiba), até onde é corrente estender-se a área de *Th. f. furcatoides*. No ♂ de Portel, localidade praticamente equidistante de Belém e do Rio Tapajós, as infracaudais têm tôdas a parte central mais ou menos sombreada de escuro, demonstrando a maneira gradual pela qual se modifica de oeste para leste o caráter de que nos ocupamos. São imprecisos os limites da área geográfica de *Th. f. furcatoides*, tanto para leste como para o sul, onde passa a ser substituída respectivamente por *Th. f. eriphile* e *Th. f. baeri*, (3) ambas diferentes pelo colorido verde-metálico, smelhante ao da garganta, e da parte dianteira do píleo. Concordo todavia com Hellmayr em excluir o Piauí da área de *Th. f. furcatoides*; um ♂ do Rio Parnaíba (Santa Filomena), sem possuir a fronte verde brilhante dos de Goiás (Rio das Almas, Inhumas, Rio Claro) e Mato-Grosso (Sto. Antônio, Rio Aricá, Palmeiras), tem a testa, quando olhada de frente e sob iluminação direta, intensamene lustrada de reflexos bronzeados e cúpreos, ao em vez de pardo-escurecida e fosca, como nos do norte do Maranhão e de leste do Pará.

A literatura ornitológica parece não registrar a ocorrência da espécie no Ceará, de onde uns vinte anos atrás o snr. Fr. Dias da Rocha enviara ao Museu Paulista um ♂ (No. 9.824 da col. do Depart. de Zool.), com o rótulo de Fortaleza. A determinação dêste exemplar é das mais embaraçosas, visto que êle se assemelha muito fielmente aos da região de Belém, não mostrando o menor indício da placa frontal verde metálica característica, que já leva a referir as aves do sul do Piauí e região adjacente do Maranhão a *Th. f. baeri*.

(1) — *Thalurania balzani* E. Simon, 1896, Novit. Zool., p. 259: "Yungas de Bolívia". James Bond & Rod. Schauensee (Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., 1943, p. 204) informam que os exemplares de Yungas as infracaudais são sempre escuras, pelo que admitem tenha havido erro quanto à procedência atribuída ao exemplar remetido a Simon pelo Dr. Balzan. Em consequência, propõem como pátria típica da raça Reyes, no Rio Beni.

(2) — V. HELLMAYR, Novit. Zool. XVII, p. 376 (1910).

(3) — *Thalurania furcata baeri* Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Club, XXI, p. 27: Goiás (cidade de); Novit. Zool., XV, p. 75 (1903). Ocupei-me também desta raça na Rev. do Mus. Paulista, tomo XX, pág. 66 (1937); de então para cá a nossa coleção cresceu consideravelmente, incluindo numerosa série das proximidades de Cuiabá (Fazenda Palmeiras e Rio Aricá), Estado de Mato-Grosso.

Todos os beija-flores caudifurcados de garganta verde-esmeralda e peito safirino lucram em ser tratados como raças geográficas de uma mesma espécie; destas raças, sete pelo menos ocorrem em território brasileiro, conforme discrimina o esquema abaixo, resumo do que se encontra na dispersa literatura do assunto, acrescido dos dados de observação própria. Neste esquema só se tomaram em consideração os caracteres dos ♂♂, visto que as ♀♀ são frequentemente indistinguíveis.

A	}	infracaudais inteiramente pretas, com forte lustro metálico azul-ferrete	B
		infracaudais brancas, ou marginadas de branco em maior ou menor extensão	C
B	}	o verde-metálico limita-se à garganta e confina diretamente com o violeta do peito em linha transversal reta (margem direita do Solimões, Rio Juruá) <i>Th. furcata simoni</i> Hellm. (1)	
		o verde-metálico da garganta prolonga-se em ponta pelo alto do peito, e é separado do violeta por estreita faixa preta, velutínea, mais ou menos distinta (margem septentrional do Amazonas peruano, leste do Equador, sudeste da Colômbia e região adjacente do Brasil)	<i>Th. f. nigrofasciata</i> (Gould) (2)
		a fronte, si examinada de frente (o bico da ave voltado para o observador) e sob iluminação direta, é pardo-escura e fosca, contrastando com o brilhante verde-metálico da garganta	D
		a fronte, examinada nas mesmas condições, é, em maior ou menor extensão, verde-metálica brilhante, como a garganta	E

(1) — *Thalurania furcata simoni* Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XIX, p. 8: Tefé (margem meridional do Rio Solimões); Novit. Zool., XIV, p. 77 (1907). Desta raça possui o Departamento de Zoologia 2 ♂♂ e uma ♀, adquiridos ao snr. Olalla (colec. em dezembro de 1936). Observam-se nos dois primeiros vestígios da faixa verde-azulada entre o verde da garganta e o violeta do peito, sugerindo transição com *Th. f. tschudii* Gould (Proc. Zool. Soc. Lond., 1860, p. 312), raça peculiar à região montanhosa do nordeste do Peru (vale de Chanchamayo etc.) ou *Th. f. boliviana* Boucard. (Gen. Humming Birds, 1894, p. 107), que só conheço através dos autores. Veja-se, a propósito, Gyldenstolpe, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXIII, N.º I, p. 105.

(2) — *Trochilus* (—?) *nigrofasciata* Gould, 1846, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 89: alto Rio Negro (noroeste extremo do Brasil).

- D { infracaudais, grandes e pequenas, completamente brancas, ou senão, excepcionalmente, com um disco sombrio na base (nordeste da Bolívia e trecho intermediário da margem meridional do Amazonas, do Rio Madeira à margem ocidental do Rio Tapajós) *Th. f. balzani* Simon
- { infracaudais com a parte central mais ou menos extensamente tismadas de preto, com lustro azul-ferrete ou verde-metálico F
- F { faixa violácea dorsal ininterrupta, cauda fundamente bifurcada (11 a 12 mils. de diferença entre as rectrizes laterais e centrais), bico relativamente menor (Guianas e margem septentrional do baixo Amazonas, do estuário até, provavelmente, Rio Negro) .. *Th. f. furcata* (Gmelin)
- { faixa violácea dorsal ordinariamente interrompida no meio, cauda menos bifurcada (de regra, 6 a 8 mils. de diferença entre as rectrizes laterais e centrais), bico geralmente um pouco menor (margem meridional do baixo Amazonas, da margem direita do Tapajós para leste, até o leste do Pará e o norte do Maranhão) *Th. f. furcatoides* Gould
- E { tamanho maior (59 a 62 mils. de asa); infracaudais grandes e pequenas com a parte central extensamente tismada de preto, com brilho metálico verde ou azul-ferrete (sudeste do Brasil, de Rio de Janeiro e Minas Gerais ao norte extremo de São Paulo) *Th. f. eriphile* (Lesson)
- { tamanho um pouco menor (52 a 56 mils. de asa); infracaudais inteiramente brancas, ou senão, as menores, escurecidas no centro por um pequeno disco azul-ferrete, ou verde-bronze (Brasil central, desde o sul do Maranhão e do Piauí até o interior da Bahia, todo o Goiás e a maior parte de Mato-Grosso) *Th. f. baeri* Hellmayr

Chlorestes notatus notatus (Reich)

Trochilus notatus G. C. Reich, 1795, em Magaz. Thierr., I, (3), p. 129 (baseado em Richard & Bernard, Catal. Ois. Envoyés de Cayenne par M. Le Blond, em Act. Soc. Hist. Nat. Paris, I, (1), p. 117, N.º 48: Cayenne.

1 ♂ de Piquiatuba (pto. de Santarém), col. por Lasso em 10 de set. de 1937 e uma ♀ de Aramanaí (margem direita do baixo Tapajós, pouco acima de Santarém), obtida pelo mesmo colecionador em 11 de outubro de 1932.

Afora um ♂ e duas ♀♀ de Santarém colecionadas em janeiro de 1903 por E. Garbe, o baixo Amazonas está ainda representado no material à minha disposição por exemplares de Itacoatiara, Obidos, Igarapé Boiuçu, Belém e arredores (Utinga). Comparando os ♂♂ destas diferentes localidades paraenses com um de Trinidad e outro da Colômbia, tidos como legítimos exemplos da forma típica, não fui capaz de encontrar as diferenças em que se apoiaram Griscom & Greenway (1) para separar as populações amazônicas, por êles englobadas com as de leste do Brasil sob o nome de *Chlorestes notatus cyanogenys* (Wied); (2) o saliente contraste violeta do mento com o verde da garganta e demais partes inferiores, que se supõe peculiar à forma típica dissipa-se completamente nos nossos exemplares de Trinidad e Colômbia quando examinados sob adequada incidência de luz. Pode-se reconhecer nas partes inferiores dos ♂♂ amazônicos maior quantidade de azul do que nos dois extrabrasileiros a que acabamos de nos referir. Dois ♂♂ de Manacapuru (norte do baixo Solimões) concordam com os do Tapajós, tanto na quantidade de azul do peito, como na tonalidade do verde das partes superiores. Os da região de Belém já diferem sensivelmente sob êste último particular, vendo-se nas costas, principalmente no baixo dorso, abundância de reflexos dourados e brônzeos. Êste traço se acentua consideravelmente nas aves de leste do Brasil, representadas em nossa coleção por um ♂ de Caravelas (sul da Bahia) e 3 ♂♂ (e uma ♀) de Guarapari (Espírito Santo), justificando a sua separação sob o nome proposto pelo príncipe de Wied.

Não possuo, infelizmente, peles do Rio Purus, pátria de *Chlorostilbon puruensis* (Riley), (3) nem tampouco do Rio Juruá, de onde Gyldenstolpe (4) obteve numerosa série; não obstante, parece-me sobremodo discutível venham a constituir raça diferente das do baixo Amazonas e Guianas.

Chrysolampis elatus (Linnaeus)

Trochilus elatus Linnaeus, 1766, Syst. Nat., I, p. 192 (com base em Edwards, Glean. Nat. Hist., pl. 344, fib. superior, "Ruby-crested Humming-Bird"): "in India orientali," errore (= Cayenne, pátria do tipo, *vide* Edwards). (5)

(1) — Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 174 (1941).

(2) — *Trochilus cyanogenys* Wied, 1832, Beitr. Naturges. Bras., IV, pag. 70: "in den von mir bereis'ten Gegenden von Brasilien"...

(3) — *Chlorostilbon puruensis* Riley, 1913, Proc. Biol. Soc. Wash., XXVI, p. 63: Hiutanã (Rio Purus, margem esquerda).

(4) — NILS GYLDENSTOLPE, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, p. 77 (1945).

(5) — Cf. BERLEPSCH, Novit. Zool., XV, p. 264 (1908).

1 ♂ adulto do Rio Arapiuns (margem ocidental da boca do Tapajós), col. por Lasso em 4 de junho de 1937.

Não conheço outras localidades em que esta espécie tenha sido registrada no baixo Amazonas além de Santo Antônio do Prata (1) (a leste de Belém) e proximidades de Óbidos. (2) Snethlage (3) refere exemplares de "Pará", sem nada acrescentar quanto à sua procedência exata, que seria provavelmente a região de Belém. O ♂ por mim trazido do Museu Paraense era o único de sua espécie encontrado na coleção organizada após a saída de Mme. Snethlage. Deve-se, ao que parece, ter este beija-flor como raro no Estado do Pará, a despeito de sua vasta distribuição nos países mais septentrionais da América do Sul. E', pelo contrário, bastante comum na generalidade dos Estados litorâneos do nordeste brasileiro, até o Recôncavo da Bahia, (4) onde os plumaceiros, até época recente, o faziam objeto de intenso e ruinoso comércio. Não é conhecido no Estado do Amazonas, mas aparece com freqüência em Goiaz (Jaruá) (5) e Mato-Grosso (Chapada, Cuiabá, etc.). O limite meridional de sua dispersão no interior do Brasil alcança o sul de Minas Gerais, de onde J. B. Godoy enviara em 1905 ao Museu Paulista um ♂ adulto obtido em Mariana.

Heliothrix auritus auritus (Gmelin)

Trochilus auritus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 495 (baseado antes de tudo em "Mellisuga Cayanensis major" de Brisson, Orn., III, p. 722): Cayenne.

1 "♂" do Rio Vila Nova (Macapá), Lasso col., 7 de maio de 1936.

O exemplar, possivelmente um ♂ jovem, em tudo se assemelha a uma ♀ do Igarapé Anibá, região de Itacoatiara. Em território brasileiro a raça se restringe à margem septentrional do Rio Amazonas e conta com muito poucas notificações entre nós. Um ♂ de Codajaz (no. 15.949), na margem septentrional do Solimões, tipicamente um exemplar adulto de *H. auritus auritus*, raça cuja principal característica reside em ter o mento, como a garganta, inteiramente brancos; mas é antes embaraçante um espécime de Murutucu (No. 16.113), subúrbio de Belém, que geograficamente deve pertencer a

(1) — HELLMAYR, Novit. Zool., XIII, p. 377 (1906). A indicação de Surinam para pátria da espécie, fica sem efeito por motivos óbvios.

(2) — GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 177 (1941).

(3) — E. SNETHLAGE, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 200 (1914).

(4) — PINTO, Rev. Mus. Paul. XIX, p. 141 (1935).

(5) — PINTO, ed. cit., XX, p. 68 (1936).

H. a. phainolaema, (1) mas não possui, talvez por juvenildade, nenhum sinal de verde na garganta, traço característico desta raça, sendo, pelo contrário, extrema a sua semelhança com o nosso exemplar de Macapá.

Topaza pella pella (Linnaeus)

Trochilus pella Linnaeus, 1758, Syst. Nat., I, p. 119 (baseado em "Meliivora major rubra, cauda, longa" de Edwards, Orn., I, tab. 32, fig. infer.): "in Indiis", errore (pátria típica Surinam, ex Edwards).

1 ♂ de Macapá (Rio Vila Nova), margem septentrional do estuário amazônico, colecionado por Lasso em 16 de abril de 1936.

E' o primeiro exemplar brasileiro da espécie que entra para a nossa coleção, faltando-lhe as duas longas rectrizes submedianas tão características da espécie, o que já Gould (2) interpretava como indício de imaturidade. Comparado com um ♂ de Macapá, difere um pouco pela tonalidade menos cúprea (mais esverdeada) do dorso e das coberteiras superiores das asas; mas tenho pouca dúvida em que mereça referir-se à forma típica da espécie, uma vez que o comprimento do bico (quase 27 milímetros) chega a ultrapassar o que se observa tanto no ♂ da Guiana Inglesa (25 mils.) como no de Caiena (24 mils.).

Não tenho, infelizmente, ao meu alcance a descrição de *T. pella microrhyncha* Butler, (3) que pelo nome é de supôr-se tenha o comprimento menor do bico como caráter importante; mas a êste respeito são instrutivas as medidas dadas por Hellmayr (4) para uma ♀ de Ipitinga (leste de Belém), cujo bico não excedia a 23 milímetros.

A literatura ornitológica é muda quanto à ocorrência da espécie ao norte do Rio Amazonas, parecendo ser esta a primeira notificação da forma típica em território brasileiro. A raça este-paraense, pelo contrário, conta com numerosos registros, quase todos das cercanias de Belém. (5)

(1) — *Heliothrix phainolaema* Gould, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 87: "Rio Napo", errore — Hellmayr, Novit. Zool., XII, 1905, p. 297) subst. per "Para" (= Belém).

(2) — GOULD, Monograph of the Trochilidae, vol. II, texto da prancha 66 (1856).

(3) — *Topaza pella microrhyncha* Butler, 1926, Brit. Ornith. Club, XLVI, p. 56: Uttinga (= Belém, subúrbio).

(4) — Abhl. K. Bayer. Akad. Wissens. Mathem. - physik. Kl., XXVI, abh. 2, p. 55 (1912).

(5) — Afora SNETHLGE, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 201 (1914), v. W. STONE, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 158; (1928); cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXX VIII, p. 178 (1941).

Familia TROGONIDAE

Trogon violaceus ramonianus Deville & Des Murs

Trogon Ramoniana Deville & Des Murs, 1849, Rev. et Magaz. de Zool., (2), I, p. 331: "la mission de Sarayacu, Pampa del Sacramento" (leste do Peru).

1 ♂ adulto de Piquiatuba, perto de Santarém (margem direita da boca do Tapajós), colecionado por Lasso em 12 de setembro de 1937. Medidas: asa 111 mils., cauda 119 mils., culmen 16 mils.

O lado superior das asas é completamente preto no presente exemplar, corroborando a observação de Gyldenstolpe, (1) que tendo à disposição material relativamente abundante da margem meridional do médio e baixo Amazonas (Rio Tapajós, baixo Madeira, alto Juruá) reconheceu, muito acertadamente ao meu ver, o nenhum valor da presença ou ausência de chuveiro branco nas coberteiras superiores e nas secundárias, como caráter racial. Em nossa coleção a espécie está ainda representada por um ♂ adulto do Rio Atabani (margem septentrional do Amazonas, próximo de Itacoatiara) e outro de São Gabriel (alto Rio Negro), pertencentes ambos, segundo penso, a *Trogon violaceus violaceus* Gmel. (2). Diferem eles visivelmente do de Piquiatuba pela conformação do culmen, que é arredondado, ao em vez de saliente e comprimido em aresta viva, como no último, atestando a existência reconhecida de duas variedades geográficas nitidamente caracterizadas por este caráter, uma ao norte e outra ao sul do Rio Amazonas.

No ♂ do Rio Atabani as asas apresentam um pontilhado branco muito acentuado; mas no de São Gabriel elas são inteiramente de-negridas como no de Piquiatuba, pelo que se conclui que a presença de chuveiros ou vermiculações brancas nas secundárias e coberteiras superiores é nas aves do norte do Rio Amazonas tão destituída de significado zoogeográfico como nas da margem meridional.

Afigura-se-me extremamente problemática a separabilidade de uma raça este-peruana sob o nome dado por Deville & Des Murs e outra paraense, seja como *Trogon violaceus crissalis* (Cabanis &

(1) — GYLDENSTOLPE, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl, N.º 3, p. 38 (1945).

(2) — *Trogon violaceus* Gmelin, 1788, Syst. Nat. I, 1a. pte., 2, 404 (ex KOELREUTER, Nov. Act. Petrop., II, p. 436, n.º 7, tab. 16, fig. 8): Surinam.

Heine) (1) seja como *Tr. v. goeldii* (Ridgw.), (2) o que me leva a acompanhar em tôda linha o modo de ver esposado há muitos anos por Hellmayr (3) e confirmado em época recente por Todd. (4)

Trogon rufus amazonicus Todd

Trogon rufus amazonicus Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 11: Vila Braga (margem ocidental do Rio Tapajós).

Trogon atricollis atricollis Hellmayr, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 380 (Prata).

Trogon rufus (5) Sneath, 1914, Bull. Mus. Goeldi, VIII p. 208 (Rio Tapajós, Rio Guamá).

Trogon curucui sulphureus Griscom & Greenway (não *Trogon sulphureus* Spix), 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 180 (Rio Tapajós, Santarém, Belém, Benevides).

Um ♂ adulto do Rio Arapiuns (margem ocid. do baixo Tapajós), colecionado por Lasso em 9 de junho de 1937.

Há a maior divergência entre os autores no tocante às raças de *Trogon rufus* e sua adequada caracterização. Isso decorre, sem a menor dúvida, da insuficiência de material e das variações a que estão sujeitos os indivíduos da espécie.

E' corrente admitir-se que as aves da margem meridional do baixo Amazonas constituam raça diferente da forma típica, cuja distribuição se estende das Guianas à margem septentrional do mencionado rio. Griscom & Greenway, (6), não encontrando diferenças entre os ♂♂, distinguem a raça meridional apenas pelas ♀♀, em que julga reconhecer um número menor (2 a 3, em vez de 5 a 8) de faixas pretas entre a área basal preta da barba interna da rectriz externa e a extremidade branca da dita. Entretanto, a inconstância

(1) — *Aganus crissalis* Cabanis & Heine, 1863, Mus. Heineanum, IV, p. 190: "Bahia" errore (pátria típica aceita Belém do Pará). O tipo da espécie era uma pele comercial adquirida pelo museu de Heine a Verreaux, de Paris, sendo muito plausível um erro na indicação de procedência, visto que a espécie nunca foi colecionada fora da Amazônia. Há anos (Rev. Mus. Paul., XX, 1936, p. 232), por deficiência de material, determinei erroneamente como *Chrysotrogon ramonianus crissalis* (Cab. & Heine) um ♂ adulto de Santarém, que depois reconheci como pertencente a *Trogon rufus* Gmein.

(2) — *Chrysotrogon ramonianus goeldii* Ridgway, 1911, Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. 5a., p. 786: Pará (= Belém). Entra na sinonímia de *A. crissalis* Caban. & Heine, uma vez retificada a pátria típica do último. Vejam-se a este propósito as considerações de Griscom & Greenway em Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 182 (1941).

(3) — Abh. K. Bayer. Akad. Wissens. Mathem. - physikal. Kl., XXVI, Abh. 2, p. 61 (1912).

(4) — Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 12 (1943).

(5) — *Trogon rufus* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 404 (baseado em Buffon e Daubenton, pl. enlum. 736, "Couroucou à queue rousse de Cayenne").

(6) — Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 180 (1941).

desta diferença foi verificada por Todd, (1) para quem a separação das duas formas deve antes basear-se em diferenças de colorido entre os ♂♂, cujas rectrizes medianas são na raça sul-amazônica "glossed with bronze, instead of green or blue, as in the nominate form". No material que tenho à disposição não existe nenhuma ♀, quer do norte, quer do sul do baixo Amazonas, sendo-me assim impossível acrescentar qualquer coisa ao que dizem sobre elas os autores há pouco citados.

Quanto às diferenças apontadas por Todd entre os ♂♂, embora me falte também material da margem septentrional, parece-me difícil que elas sejam bastante claras e constantes para fundamentar o reconhecimento de duas raças geográficas. No que respeita pelo menos às aves do baixo Tapajós, a observação demonstra que o colorido das rectrizes centrais varia entre limites extremamente largos, pois enquanto no ♂ do Rio Arapiuns êle é verde-azulado, como se descreve nos ♂♂ da raça típica, num ♂ de Santarém (No. 15.953), adquirido ao snr. Olalla, é êle intensamente lustrado de bronze. Por tudo isso, é com alguma relutância que aceito a raça descrita por Todd e a ela refiro os nossos exemplares do Rio Tapajós. Acresce ainda a circunstância de que no ♂ de Santarém, ao contrário do que era de esperar, as rectrizes centrais são muito mais bronzeadas do que no do Rio Arapiuns, localidade da margem ocidental do baixo Tapajós, a partir de onde já se poderia admitir os indícios de uma transição com a raça mais ocidental adiante mencionada.

Um ♂ do Rio Eiru (Rio Juruá), difere dos do baixo Amazonas pela côr decididamente cobreada das rectrizes centrais, caráter suficientemente constante nas aves do alto Amazonas para justificar a sua separação sob o nome de *Trogon rufus sulphureus* Spix, (2) de que *Trogon rufus devillei* (Cabanis & Heine) (3) me parece mero sinônimo. Estou pronto a acompanhar ainda Todd quando amplia a distribuição de *Tr. r. sulphureus* até a porção mais baixa do Solimões, representada em sua coleção por exemplares de Manacapuru; não obstante, no ♂ adulto desta última localidade (No. 16.624) existente em nossa coleção, as rectrizes centrais são muito mais claras, antes brônzeas do que cúpreas, o que o torna, sob êste particular,

(1) — Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. II, (1943).

(2) — *Trogon sulphureus* Spix, 1924, Av. Ncv. Bras., I, p. 48, tab. 38, fig. I (macho): "in sylvis Tabatingae" (margem norte do alto Solimões).

(3) *Aganus devillei* Caban. & Heine, 1863 (Mus., IV, p. 191, nota margin.), nome novo para *Trogon meridionalis* Deville & Murs, 1849 (nec Swainson, 1837), Rev. Magaz. Zool., (2), I, p. 333: Santa Maria (norte do Rio Marañon, perto de Pebas, norte do Peru).

perfeitamente semelhante ao ♂ de Santarém. Isso explica que Griscom & Greenway tenham preferido estender a área de *sulphureus* à tôda a margem meridional do baixo Amazonas, o Rio Tapajós inclusive.

Comparadas com as do Amazonas e Pará, as aves do Brasil meridional diferem pelo tamanho bem maior em média, justificando a sua separação como boa raça sob a denominação de *Trogon rufus chrysochlorus* Pelzeln. (1). Os limites septentrionais desta raça é questão embaraçosa, visto o caráter gradual da aludida diferença e as apreciáveis variações individuais de tamanho verificadas em quaisquer populações da espécie; não obstante, na tabela de medidas que abaixo se segue, há forte sugestão para que sejam êles fixados no Estado de Espirito Santo.

Não foi ainda encerrada a discussão em tôrno do nome da espécie. Seguindo a opinião de Ridgway, (2) autores há, como Griscom & Greenway, que persistem em reconhecê-la em *Trogon curucui* Linnaeus, sob o fundamento, eminentemente contestável, de que o autor do Systema Naturae se teria baseado exclusivamente sobre a descrição e figura do "Yellow-bellied Green Cuckow" de Edwards, espécie cuja identidade já de si é muito duvidosa, como já o demonstrara Zimmer. (3) Penso, porém, que a razão está com Hellmayr (4) e Todd, para quem a espécie lineana se baseia essencialmente em "Curucui" de Margrave, e a adoção do nome dêste último pelo naturalista sueco não é para mim, neste caso, argumento de pouca importância. Restaria então decidir sobre a identidade da ave descrita por Marcgrave, ponto em que mais uma vez divergem as opiniões, uns querendo ver ainda nela o surucuá de ventre amarelo atualmente sob discussão, e outros supondo-a uma espécie de barriga vermelha, seja *Trogon collaris* Vieillot, como pensa Hellmayr, seja *Trogon variegatus* Spix, como prefere Zimmer admitir. Do rigoroso estudo a que Ad. Schneider (5) submeteu a estampa original do "Curucui", parece ter ficado fora de dúvida que ela representa uma espécie de ventre vermelho, como aliás se depreende da própria descrição de Marcgrave. Não admira que Lineu, desconhecendo a ave,

(1) — *Trogon chrysochlorus* Pelzeln, 1856, Sitz. Akad. Wiss., XX, pp. 496 e 505: Ipanema (prov. de S. Paulo).

(2) — Bull. Un. St. Nat. Mus., I, pte V, p. 764, nota a (1911).

(3) — Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XVII, p. 295 (1930).

(4) — Abh. K. Bayer. Akad. Wissens., II Kl. XXII, p. 596 (1906).

(5) — Journ. fur Ornith., LXXXVI, p. 91 (1938).

e provavelmente também a figura original, houvesse dito de sua espécie "subtus fulvus", traduzindo como lhe pareceu melhor o qualificativo *miniatus* usado pelo autor da *Historia Naturalis Brasiliae*. Para Schneider, a falta na estampa de Marcgrave da faixa peitoral branca de *Tr. collaris* permite identificar com segurança o "Curucui" a *Trogon variegatus* Spix.

MEDIDAS (em milímetros)

N.º	Sexo	Localidade	asa	cauda	culmen
16.624	♂	Manacapuru (Amazonas)	108	151	17 ½
21.471	♀	Silves	109	149	15
21.076	♀	Itacoatiara	113 ½	150	16 ½
21.651	♂	Sta. Cruz, Rio Eiru (Amazonas)	116 ½	156	17 ½
3.530	♀	Rio Juruá (Amazonas)	108 ½	143	16
20.943	♀	Rio Atabani	109 ½	141	16
15.953	♂	Santarém (Pará)	109	142	15
—	♂	Rio Arapiuns (Pará)	109 ½	164	16
14.102	♂	Rio Jucurucu (Bahia)	108 ½	144	16
6.385	♂	Estado do Espírito Santo	113 ½	151	16 ½
28.074	♂	Rio S. José (Espírito Santo)	112	148 ½	17
25.101	♂	Rio Doce (Minas Gerais)	117	155 ½	17
25.099	♀	" " " "	115	156	17
25.100	♂	" " " "	120	166 ½	17 ½
25.098	♂	Barra do Piracicaba (M. Gerais)	112	138 ½	16
25.097	♂	S. José da Lagoa " "	115	148	17 ½
27.273	♂	Serra da Bocaina (S. Paulo)	113	148 ½	16
27.274	♀	" " " "	119	165	17
2.332	♀	S. Sebastião " "	118 ½	167	17
31.538	♂	Boracéia " "	120	163	17 ½
10.554	♂	Itutinga, Santos " "	120	162	17
770	♂	Rio Grande, S.P.R. " "	120	155	17
771	♀	" " " " " "	119	160	15 ½
4.965	♂	Itapura (São Paulo)	122	158	17 ½
12.499	♂	Valparaiso (São Paulo)	120	151 ½	17
12.500	♀	Valparaiso " "	124 ½	160	17
26.509	♂	Lins " "	116	154	18
12.754	♂	Porto Tibiriçá (São Paulo)	116	155	18
29.293	♂	Rio Paranapanema " "	120	151 ½	17
24.419	♂	Juquiá " "	118 ½	160 ½	17
24.420	♀	" " " "	118	157	16 ½
24.429	♀	" " " "	120	157	17
11.643	♂	S. Miguel Arcanjo " "	113	160	17 ½
2.333	♀	Iguape " "	123	164	16
14.980	♀	Cananéia " "	125	160	17
14.981	♂	" " " "	119	151?	17

Trogon strigilatus strigilatus Linnaeus

* *Trogon strigilatus* Linnaeus, 1766, Syst. Naturae, 12a. ed., I, p. 167 (baseado exclusivamente em *Trogon cayanaensis cinereus* de Brisson, Orn., IV, p. 165, pl. 16, fig. 1): Cayenne. (1)

Trogon viridis Linnaeus, 1766, Syst. Nat., 12a. ed., I, p. 167 (baseado em *Trogon cayanaensis viridis* de Brisson, Orn., IV, p. 168, pl. 17, fig. 1): Cayenne.

1 ♂ e 1 ♀ de Macapá, colecionados por Lasso, respectivamente em 29 de março e 20 de agosto de 1936.

Excetuados os Estados do nordeste, nada menos de 70 exemplares representam atualmente nas coleções do Departamento de Zoologia tôdas as populações brasileiras da espécie. Nesta copiosa série aprecia-se com nitidez o tamanho maior das aves do sul do Brasil, em confronto com as do Amazonas e Pará, confirmando a observação de Griscom & Greenway, (2) que propuseram separá-las em raça particular sob a denominação de *Trogon strigilatus melanopterus* Swainson, (3) fixando-lhes, ipso facto, a pátria típica na Bahia. Como tôda vez em que o progresso no tamanho marcha gradativamente, é-se forçado a aceitar uma linha divisória mais ou menos convencional, tomando como base a expressão média das medidas acusadas pelas diferentes populações e os hiatos porventura existentes na sua distribuição espacial. Como o mostra a tabela anexa, os nossos exemplares da Bahia, abstraído o ♂ do Rio Jucuruçu, equivalem em tamanho aos da Amazônia; mas seu número é demasiado reduzido para opôr qualquer restrição às conclusões de Griscom & Greenway, que acusam para as aves do Estado em questão de 155 a 159 milímetros, ou sejam os mesmos valores encontrados, tanto nas de São Paulo e Rio de Janeiro, como nas do Espírito Santo e Minas Gerais. A mancha branca terminal das retrizes externas das ♀ ♀, que segundo aqueles ornitologistas seria mais reduzida nas aves de leste do Brasil, parece-me, pelo contrário, incapaz de fornecer elemento útil à caracterização das duas raças, mostrando-se su-

(1) — Correspondendo respectivamente à ♀ e ao ♂ de uma mesma espécie, *Trogon strigilatus* Linn., como de há muito observara Ridgway (Bull. Un. St. Mus., L. parte, pág. 757, nota), prevalece sobre *Trogon viridis* Linn., por precedência na mesma página.

(2) — Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 181 (1941).

(3) — *Trogon melanopterus* Swainson, 1838, Anim. in Menager., pte. III, n. 332: "Brasil". A separabilidade das aves de sudeste do Brasil foi apontada primeiramente por Ridgway, em Bull. Un. St. Mus., L. pte. V, p. 752, em nota margim. (1911).

jeita às mesmas pequenas variações, independentes do fator geográfico.

MEDIDAS (em milímetros)

Trogon strigilatus strigilatus

	asa	cauda	culmen
N.º 16.625, ♂, Manacapuru	138 ½	152 ½	24 ½
21.071, ♂, Rio Anibá	149	172	22
20.458, ♂, „ „	148	167	21 ½
21.021, ♂, „ „	144	156	22
21.025, ♂, „ „	143	165	21
21.444, ♂, „ „	143	157	22
20.741, ♀, „ „	140	156	21 ½
20.749, ♀, „ „	143 ½	169	22
22.383, ♀, Rio Atabani	140	161	22 ½
20.465, ♀, Itacoatiara	142	165	21
3.827, ♂, Rio Juruá	149	166 ½	3
3.524, ♂, „ „	143	167	22
20.486, ♂, João Pessoa (Rio Juruá)	142 ½	160	21 ½
20.689, ♂, „ „ „ „	147 ½	178	24
21.442, ♂, Sta. Cruz (Rio Eiru)	140	160	21 ½
21.961, ♂, Piquiatuba (Rio Tapajós)	141	155	22
20.715, ♀, João Pessoa	140	159	21
21.443, ♀, João Pessoa	140 ½	149	22
23.942, ♀, „ „ „ „	137	152	21 ½
21.652, ♂, Caxiricatuba „ „	137	150	21 ½
20.716, ♂, „ „ „ „	140	152 ½	22
20.942, ♂, „ „ „ „	141 ½	158 ½	23
21.055, ♂, „ „ „ „	147	159	22 ½
20.740, ♀, „ „ „ „	141	156	22
— ♂, Macapá	143	155 ½	23 ½
— ♀, „ „	139	158	22

Trogon strigilatus melanopterus

14.101, ♂, Rio Jucuruçu (Bahia)	151	169 ½	20
10.179, ♂, Belmonte „	146	153	22
14.100, ♀, Serra do Palhão „	140	153	20
6.381, ♂, Espírito Santo	141	162	21
6.384, ♂, „ „	156	161	2
28.075, ♂, Rio S. José (Espírito Santo)	153	163 ½	22
28.076, ♂, Chaves „ „	157	166 ½	22 ½
6.382, ♀, Espírito Santo	149	161	22
6.383, ♀, „ „	153	175	21
25.106, ♂, Rio Doce (Minas Gerais)	153	184 ½	24

					asa	cauda	culmen
25.114,	♂,	„	„	„	153 ½	168 ½	23
25.113,	♂,	„	„	„	150	170	22
25.104,	♂,	„	„	„	154	170	23
25.112,	♂,	„	„	„	152 ½	170	21 ½
25.111,	♂,	„	„	„	154	170 ½	23
25.110,	♂,	Rio Piracicaba	„	„	155	172	23
29.057,	♂,	„	„	„	157	175	23
25.109,	♂,	Barra do Sussuí (Minas Gerais)	„	„	148	155	23
25.102,	♀,	Rio Doce	„	„	151	171	23
25.105,	♀,	„	„	„	150	174	22 ½
25.103,	♀,	„	„	„	154	173 ½	23
31.601,	♀,	Ángra dos Reis (Rio de Janeiro)	„	„	150	170	22
27.355,	♀,	„	„	„	151 ½	173	22
31.600,	♀,	„	„	„	155	158	21 ½
29.553,	♂,	Ubatuba (São Paulo)	„	„	157	167	22
27.275,	♀,	Caraguatatuba (São Paulo)	„	„	150 ½	177	22
4.838,	♂,	Alto da Serra	„	„	156	168	23
10.984,	♀,	Cubatão	„	„	152	174	22
10.985,	♀,	„	„	„	156	177	21 ½
11.642,	♀,	São Miguel Arcanjo (São Paulo)	„	„	156	173	21
24.421,	♂,	Juquiá	„	„	148	165	22
24.422,	♂,	„	„	„	155	172	22
14.977,	♂,	Cananéia	„	„	150	175	22 ½
14.975,	♂,	„	„	„	153	176	22
14.973,	♂,	„	„	„	150	164	22
14.974,	♂,	Ilha do Cardoso	„	„	149	169	21 ½
14.979,	♀,	„	„	„	152	172	22
14.979,	♀,	„	„	„	150	170	21
31.008,	♂,	Iporanga	„	„	150	166	22 ½
31.007,	♂,	„	„	„	152 ½	169	22 ½

Trogon melanurus melanurus Swainson

Trogon melanurus Swainson, 1838, Anim. in Menager., III, p. 329: Demerara (Guiana Inglesa).

1 ♂ ad. de Piquiatuba (perto de Santarém), Lasso col., 4 de novembro de 1937 (asa 146 mils., cauda 141 mils., culmen 21 mils.); 1 ♀ do Rio Arapiuns (baixo Tapajós, marg. occid.), Lasso col., 10 de julho de 1937.

Como nos do alto Rio Negro (Taracua, Jauaretê) e norte do Rio Amazonas (Rio Atabani, Rio Anibá), a faixa branca peitoral é larga e nitidamente destacada no ♂ de Piquiatuba; o mesmo se verifica em dois outros exemplos do mesmo sexo e procedência existentes em nossa coleção (Olalla col., 13-III-937). Em 4 ♂ do alto Juruá (João Pessoa e Santa Cruz do Rio Eiru), a dita faixa é, pelo

contrário, muito estreita e às vezes mesmo apenas esboçada. Isso se harmoniza com a observação de Todd (1) sobre as aves do norte da Bolívia, parecendo justificar o reconhecimento de uma raça particular, não obstante esteja o referido caráter sujeito a grandes variações, como observa Gyldenstolpe. (2) Aos caracteres cuja variabilidade nos ♂♂ foi também apontada pelo primeiro, podemos acrescentar o colorido do dorso, onde se associam em proporção muito variável os reflexos violáceos e brônzeos, com decidida predominância ora de uns, ora de outros. No ♂ de São Luiz de Cáceres, o único que temos de Mato-Grosso, o colorido do abdome se destaca pela tonalidade mais clara, rósea ou salmão, aliás com algumas nódoas de alaranjado irregularmente distribuídas. A Sra. E. Naumburg (3) não encontrou, todavia, nenhuma diferença sob êste particular num ♂ do Rio Roosevelt; por outro lado, o tamanho de nosso exemplar (asa 154 mils., cauda 167, culmen 20) em nada se avantajava ao que é de regra, o que despe de qualquer significação as medidas excepcionais observadas no seu (asa 161,5; cauda 171,5; culmen 21,5) pela mencionada ornitologista. Num ♂ do Rio Juruá (N.º 3.522), colecionado por Garbe, a cor do abdome se assemelha à do de Cáceres, o que prova também o caráter individual da variação aludida.

Familia **ALCEDINIDAE**

Chloroceryle aenea aenea (Pallas)

Alcedo aenea Pallas, 1764, em Vroeg. Catal. rais. d'Ois. Adumbrat., p. 1, Nro. 54: Surinam,

Um ♂ ad. de Aramaná (baixo Tapajós, mar. direita), Lasso col. (1932).

A espécie, que é comum na Amazônia, ocorre, sem variação apreciável, nos Estados do centro e leste do Brasil, até Santa Catarina (Joinville); (4) não há contudo, ao que parece, nenhum registro de sua presença em todo o nordeste brasileiro, com exceção de Pernambuco.

(1) — Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 5 (1943).

(2) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXIII, p. III (1945).

(3) — Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 162 (1910).

(4) — E. UNDERDOWN, Auk, L, p. 323 (1933).

Família MOMOTIDAE

Momotus momota momota (Linnaeus)

Ramphastos momota Linnaeus, 1766, Syst. Nat., 12a. ed., I, p. 152 (com base em "Mcomot" de Willughby, Brisson, etc.): Cayenne (local. típica aceita, ex Brisson).

1 adulto, sem indicação de sexo, de Macapá (Rio Vila Nova), colecionado por Lasso em 27 de julho de 1936.

O exemplar corresponde perfeitamente à descrição da raça típica e combina com a maioria dos que temos da margem septentrional do baixo Amazonas (Óbidos, Lago Cuipeva, Igarapé Anibá, Rio Urubu); as partes inferiores são de um verde uniforme, com leve banho ocráceo; a nódoa castanha post-nucal é grande e nitidamente destacada. Das rectrizes centrais, só uma, a esquerda, é espatulada. Sabe-se, desde a observação de Bartlett, divulgada por O. Salvin, (1) que essa singular disposição, admiravelmente constante em algumas raças da espécie, é produzida pela própria ave, que arranca com o bico as barbas do trecho subterminal da pena. Na rectriz central direita do exemplar em estudo verifica-se que essa operação tinha sido apenas iniciada, com a extirpação de três barbas do pogônio externo. A julgar pela nossa série, a espatulação das rectrizes centrais é a regra nos adultos de *Momotus momota momota*, muito embora a Chapman (2) tenha parecido o contrário. É todavia possível que, sob este particular não aconteça com as aves da Guiana o mesmo que se observa nas do Brasil.

A distribuição de *M. m. momota* na margem norte do Amazonas alcança, a oeste, o Rio Negro, desde sua foz até, pelo menos, São Gabriel, de onde possuímos dois ♂♂ muito bem caracterizados (Camargo col., nov. e dez. de 1936). Um ♂ de Jauaretê, no Rio Uaupés (Camargo col., 2 de jan. de 1937), foi por mim anos atrás (3) referido indevidamente à raça guianense; afora a exiguidade da mancha preta coronal e outras diferenças de menor importância, dificilmente se lhe consegue descobrir qualquer indício de nódoa castanha, o que permite identificá-lo, com segurança, a *M. m. microstephanus* Sclater, (4) da Colômbia e Equador orientais. São

(1) — Proc. Zool. Soc. of London, 1873, p. 429. V. também A. Miranda Ribeiro, Bol. Mus. Nacional, VII, p. 75-76 (1931).

(2) — Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XLVIII, p. 40 (1923).

(3) — Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 508 (1937); id., XXII, p. 298 (1938).

(4) — *Momotus momota microstephanus* Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 185: Nova Granada (= Leste da Colombia).

assim justificados, apenas em parte porém, os comentários de Gyl-denstolpe (1) sobre este ponto.

Momotus momota simplex Chapman

Momotus momota simplex Chapman, 1923, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XLVIII, p. 44: Santarém (margem direita da boca do Tapajós).

1 ♂ de Piquiatuba (proximidades de Santarém), colecionado por Lasso em 6 de setembro de 1937.

Tenho diante de mim mais onze exemplares de Piquiatuba (oito ♂♂ e três ♀♀) e dois (ambos ♂♂) de Caxiricatuba, localidades que do ponto de vista zoogeográfico podem ser consideradas como Santarém. Em trabalho anterior, (2) quando ainda me faltavam outros exemplos desse distrito, teci comentários sobre um ♂ adulto de Diamantina (colecionado por C. B. Riker em 5 de julho de 1887 e recebido pelo Mus. Paulista do Un. St. Nat. Museum, em permuta), salientando as suas diferenças de uma ♀ de Aveiro (Rio Tapajós, margem direita), que inclui em *Momotus momota pilcomajensis* Reichenow, (3) visto a sua estreita semelhança com indivíduos de Mato-Grosso e Goiaz. Tal procedimento, porém, se mostra injustificável diante do material agora à minha disposição. A série de Piquiatuba é por si só suficiente para atestar a extrema variabilidade do colorido das partes inferiores, que ora são francamente arruivadas, como no ♂ de Diamantina, ora apresentam tonalidade predominantemente esverdeada, como na ♀ de Aveiro. Está no primeiro caso o ♂ de Piquiatuba que agora se acrescenta à nossa coleção, com a diferença apenas de ter o peito de um ferrugíneo mais escuro e levemente tocado de tons verdes. Pela côr arruivada, praticamente uniforme, das partes inferiores, exemplares como estes assemelham-se extraordinariamente aos da região de Belém e do norte do Maranhão, pertencentes a *Momotus momota parensis* Sharpe; (4) mas distinguem-se facilmente destes últimos pela ausência da nódoa castanha post-nucal, caráter muito evidente na raça este-paraense. Convém assinalar que nas aves do baixo Tapajós, há às vêzes vestígios da referida mancha, sob a forma de penas

(1) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 94 (1945).

(2) — Catálogo das Aves do Brasil, 1a. parte (Rev. Mus. Paulista, XXII), p. 299, nota marginal (1938).

(3) — *Momotus momota pilcomajensis* Reichenow, 1919, Journ. für Orn., p. 334: Villa Montes (Bolívia).

(4) — *Momotus momota parensis* Sharpe, 1892, Catal. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 320: Pará (= Belém).

parcialmente castanhas de um lado e de outro da base da nuca. O limite ocidental da área de *M. m. simplex* é ainda incerto. Três ♂ de Lago do Batista, a leste do baixo Madeira, possivelmente pertencentes a *M. momota ignobilis* Berlepsch, (1) têm o ferrugineo das partes inferiores muito misturado de verde, tal como em muitos exemplares do baixo Tapajós; singularizam-se porém pela tonalidade azulada da garganta, lembrando o que descreve Chapman em alguns indivíduos (Santa Cruz, Bolívia e Urucum, Mato-Grosso) de *M. momota pilcomajensis*. Falta-lhes também o mínimo vestígio de castanho na nuca, caráter comum às populações do Brasil central e meridional (sul de Mato-Grosso e Goiaz, extremo oeste de São Paulo), correntemente tidas como dessa última raça. Nas aves da região de Cuiabá, representadas por exemplares de Palmeiras e Rio Aricá, as partes inferiores são mais intensamente tingidas de ocráceo; além disso, em algumas delas a parte anterior do dorso é francamente tingida de ferrugem clara, demonstrando forte parentesco com *M. m. nattereri* Sclater; (2) noutras, porém, o dorso é completamente verde. Num ♂ de Chapada, a metade anterior do dorso é também visivelmente lavada de ocráceo.

E' muito pouco satisfatório o nosso conhecimento das relações de *M. m. simplex*, com as suas mais próximas afins; em qualquer hipótese, ela se me afigura uma raça de solidez bastante precária. Sente-se, aliás, a necessidade de uma revisão completa para atualizar os nossos conhecimentos sobre êste interessante grupo, não mais estudado em conjunto depois da monografia de Chapman. No discrimine das formas, em que pese tenha parecido o contrário a êste eminente ornitologista, (3) afiguram-se-me de maior importância os caracteres tirados da nódoa castanha nugal do que o colorido das partes inferiores, as quais, como êle próprio reconheceu, variam às vezes de tal maneira entre indivíduos de uma mesma localidade, que se poderia falar num verdadeiro dicromatismo. (4)

(1) — *Momotus brasiliensis ignobilis* Berlepsch, 1889, Journ. f. Orn., p. 307: Yurimaguas (leste do Peru). A inclusão de *Momotus bartletti* Sharpe, 1892 (Catal. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 320, pl. IX: alto Ucaiali) na sinonímia de *M. m. ignobilis*, raça que só conheço pela descrição, é advogada por Chapman, a despeito de faltar a esta última o caráter mais marcante atribuído à primeira, qual seja a cor castanha de toda a parte trazeira do pescoço.

(2) — *Momotus momota nattereri* Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 251: Yungas (Bolívia).

(3) — F. CHAPMAN, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XLVIII, p. 45 (1923).

(4) — Id., p. 30.

Familia **GALBULIDAE****Galbula galbula** (Linnaeus)

Alcedo galbula Linnaeus, 1766, Syst. Nat., 12a. ed., I, p. 182, em parte (baseado essencialmente em "Galbula" de Brisson): Cayenne.

Um ♂ e uma ♀ adultos de Rio Vila Nova (Macapá), obtidos por Lasso em 24 e 26 de agosto de 1936, respectivamente.

A espécie é endêmica no vale amazônico, dos rios Negro e Madeira para leste; não se tem todavia notícia de sua presença nas ilhas do delta nem tampouco na região de Belém.

Galbula albirostris albirostris Latham

Galbula albirostris Latham, 1790, Index Ornith., I, p. 245: "in America australi" (pátria Cayenne, escolhida por Hellmayr). (1)

1 ♂ do Rio Vila Nova (Macapá, na marg. sept. do estuário amazônico) e uma ♀ do Rio Arapiuns (margem ocidental do baixo Tapajós, colecionados por Lasso, respectivamente em 14 de agosto de 1936 e 5 de junho de 1937.

Sem motivo de dúvida, mas não sem surpresa, é que verifico a ocorrência desta espécie guianense ao sul do Rio Amazonas; supunha-se até aqui que o limite meridional de sua distribuição coincidissem com Obidos (2) (margem septentrional do baixo Amazonas), de onde se conhecem numerosos exemplares. As medidas da ♀ do Tapajós (asa 74, cauda 68, bico 31 milíms.) equivalem praticamente às da ♀ de Macapá (asa 75, cauda 67, bico 37 mils.), com exceção apenas do bico, que é bem mais curto; não se deve porém atribuir nenhum significado especial a esta diferença, pois num ♂ adulto do Rio Anibá (região de Itacoatiara) o bico também não mede mais de 31 mils.

Galbula cyanicollis Cassin

Galbula cyanicollis Cassin, 1852, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., V, p. 154, tab. 7: Pará (= Belém).

1 ♂ de Capanema (distrito este-paraense) e uma ♀ do Rio Anapú (margem meridional do baixo Amazonas, perto de Portel), colecionados por Lasso, respectivamente em 10 de novembro de 1936 e novembro de 1938.

As medidas do ♂ (asa 82, cauda 81, bico 44 mils.), avantajam-se levemente às da ♀ (asa 79, cauda 80, bico 41 mils.). A espécie tem

(1) — Novit. Zool., XIV, p. 36 (1907).

(2) Cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 187 (1941).

extensa distribuição ao longo de toda margem meridional do Amazonas brasileiro, inclusive as porções altas de muitos de seus grandes afluentes (Rio Madeira, Rio Juruá). Hellmayr (1) considerava-a forma representativa de *G. albirostris albirostris* Latham e *G. a. chalcocephala* Dev.; a existência, há pouco verificada, da primeira na zona do baixo Tapajós, opõe-se porém a tal modo de ver, não obstante o seu próximo parentesco mais que evidente.

Família BUCCONIDAE

Nystalus striolatus (Pelzeln)

Bucco striolatus Pelzeln, 1856, Sitzungsber. Akad. Wien, mathem.-physik. Kl., XX, p. 500: Dourado e Engenho do Capitão Gama (lugares muito próximos, situados no Rio Guaporé, não longe de Mato-Grosso).

Um ♂ ad. do Rio Anapu (Portel), coligido por Lasso em novembro de 1938

É novo este capitônida para a coleção do Departamento de Zoologia. Ele ocorre também na Bolívia (Yungas), no leste do Peru e do Equador (Sarayacu); mas, afora os tipos da espécie, obtidos por Natterer no Rio Guaporé, e um ♂ conseguido por H. H. Smith na Chapada (centro-oeste de Mato-Grosso), todos os exemplares brasileiros registrados pela literatura procedem da região de Belém. Em 1906, dava-nos Hellmayr (2) notícia de três exemplares colecionados por W. Hoffmanns em Santo Antônio do Prata; no ano seguinte, E. Sneathlage (3) registrava outros tantos espécimes, procedentes dessa mesma localidade e de Sta. Maria de São Miguel (Rio Guamá); mais tarde, três ♀ ♀ do Rio Guamá e um ♂ do Rio Inhangapi eram trazidos ao nosso conhecimento por W. Stone, (4) ao estudar a expedição ornitológica dos srs. R. Schauensee e J. Bond nos arredores de Belém. A estas localidades podemos acrescentar agora Portel (Rio Anapu), representada por dois exemplares caçados pelo sr. Lasso, dos quais um está no Museu Paraense. A distribuição conhecida da espécie permanece ainda assim interrompida pelo vasto intervalo geográfico que medeia entre os vários tributários do alto Amazonas e o trecho mais baixo da grande bacia. Entretanto, as duas populações são tidas como inseparáveis do ponto de vista sis-

(1) — Abh. K. Bayer. Akad. Wissens. mathem. - physik, Kl., XXVI, Abh. 2, p. 63 (1912).

(2) — Novit. Zool., XIII, p. 381 (1906).

(3) — Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 238 (1914).

(4) — Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 161 (1928).

temático, a despeito das diferenças observadas por Hellmayr entre os exemplares de Prata e de Sarayacu por êle estudados.

Nystalus maculatus maculatus (Gmelin)

Alcedo maculata Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 451 (baseado em "Matuitui" de Marcgrave, através de Brisson e coevos): "in Brasiliâ" (= Nordeste do Brasil, pátria típica).

Uma ♀ adulta de Oriximiná (margem septentrional do baixo Amazonas, a leste da embocadura do Rio Trombetas, colecionada por Lasso em 1 de agosto de 1937.

É a primeira vez que se verifica a presença da espécie ao norte do Rio Amazonas. O exemplar é inseparável da nossa série de Santarém, constituída de 3 ♂♂ e 3 ♀♀. Como nas aves do nordeste brasileiro, representada por exemplares do Maranhão, Pernambuco e Bahia (Ilha de Madre de Deus e adjacências) a côr da garganta é bastante variável, oscilando entre acanelado claro e ferrugem, sem nenhuma relação aparente com a idade ou o sexo.

Nystactes tamatia tamatia (Gmelin)

Bucco tamatia Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, 1a. pte, p. 405 (baseado em Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 764, fig. I, "Barbu a ventre tacheté de Cayenne"): Cayenne.

Uma ♀ adulta do Rio Vila Nova (Macapá), coligida por Lasso em 30 de julho de 1936.

O presente exemplar confunde-se com os de Itacoatiara, Igarapé Anibá e Lago Grande (Obidos), que em nossa coleção representam de modo satisfatório a raça peculiar à margem norte do baixo Amazonas, considerada idêntica à da Guiana pela generalidade dos ornitologistas. A garganta, como na maioria dos exemplares, é de côr ferrugem carregada, e o bico, de 23 mils., corresponde às dimensões mínimas observadas nos indivíduos da série há pouco referida. O tamanho e a quantidade das manchas pretas das partes inferiores variam bastante, mas nunca atingem ao tamanho que habitualmente se observa nas aves da margem sul; também a intensidade do ruivo na metade anterior da cabeça varia de indivíduo a indivíduo, embora, via de regra, seja mais fraca do que nas últimas.

Nystactes tamatia hypnaleus (Cabanis & Heine)

Chaunornis hypnalea Cabanis & Heine, 1863, Mus. Heineanum, IV, p. 145: Pará (= Belém).

Dois ♀♀ da região de Portel (uma do Rio Anapu e outra do Rio Pracupi), margem meridional da foz do Rio Amazonas, colecionadas por Lasso, respectivamente em 25 de fevereiro de 1939 e novembro de 1938.

A garganta é de cor ferrugem intensa, e as manchas do peito grandes e cerradas, como num ♂ de Taperinha, perto do Santarém; num outro ♂ de Santarém (N.º 16.082), o ferrugineo da garganta é um pouco mais desmaiado, tal como numa ♀ do Rio Curuá, (afluente do baixo Amazonas, situado a leste do Tapajós). Nesta última, além disso, as partes inferiores são muito menos manchadas de preto, pelo que, sob este particular, ela se parece enormemente com as aves da margem septentrional. Diante destes fatos, não tenho nenhuma relutância em referir também a *N. tamatia hypnaleus* um ♂ e uma ♀ de Parintins, embora em ambos as nódoas pretas das partes inferiores não sejam tão grandes e cerradas como nos exemplares de Portel e Santarém. A dificuldade, muito freqüente, em distinguir as aves da margem meridional das da septentrional, levou Hellmayr (1) a estender a distribuição da forma típica à bacia do Rio Madeira (Borba, Engenho do Gama), através do Rio Amazonas, opinião de que não me sinto disposto a compartilhar. Não vejo também a necessidade de admitir para estes exemplos semelhantes a *N. t. tamatia* uma raça particular, como foi proposto por Griscom & Greenway, (2) com base em três exemplares de Vila Braga (margem esquerda do baixo Tapajós). Mais custoso ainda se me afigura acompanhar o conde de Gyldenstolpe (3) quando, comparando um macho único de Annai (Guiana Inglesa) com as aves de ambas as margens do baixo Amazonas, admite que estas se filiem a uma mesma raça, diversa da das Guianas.

Outro ponto difícil é fixar os limites entre a área geográfica de *N. t. hypnaleus* e *N. t. pulmentum* (Sclater) (4) que, mais para oeste, passa a substituí-la na margem meridional do Rio Amazonas. Com efeito, as duas formas se acham alternativamente representadas na região do baixo Madeira por indivíduos tipicamente caracterizados, tais como um ♂ e uma ♀ de Lago do Batista, (Olalla col., 10 a 12 de julho de 1937) localidade situada a leste do mencionado rio e não muito distante da margem sul do Rio Amazonas. Ambos concordam exatamente com três ♂♂ e uma ♀ do alto Juruá, tanto no

(1) — Novit. Zool., XVII, p. 391 (1910); id., Abh. K. Bayer. Akad. Wissensch. mathem. — physik. Kl., XXVI, Abhd. 2, p. 65 (1912).

(2) — Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 190 (1941).

(3) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, pp. 101-2 (1945).

(4) — *Bucco pulmentum* Sclater, 1856, Proc. Zool. Lond., "1855". p. 194, pl. 106: "Upper Amazons" (baixo Rio Marañon, local. típica aceita).

colorido claro, branco-arruivado, da garganta, como na quantidade e grande tamanho das manchas pretas das partes inferiores. O conde Gyldenstolpe (1) registra observação análoga com referência a três exemplares provenientes de Lago Tapaiuna, localidade vizinha de Lago do Batista.

Malacoptila rufa brunnescens Zimmer

Malacoptila rufa brunnescens Zimmer, 1931, Amer. Mus. Novit., N.º 500, p. 3: Caxiricatuba (margem direita de baixo Tapajós).

1 ♂ adulto do Rio Anapu (Portel), colecionado por Lasso em novebro de 1938.

Temos à disposição um ♂ e uma ♀ imatura de Caxiricatuba, localidade típica da raça descrita por Zimmer. O exemplar de Portel (margem direita do Amazonas, próximo à foz) concorda bem com o primeiro, com a diferença apenas de ter a cabeça mais escura e as estriações brancas conseqüentemente mais fortemente destacadas. Sob êste particular, como ainda na tonalidade arruivada da garganta e do peito, sua semelhança é maior com uma ♀ de Lago do Batista, localidade situada pouco a leste do baixo Madeira, até cuja margem oriental se concorda em estender a área de *M. r. brunnescens*. A ♀ de Caxiricatuba difere do ♂ pelo número reduzido de penas estriadas no pileo e pela sua faixa ruiva nugal pouco distinta, caracteres, ambos, de imaturidade.

Todos êstes exemplares diferem dos da nossa série dos Rio Juruá e Eiru (7 ♂♂ e 13 ♀♀) pelos caracteres apontados por Zimmer e filiam-se evidentemente a uma mesma raça, a que deverão também pertencer as aves de Belém e cercanias.

Monasa morphoeus rikeri Ridgway

Monasa morphoeus rikeri Ridgway, 1913, Proc. Biol. Soc. Wash., XXV, p. 88: Diamantina (margem direita do Rio Tapajós, perto de Santarem).

Um ♂ de Aramaná (margem direita do baixo Tapajós) e uma ♀ de Capanema (a nordeste de Belém), colecionados por Lasso, respectivamente em 2 de novembro de 1932 e 14 de fevereiro de 1936.

O Estado do Pará já estava representado em nossa coleção por uma ♀ de Santarém (Garbe col., agosto de 1920) e três exemplares dos arredores de Belém, a saber um ♂ e uma ♀ de Utinga e uma ♀ de Murutucu, adquiridos ao falecido taxidermista do Museu Pa-

(1) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 101 (1945).

raense, o sr. Francisco Queiroz Lima. A comparação dêste material com a nossa série de leste do Brasil leva-me a aceitar a raça criada por Ridgway com base num ♂ adulto coligido pelo sr. C. B. Riker nas proximidades de Santarém. Em refôrço desta opinião, vejo que já Hellmayr, (1) ao estudar os tipos de Spix, havia reconhecido que as aves do Pará diferem apreciavelmente das da Bahia e Rio de Janeiro na tonalidade menos carregada das partes pretas da cabeça e da garganta, bem como no colorido mais claro, mais acinzentado, da plumagem, particularmente nas partes inferiores. A estas diferenças eu não hesitaria em acrescentar o porte mais reduzido das aves do baixo Amazonas (em média 122 mils. de asa, 114 de cauda e 32 de culmen, em lugar de 127 mils. de asa, 126 de cauda e 30 de culmen) e a extensão geralmente menor do branco, tanto no mento, como na fronte. (2) Os exemplares de Santarém e leste do Pará foram também cuidadosamente confrontados com 4 ♂♂ e 6 ♀♀ do alto Juruá (João Pessoa, Igarapé Grande) e do Rio Eiru (Santa Cruz), distrito geográfico cujas populações são correntemente referidas a *Monasa morphoeus peruana* Sclater, raça caracterizada precipuamente pela extrema redução da máscara branca e representada topotipicamente em nossa coleção por uma ♀ adulta de Pozuzo (Huanuco). A verdade porém é que, tanto quanto se pode concluir do material que tenho em mãos, é impossível separar as populações do baixo Amazonas das do Rio Juruá, umas e outras provando pertencer a uma mesma raça, diferente, esta sim, da do Brasil oriental pelos caracteres acima apontados, e da do Perú pela maior quantidade de branco na testa e no queixo. Há, sem dúvida, grande variabilidade no tamanho da máscara branca nas aves do Rio Juruá; mas esta variabilidade oscila dentro dos mesmos limites da que se observa nos exemplares do baixo Tapajós e da região de Belém. No que respeita às medidas, obtive para as aves do Juruá valor médio (119 mils. de asa, 112 de cauda e 30 de culmen) inferior ao correspondente às dos últimos.

A aceitação do nome de Ridgway para o conjunto das populações da *Monasa morphoeus* espalhadas pela Amazônia brasileira implica em retificar a escolha por mim feita anos atrás do "leste

(1) — Abh. K. Bayer. Akad. Wissensch., II Kl., XXII Bd., III Abt., p. 599 (1906).

(2) — É oportuno lembrar o erro em que têm incidido todos os autores em descrever estas partes como branco-amareladas ou ocráceas; na realidade são elas branco puro, correndo por conta de substâncias estranhas, talvez terra (as aves do grupo nidificam em galerias abertas em barrancos), a tonalidade mais ou menos amarelada que comumente apresentam. É fácil verificá-lo examinando com a devida atenção as penas respectivas.

do Pará” para pátria típica da espécie; esta retificação me parece perfeitamente justificada pelo fato de haver o próprio Ridgway, ao descrever a raça, restringido a área da forma típica ao Brasil oriental, fato que a princípio me passara despercebido. (1) Será desnecessário dizer que, como Griscom & Greenway, considero caráter meramente individual a côr preta do ápice malar verificada no exemplar de Diamantina, e tida por Ridgway como principal diferença entre *M. rikeri* e *M. peruana*.

Os limites geográficos entre *M. m. morphoeus* e *M. m. rikeri* não são menos imprecisos do que com *M. m. peruana*; é porém muito provável que a distribuição da raça amazônica não ultrapasse a leste a região ocidental e septentrional do Estado do Maranhão, até onde se estendem os prolongamentos mais avançados da hiléia. Assim, entre os sinônimos da forma típica devemos incluir *Bucco albifrons* Spix, baseado num espécime do Piauí. (2)

MEDIDAS (em milímetros).

Merula morphoeus peruana

	asa	cauda	culmen
N.º 5.678, ♀, Pozuzo (Peru, Huanuco)	120	115	32

Merula morphoeus rikeri

3.469, ♂, Rio Juruá	115	117	31
2.244, ♀, „ „	122	114	30
2.245, ♀, „ „	112	107	30
22.700, ♀, João Pessoa (Rio Juruá)	117	109	29
22.702, ♀, „ „ „	118	114	33
23.727, ♂, Igarapé Grande (Rio Juruá)	119	110	29
21.098, ♂, „ „ „ „	126	112	29
22.701, ♀, „ „ „ „	120	111	29
22.698, ♀, „ „ „ „	120	114	30
22.699, ♂, Santa Cruz (Rio Eiru)	124	119	30
— ♂, Aramaná (Rio Tapajós)	122	113	33
10.700, ♂, Santarém „ „	123	123	32

(1) — Havendo conveniência em fixar de modo ainda mais preciso a localidade típica de *Bucco morphoeus* Hahn & Küster, proporia fôsse definitivamente aceita como sendo o Rio de Janeiro, que era no começo do século passado de onde iam para a Europa quase todos os exemplares ornitológicos de procedência brasileira.

(2) — *Bucco albifrons sive leucops* Spix, 1824, Av. Bras. Sp. Nov., I, p. 599, tab. LIII: “in campis provinciae Piauhy”. É difícil admitir que Spix não haja laborado em erro quando se refere aos hábitos de sua espécie, dizendo-a solitária e habitante dos campos, pois as aves do grupo são essencialmente silvestres e raramente aparecem isoladas.

	asa	cauda	culmen
10.083, ♂, Utinga (Belém)	121	115	32
11.911, ♀, „ „	115	110	30
12.015, ♀, Murutucu „	121	111	33
— ♀, Capanema (leste do Pará)	125	114	34

Monasa morphoeus morphoeus

10.189, ♂, Belmonte (Bahia)	120	121	28
10.186, ♂, Itabuna „	127	127	31
10.187, ♀, „ „	131	134	32
10.185, ♀, „ „	130	129	30
14.541, ♂, Serra do Palhão (Bahia)	125	123	30
14.539, ♀, Rio Gongogi „	129	121	31
14.539, o?, „ „ „	124	124	31
14.540, ♀, Rio Jucurucu „	130	128	31
24.577, ♂, Colatina (Espírito Santo)	129	129	32
24.576, ♀, „ „ „	133	134	31
28.236, ♂, Rio São José „ „	125	124	30
28.235, a?, „ „ „ „	130	128	32
6.319, ♂, Espírito Santo	128	126	28
6.320, ♂ „ „	127	128	31

Monasa nigrifrons nigrifrons (Spix)

Bucco nigrifrons Spix, 1824, Av. Sp. Nov. Brs, I, p. 53, tab. XLI, fig. 2: "in sylvis fluminis Solimoëns".

Um exemplar de Capanema, colecionado por Lasso a 29 de outubro de 1936, sem indicação de sexo.

A raça típica da espécie é ubíqua em tôda a Amazônia e está representada em nossa coleção por extensa série de exemplares caçados em ambas as margens. Não disponho porém de nenhuma amostra da Bolívia para apreciar as diferenças reconhecidas em *M. n. canescens* Todd. (1)

Chelidoptera tenebrosa tenebrosa (Pallas)

Cuculus tenebrosus Pallas, 1782, Neue Nord. Beytr., III, p. 3: Surinam (= Guiana Holandesa).

1 ♂ de Oriximiná, margem septentrional do baixo Amazonas (a leste da foz do Rio Trombetas), col. por Lasso em 30 de agosto de 1937.

(1) — *Monasa nigrifrons* Todd, 1937, Ann Carnegie Mus., XXV, p. 247: Santa-Cruz de la Sierra.

1 ♂ de Capanema (distr. este-paraense, a nordeste de Belém), col. por Lasso em 16 de fevereiro de 1936.

1 ♂ de Aramanaí, margem direita do baixo Tapajós (pouco acima de Santarém), colecionado por Lasso em 17 de outubro de 1932.

Os três exemplares se enquadram rigorosamente na descrição da forma guianense, de que infelizmente não possuo topótipos; são, além disso, praticamente indistinguíveis dos que possuímos da margem septentrional do Rio Amazonas (Manacapuru, Rio Anibá, Óbidos) e da região de Belém. O ♂ de Aramanai (baixo Tapajós) acusa, contudo, medidas um pouco mais avantajadas do que os da margem norte, fato que também se observa, e ainda mais claramente, em quatro ♂♂ do alto Rio Juruá, os quais talvez ainda difiram pela tonalidade levemente mais pálida, (1) e pela maior extensão da mancha ferrugínea do abdomen. Este aumento de tamanho acentua-se à medida que se segue para o sul, alcançando no Planalto Central (Mato-Grosso e Goiás) valores equivalentes aos encontrados nos exemplares do Brasil oriental, região ocupada por *Chelidoptera tenebrosa brasiliensis* Sclater. Todavia, a julgar pelo material que tenho em mãos, a raça este-brasileira é sempre fácil de reconhecer à vista da coloração muito mais desbotada do abdomen; neste particular, as populações dos Estados este-meridionais (inclusive o Estado de Minas Gerais) diferem muito mais das do resto do Brasil do que, entre si, as da Amazônia e Brasil central. (2) Acresce ainda que, nas primeiras, conforme já foi observado, (3) a área ruiva é, em regra, comparativamente mais ampla.

O tamanho maior das ♀♀, em comparação com os ♂♂, fato assinalado por Griscom & Greenway (4) nas aves de Surinam, observa-se também nas da margem septentrional do Amazonas, como é fácil verificar pela tabela junta; do Amazonas para o sul, essa diferença sexual deixa porém de ser tão claramente perceptível.

MEDIDAS (em milímetros)

Chelidoptera tenebrosa tenebrosa

	asa	cauda	culmen
N.º 16.562, ♂, Manacapuru (Rio Solimões, norte)	105	54	19
16.563, ♂, „ „ „ „ „	104	53	18

(1) — Cf. GYLDENSTOLPE, Kungel, Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 105 (1945).

(2) — Cf. HELLMAYR, Novit. Zool., XV, p. 86 (1908); id., Field Mus. Publ. Zool. Sev., XXIII, p. 429; PINTO, Rev. Mus. Paul., XX, p. 77 (1936).

(3) — N. GYLDENSTOLPE, op. cit.

(4) — Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 193 (1941).

	asa	cauda	culmen
16.577, ♀, " " " "	107	54	19
16.576, ♀, " " " "	107	50	18
20.118, ♂, Igarapé Anibá (Rio Amazonas, norte)	104	53	18
20.712, ♀, " " " " " "	102	52	19
10.940, ♂ Obidos (Rio Amazonas, norte)	104	55	18 ½
— ♂, Oriximiná (baixo Amazonas, norte)	104	52	19
— ♂, Capanema, (leste do Pará)	104	49	19
11.084, ♀, Utinga (= Belém)	106	53	18
7.169, ♂, Miritiba (Maranhão)	104	49	18
2.752, ♂, Rio Juruá	110 ½	58	18
2.753, ♂, " "	112	56	19
20.120, ♂, Sta. Cruz (Rio Eiru)	118	60	21
— ♂, Aramaná (Rio Tapajós, marg. esq.)	110	55	19
30.806, ♂, Palmeiras (a leste de Cuiabá)	111	58	19
17.121, ♀, Coxim (Mato Grosso)	118	62	18 ½
15.803, ♂, Nova Roma (Goiás)	106	47	18
14.860, ♀, Jaraguá "	113	58	18
14.880, ♀, Rio das Almas "	113	55	18
14.861, ♂, Inhumas "	112	52 ½	17
14.859, ♀, " " " "	110	57	20
26.674, ♀, Rio Caro "	117	61	18 ½

Chelidoptera tenebrosa brasiliensis

14.544, ♀, Ilha dos Frades (Bahia)	118	58	19
14.543, ♂, Curupeba " "	112	54	18
14.546, ♀, Ilha da Bimbarra " "	112	58	21
10.190, ♂, Belmonte " "	112	55	18 ½
14.545, ♂, Rio Gongogi " "	111	62	20
7.737, ♀, Caravelas " "	112	63	19
2.350, o?, "Bahia"	118	57	18
24.578, ♀, Pau Gigante (Espírito Santo)	117	64	19
28.237, ♂, Rio S. José " "	115	66	19
23.238, ♀, Guarapari " "	120	60	20
25.018, ♂, Rio Piracicaba (Minas Gerais)	118	62	20
25.673, ♂, " " " "	120	65	21
25.017, ♂, " " " "	114	61	19
25.020, ♀, " " " "	120	66	20 ½
25.019, ♀, " " " "	120	66	19
10.377, "♀?" Rio Matipoó " "	118	64	21
4.626, ♂, Rio Grande (marg. esquerda)	117	65	19
26.253, ♂, Barra do Rio Durado (S. Paulo)	116 ½	60	18
26.254, ♀, " " " "	120	63	21
26.252, ♂, Rio Tietê, perto de Lins (S. Paulo)	110	60	17
26.251, o? Lins (S. Paulo)	113	61	16

437, ♀, Rio Mogi-Guaçu (S. Paulo)	116	61	19
436, ♀, ,, ,, ,, ,,	119	60	20
16.200, ♂, ,, ,, ,, ,,	115	63	19

Família PICIDAE

Celeus elegans elegans (Müller)

Picus elegans P. L. S. Müller, (1), 1776, Natursyst. Supplem., p. 92 (baseado em Buffon e Daubenton, Pl. Enlum. 524, "Pic Jaune tacheté de Cayenne"): Cayena.

1 ♂ do Rio Mapuera (Marg. norte do baixo Amazonas, acima da foz do Trombetas), colecionado por Lasso em 6 de agosto de 1937.

O exemplar tem a crista amarelo-ocre e as costas castanho-verdoengas, nisso combinando exatamente com vários espécimes de Itacoatiara e suas redondezas (Rio Atabani, Igarapé Anibá, Silves) existentes em nossa coleção; as coberteiras superiores das asas são marcadas de largas manchas amarelas sagitiformes, também presentes na região interescapular, embora muito menos distintas. Todos êstes caracteres se acham sujeitos a grandes variações nas aves da margem septentrional do baixo Amazonas, a série de Itacoatiara, só por si, sendo muito instrutiva neste sentido. O dorso sempre mais escuro do que o peito, varia entre o pardo-chocolate e o canela-esverdeado; a crista, entre o ocráceo muito claro, tirante a palhete (como num ♂ de Silves) e o amarelo francamente acanelado (por ex., um ♂ de Itacoatiara, N.º 19.599). Exemplares de Óbidos e con vizinhanças (Patauá, Igarapé Boiuçu) não diferem menos entre si, vendo-se além disso entre êles alguns em que a plumagem é de um castanho muito mais carregado do que no do Rio Mapuera e qualquer dos de Itacoatiara: em todos, porém, a plumagem apresenta, em grau variável, mistura de pardo ou esverdeado, especialmente nas costas. Uma ♀ da Guiana Inglesa (N.º 7.824) diverge dos nossos exemplares amazônicos e paraenses considerados em globo, já pelo colorido ferrugíneo intenso, praticamente uniforme, da plumagem e o tom fortemente acanelado da crista, já pela falta quase completa de manchas nas interescapulares. Estas diferenças acomodam-se à descrição de *Celeus elegans hellmayri* Berl., (2) raça da qual se

(1) — Admite-se, com Berlepsch (Novit. Zool., XV, 1908, p. 272), que na sinônimo de *Picus elegans* se deva incluir *Celeopicus reichenbachi* Malherbe, 1862 (Monogr. Picid., p. 28, tab. 56, figs. 4 e 5: "Brésil et la Colombie").

(2) — *Celeus elegans approximans* Cory, 1919, Field Mus. Nat. Hist., I, 2a. pte., p. 450: Serra da Lua (perto de Boa Vista, Rio Branco).

me afigura dificilmente separável *C. e. approximans* Cory, (1) que tem como tipo exemplares do Rio Branco, no extremo norte do Amazonas.

Celeus undatus multifasciatus (Malherbe)

Picus multifasciatus Malherbe (ex Natterer manuscr.), 1845, Mém. Soc. Sci. Liège, p. 69: "se trouve dans la collection du Muséum de Vienne" (= Pará, col. Natterer). (2)

1 ♂. adulto do rio Pracupi (Portel), colecionado por Lasso, em março de 1939.

As diferenças entre forma típica e a raça este-paraense de *C. undatus* Linn. foram resumidas por Hellmayr, (3), com a habitual clareza e segurança, tomando por base exemplares de Belém e regiões convizinhas (Prata, Rio Acará), de onde por igual procedem os espécimes do Carnegie Museum (Benevides) referidos por Griscom & Greenway e quase todos os que E. Sneathlage alista em seu conhecido Catálogo. Mme. Sneathlage assinala também a ocorrência dêste nosso pica-pau em Cametá, na margem ocidental do baixo Tocantins, o mais ocidental de todos os lugares em que a sua presença é mencionada pela literatura. O ♂ de Portel permite-nos agora ampliar apreciavelmente esta distribuição para oeste, até o meio caminho entre os rios Tocantins e Tapajós. Dois ♂♂ adultos, um do Rio Atabani e outro do Rio Anibá (margem septentrional do Amazonas, região de Itacoatiara), representam em nossa coleção a forma típica da espécie, diferindo à primeira vista do ♂ de Portel pela cor escura uniforme (em vez de preta, com faixas ferrugineas), a maior grossura do bico e, principalmente, pelo pileo, que é decididamente cor de ferrugem (em vez de ocráceo-arruivado), com longos riscos pretos longitudinais correspondentes ao raque das penas (em vez de pequenas manchas paramedianas).

Crocomorphus flavus inornatus Cherrie

Crocomorphus flavus inornatus Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXV. p. 395: Santarem (margem sul do baixo Amazonas, a leste da boca do Rio Tapajós).

Duas ♀♀ adultas, uma do Rio Vila Nova (Macapá), ao norte do estuário, e outra do Copanema (Estrada de Ferro de Bragança), a leste de Belém, coligidas por Lasso, respectivamente em 9 de agosto e 13 de novembro de 1936.

(1) — *Celeus elegans hellmayri* Berlepsch, 1908, Novit. Zool., XV, p. 272, nota: "Brit. Guiana" (col. Whitely).

(2) — A procedência do tipo foi registrada pelo próprio Malherbe, em *Monogr. Pictid.*, II, p. 16 (1862).

(3) — Abh. K. Bayer. Akad. Wissens, Mathem-physik. Kl., XXVII, Ab. 2, p. 58 (1912).

Embora de localidades largamente separadas pelo vasto estuário, os dois exemplares são perfeitamente semelhantes; concordam também com os de Santarém na tonalidade amarelo-ocrácea, sem brilho, da plumagem.

A grande variabilidade de *C. fl. inornatus* tem sido reconhecida por todos os autores e foi por mim próprio acentuada anos atrás. (1) Uma série de 7 ♂♂ e duas ♀♀ de Lago do Batista (marg. direita do Amazonas, a leste do Rio Madeira), prova como é difícil distinguir as populações de uma e outra margem do baixo Amazonas pela quantidade de ferrugem nas secundárias e coberteiras externas; nela se vêem todos os intermediários entre indivíduos quase sem nenhuma ferrugem no lado externo da asa, e outros cujas asas tão intensamente ferrugíneas como nas aves da margem septentrional do Amazonas, pertencentes à forma típica e hoje representadas em nossa coleção por numerosos exemplares de Itacoatiara e cercanias (Igarapé Anibá, Rio Atabani). A extensão, para oeste, da área de *C. fl. inornatus* não pode ser apreciada através do material que tenho em mãos; mas, dois ♂♂ e uma ♀ de Santa Cruz (Rio Eiru) confirmam a minha antiga suspeita de pertencerem as populações do alto Juruá a *C. fl. peruvianus* Cory, (2) raça precipuamente caracterizada pelo vivo amarelo-enzofre da plumagem. A essa conclusão chegou também Gyldenstolpe, (3) estudando material de análoga procedência.

Convém aliás reconhecer que nas populações da margem meridional do Amazonas a tonalidade do amarelo vai se modificando gradativamente à medida que se sobe o Rio Amazonas, razão pela qual as aves de Lago do Batista já apresentam um amarelo muito mais vivo do que as de Santarém e leste do Pará, preludiando a intergradação com *Cr. fl. peruvianus*. Um ♂ jovem de Parintins (erroneamente rotulado como ♀) combina com os de Santarém, mas tem as asas intensamente ferrugíneas, caráter provavelmente de imaturidade. Na série de Itacoatiara e arredores a cor da plumagem combina com a de Lago do Batista, mas a invariável abundância de ferrugem nas asas permite referi-la à forma típica, de que infelizmente não possuo topótipos. Sobre um ♂ de Manacapuru já a decisão é mais difícil, pois que embora ele concorde na tonalidade do amarelo com alguns exemplares dos rio Anibá e Atabani, a ausência

(1) — Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 562-3 (1938).

(2) — *Crocomorphus flavus peruvianus* Cory, 1919, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Serv., XIII, pte. 2, p. 457: Rio Huallaga (leste do Peru).

(3) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl XXII, N.º 3, p. 124 (1945).

quase completa de rufecência nas asas parece situá-lo melhor ao lado dos de Lago do Batista (entre os quais há, não obstante, exemplos de asas ricamente tingidas de ferrugem). Embora esteja longe de rivalizar com os do alto Juruá no amarelo sulfúreo da plumagem, não são também muito claros os seus traços de semelhança com *Cr. fl. peruvianus*, raça de que o conde Gyldenstolpe viu se aproximarem exemplares de Codajaz, localidade também do Rio Solimões, porém mais ocidental do que Manacapuru.

No que respeita ainda à distribuição geográfica de *Cr. fl. inornatus*, uma ♀ do Rio Araguaia (Estado de Mato-Grosso, W. Garbe col.), a despeito de sua plumagem bem mais desbotada, parece-me inseparável das do baixo Tapajós, provando assim que a raça paraense estende-se muito no sentido meridional, acompanhando o curso dos grandes afluentes do baixo Amazonas.

De modo geral, as relações existentes entre populações amazônicas correntemente separadas como raças são das que é impossível traduzir de maneira adequada em nossa nomenclatura usual, tão mais fracas são as diferenças que as distanciam umas das outras do que as que as separam de *Cr. fl. subflavus* (Sclat. & Saivin) da Bahia e Espírito Santo; o fato é verdadeiro, mesmo levando-se em conta caracteres intermediários de *Cr. fl. tectricialis* Hellmayr, (1) raça nordestina, de que tenho dois ♂♂ e uma ♀ de Boa Vista (norte do Maranhão). As medidas crescem em regra com a latitude, mas nada instruem sobre as relações das variedades geográficas desta espécie eminentemente variável.

MEDIDAS (em milímetros)

Crocomorphus flavus flavus

	asa	cauda	culmen
N.º 16.601, ♂, Manacapuru	129	79	25
21.145, ♂, Igarapé Anibá	142	90	25
19.587, ♂, „ „	145	98	26
19.590, ♂, Rio Atabani	134	90	25
21.956, ♀, „ „	138	93	23
21.241, ♀, Itacoatiara	140	95	27

(1) — *Crocomorphus flavus tectricialis* Hellmayr, 1922. Anz. Orn. Gesells. Bay., N.º 6, p. 46: Boa Vista (Maranhão).

Crocomorphus flavus inornatus

—	♀, Macapá	140	94	25
—	♀, Capanema	142	88	29
10.708,	♂, Santarém	136	87	24
16.090,	♂, „	136	87	24
10.709,	♂, „	137	96	25
20.790,	♂, Lago do Batista	135	82	25
19.588,	♂, „	137	89	26
21.957,	♂, „	138	90	24
21.356,	♂, „	139	90	25
20.878,	♂, „	140	89	29
20.866,	♀, „	136	79	24
21.354,	♀, „	143	93	26
17.503,	♀, Rio Araguaia	149	91	26

Crocomorphus flavus peruvianus

21.919,	♂, Santa Cruz (Rio Eiru)	142	94	25
21.112,	♂, „	149	94	27
21.355,	♀, „	142	103	25
2.673,	♀, Rio Juruá	147	90	26

Crocomorphus flavus tectricialis

6.846,	♂, Boa Vista (Maranhão)	139	81	28
6.847,	♂, „	142	85	27
6.848,	♀, „	132	82	24

Crocomorphus flavus subflavus

10.203,	♀, Belmonte (Bahia)	145	95	26
10.204,	♀, „	145	89	28
10.205,	♀, „	145	92	27
6.371,	♀, Espírito Santo	145	92	27
6.370,	♀, „	151	95	28

Tripsurus cruentatus extensus Todd

Tripsurus cruentatus extensus Todd, 1937, Ann Carnegie Museum, XXV, p. 251: Arimã (margem esquerda do Rio Purus).

Uma ♀ do Rio Arapiuns (margem esquerda do baixo Tapajós), Lasso col., 20 de outubro de 1937.

A margem ocidental do Rio Tapajós estava já representada em nossa coleção por dois ♂ de Itaituba, colecionados por E. Garbe em janeiro de 1921. Em ambos a mancha vermelha abdominal é

menos extensa do que na ♀ do Rio Arapiuns, mas enquanto num (N.º 10.712) ela é de um vermelho sanguíneo intenso, no outro (N.º 10.349) ela é ainda mais clara do que em alguns dos nossos exemplares de Utinga (subúrbios de Belém). No que respeita à intensidade do vermelho, a ♀ agora obtida ocupa posição intermediária entre os dois ♂♂ de Itaituba.

Sabe-se que Todd restringiu às Guianas e leste do Pará a área da forma típica, sob o fundamento de que nas aves destas regiões a mancha abdominal é em média menor, e de um vermelho um pouco mais claro do que nas restantes populações da espécie, por êle conseqüentemente separadas em raça particular. A separabilidade das duas supostas raças me parece todavia muito discutível à vista do material à minha disposição. Sem falar nas diferenças já apontadas entre os exemplares do Tapajós, numa série de 7 ♂♂ e outras tantas ♀♀ do alto Rio Juruá, tanto no que se refere à extensão, como à intensidade do vermelho, observa-se completa escala entre os limites extremos. Entre 4 exemplares de Utinga (3 ♂♂ e 1 ♀), já bastante desiguais na extensão da mancha abdominal, dois são perfeitamente comparáveis, no que tange à tonalidade do vermelho, aos espécimes do Rio Juruá mais intensamente corados. Nas aves de Mato-Grosso, representadas por 7 exemplares de Palmeiras, não longe de Cuiabá, a nódoa vermelha é relativamente pequena em confronto com a série do Rio Juruá, combinando melhor com a das aves de Belém, com que ainda se pareceriam no tom mais claro, em média, do vermelho. E' provável que as aves desta região estejam mais próximas das da Bolívia, que Todd admite pertencerem possivelmente a uma terceira raça.

Scapanus rubricollis olallae Gyldenstolpe

Scapanus trachelopyrus olallae Gyldenstolpe, 1945, Jungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 127: Caxiricatuba (margem direita do baixo Rio Tapajós).

Um ♂ adulto de Capanema, no extremo leste do Pará, colecionado por Lasso em 7 de novembro de 1936.

Este exemplar apenas difere de uma ♀ topotípica de Piquiatuba no tamanho mais reduzido da mancha acanelada da barba interna da última (a mais externa) rêmige; num ♂ de Taperinha, que merece ser igualmente considerado topotípico, a referida mancha é muito maior, atingindo tôda a primeira metade da barba interna da pena em questão. Ela, aliás, se acha presente em todos os exemplares da espécie existentes em nossas séries, com exceção apenas

de um ♂ do Rio Juruá (N.º 3.569), em que quase não se percebe. A separabilidade das populações distribuídas ao sul do Rio Amazonas do baixo Madeira para leste é, como se depreende da tabela de medidas junta, satisfatoriamente apoiada pelo material em exame; as aves do Rio Juruá são decididamente mais avantajadas de porte, mas dificilmente diferenciáveis no que se refere à tonalidade do vermelho da cabeça. E', porém, a meu ver, bastante duvidosa a posição das aves da região central de Mato-Grosso, representadas em nossa coleção por 2 ♂♂ e 2 ♀♀ de Palmeiras, velha fazenda situada no sopé do planalto, 90 quilômetros a leste de Cuiabá. Quanto ao tamanho (182 a 188 mils. de asa), êstes exemplares se aproximam muito mais dos do Rio Juruá, que não hesito em referir a *Scapanus trachelopyrus* (Malherbe); (1) mas deles diferem sensivelmente no tom mais carregado das partes vermelhas e no ferrugíneo mais escuro do peito. A interpretação dêstes fatos se torna tanto mais difícil quanto, segundo a observação de Gyldenstolpe, as populações do nordeste da Bolívia (baixo Rio Beni) seriam inseparáveis das do Rio Tapajós.

Scapanus trachelopyrus não ultrapassa a margem sul do Rio Amazonas, sendo substituído a partir da margem oposta por *Scapanus rubricollis* (Boddaert), (2) de que evidentemente merece ser considerado simples raça geográfica, a despeito das importantes diferenças existentes entre ambos. Sendo raras as referências a *S. rubricollis rubricollis* em território brasileiro, aproveito o ensejo para acrescentar aos exemplares de Óbidos citados por Griscom & Greenway, um ♂ de Igarapé Anibá (Itacoatiara) e uma ♀ de Codajaz (marg. norte do Solimões).

MEDIDAS (em milímetros)

<i>Scapanus rubricollis trachelopyrus</i>				
		asa	cauda	culmen
N.º 3.568, ♂, Rio Juruá	193	123	47
3.569, ♂, „	182	119	45
20.869, ♂, João Pessoa (Rio Juruá)	185	116	43
30.937, ♀, Palmeiras (Mato-Grosso)	188	124	40
30.936, ♀, „ „ „	188	124	42
30.938, ♂, „ „ „	185	128	44
30.935, ♂, „ „ „	182	133	41

(1) — *Megapicus trachelopyrus* Malherbe, 1857, Mém. Soc. d'Hist. Nat. Moselle, p. 1: "Perou".

(2) — *Picus rubricollis* Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 37 (baseado em Dautenton, Pl. enlum. 509): Cayenne.

Scapanus rubricollis olallae

19.595, ♀, Lago do Batista (baixo Madeira)	180	111	40
22.425, ♀, Piquiatuba (prox. Santarém)	177	123	42
10.715, ♂, Taperinha „ „	176	119	43
— ♂, Capanema (a leste de Belém)	171	127	41
7.160, ♂, Miritiba (Maranhão)	178	118	42

Ceophloeus lineatus lineatus (Linnaeus)

Picus lineatus Linnaeus, 1766, Syst. Nat., 12a. ed., I, p. 174 (com base em Brisson, Orn., LV, p. 31, "Picus niger Cayanensis cristatus"): Cayenne.

Um ♂ do Rio Vila Nova (Macapá), Lasco col., 5 de maio de 1936. Medidas: asa 194 mils., cauda 133 mils., culmen 40 mils.

As variações de tamanho neste pica-pau têm sido repetidamente comentadas pelos ornitologistas. (1) As maiores medidas correspondem às aves da porção oeste-setentrional da área da espécie, aí inclusa a Amazônia ocidental. O exemplar mais avantajado de nossa coleção é um ♂ de Jauaretê (Rio Uaupés), que mede 198 mils. de asa, 155 de cauda e 43 de culmen. Tomando por base o comprimento da asa, que das medidas é, em nosso caso, a mais digna de consideração, o espécime de Jauaretê é suplantado por uma ♀ de Manaus e outra do Rio Eiru (afl. do alto Juruá), para as quais Gyldestolpe (2) dá, respectivamente, 205 e 206 mils. de asa. No sul do Brasil (oeste de São Paulo, sul de Mato-Grosso), como pude demonstrar em outro lugar, (3) encontramos valores muito aproximados, e em qualquer hipótese sempre superiores aos encontrados em *C. lineatus improcerus* Bangs & Penard, que se me afigura uma boa raça, de distribuição limitada ao Recôncavo da Bahia e redondezas. (4)

As relações de *Ceophloeus lineatus* com *C. erythroptus* (Val.) (5) impuseram-se à minha atenção ao estudar, anos atrás, uma ♀ de Jacarèzinho (norte do Estado do Paraná), colecionada em março de 1901 por Ehrhardt, para o Museu Paulista. Neste exemplar existe apenas esbôço das manchas longitudinais brancas que ladeiam tão caracteristicamente a região interescapular de *C. lineatus*, o que o

(1) — Cf. NAUMBURG, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LV, p. 186 (1830).

(2) — Kungl Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 128 (1945).

(3) — Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., p. 59 (1932).

(4) — Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 169 (1935).

(5) — *Picus erythroptus* Valencienns, 1826, Dit. Sci. Nat. XL, p. 178: "Brésil" (como pátria típica proponho Rio de Janeiro).

coloca em posição nitidamente intermediária entre os exemplos típicos desta espécie e os de *C. erythroptus*. Num lote de 1 ♂ e 5 ♀♀ do Rio Doce (precisamente da confluência dos rios Piracicaba e Sussui), tipicamente de *C. erythroptus*, destaca-se uma ♀ (N.º 28.625), pela presença de algumas penas marginadas de branco no lado direito da região interescapular. Apresenta também posição visivelmente intermediária entre as duas formas um ♂ da Serra da Bocaina, no limite extremo do Estado de São Paulo com o do Rio de Janeiro; as manchas brancas escapulares, embora muito mais distintas do que na ♀ de Jacarèzinho, ficam muito longe das que se vêem nas aves do Brasil oeste-septentrional e central, inclusive o oeste de São Paulo (Bebedouro, Franca, Presid. Epitácio etc.). Dêstes fatos impõe-se a conclusão de que a forma correntemente denominada *Ceophloeus erythroptus* não é senão uma bem definida raça geográfica de *C. lineatus* com distribuição limitada à faixa oriental do Brasil, do Espírito Santo e leste de Minas Gerais (vale do Rio Doce) ao Rio Grande do Sul (São Lourenço).

Veniliornis passerinus passerinus (Linnaeus).

Picus passerinus Linnaeus, 1766, Syst. Nat., 2a. ed., I, p. 174 (com base em "*Picus dominicensis minor*" de Brisson: "in Dominica", (= Caienne, pátria típica fixada por Berlepsch & Hartert). (1)

Uma ♀ do Rio Vila-Nova (Macapá), colecionada por Lasso em 24 de agosto de 1936.

Abstraidas as diferenças de sexo, o exemplar combina com um ♂ de Igarapé Bravo (margem norte do baixo Amazonas, oposta a Santarém); três ♂♂ do Rio Curuá, afluente da margem meridional, a leste do Tapajós, embora apresentem características muito semelhantes, diferem na maior quantidade do vermelho no dorso, correspondendo à raça descrita pelo Conde Gyldenstolpe com o nome de *Veniliornis passerinus tapajozensis*. (2) Mais para oeste, esta última passa a ser substituída por *Veniliornis passerinus insignis* Zimmer (3), forma bem distinta, cuja principal característica reside na ausência de pintas claras nas coberteiras superiores das asas. Anos atrás (1940), ao determinar a grande coleção de ma-

(1) — Novit. Zool., IX, p. 93, em nota (1902). Segundo Todd. (Ann. Carnegie Museum, XXX, 1946, pág. 310), no extremo oeste da Guiana Francesa vive uma raça de colorido geral mais escuro do que na forma típica, por ele descrita com o nome de *Picumnus passerinus saturatus* (tipo de Mana).

(2) — *Venilornis passerinus tapajozensis* Glydenstolpe, 1941, Ark. f. Zoologi, XXXIII, N.º 12, pag. 7: Santarém.

(3) — *Venilornis passerinus insignis* Zimmer, 1942, Amer. Mus. Novit., N.º 1.159, p. 2: Igarapé Auará (margem direita do baixo Madeira).

terial amazônico adquirida ao snr. A. Olalla, chamaram-me a atenção 2 ♂♂ e uma ♀ de Itacoatiara, pela ausência completa das manchas há pouco referidas, afigurando-se-me pertencerem a uma forma ainda não descrita. Mais tarde, quando me dispunha a nomeá-los, verifiquei a exata coincidência de suas características com as apontadas por Zimmer nos exemplares do baixo Madeira (Igarapé Auará, Rosarinho, Parintins) que serviram de base à sua subespécie, convencendo-me de que uns e outros devem, com toda probabilidade, filiar-se a uma mesma raça geográfica.

Veniliornis affinis ruficeps (Spix)

Picus ruficeps Spix, 1824, Av. Sp. Nov. Bras., I, p. 63, pl. 56, fig. 2 (♀): "in sylvis flum. Amazonum" ("Pará", i. é. Belém, pátria típica escolhida por Hellmayr). (1)

Um ♂ do Rio Anapu (Portel) e uma ♀ de Val-de-Cães (subúrbio de Belém), colecionados por Lasso, em novembro de 1938 e janeiro de 1937.

No ♂ de Portel as coberteiras das asas, são em parte, intensamente tintas de vermelho-sangue, com uma larga mancha central sagitiforme branco-amarelada e lavada de vermelho; na ♀ de Belém há menor abundância de vermelho nas asas, mas o dorso é mais tingido de tons sanguíneos do que no primeiro. Nosso material de *V. a. ruficeps* mostra, aliás, a maior variação neste particular, num dos extremos estando um ♂ de Miritiba (norte do Maranhão), em que a quantidade de vermelho, tanto nas asas, como nas costas, é muito maior do que em qualquer dos do baixo Amazonas, e no outro uma ♀ da mesma localidade, comparável a alguns dos nossos exemplares de *V. affinis haematostigma* Malherbe (2) procedentes do alto Juruá.

Picumnus cirratus macconnelli Sharpe

Picumnus macconnelli Sharpe, 1901, Bull. Orn. Cl., XII, p. 4: "British Guiana",

Picumnus amazonicus Sneathlage, 1906, Orn. Monatsber., XIV, p. 60: Marajó, Monte Alegre.

Uma ♀ de Inumu (Rio Tapajós, marg. direita), colecionada por Lasso em 27 de dezembro de 1932.

Dêste picapauzinho há em nossas coleções apenas um ♂ da Foz do Rio Curuá do Sul e outro de Igarapé Bravo; parece, no

(1) — Field Mus. Nat. Hist., XII, p. 412 (1929).

(2) — Não ignoro que Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1159, p. 9, 1942) opina pela rejeição do nome de Malherbe em favor de *Campias hilaris* Caban. & Heine (Mus. Hein. IV, pte. 2, 154: Peru); mas não me acho no momento preparado para adotar essa mudança.

entanto, muito comum nas margens ambas do baixo Amazonas e particularmente na zona de Santarem. (1) Representa nessa parte do Brasil e nas Guianas a forma típica da espécie, que é peculiar aos Estados este-meridionais; desde o extremo sul da Bahia, até o Paraná. Difere principalmente da forma sulina por vários caracteres resumidos por Hellmayr, a saber, bico mais grosso, costas de um pardo mais carregado e raias das partes inferiores mais denegridas e largas. Nos nossos espécimes amazônicos as coberteiras superiores das asas são de um pardo muito mais uniforme, enquanto que nas aves do sul do Brasil é freqüente a existência de uma orela mais clara e às vezes até de pequenas manchas, sugerindo parentesco com *P. guttifer*.

Família DENDROCOLAPTIDAE

Dendrocolaptes certhia concolor Pelzeln

Dendrocolaptes concolor Pelzeln, 1868, Orn. Bras., I, pags. 43 e 62: Vila Bela de Mato Grosso (Rio Guaporé), Salto do Giráu, Borba (Rio Madeira). Local. típica Borba (margem direita do baixo Madeira), fixada por Hellmayr. (2).

Uma ♀ do Rio Anapu (Portel), colecionada em novembro de 1938 por Lasso.

Não vejo nenhuma diferença entre a ♀ de Portel (margem direita do baixo Amazonas, à igual distância entre o Tapajós e o Tocantins) e dois exemplares, ♂ e ♀, de Santarém, colecionados por E. Garbe (agosto de 1920). Em compensação, divergem os três, embora muito levemente, de dois ♂ genuínos da presente raça, oriundos de Lago do Batista, localidade não distante da margem oriental do baixo Madeira. Em todos o bico tem mais ou menos a mesma cor pardo-amarelada; mas nos exemplares do Tapajós, como no de Portel as partes inferiores apresentam sinais bem claros de raias transversais, que são quase indistintas nos espécimes de Lago do Batista. Não me acho todavia preparado para aceitar *Dendrocolaptes ridgwayi* Hellmayr, (3) cuja validade é

(1) — Cf. GRISCOM & GREENWAY, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 206 (1941).

(2) — Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. IV, p. 259, nota a (1925).

(3) — *Dendrocolaptes certhia ridgwayi* Hellmayr, 1905, Novit. Zool., XII, p. 282 — novo nome para *Dendrocolaptes obsoletus* Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 527 (anteocupado por *D. obsoletus* Lichtenstein, 1820): Diamantina (proximidades de Santarem).

defendida tanto por Griscom & Greenway, (1) como por Gyldenstolpe, (2) depois de haver sido contestada pelo seu próprio autor. (3). Faltam-me também exemplares da região de Belém, o que me priva de apreciar as características de *D. certhia medius* Todd, (4) em confronto com as duas raças do baixo Amazonas.

Dendroplex picus pictus (Gmelin)

Oriolus picus Gmelin, 1799, Syst. Nat. I, p. 384 (baseado em Daubenton, Pl. enlum. 605, "Talapiot"): Cayenne.

1 ♂ de Macapá (Rio Vila Nova). col. por Lasso em 26 de agosto de 1936; 1 ♂ do Rio Anapu e 2 ♀ ♀ do Rio Pracupi (localidades ambas vizinhas de Portel, na margem direita do baixo Amazonas), colecionados por Lasso, em 24 de nov. de 1938, 24 de jan. de 1939 e 27 de fev. de 1939; 1 ♂ de Aramanai (margem direita do Tapajós), col. por Lasso em 30 de XI de 1932.

Os cinco exemplares devem pertencer, com segurança, à forma típica de *D. picus*; não obstante, estão muito longe de ser perfeitamente semelhantes, mormente no que respeita ao colorido das partes superiores, que varia entre o castanho chocolate (♀ do Rio Pracupi, 24 de jan. de 1939), e o ferrugem carregado (♂ de Aramanai); as partes inferiores variam menos, embora no ♂ do Rio Anapu se mostrem mais pardo-oliváceas (menos pardo-arruivadas) do que nos demais exemplares. No ♂ de Macapá, as manchas claras da garganta e do peito são mais alongadas e acentuadamente tingidas de ruivo; nos demais espécimes são aproximadamente ovoides ou sagitiformes; em todos, porém, a orla escura cõtorna também a extremidade das penas, disposição que se diz característica de *D. picus picus* em relação a *D. necopinus* Zimmer. (5) No ♂ de Aramanai, indiscutivelmente de *D. p. picus* pela viva coloração ferrugínea do dorso e desenho caracteristicamente esquamado do peito, o bico é mais franzino do que nos restantes, além de possuir quase retilíneos tanto o culmen como o gonis, reproduzindo aquilo que segundo Griscom & Greenway seria o melhor caráter de *necopinus*. Entre 5 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀ da foz do Rio Curuá do Sul, 3 ♂ ♂ e uma ♀ pertenceriam a *necopinus* pela tonalidade mais sombria, menos ar-

(1) — Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 208 (1941).

(2) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 130 (1945).

(3) — Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte IV, p. 260, nota a (1925).

(4) — *Dendrocolaptes certhia medius* Todd, 1920, Proc. Biol. Wash., XXXIII, p. 74: Benevides (leste do Pará).

(5) — *Dendroplex necopinus* Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., N.º 753, p. 17: Muirapinima (marg. direita do Rio Negro).

ruivada, das costas, pela aparente interrupção da orela escura na extremidade das penas do pescoço e do peito, e talvez ainda pelo relativo alongamento das primárias; mas diferem consideravelmente no comprimento e na conformação do bico, que copia o formato dos indivíduos típicos de *D. p. picus*. Estas e outras razões, robustecidas pelo estudo de uma série de quase cinquenta espécimes de diferentes localidades, fazem-me extraordinariamente septico quanto à validade de *D. necopinus*, que se afigura corresponder a um conjunto de características freqüentemente coincidentes em indivíduos das mais variadas localidades, mas não raro observadas também isoladamente, ou combinados das mais diferentes maneiras.

De modo geral, a atual sistemática da espécie é ao meu ver das menos satisfatórias. Quatro exemplares dos Rio Juruá e Eiru se destacam pela tonalidade castanha intensa das partes superiores, e especialmente das retrizes; isto se casa dificilmente com a observação de Gyldenstolpe, (1) que reconhece nos exemplares da mesma zona por ele estudados coloração mais clara e de um ruivo mais brilhante, referindo-os por isso a *D. p. peruvianus* Zimmer, (2) e não a *D. p. kienerii* (Des Murs). (3) De outro lado, temos um ♂ (N.º 23.355) de Santa Cruz (Rio Eiru) com grande parte dos caracteres atribuídos a *necopinus*, particularmente o dorso mais pardo (menos ferruginoso) e as manchas do peito oblongas, sem orla escura distinta na extremidade. Estes dois exemplares se destacam, além disso, pelo seu tamanho, suas medidas (asa 114 mils., cauda 104 e 100 mils., culmen 29 e 31 mils., respectivamente) excedendo às de qualquer dos nossos exemplares amazônicos de *D. picus* e correspondendo às que Hellmayr encontrou em espécimes do alto Madeira (Calama) e leste do Peru (Sarayacu), por isso arrolados sob *D. picus kienerii*. Nas aves da região central de Mato-Grosso, representadas por vários exemplares da fazenda Palmeiras (a leste de Cuiabá) o colorido é muito mais desmaiado (ferrugíneo em vez de castanho, tanto nas costas como na cauda); não obstante, uma ♀ do Rio Piquiri (N.º 12.187) destoa da série de Palmeiras pelo tom mais carregado, castanho-ferruginoso das partes superiores, inclusive todo o dorso.

(1) — Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 135 (1945).

(2) — *Dendroplex picus peruvianus* Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., N.º 753, p. 14: Santa Rosa (alto Rio Ucayali, Peru).

(3) — *Dendroornis kienerii* Des Murs, 1856, em Castelnau, Voy. Amér. Merid, Oiseaux, p. 45, pl. XIV, fig. 1: Ega (= Tefé, marg. direita do Rio Solimões). Segundo Ménégaux & Hellmayr (Bull. Soc. d'Hist. Nat. d'Autun, XIX, 1960, p. 108), o tipo mede 110 mils. de asa, 101 mils. de cauda e 28 1/2 mils. de culmen.

Xiphorhynchus guttatus eytoni (Sclater)

Dendrocolaptes eytoni Sclater, 1854, Proc. Zool. Soc. Lond., XXI, p. 69, pl. 57: Rio Capim (leste do Pará).

Uma ♀ de Capanema, a leste de Belém (E. F. de Bragança), colecionada por Lasso em 10 de novembro de 1936; uma ♀ e um exemplar insexuado de Aramanai (marg. direita do Tapajós, pouco acima de Santarém), obtidos pelo mesmo colecionador respectivamente em 10 de novembro de 1936 e 23 de nov. de 1932.

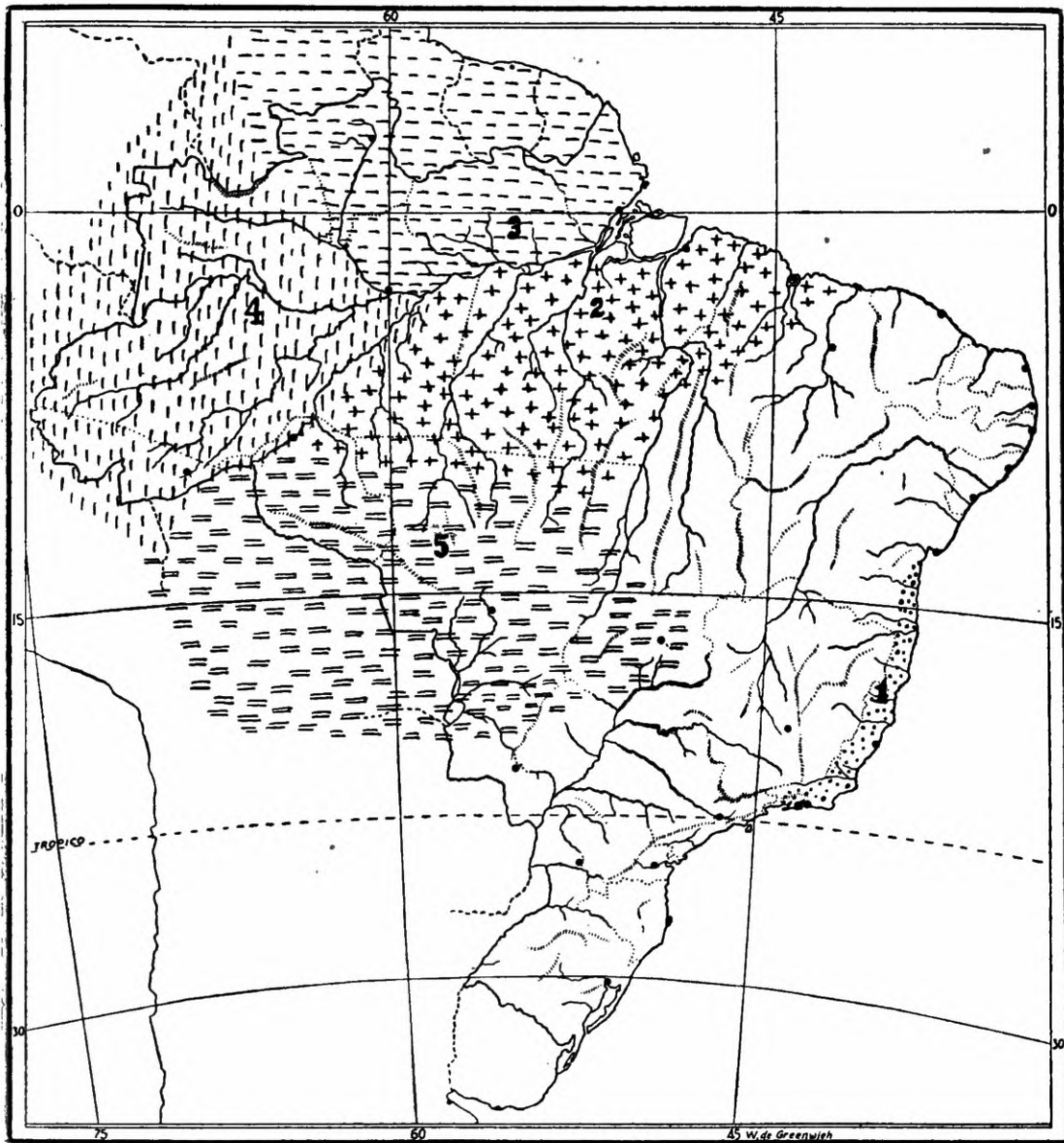
Não deixa de ser bastante curioso que a ♀ de Capanema, pelo menos no que respeita à largura das estriações do dorso, se aproxime mais dos nossos exemplares do Tapajós (Santarém, Aramanai) e margem direita do baixo Madeira (Lago do Batista) do que de um ♂ de Santo Antônio do Prata (N.º 6.796) colecionado por W. Hoffmanns (10 de nov. de 1905) e recebido, em permuta, do Tring Museum. Por outro lado, si o ♂ de Prata difere dos do baixo Amazonas pelo menor tamanho das referidas estriações, decididamente se assemelha mais com estes do que o de Capanema no tocante ao colorido das partes inferiores, fortemente carregadas de tons ruivos. À vista desta variabilidade, parece-me difícil reconhecer nas aves do distrito este-paraense uma raça particular, conforme a sugestão de Griscom & Greenway.

As várias populações brasileiras de *X. guttatus* acham-se presentemente representadas em nossas coleções de modo bastante satisfatório, permitindo uma visão em conjunto das variações geográficas experimentadas pela espécie. A meu ver, o Rio Amazonas delimita as áreas de *X. g. eytoni* e *X. g. polystictus* (Salv. & Godm.) (1) nome atual da raça guianense-amazônica comumente chamada *X. g. sororius* (Berl. & Hartert); o íntimo parentesco entre as duas raças e a relativa larguesa das variações individuais de todas explicam satisfatoriamente a presença eventual na margem esquerda do baixo Amazonas de indivíduos com traços acentuados de semelhança com os da margem meridional, como seja a côr escura do bico, a tonalidade mais clara da garganta, etc. Parece-me muito pouco provável venham a se confirmar as diferenças ecológicas imaginadas por Zimmer (2) para explicar a suposta coexistência das duas raças em discussão na zona de Faro. Sete ♂♂ e sete ♀♀ do

(1) — *Dendroornis polysticta* Salvin & Godman, 1883, Ibis, 5a. série, p. 210: Bartica Grove (Guiana Inglesa). Tem como sinônimo *Dendroornis rostrispallens sororia* Berl. & Hartert, 1902 (Novit. Zool., IX, p. 63), cujo tipo é de Maiupures (Venezuela, vale do Rio Orenoco).

(2) — Amer. Mus. Novit., N.º 756, p. 2 (1934).

alto Rio Juruá e seu afluente Rio Eiru apresentam os caracteres típicos de *X. g. guttatoides* (Lafresnaye), (1) como seja a côr desbotada, por vêzes quase branca, tanto da mandíbula, como da ma-



Distribuição aproximada das raças brasileiras de *Xyphorhynchus guttatus* (Licht.)

- | | |
|---|---|
| 1 | <i>Xyphorhynchus guttatus guttatus</i> (Licht.) |
| 2 | „ „ <i>eytoni</i> (Sclater) |
| 3 | „ „ <i>polystictus</i> (Salv. & Godm.) |
| 4 | „ „ <i>guttatoides</i> (Lafresn.) |
| 5 | „ „ <i>d'orbignyanus</i> (Lafresn.) |

(1) — *Nasica-guttatoides* Lafresnaye, 1850, Rev. Magaz. Zool. 2a. ser., II, p. 387: “Lorette” (= Loretto, leste do Peru) e “Colombie” (= vizinh. de Bogotá) — local típica Bogotá, escolhida por Zimmer (op. cit., p. 1). Entre os sinônimos está *Dendronis rostripallens* Des Murs, 1856 (em Castelnau Voy. Amér. Sud, Ois., p. 45, pl. 12, fig. 2), baseado em exemplares de Pebas, no leste do Peru.

xila. Três ♂♂ e uma ♀ de Codajaz, na margem septentrional do Rio Solimões, devem referir-se também a *X. g. guttatoides*, embora divirjam sensivelmente da série do alto Juruá pela tonalidade mais escura do bico, especialmente a maxila, aproximando-se assim de *X. g. polystictus*, ou mesmo de *X. g. eytoni*, com que apresentam ainda um outro traço de semelhança na côr decididamente esbranquiçada, em vez de fulva, da porção anterior da garganta. *X. guttatus d'orbignyana* (Lafresnaye) (1) está bem representado em nossas coleções por exemplares de Mato-Grosso e Goiaz. Nesta raça, não só o bico, maxila e mandíbula, é ainda muito mais claro da que em *X. g. guttatoides*, como faltam às estriações do peito as margens escuras existentes no último. Nossos exemplares de Goiaz (Rio das Almas) têm a plumagem mais clara do que os de Palmeiras (perto de Cuiabá) e Corumbá; mas o fato parece destituído de significação, visto que um ♂ de S. Luiz de Cáceres se acha nas mesmas condições.

Uma chave das formas brasileiras deste grupo complexo não deixará de ter alguma utilidade para os que se iniciam no seu estudo:

- Garganta branca; bico muito escuro, com exceção apenas de uma parte maior ou menor da mandíbula (margem direita do baixo Amazonas, inclusive a região este-paraense e o norte do Maranhão *X. guttatus eytoni* (Sclater)
- AA. Garganta fulva ou ocrácea, no todo ou em parte; bico de côr variável, mas nunca tão escuro como na forma precedente
- B. Maxila superior muito mais escurecida do que a mandíbula
- C. Píleo e dorso aproximadamente da mesma tonalidade; estrias do dorso muito longas e estreitas; garganta intensamente ocrácea, o mento inclusive (leste do Brasil, da Bahia ao Rio de Janeiro) *X. guttatus guttatus* (Licht).

(1) — *Nasica D'Orbignyana* Lafresnaye, 1850, Rev. Magaz. Zool., 2a. ser., II, p. 420: Guaraycs e Chiquitos (leste da Bolívia).

- Píleo muito mais escuro do que o dorso, que é manchado de estriações largas e fortemente debruadas de preto (Guianas e margem septentrional do baixo Amazonas) ..
- CC. *X. guttatus polystictus* (Salv. & Godm.)
- BB. Maxila esbranquiçada como a inferior, ou apenas escurecida na base ..
- Partes superiores de côr pardo-azeitonada, com o píleo mais escuro do que o dorso; estriações das costas e do peito largas e
- D. muito distintamente orladas de preto; maxila superior mais ou menos sombreada de escuro na base (alto Amazonas, inclusive as margens direita e esquerda do Rio Solimões) ..
- X. guttatus guttatoides* (Lafresn.)
- Partes superiores de tonalidade muito mais desbotada e com o píleo apenas mais escurecido do que o dorso; estriações das costas mais estreitas, e, tanto como as do peito, sem orla preta distinta; todo o bico é em regra brancacento (Brasil central e leste da Bolívia) ..
- DD. *X. guttatus d'orbignyianus* (Lafresn.)

Xiphorhynchus pardalotus (Vieillot)

Dendrocopus pardalotus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXVI, p. 117 (baseado em "Le Grimpar flambé" de Levaillant, Hist. Nat. Promérops, p. 74, pl. 30): Cayenne.

Um ♂ do Rio Vila Nova (Macapá), colecionado por Lasso em 18 de maio de 1936; um espécime de sexo indeterminado do Rio Erepecuru, afluente do Trombetas, obtido por Lasso em 8 de março de 1937; um ♂ e uma ♀ de Rio Mapuera (afl. da margem norte do Rio Amazonas, pouco acima do Rio Trombetas), caçados pelo mesmo colecionador em 9 de julho de 1937 e 18 de maio de 1936.

Há grande constância nas características desta espécie, que parece comum em toda a região compreendida entre o litoral das Guianas e toda a margem septentrional do Rio Amazonas, desde o Rio Negro até o estuário, de onde tenho agora o primeiro exemplar, colecionado em Macapá. Zimmer (1) é o único autor, até hoje, que fez referência à espécie na margem sul do baixo Amazonas, registrando cinco exemplares de Aramanai, na margem ocidental do

(1) Amer. Mus. Novit., N.º 756, pag. 20 (1934).

baixo Tapajós. As manchas lacrimiformes do dorso são de ordinário bastante estreitas e alongadas; em alguns exemplos, porém, como na ♀ do Rio Mapuera, assumem a forma de gotas mais largas. Também as pintas do píleo, acompanhando estas modificações, ora se alongam em riscos, ora se dilatam em gôtas cuneiformes. A ausência de qualquer sentido zoogeográfico nestas leves variações é, todavia, testemunhada por uma série de exemplares da zona de Itacoatiara, aí compreendidos quatro ♂ ♂ e sete ♀ ♀ do Rio Anibá.

Xiphorhynchus spixii spixii (Less.)

Picolaptes spixii Lesson, 1830, *Traité d'Ornithol.*, livr. 4, p. 314 (baseado em *Dendrocolaptes tenuirostris* Spix, 1824, *Av. Bras.*, I, p. 88, pl. 91, fig. 2, preocupado por *D. tenuirostris* Lichtenstein, 1820): local. não indicada (pátria típica Belém do Pará, proposta por Hellmayr).¹

O único exemplar existente na coleção trazida do Museu Goeldi, um ♂ adulto, procede de Capanema (na região este-paraense) e foi colecionado por Lasso em 30 de outubro de 1936. Ele combina com os do baixo Tapajós, representados por 4 ♂ ♂ e uma ♀ de Aveiro, um ♂ de Itapoama, e um insexuado de Caxiricatuba; parece, todavia, diferir levemente no aspecto das partes inferiores, cujas manchas claras têm forma menos regular, tornando-se quase obsoletas na porção baixa do peito, onde as orlas escuras que as margeiam não se destacam muito nitidamente do fundo pardo-azeitonado. Segundo todos os autores, o Rio Tapajós marca o limite ocidental desta subespécie, a qual, a partir da margem esquerda do mesmo rio, passa a ser substituída por *X. spixii elegans* (Pelzeln), (2) raça representada na coleção do Departamento de Zoologia apenas por um ♂ de Porto Velho, na margem direita do Alto Madeira. A julgar pelo material em estudo, as diferenças entre *X. spixii elegans* e *X. s. spixii* são de ordem nem sempre encontrada entre espécies afins e, em qualquer hipótese, decididamente maiores do que as que distinguem habitualmente, dentro de uma mesma espécie, raças de áreas geográficas adjacentes. *X. juruanus* (Ihering), dos rios Purus e Juruá, difere ainda mais de qualquer dos dois, tanto pelo seu dorso quase imaculado, como pela extrema redução no tamanho das manchas do peito, sendo lícito discutir a vantagem de considerá-lo também coespecífico de *X. spixii*, pelo simples fato de todos aparen-

(1) *Novit. Zoologicae*, XII, p. 282 (1905).

(2) *Dendroornis elegans* Pelzeln, 1868, *Zur Ornith. Bras.*, I, pags. 45 e 63, em parte: Engenho do Gama (Rio Guaporé, norte de Mato-Grosso).

femente se substituírem no espaço geográfico. No que concerne à complexidade do assunto, é interessante nos lembrarmos de que Zimmer verificou a ocorrência de *juruanus* em São Paulo de Olivença, ao lado de *X. spixii ornatus*, nova raça por êle descrita, com base em exemplares de Puerto Indiana, na foz do Rio Napo (Perú) (1).

Lepidocolaptes angustirostris coronatus (Lesson)

Dendrocolaptes coronatus Lesson, 1830, *Traité d'Ornith.*, livr. 4, p. 314 (baseado em *Dendrocolaptes bivittatus* de Spix, *Av. Bras.*, I, p. 87, não de Lichtenstein): "in campis sylvestribus Piahy" (Spix).

Uma ♀ de Santarém, colecionada pelo snr. A. Olalla, em 16 de fevereiro de 1933.

Há na coleção do Departamento de Zoologia, procedente da mesma localidade, mais um casal dêste pássaro, que conforme o ponto de vista adotado por Hellmayr, (2) corresponde à forma nomeada por Lesson. Esta é hoje por todos reconhecida como raça geográfica de *Lepidocolaptes angustirostris* (Vieillot), (3) espécie extremamente polimorfa, e descrita primeiramente no Paraguai. Entre os ornitólogos modernos tem havido porém freqüente erro no tocante à identidade da ave que Azara descreveu em seus "Apuntamientos" (No. 242) com o nome de "Trepador comun", isso em consequência da sua confusão com outras formas aparentadas e de vizinha área de distribuição. Hoje, ao meu ver, depois dos estudos de Alfr. Laubmann, (4) com base no material colecionado pelas expedições do Prof. Krieg, não há mais razões para ter dúvidas sobre o assunto, ficando definitivamente assentado que a forma típica de *L. angustirostris* é a que tem o seu habitat limitado ao chaco paraguaio e circunjacências, e se caracteriza pelas estriações relativamente pouco acentuadas das partes inferiores, de par com o comprimento moderado do bico. Não disponho de espécimes topotípicos de *L. a. angustirostris*, mas não me custa apreciar as suas características através de alguns exemplos do sudoeste de Mato Grosso, até cujos limites se estende, segundo Alfr. Laubmann, a

(1) *Xiphorhynchus spixii ornatus* J. T. Zimmer, 1934, *Amer. Mus. Novit.*, N.º 756, pag. 8: Puerto Indiana (foz do Rio Napo, Peru)

(2) *Catal. Bds. Americas* (Field Mus. Nat. Publ., Zool. Ser., XIII), parte IV, pag. 338 (1925); idem, *Field Mus. Nat. Hist., Zool.*, XII, p. 359 (1929).

(3) *Dendrocopus angustirostris* Vieillot, 1818, *Nouv. Dict. Hist. Nat.*, nouv. éd., (XXVI), p. 116 (baseado em Azara, N.º 242): Paraguai.

(4) *Verhandl. Orn. Gesells. Bayer.*, XX, p. 600-2 (1935).

área de dispersão da raça paraguaia, antes de ser substituída por *L. angustirostris bivittatus* Licht., (1) forma centro-brasileira, com que ela faz transição, sem linha definida de separação geográfica. Sob êste particular, é muito instrutiva uma série de Salobra, localidade situada cerca de 15 quilómetros a oeste de Miranda; no que respeita à visibilidade das estriações das partes inferiores, formam as suas unidades verdadeira escala, um de cujos extremos é representado por uma ♀ (Lima col., 27-I-1941) de partes tão intensamente riscadas de pardo que, si tomada isoladamente, não se hesitaria em referi-la à raça paraguaia. Fato semelhante se observa nas aves de Corumbá, de onde tenho onze exemplares à disposição, alguns, em pequena minoria, com as partes inferiores quase imaculadas, e outros com as penas das ditas mais ou menos distintamente debruadas de pardo. Abstração feita das estrias, ainda há divergência na tonalidade do fundo, que é muito claro nos primeiros, e branco sujo, visivelmente amarelado, nos últimos. Também nitidamente intermédios, embora mais aproximados dos de São Paulo, são os exemplares de Miranda e Aquidauana. Na região de Cuiabá (Cuiabá, Palmeiras, Rio Aricá), com o desaparecimento quase completo de estriação longitudinal nas partes inferiores das aves adultas (estriação mais ou menos distinta parece característica dos jovens), as populações assumem, por seu turno, aspecto intermediário entre as do Brasil este-meridional tipicamente pertencentes a *L. a. bivittatus*, e as de *L. a. coronatus*, do baixo Amazonas, que daquelas meramente diferem pela tinta mais ou menos ocrácea das ditas partes. Nas aves do Estado de São Paulo, pátria típica de *bivittatus* é excepcional a coloração perfeitamente uniforme das partes inferiores, mesmo nas aves adultas, tal como também nas do sul de Goiaz (Jaraguá, Inhumas, Nova Roma).

Das raças geográficas de *L. angustirostris*, a que mais amiúde tem sido tomada impropriamente pela forma típica dá espécie é *L. angustirostris chacoensis* Laubmann, (2) peculiar à região oeste-

(1) *Dendrocolaptes bivittatus* Lichtenstein, 1822, Abhandl. Akad. Wissens. Berlin, 1820-1821, pags. 258, 266, pl. 2, fig. 2: "in provincia São Paulo".

(2) *Lepidocolaptes angustirostris chacoensis* Laubmann, 1935, Verh. Ornith. Gesells. Bay., XX, p. 601: San José (Prov. Formosa, Rep. Argentina).

A existência desta raça, que o próprio Laubmann tomara a princípio (Wiss. Ergebn. Deuts. Gran Chaco-Exped., Vögel, p. 195) pela forma típica, foi claramente suspeitada por Wetmore (Bull. 133, Un. St. Nat. Mus., 1926, p. 236), ao acentuar as diferenças que encontrou entre os exemplares por êle colecionados em Tapia (Tucumán) e os que obtivera na zona do Chaco argentino, precisamente a pátria de *L. a. chacoensis*. Nestas circunstâncias, pode-se concluir que as aves do nordeste árido da Republica Argentina, apresentando caracteres intermediários entre as de Tucumán e as do Paraguai, don-

septentrional da República Argentina, mais correntemente conhecida pelo nome de Chaco. É esta uma forma extrema, em que a estriação das partes inferiores atinge tamanha intensidade que seria muito difícil suspeitar o seu parentesco com as raças norte-brasileiras da espécie, não fosse a ponte lançada pelos tipos intermédios. Em permuta com o Instituto Miguel Lillo de Tucumán, conseguiu dela ultimamente o Departamento de Zoologia bonito lote de exemplares topotípicos, os quais, pelas suas partes inferiores densamente riscadas de pardo-escuro, desde a garganta até as infracaudais, seria impossível acomodar à descrição de Azara, onde se lê que "las plumas de la garganta hasta la cola y costados son blanquizas, com las bordas pardas claras poco reparables". Também na cor das partes superiores difere fortemente *chacoensis* de *angustirostris*, pois enquanto o primeiro tem as costas pardo-arruivadas, com mescla de oliva, o último tem-nas normalmente cor de ferrugem, quase sem mistura de outro tom. Em *chacoensis* as estriações brancas sobre fundo pardo-escuro não se restringem ao alto da cabeça, mas invadem o pescoço, extendendo-se até a parte superior do manto.

Na região este-septentrional e oriental da Argentina *L. a. angustirostris* é substituído por *L. a. praedatus* Cherrie, (1), raça cuja boa qualidade é atestada de modo muito convincente por três exemplares da Prov. de Buenos-Aires (La Plata, Punta Lara). No que respeita ao aspecto das partes inferiores, salvo talvez o branco mais puro da garganta, ela é semelhante a *angustirostris*; mas difere notavelmente pelo maior comprimento do bico (38 a 44 mils., em vez de 28 a 34 mils.) e ainda pela cor mais clara do píleo e a tonalidade francamente olivácea do dorso, até cuja primeira porção chegam as estriações do alto da cabeça.

Outras raças extra-brasileiras descritas na espécie são *L. a. certhiolus* (Todd), (2) de leste da Bolívia, e *L. a. hellmayri* Naumburg, (3) da região central (Santa Cruz) da mesma república. Sobre elas não posso me pronunciar, por falta de material; mas, a julgar pelo

de a sua determinação como *angustirostris* e *chacoensis* estar ainda na dependência do material em estudo e dos pontos de vista de cada autor.

(1) G. K. CHERRIE, Bull. Am. Mus. Nat., XXXV, p. 187 (1916): Concepcion del Uruguay ("Uruguay", errore, Republica Argentina). As notas da descrição original devemos acrescentar os informes fornecidos por Wetmore, no Bul. 166 do Un. St. Nat. Museum, p. 237 (1926).

(2) *Picolaptes bivittatus certhiolus* Todd, 1913, Proc. Biol. Soc. Wash., XXVI, p. 173; Curicke (Rio Grande, Bolívia).

(3) *Lepidocolaptes angustirostris hellmayri* Naumburg, 1942, Auk, p. 421: Chilon (Santa Cruz, Bolívia).

que a seu respeito informa a literatura, tenho a impressão de que *certhiolus*, cuja descrição original aliás é de todo insuficiente, deverá entrar na sinonímia de *angustirostris*, (1) ou senão na de *bivittatus*, formas que, como vimos, intergradam no oeste de Mato-Grosso. Não obstante, modo talvez mais acertado de encarar a questão seria estender para leste a área de *certhiolus*, até aos rios Paraguai e Cuiabá, de modo a abranger as populações intergradantes que ocupam esta região.

Muito aparentada com *L. a. coronatus*, é *L. a. bahiae* (Hellm.), (2) forma peculiar ao nordeste árido do Brasil. Dela temos exemplares típicos, de norte (Joazeiro, Bonfim) e oeste (Barra do Rio Grande) da Bahia, colecionados em 1907 e 1913 por E. Garbe. Afóra a tonalidade mais desmaiada das partes ruivas, o que caracteriza principalmente esta raça é o tom ocráceo das partes inferiores, e o maior tamanho do bico.

MEDIDAS (em milímetros)

Lepidocolaptes angustirostris praedatus

	asa	cauda	culmen
N.º 3.878, ♀, Prov. Buenos-Aires (Argentina)	93	70	38
♀, Punta Lara (Prov. B.-Aires, Arg.)	95	77	44
o?, La Plata ,, ,, ,,	95	75	39

Lepidocolaptes angustirostris chacoensis

31.794, ♂, Las Canitas (Tucumán, Argentina)	97	78	29
31.795, ♂, ,, ,, ,, ,,	99	74	33
31.796, ♀, ,, ,, ,, ,,	94	73	34
31.797, ♀, El Saladillo ,, ,,	97	75	33

Lepidocolaptes angustirostris certhiolus (?)

26.822, ♀, Salobra (Mato-Grosso)	91	79	32
18.343, o?, ,, ,,	97	79	29
29.889, o?, Corumbá ,,	96	82	30
29.885, ♂, Corumbá (Mato-Grosso)	95	82	28
12.220, ♂, Miranda ,,	100	81	29

(1) WETMORE (Bull. Un. St. Nat. Mus., N.º 133, 1925, p. 238) foi dos poucos autores a se ocuparem de *L. angustirostris certhiolus*, atribuindo a esta raça os exemplares colecionados em Puerto Pinasco e outros pontos do chaco paraguaiense, à vista de sua estreita semelhança com os tipos de Todd. Temos porém motivos para pensar que as aves de Puerto Pinasco mereçam ser referidas à forma típica de *angustirostris*, juntamente com os exemplares obtidos por êle no Chaco argentino.

(2) *Picolaptes bivittatus bahiae* Hellmayr, 1903, Ver. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 219: Bahia.

Lepidocolaptes angustirostris bivittatus

12.594, ♀, Aquidauana (Mato-Grosso)	96	80	29
29.892, ♂, Cuiabá	96	80	31
29.882, ♂, Rio Aricá	98	87	31
4.251, ♀, Itararé (São Paulo)	94	83	32
11.771, ♂, „ „	97	78	28
4.250, ♂, „ „	101	81	28
8.067, ♂, Franca	96	77	28
2.697, ♂, „ „	98	84	30
4.677, ♂, Rio Grande (Minas Gerais)	93	74	30
15.863, ♀, Nova Roma (Goiaz)	96	80	30
15.054, ♀, Jaraguá	99	74	34

Lepidocolaptes angustirostris bahiae

7.280, ♀, Joazeiro (Bahia)	93	75	37 ½
8.524, ♂, Barra do Rio Grande (Bahia)	96	70	35
7.279, ♀, Bonfim	92	70	35

Lepidocolaptes angustirostris coronatus

14.671, ♂, Santarém (Pará)	103	82	31
14.675, ♀, „ „	98	78	32
— ♀, „ „	95	77	30

Nasica longirostris longirostris (Vieillot)

Dendrocolaptes longirostris Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXVI, p. 117 (com base em "Le Grimpar Nasican" de Levaillant): "Brésil" (pátria típica, bôca do Igarapé Piaba, perto de Óbidos, por indicação de Griscom & Greenway).¹

Uma ♀ do Rio Vila Nova (Macapá), colecionada por Lasso em 7 de agosto de 1936.

Dispondo de material relativamente abundante desta espécie, comecei por tomar, ao acaso, uma parte dêle, e dividi-lo depois em dois lotes distintos, conforme procedessem os exemplares da margem septentrional, ou da margem sul do Rio Amazonas. Sem ter em mente as diferenças que levaram Griscom & Greenway a separar como raças distintas estas duas populações, pareceu-me também reconhecer nas partes superiores dos primeiros uma tonalidade mais carregada, mais tirante a castanho, do que nas dos últimos. Entretanto, ao querer acrescentar em cada lote os exemplares restantes de acordo com esta suposta diferença, aliás a única que me pareceu apreciável, verifiquei a impossibilidade de fazê-lo, sem errar em cerca de cinquenta por cento dos casos. Isso me põe de

(1) Bull. Mus. Compar. Zoology, LXXXI, p. 432 (1937).

acôrdo com a conclusão a que, segundo aquêles autores, chegara Zimmer, ao estudar a coleção do American Museum. (1) No que se refere particularmente à ♀ de Macapá (Rio Vila Nova), seu colorido concorda mais com o da generalidade dos espécimes da margem meridional do Amazonas (Rio Juruá, Rio Tapajós, Rio Curuá) do que com numerosos exemplos da margem septentrional, e particularmente os de Patauá, localidade não distante de Óbidos. Isso parece demonstrar que, ainda que tenham razão Griscom & Greenway quando persistem em reconhecer na espécie duas variedades geográficas, (2) o Rio Amazonas, contra toda expectativa, não deve ser considerado neste caso o limite natural entre ambas. Não é desinteressante recordar que em seu estudo sôbre a avifauna do baixo Amazonas, à pagina 216, aquêles distintos ornitologistas incluem entre as localidades habitadas por *Nasica longirostris australis* uma de nome Patauá, que é de supôr-se seja a mesma referida à pagina 91 do mesmo trabalho, como situada perto de Tauari, não longe da margem direita do Rio Tapajós. Não obstante, nas coleções por nós adquiridas ao snr. A. Olalla, além do exemplar de *Nasica longirostris* acima referido, há muitos outros rotulados de Patauá, com a indicação de estar êste lugar situado ao norte do Rio Amazonas, conforme tive ensejo de informar em trabalho anterior. (3)

Glyphorhynchus spirurus spirurus (Vieillot)

Neops spirurus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist., nouv. éd., XXXI, p. 338 (baseado em "Le Grimpar Sittelle" de Levaillant, 1807, Hist. Nat. Promérops, p. 75, pl. 31, fig. 1): Cayenne.

Um ♂ e uma ♀ de Macapá, col. por Lasso em 14 de maio e 26 de março de 1936, respectivamente.

Êstes dois exemplares se assemelham fielmente a dois ♂ ♂ e um exemplar sem sexo marcado do Obidos, a garganta, à medida que se marcha para oeste, vai adquirindo tonalidade cada vez mais ferruginosa, como o provam três ♀ ♀ de Itacoatiara e um ♂ de Igarapé Anibá, os quais sob êsse ponto de vista ocupam posição intermediária entre os de Óbidos e os de Manacapuru, êstes últimos sem dúvida pertencentes a *G. s. rufigularis* Zimmer. (4) Estudando as ca-

(1) À mesma conclusão chegou ulteriormente o conde Nils Gyldenstolpe em seu tantas vêzes citado estudo sobre "The Bird Fauna of Rio Juruá" (pag. 143).

(2) Cf. Bul. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 216 (1941).

(3) V. Arquivos de Zoologia, IV, pag. 310 (1945).

(4) *Glyphorhynchus spirurus rufigularis* Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., N.º 757, p. 3: monte Duida (sul da Venezuela).

racterísticas que distinguem *rufigularis* da forma típica de *spirurus*, diz Zimmer que falta à nova raça a fronte acinzentada ("the new form lacks the grayish tint of the forehead") das aves das Guianas. Todavia, em nossos exemplares de Amapá e Óbidos, estando as penas em sua posição normal, não se percebe nenhuma diferença apreciável de cor entre a parte anterior da fronte e o restante do píleo, que é pardo-azeitonado, com leve banho arruivado. Na base, as penas frontais são francamente cor de cinza, mas esta cor se limita à porção não exposta das ditas. Em *rufigularis* as manchas da garganta e alto do peito são, além de tudo, mais restritas em tamanho, esta diferença sendo muito evidente nos nossos exemplares de Manacapuru.

Glyphorhynchus spirurus cuneatus (Lichtenstein)

Dendrocolaptes cuneatus Lichtenstein, 1820, Abhandl. Akad. Wissens. Berlin, ano 1818-19, p. 204, pl. 2, fig. 2: Bahia.

♂ de Piquiatuba e outro do Rio Anapu, colecionados por Lasso em 18 de setembro de 1937 e 26 de novembro de 1938.

A pluralidade de formas apresentadas por esta espécie na parte septentrional e ocidental da Amazônia contrasta singularmente com a constância de seus caracteres em toda a vasta região compreendida entre a margem direita do baixo Amazonas, do Rio Tapajós para leste, e a faixa costeira da Bahia. Zimmer, que reconhece *G. spirurus cuneatus* nas aves da margem direita do Tapajós, separou as da margem oposta como *G. spirurus inornatus*, (1) raça cuja área se estenderia até a margem direita do Rio Madeira, mas cujos caracteres não me é dado apreciar por falta absoluta de exemplares. Comparados com um topotípico ♂ adulto de *cuneatus* colecionado em Belmonte por Garbe (agosto de 1919), os de Piquiatuba e Rio Anapu, pela cor arruivada da garganta e das manchas do peito, se aproximam muito mais dos de Óbidos do que do ♂ de Belmonte, o qual possui, tanto a garganta, como as manchas do peito, decididamente esbranquiçadas.

Sittasomus griseicapillus axillaris Zimmer

Sittasomus griseicapillus axillaris Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit. N.º 757, p. 9: São José, perto de Faro (baixo Rio Jamundá).

1 exemplar (sexo ?) colecionado por Lasso em 12 de julho de 1937.

(1) *Glyphorhynchus spirurus inornatus* Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., N.º 757, p. 5: Lago Andirá, "Villa Bella Imperatriz" (= Parintins).

Na série em estudo veio um único exemplar insexuado do Rio Mapuera, grande afluente ocidental do Rio Trombetas (margem septentrional do baixo Amazonas), com todas as características da raça descrita por Zimmer. Um ♂ do Rio Atabani, e outro do Rio Anibá, localidades mais ocidentais e praticamente situadas no distrito geográfico de Itacoatiara, provam pertencer também à mesma raça, possuindo as coberteiras inferiores das asas, as axilares e as manchas das rêmiges mais ou menos tingidas de canela ou ferrugem. Sob êste ponto de vista, êstes exemplos da margem norte do Rio Amazonas diferem apreciavelmente de quatro espécimes do alto Rio Juruá (1 ♀ de João Pessoa, 2 ♂ ♂ e 1 ♀ de Santa Cruz, no Rio Eiru), nos quais as manchas das rêmiges e as coberteiras inferiores das asas, embora não sejam perfeitamente brancas, têm sempre menos mistura de ruivo. Parece assim fora de dúvida a existência de duas variedades geográficas; mas, como são eminentemente variáveis os caracteres em que reside principalmente a diferença entre ambas, torna-se muito difícil apresentar quadro satisfatório das respectivas áreas de distribuição. Impõe-se de qualquer modo a revisão do assunto, tomando em consideração os estudos de Zimmer e de Griscom (1) a respeito, e tendo-se em mente que nas populações de uma e outra forma abundarão exemplos mais ou menos aberrantes, e capazes de suportar o confronto com os indivíduos normais de sua correlata. Pois é forçoso reconhecer o valor muito relativo das diferenças em que se baseia o conceito das raças em questão, sob pena de só podermos formar idéia confusa sobre as suas relações zoogeográficas, e lhes atribuirmos distribuição caprichosa, ou insusceptível de explicação aceitável.

Dendrocincla fuliginosa rufo-olivacea Ridgw.

Dendrocincla fuliginosa rufo-olivacea Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 493: Diamantina (marg. direita do baixo Tapajós, perto de Santarém).

Um ♂ de Aramaná (marg. direita do Tapajós, pouco acima de Santarém), coletado por Lasso em 17 de novembro de 1932; um ♂ de Capanema (leste do Pará, na E. F. de Bragança), obtido pelo mesmo colecionador em 18 de fevereiro de 1936.

O ♂ de Capanema é, praticamente, inseparável do exemplar topotípico de Aramaná, embora dêle difira um pouco pela tonalidade menos arruivadas das partes superiores, e pelos vestígios mais perceptíveis de estriações ("shaft-lines") na porção anterior do pes-

(1) Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 217 (1941).

coço, abaixo da garganta. Comparados com os exemplares da região de Itacoatiara (Rio Anibá, Rio Atabani, Silves), que em nossa coleção seguramente representam a forma típica da espécie, ambos diferem pelo colorido menos sombrio da plumagem, e, principalmente, pelo desaparecimento quase completo das estriações do pescoço, que em todos os nossos espécimes de *D. fuliginosa fuliginosa* são muito distintas. Uma ♀ de Lago do Batista tem todos os caracteres de *Dendrocincla fuliginosa atrirostris* (Lafresn. & D'Orbigny) (1) como os definiu Hellmayr, (2) apresentando as estriações do pescoço tão nítidas como em alguns exemplares de *D. f. fuliginosa*, mas distinguindo-se, tanto desta como da *D. f. rufo-olivacea*, por ter o pileo distintamente marcado de finas raquestrias ocráceo-ferruginosas. Uma ♀ do alto Rio Juruá (Garbe col., out. de 1903) e um ♂ de Manacapuru (Camargo col., agosto de 1936), pertencem também, sem dúvida, à espécie que nos ocupa, acomodando-se aos caracteres assinados a *D. fuliginosa phaeochroa* Berl. & Hartert. (3) Em ambos se notam vestígios evidentes da mancha retro-superciliar tão característica da forma típica; a garganta, destituída de qualquer estriação, é muito mais clara do que o resto das partes inferiores, inclusive o pescoço, onde, particularmente na ♀ do Rio Juruá, a côr mais clara do raque das penas sugere uma fina estriação longitudinal; o bico é muito mais claro, especialmente a mandíbula, do que em qualquer das raças anteriormente mencionadas. Um ♂ de Tapera, perto de Recife (Estado de Pernambuco), inicialmente descrito por mim como espécie à parte sob o nome de *Dendrocincla taunayi*, (4) prova filiar-se indiscutivelmente a uma raça de *D. fuliginosa*, aparentada principalmente com *D. f. rufo-olivacea*. Não obstante, êle se distingue, à primeira vista, pela garganta clara, quase branca, em flagrante contraste com as partes adjacentes, e ainda pela presença de estriações bem distintas no pileo. Êsse último caráter aproxima decididamente *D. f. taunayi* de *Dendrocincla turdina*, que somos porisso levados a também considerar raça geográfica da espécie amazônico-guianense, apesar das notáveis diferenças que apresenta. Destas diferenças, a mais saliente é a côr muito escura das asas,

(1) *Dendrocolaptes atrirostris* Lafresnaye & D'Orbigny, 1838, Syn. Av., II, em Magaz. Zoolog., cl. II, pag. 12: Guarayos (Bolivia).

(2) Novit. Zool., XIII, pag. 336-8 (1906).

(3) *Dendrocincla phaeochroa* Berlepsch & Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, pag. 67: Munduapó (Venezuela).

(4) *Dendrocincla taunayi* Pinto, 1939, Boletim Biológico, Nova Série, vol. IV, p. 190. Neste trabalho são largamente discutidas as relações da nova forma com suas afins. ZIMMER & MAYR (Auk, LX, p. 253, 1943) trataram-na como raça de *D. turdina*, cuja independência específica não foi objeto de cogitação.

que são pardo-oliváceas, mais ou menos tingidas de ferrugem. Aliás, sob este ponto de vista, *D. f. taunayi* ocupa posição rigorosamente intermediária entre *D. f. rufo-olivácea* e *D. f. turdina* Licht., (1) visto como no exemplar de Tapera as asas são fortemente enegrecidas na porção terminal, em forte contraste com a cor ferrugínea da parte restante, e especialmente das terciárias. Este parentesco de *D. turdina* com as formas amazônicas já fora aliás assinalado há muitos anos por Hellmayr, quando discutiu as suas semelhanças com *D. atrirostris*. (2)

Teve *D. turdina* Licht. como base exemplares da Bahia existentes no Museu de Berlim, e figura em nossa coleção com vários topótipos, cuja comparação com os do Brasil meridional já tive ocasião de fazer anos atrás, (3) concluindo pela precária validade de *D. turdina enalincia* Oberholser. (4) Para Hellmayr, que sempre considerou *enalincia* como boa raça, as aves de São Paulo se deixam reconhecer à primeira vista pela sua coloração muito mais sombria, pardo-olivácea (em vez de ocráceo-parda) e pela garganta decididamente mais pálida do que o peito e o abdome. (5) A verdade é que, no que respeita particularmente às aves de São Paulo, a cor da plumagem está muito longe de obedecer a uma tonalidade constante, não sendo raros os exemplos absolutamente semelhantes aos que temos da Bahia. E o mais notável é que à frente de tais exemplos estejam precisamente dois exemplares de Bauru (Rio Feio). (6) terra típica de *D. enalincia*. Também um ♂ de Itapura (Garbe, agosto de 1904), na margem do Rio Paraná (extremo oeste de São Paulo), está no mesmo caso, chegando a possuir uma plumagem até mais rica de tons ocráceos do que uma ♀ topotípica de *D. turdina* (No. 10.235), procedente de Itabuna. Outra ♀ de Itabuna (No. 10.236), como numa da Serra do Palhão, a cor é praticamente a mesma, embora mais carregada de tons ocráceos, ou antes ocráceo-arruivados. (7) Onde a plumagem, decididamente mais sombria,

(1) *Dendrocolaptes turdinus* Lichtenstein, 1820, Abh. Akad. Winsens. Berlin, 1818-19, p. 204, pl. 2, fig. 1: Prov. Bahia.

(2) C. E. HELLMAYR, op. cit., p. 336.

(3) Rev. Museu Paulista, XIX, pags. 190-1 (1935).

(4) *Dendrocincla enalincia* Oberholser, 1904, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LVI, p. 454: Bauru, Rio Feio (Estado de São Paulo).

(5) Novit. Zoologicae, XV, p. 66 (1908). Estas características são reproduzidas, em termos praticamente equivalentes, no Catal. of Birds of the American (Field Mus. Zool. Ser., XIII, pte IV, 1925, p. 364, nota b).

(6) Dêstes exemplares faz parte uma ♀ colecionada por Garbe em 1901, ou seja nada menos que uma parátipo da espécie descrita por Ridgway.

(7) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul. XIX, p. 191 (1935).

pardo-oliváceo escura, assume as características atribuídas a *enalincia* é nas aves da chamada Serra do Mar, e especialmente nas do vale do Rio Juquiá, de onde possuímos uma esplêndida série de 12 ♂♂ e 5 ♀♀, colecionados em maio de 1940, na Fazenda Poço Grande. Mas o significado zoogeográfico deste fato é seriamente comprometido pela ocorrência, no litoral de São Paulo, de exemplos capazes de suportar o confronto com os de Bauru e Itapura, acima referidos. Estão precisamente neste caso um ♂ de Ubatuba (Garbe, março de 1905) e outro de Iguape (Ricardo Krone, 1898?); neste último, tanto o lado dorsal, como o ventral são de um pardo-ocráceo apenas mais claro do que nas ♂♂ de Itabuna, o que, em todo caso, o faz mais conforme com os caracteres de *turdina* do que um ♂ do Rio Jucuruçu (Camargo, março de 1933), no extremo sul da Bahia. O determinismo, provavelmente ecológico, a que obedecem estas variações, é ilustrado por uma ♀ de Ubatuba (Lima col., nov. 1943), cuja plumagem é pardo-azeitonada com a garganta esbranquiçada, tais como nos espécimes do Rio Juquiá. As zonas intermédias acham-se também representadas em nossa coleção, convindo sobre elas dizer alguma coisa. Dois ♂♂ e duas ♀♀ do Espírito Santo (Rio São José, Pau Gigante, Chaves) confundem-se com o ♂ do Rio Jucuruçu; uma ♀ do mesmo Estado, provavelmente do Rio Doce (Garbe, jan. 1906), apresenta tons ocráceos mais acentuados (menos pardo-oliva), copiando exatamente o colorido de uma das ♀♀ de Itabuna. Uma ♀ de Angra dos Reis (Rio de Janeiro) é praticamente inseparável da série de Poço Grande (Rio Juquiá), o mesmo podendo dizer-se de 4 ♂♂ e 2 ♀♀ (fora um de sexo?) dos rios Doce e Piracicaba, na região florestada do leste de Minas Gerais; nesta série, embora a plumagem experimente sensíveis variações de exemplar a exemplar, há predominância dos caracteres atribuídos a *enalincia*. Um ♂ e uma ♀ da Fazenda Transwaal (região do Rio Claro, sul de Goiás), conquanto não coincidam exatamente no tocante ao colorido, poderiam ser intercalados na série de Minas-Gerais, sem que depois fosse possível, escondida a sua procedência, reconhecê-los no meio desta última. A maior variabilidade nas aves do Estado de São Paulo será apenas aparente, visto como ela se nos patenteia através de conhecimento muito mais amplo das diferentes populações da espécie, mas em qualquer hipótese parece suficiente para demonstrar quanto é frágil a situação de *D. enalincia*, si a quisermos aceitar na base das diferenças de colorido apontadas pelos autores. Outro elemento diagnóstico entre *turdina*

e *enalincia* poderá ser procurado no tamanho médio dos indivíduos das diferentes populações; mas, conforme se depreende da tabela junta, é ainda aqui muito difícil extrair qualquer contribuição útil, visto como as variações neste particular não parecem obedecer a nenhuma tendência definida, podendo quando muito, admitir-se que as medidas mínimas pertencem às aves da Bahia e as máximas são encontradas nas de São Paulo.

MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda
N.º 10.235, ♀, Itabuna (Bahia)	101	85
10.236, ♀, " "	100	82
14.177, ♀, Serra do Palhão (Bahia)	97	82
14.174, ♂, Rio Jucuruçu " "	100	84
6.326, ♀, Espírito Santo	98	80
24.596, ♂, Pau Gigante (Espírito Santo)	108	91
28.512, ♀ Chaves " "	102	87
28.509, ♂, Rio São José " "	105	86
25.661, ♂, Rio Piracicaba (Minas Gerais)	103	93
25.657, ♂, Rio Doce " "	106	92
27.356, ♀, Angra dos Reis (Rio de Janeiro)	107	94
27.857, ♂, Rio Claro (Goiáz)	105	88
27.858, ♀, " " " "	104	90
5.123, ♂, Itapura (S. Paulo)	109	90
1.994, o?, Rio Feio, Bauru (S. Paulo)	104	86
5.819, ♂, " " " " " "	110	95
12.470, ♂, Valparaíso " "	108	96
2.878, ♂, Iguape " "	111	93
5.336, ♂, Ubatuba " "	102	90
29.561, ♀, " " " "	101	87
24.102, ♂, Juquiá " "	108	93
24.109, ♂, " " " "	110	93
24.104, ♂, " " " "	110	94

Para completar estas notas, quiçá longas, a que deram motivo os dois espécimes trazidos do Pará, resta dizer uma palavra acêrca de um velho exemplar sem sexo, procedente da Venezuela, e adquirido ao sr. W. Schlüter, no começo dêste século. Determinado como *Dendrocincla meruloides* (Lafresnaye), (1) espécie que Zimmer (2) se julga habilitado a considerar simples forma representativa, o que vale dizer variedade geográfica, de *D. fuliginosa*, êle todavia aberra de todos os exemplares brasileiros que temos dêste grupo,

(1) *Dendrocops meruloides* Lafresnaye, 1851, Rev. Magaz. Zool., (2), III, p. 467: "Côte ferme" (= Cumaná, Bermudez, n. e. da Venezuela, teste Hellmayr.

(2) J. T. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.º 728, p. 18 (1934).

assemelhando-se, pelo contrário, à ♀ de *D. merula bartletti* Chubb (1) oriunda do alto Rio Juruá, com a diferença de apresentar a plumagem de um colorido geral pardo-ocráceo menos carregado, as asas e a cauda antes ferrugíneas do que castanhas e, principalmente, possuir o mento e a garganta da mesma cor do resto das partes inferiores. Esta última característica, aliada à falta de qualquer vestígio de mancha retro-superciliar, parece, em todo caso, excluir a possibilidade de pertencer êle ao grupo *fuliginosa*, cujas raças amazônicas, ainda à primeira vista, se distinguem dêle pela flagrante diferença de colorido entre as rêmiges e as coberteiras superiores das asas.

Família FURNARIIDAE

Synallaxis gujanensis gujanensis (Gmelin)

Motacilla gujanensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 988 (baseado em "Le Rouge-queue de Cayenne" de Daubenton, Pl. enlum. 686, fig. 2): Cayenne (Guiana Francesa).

Uma ♀ do Rio Mapuera (marg. norte do baixo Amazonas), colecionada por Lasso em julho de 1937; um ♂ de Santarém (Rio Tapajós), obtido por A. Olalla em fevereiro de 1933.

Entre êstes dois exemplares a única diferença apreciável está em que no ♂ de Santarém, como num da foz do Rio Curuá (do sul), o dorso é manchado de ferrugem, peculiaridade aliás encontrada acidentalmente em exemplares quer do norte, quer do sul do baixo Amazonas.

E' visível a vacilação dos autores no tocante aos limites geográficos entre *S. g. gujanensis* e *S. g. inornata*; o que aliás não é para admirar, à vista das fracas diferenças apontadas entre ambas e das variações observadas entre os indivíduos de qualquer população da espécie na Amazônia brasileira. Entre numerosos exemplares, ♂ ♂ e ♀ ♀, de Itacoatiara, alguns são perfeitamente semelhantes aos de Igarapé Boiuçu (região de Óbidos), de que é inseparável a ♀ do Rio Mapuera; outros assinalam-se pela cor mais carregada, pardo-amarelada, das partes inferiores, praticamente idêntica à de alguns exemplares do alto Rio Juruá. Uma ♀ de Manacapuru suporta o

(1) *Dendrocincla merula bartletti* Chubb, 1918, Bull. Brit. Orn. Club, XXXIX, p. 5: Chamicuros (leste do Peru). Segundo Zimmer (op. cit., pags. 14-18), esta raça deve estender-se do este peruano por tôda a região ocidental da Amazônia brasileira, até pelo menos o Rio Negro e a margem esquerda do Rio Madeira. A ♀ do Rio Juruá a que me refiro no texto, foi em meu "Catálogo" (Rev. Mus. Paul., XXII, p. 396) erroneamente registrada como *D. fuliginosa phaeochroa*.

confronto com os exemplares mais escuros de Itacoatiara, possuindo, como êste últimos, a cauda côr de ferrugem relativamente clara. De par com o ferrugíneo em média mais carregado das asas, é principalmente pelo colorido mais escuro das retrizes, muitas vêzes pardo-arruivado ou tirante a castanho, que se podem reconhecer nas aves do Juruá as características assinadas a *S. g. inornata*. No que respeita à coloração das partes inferiores, um ♂ de Parintins pende também decididamente para esta forma; mas pela cauda côr clara de ferrugem fica mais próximo das aves do baixo Amazonas.

Synallaxis rutilans rutilans Temminck

Synallaxis rutilans Temminck, 1823, Nouv. Réc. Pl. color., pl. 227, fig. 1: "Brésil", — pátria típica Cametá (margem esquerda do baixo Tocantins), por sugestão de Hellmayr.

Uma ♀ de Aramaná, na margem direita do baixo Tapajós, perto de Santarém (Lasso col., 18 de out. de 1932).

E' êste o único representante da forma este-paraense, a que se admite, de acordo com Hellmayr, (1) tenha pertencido o tipo da espécie descrita por Temminck. A partir da margem ocidental do Tapajós, passa a substituí-la *Synallaxis rutilans amazonica* Hellmayr, raça cujos caracteres se mantêm praticamente constantes em toda margem direita do médio e alto Amazonas. Não obstante, a comparação de duas ♀ ♀ de Itaituba (margem esquerda do Tapajós) com um ♂ e uma ♀ do Rio Eiru (afluente do Alto Juruá), demonstra que nestes últimos o ferrugíneo é muito mais carregado, dando a impressão de que, marchando-se de leste para oeste a plumagem vai ficando cada vez mais escura. Provavelmente por diferença de idade, uma das ♀ ♀ de Itaituba tem o ferrugíneo das partes inferiores muito mais claro do que a sua companheira, tomando assim a aparência de *S. rutilans dissors*, sem que possa todavia ser confundida com ela, por causa de suas costas fortemente tingidas de ferrugem.

Synallaxis rutilans dissors Zimmer

Synallaxis rutilans dissors Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., N.º 819, pág. 4: "Campos Sales, Manaus" (marg. esquerda da bôca do Rio Negro).

No lote trazido do Museu Goeldi a raça norte-paraense está representada por um indivíduo imaturo de Oriximiná, coligido por

(1) Cf. C. E. HELLMAYR, Novitates Zoologicae, XIV, pags. 13-14 (1907); idem, Field Mus. Nat. Hist., XIII (Catal. Bds. Americas), parte IV, pag. 105 (1925).

Lasso em 24 de agosto de 1937. A raça conta todavia em nossas coleções com numerosos exemplos perfeitamente caracterizados da região de Itacoatiara (Silves, Igarapé Anibá, etc.) e de Óbidos (Lago Cuipeva, Igarapé Bravo, Igarapé Boiuçu). Há grande variabilidade no tom das partes ferruginosas, mas é caráter muito constante a côr uniforme, pardo-olivácea das costas, onde só por exceção, como num ♂ de Igarapé Bravo e noutro de Silves, existe mistura abundante de ferrugem. *S. rutilans confinis* Zimmer, da margem septentrional do Rio Solimões é raça muito distinta, de que tenho dois ♂♂ e duas ♀♀ de Manacapuru. A côr intensamente ruiva das partes superiores, antes chocolate do que ferrugíneas, distingue à primeira vista êstes exemplares de todos os mais.

Cranioleuca mülleri (Hellmayr)

Siptornis mülleri Hellmayr, 1911, Rev. Franç. d'Ornithol., II, N.º 21, p. 1: Ilha Mexiana.

Um exemplar adulto de sexo?, colecionado em Macapá (marg. sept. do estuário amazônico) por Lasso (17-VII-1936).

Ao descrever esta espécie, o Dr. Hellmayr só dispunha de exemplares ♀♀ e um ♂ imaturo de Monte Alegre. Pelas medidas dos nossos espécimes, de par com as fornecidas por Hellmayr, (1) têm-se a impressão de que os ♂♂ se avantajam um pouco em tamanho às ♀♀ (cêrca de 75 mils., em vez de 70 mils. ou menos, de asa), o que me leva a acreditar que o exemplar de Macapá seja um adulto daquele sexo.

Supuz, a princípio, (2) que a espécie se restringisse à margem septentrional do baixo Amazonas; mas hoje possuo três exemplares da margem sul (foz do Rio Curuá, Bom Jardim) para serem acrescentados aos de Santarém registrados por Griscom & Greenway. (3) No ♂ de Macapá há maior abundância de ferrugem, tanto no dorso, como no pileo, próximo à base do bico; nos outros, a base da frente é antes pardo-escura do que ferruginosa.

MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen
N.º 18.524, ♂, Foz do Curuá (b. Amazonas, marg. sul)	75	68	16
18.525, ♂, Bom Jardim " " "	74	70	15½
18.526, ♀, Foz do Curuá " " "	69	65	16
— o?, Macapá (b. Amazonas, marg. norte)	75½	71	15

(1) Abh. K. Bayer. Akad. Wissens. mathem.-physik. Kl., XXVI, Abh. 2, p. 112 (1912).

(2) Catal. Av. do Brasil (Rev. Mus. Paul., XXII, 1.ª pte., p. 418 (1938).

(3) Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 223 (1941).

Philydor pyrrhodes (Cabanis)

Anabates pyrrhodes Cabanis, 1848, em Schomburgk, "Reis. Brit. Guiana", III, p. 689: Guiana Inglesa.

Uma ♀ de Capanema, col. por Lasso em 6 de nov. de 1936.

São concordes todos os ornitologistas em negar qualquer variação geográfica a esta espécie, não obstante sua área de dispersão abranger toda a vasta região banhada pelos rios Orenoco e Amazonas. Diferenças de tonalidade, às vezes bastante fortes, se observam entre exemplares de uma mesma procedência, como o demonstra uma pequena série do alto Rio Juruá (João Pessoa, Rio Eiru, etc.); mas, em que pese a observação de Zimmer (1) e Gyldenstolpe, (2) é difícil descobrir neste particular qualquer diferença constante entre as aves do norte e do sul do Amazonas. O mesmo podemos dizer das medidas.

É patente o parentesco, talvez mais próximo do que com *P. dimidiatus* (Pelz.), entre *P. pyrrhodes* e *P. atricapillus* (Wied), (3) espécie peculiar ao sudoeste do Brasil (do sul da Bahia a São Paulo) e também singularmente fixa em seus caracteres. Não se conhecem, todavia, exemplos que sugiram a existência, na época atual, de uma transição entre ambas.

A ♀ de Capanema (perto de Bragança) assinala o limite oriental na área conhecida de *P. pyrrhodes*.

MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen
N.º 16.401, ♂, Codajaz (Rio Solimões, norte)	90	64	16
20.490, ♀, Igarapé Bravo (baixo Amazonas, norte)	80	61	16
2.790, ♂, Rio Juruá (R. Solimões, sul)	87	63	16
20.489, ♂, João Pessoa (R. Juruá)	82	62	18
21.504, ♀, Lago Grande ,, ,,	78	57	15
21.719, o?, ,, ,, ,, ,,	81	62	17
21.505, ♀, Rio Eiru ,, ,,	81	60	18
10.810, ♀, Taperinha (b. Amazonas, sul)	82	64	15
— ♀, Capanema (leste do Pará)	78	58	15

Philydor erythrocerus lyra Cherrie

Philydor erythrocerus lyra Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXV, p. 186: Rio Roosevelt (norte do Est. de Mato-Grosso).

(1) Amer. Mus. Novit., N.º 785, p. (1935).

(2) "The Bird Fauna of the Rio Juruá", p. 156 (1945).

(3) *Anabates atricapillus* Wied, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 147: Rio Catolé (sul da Bahia).

1 ♀ do Rio Arapiuns (margem esquerda do baixo Tapajós), coligida por Lasso em 4 de junho de 1937.

Neste exemplar a cor das asas e das costas é exatamente igual à dos exemplos que temos da margem direita do Rio Tapajós (Aveiro, Caxiricatuba), e representa o meio termo entre o ocráceo azeitonado das populações ocidentais da raça descrita por Cherrie, conforme elas se acham representadas em nossa coleção por uma série do alto Juruá, e o colorido muito mais claro, oliváceo-pardo, da forma típica, de que temos diversos exemplares da região de Itacoatiara. Parece, pois, que no caso presente o baixo Tapajós não desempenha nenhum papel apreciável, como divisor faunístico. As cousas parecem se passar porém de modo diverso no curso superior do rio, visto como um ♂ de Itaituba não difere menos dos exemplares de Aveiro do que os do Rio Juruá, ao mesmo tempo que, por outro lado, não pode ser distinguido destes últimos. Estudos futuros talvez demonstrem a conveniência de caracterizar uma terceira raça em *Philydor erythrocerus*, que seria separada de *lyra* pelo Rio Tapajós, e cruzaria este rio em seu trecho mais baixo.

Automolus infuscatus cervicalis (Sclater)

Philydor cervicalis Sclater, 1889, Proc. Zool. Soc. London, p. 33: Bartica Grove, Camacusa (Guiana Inglesa).

Uma ♀, de Oriximiná (norte do baixo Amazonas, na região do Rio Trombetas), coligida por Lasso em 12 de julho de 1937.

É este o único exemplar que possui da forma guianense, no conceito que adquiriu após a exclusão das populações venezuelanas e norte-amazônicas, acertadamente separadas sob o nome de *A. infuscatus badius* Zimmer. (1) A comparação da ♀ de Oriximiná, com uma ♀ do Rio Caura (Venezuela), um ♂ de Taracua (Rio Uaupés) e um exemplar sem sexo de Manacapuru (marg. sept. do Rio Solimões), confirma sofrivelmente as diferenças peculiares a esta nova raça, cuja característica dominante é a tonalidade mais arruivada, menos olivácea, das costas, asas e pileo. Como observou também Zimmer, sob este ponto de vista, *cervicalis* ocupa posição intermediária entre *A. i. badius* e *A. i. paraensis* Hart., (2) da margem direita do baixo Amazonas.

(1) *Automolus infuscatus badius* Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., N.º 785, p. 15: "Playa do Rio Base" (Monte Duida, sudoeste de Venezuela).

(2) *Automolus infuscatus paraensis* Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 64, nota (parte, ♂): Benevides.

Automolus infuscatus paraensis Hartert

Automolus sclateri paraensis Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 61, nota: "Bemavides", isto é, Benevides, no este do Pará (Steere col. 1879).

Uma ♀ de Aramaná, margem direita do baixo Tapajós (perto de Santarém), col. por Lasso em 12 de dezembro de 1932.

Na raça dita paraense de *A. infuscatus* as partes superiores, de um pardo-oliváceo sombrio (com o pileo mais escurecido), perdem quase inteiramente a tinta arruivada verificada em grau maior ou menor nas outras raças da espécie, ficando assim no extremo oposto a *A. infuscatus badius* Zimmer. (1) Estas características, embora bastante constantes para definir a variedade geográfica, experimentam sensíveis variações individuais, como se pode verificar numa pequena série do baixo Tapajós, de que fazem parte 2 ♂♂ e 3 ♀♀ de Aveiro, e um casal de Caxiricatuba. Para Zimmer (op. cit., p. 16) a área de *A. i. paraensis* alcança para oeste o Rio Madeira, a partir provavelmente de cuja margem esquerda começa a ser substituído por *A. infuscatus infuscatus* (Sclater), (2) descrito originariamente do Peru, e representado com segurança em nossa coleção por diversos exemplares do alto Rio Juruá. Na forma típica de *A. infuscatus* a tonalidade das partes superiores é menos olivácea do que em *paraensis*, mas não tão arruivada como em *cervicalis* e, por maioria de razão, em *badius*. E' obviamente muito difícil, senão impraticável, assinalar limites fixos às áreas de dispersão das raças geográficas de *A. infuscatus*, à vista da tenuidade de suas diferenças e da intergradação que inevitavelmente as liga umas às outras.

Xenops minutus genibarbis Illiger

Xenops genibarbis Illiger, 1811, Prodr. Syst. Mamm. et Av., p. 213: Cameté (Rio Tocantins).

Um ♂ do Rio Pracupi e uma ♀ do Rio Anapu, colecionados por Lasso respectivamente em 29 de jan. de 1939 e nov. de 1938; um ♂ de Capanema (distrito este-paraense), obtido pelo mesmo colecionador em 17 de janeiro de 1936.

Podemos ter como topotípicos os dois primeiros exemplares, provenientes que são das cercanias de Portel, na região interposta aos rios Tocantins e Xingu. Um ♂ de Caxiricatuba, marg. direita

(1) *Automolus infuscatus badius* Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., N.º 785, p. 15: Playa del Rio Base (monte Duida, sudceste da Venezuela).

(2) *Automolus infuscatus* Sclater, 1856, Ann. Magaz. Nat. Hist., (2), XVII, p. 468: leste do Peru.

do Tapajós, confunde-se com êles, tendo o pileo praticamente da mesma côr pardo-ocrácea do dorso e com simples vestígios de estriações longitudinais. No ♂ de Capanema, porém, há diferenças que saltam à vista, e criam para o ornitologista problema tanto mais embaraçoso quanto a sua semelhança é muito grande com certos exemplares da margem norte do Rio Amazonas, e especialmente com um indivíduo sem sexo marcado do Rio Anibá (Olalla col., 16-IV-1937), os quais exemplificam em nossa coleção a raça individualizada por Zimmer (1) sob o nome de *X. m. ruficaudus* (Vieillot). Aquêlas diferenças residem antes de tudo na côr do pileo, que é muito mais escuro do que o dorso, e apresenta estriação longitudinal perfeitamente nítida. Não obstante, pela tonalidade arruivada (menos olivácea) das partes superiores e inferiores, o exemplar de Capanema se mostra mais próximo dos de Portel e Rio Tapajós, do que dos exemplos que tenho da margem septentrional do Amazonas (Rio Anibá, Igarapé Boiuçu).

E' clássico dilatar a área geográfica de *X. m. genibarbis* para leste, até o Estado do Piauí. Todavia, um ♂ de Miritiba (norte do Maranhão) colecionado por Schwanda (13 de out. de 1907), apresenta coloração mais arruivada do que os do baixo Amazonas, possuindo o pileo rigorosamente da mesma côr do dorso e sem nenhuma estriação distinta. Uma pequena série do alto Rio Juruá (João Pessôa, Rio Eiru) representa em nossa coleção *X. minutus obsoletus* Zimmer, (2) raça que, a julgar pelo material em mãos, sofrivelmente se diferencia de *X. m. genibarbis* pelo tom menos ruivo da plumagem, maior abundância de manchas claras na garganta, e estriação eventualmente mais distinta do pileo. *X. minutus remoratus* Zimmer (3) se acha representado por um ♂ de Manacapuru (Camargo col., 11 nov. de 1936); a plumagem mais pálida e descorada, tanto em cima, como em baixo, é neste exemplar a particularidade que mais fere a atenção, de par com a completa ausência de estrias no alto da cabeça.

Sclerurus mexicanus macconnelli Chubb

Sclerurus mexicanus macconnelli Chubb, 1919, Bull. Brit. Orn. Cl., XXXIX, p. 41: Ituribisci River (Guiana Inglesa).

(1) Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 59 (1924).

(2) *Xenops minutus obsoletus* Zimmer, 1924, Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser., XII, p. 57: Puerto Bermudez (nordeste do Peru).

(3) *Xenops minutus remoratus* Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., N.º 819, p. 7: Tatu (Rio Negro, marg. direita).

Um ♂ de Piquiatuba (vizinhanças de Santarém), coligido por Lasso em 3 de setembro de 1937.

Este exemplar estava erroneamente determinado como *Sclerurus rufigularis* Pelzeln, (1) espécie de que ainda não registra a literatura nenhum exemplar colecionado na zona do Rio Tapajós, mas cuja forma típica se acha representada em nossas coleções por um ♂ e uma ♀ do Rio Eiru (Santa Cruz), afluente do alto Juruá, ambos reconhecíveis à primeira vista pelo bico muito curto e franzino. Na zona de Santarém também sabidamente ocorre *Sclerurus caudacutus pallidus* Zimmer, (2) representante de uma terceira espécie, e muito fácil de distinguir de *Scl. mexicanus macconnelli* por múltiplas diferenças, tais como a garganta manchada de branco (em vez de uniformemente ferrugínea), as supracaudais quase da mesma cor do dorso (em vez de castanhas), o peito cor de terra (em vez de acanelado intenso), etc.

O ♂ de Piquiatuba foi comparado com um exemplo (sem sexo) de Taperinha (marg. direita do Amazonas, pouco a leste de Santarém), que não tenho dúvida em referir também *Scl. mexicanus macconnelli*; apesar de diferenças sensíveis na plumagem entre as quais avulta a cor de ferrugem muito mais viva da garganta e do peito.

S. mexicanus macconnelli, cuja distribuição se estende, segundo Hellmayr, (3) até o norte do Maranhão (Rosário), é substituído nas matas de leste do Brasil por *S. mexicanus bahiae* Chubb, (4) raça de que em nossas coleções existe um único exemplar, procedente de Chaves (Exped. do Depart. de Zoologia, 31-VIII-1942), no Estado do Espírito Santo, onde até aqui não tinha ela sido registrada.

Sclerurus caudacutus pallidus Zimmer

Sclerurus caudacutus pallidus Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., N.º 757, p. 20: Vila Bela Imperatriz (= Parintins), na marg. direita do Rio Amazonas.

Um ♂, de Capanema (a leste de Belém), colecionado por Lasso em 15 de fevereiro de 1936.

(1) *Sclerurus rufigularis* Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pags. 87 e 161: Borba (marg. direita do baixo Madeira).

(2) Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser., XII, p. 356 (1929); idem, XIII, pte. IV, pag. 251 (1925).

(3) *Sclerurus caudacutus pallidus* Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., N.º 757, p. 20: Vila Bela Imperatriz (= Parintins).

(4) *Sclerurus mexicanus bahiae* Chubb, 1919, Bull. Brit. Orn. Club, XXXIX, p. 42: Bahia

Desta raça tenho apenas mais um exemplar, do mesmo sexo, colecionado em Caxiricatuba (17 de março de 1937), e adquirido ao snr. Olalla. Há entre ambos diferenças bastante apreciáveis, sobre cuja significação é impossível opinar na falta de maior material. No ♂ de Capanema o branco da garganta é mais puro, e se estende mais para o pescoço; o peito é mais fortemente tingido de canela clara; as partes superiores são de um pardo menos escuro e distintamente lavado de ferrugem; finalmente, as supra-caudais são mais arruivadas, fazendo contraste evidente com o dorso.

É deveras curioso que as diferenças entre *Scl. caudacutus pallidus*, da margem sul do baixo Amazonas, e *S. caudacutus brunneus* Sclater, (1) forma do alto Amazonas que conheço através de um único exemplar do Rio Juruá, sejam mais apreciáveis do que as que existem entre este último e *S. caudacutus umbretta* (Lichtenstein), (2) da Bahia e Espírio Santo. *Scl. caudacutus insignis* Zimmer, (3) da margem septentrional do baixo Amazonas, está representado em nossas séries por um ♂ e duas ♀♀ de Igarapé Anibá. Nesta raça a falta, quase completa, de branco na garganta, é caráter comum com a forma típica, das Guianas, de que mal se distingue.

Família FORMICARIIDAE

Taraba major semifasciatus (Cabanis)

Diallactes semifasciatus Cabanis, 1872, Journ. f. Ornith., XX, p. 234: "Pará, Guiana, Venezuela" (pátria típica "Pará", i. é. Belém, escolhida por Hellmayr).⁴

Um ♂ e uma ♀ de Capanema (região este-paracense), col. por Lasso em 4 e 8 de novembro de 1936.

Os característicos da raça baixo-amazônica acham-se plenamente concretizados nestes exemplares topotípicos. No ♂, a porção exposta das rectrizes centrais é completamente preta; na parte basal porém, a barba interna apresenta pequenas manchas brancas marginais, ocultas sob as coberteiras. As laterais (1.º par) têm a ponta branca e são transversalmente manchadas de branco em ambas as barbas; as do 2.º ao 5.º par (a contar de fora), abstração feita da mancha apical que interessa ambas as barbas, são manchadas de

(1) *Sclerurus brunneus* Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. London, XXV, p. 17: Bogotá.

(2) *Myiothera umbretta* Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 43: Bahia.

(3) *Sclerurus caudacutus insignis* Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., N.º 757, p. 21: Faro (Rio Jamundá).

(4) Novit. Zool., XII, p. 283 (1905).

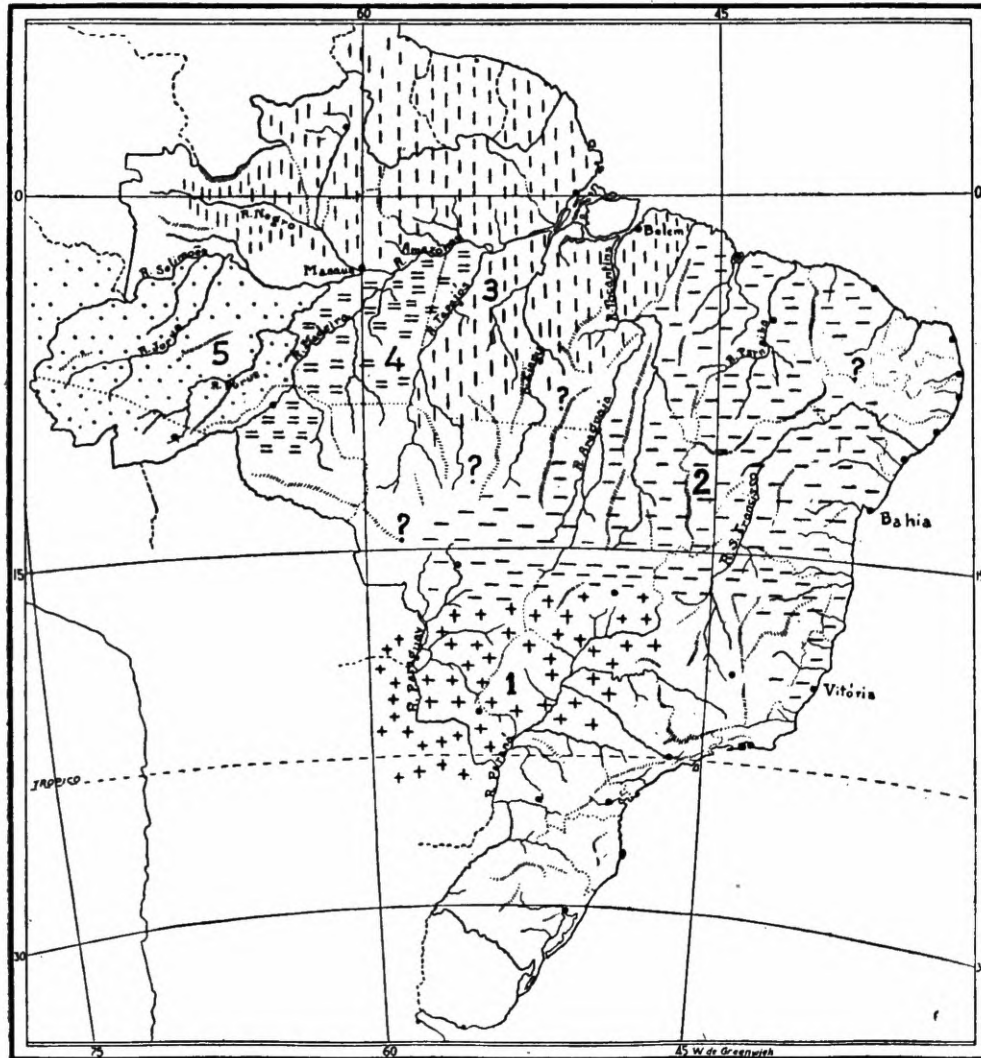
branco apenas na barba interna. Um ♂ do Igarapé Boiuçu, bem como alguns de Itacoatiara, copiam exatamente as características do de Capanema. Em muitos exemplares, as próprias rectrizes centrais apresentam na barba interna vestígios de manchas brancas marginais. Isso se observa freqüentemente nas populações orientais de *T. m. semifasciatus*, em sinal de transição com *T. m. stagurus*, mas pode também ocorrer alhures, como o provam alguns exemplos de Itacoatiara. A regra, porém, é a quantidade de branco nas rectrizes dos ♂ ir diminuindo gradativamente à medida que nos aproximamos dos limites ocidentais da área geográfica de *semifasciatus*. Esses limites são, aliás, impossíveis de precisar, embora a observação demonstre que eles alcançam longitude diversa nas duas margens do Rio Amazonas, situando-se na margem septentrional muito mais a oeste do que na meridional, onde já no Rio Tapajós a regra é a restrição considerável no tamanho das manchas das rectrizes, cujo 5.º par não raro é quase inteiramente preto como o mediano, apresentando apenas pequenas nódoas brancas na barba interna. Sob êste particular, dois ♂ de Caxiricatuba e um de Piquiatuba perto de Santarém, concordam com um de São Gabriel (alto Rio Negro), a despeito da enorme diferença de meridiano existente entre as duas primeiras e esta última localidade. Afastando-nos do Tapajós, em direção ao Rio Madeira, assistimos à progressiva diminuição em número e tamanho das manchas brancas rectriciais, as quais começam por faltar inteiramente às do 5.º par, e vão desaparecendo sucessivamente, do centro para a periferia, até a supressão completa, que caracteriza os exemplos típicos de *T. major melanurus* (Sclater). (1) raça peculiar à alta Amazônia e bem representada na coleção em estudo por exemplares do alto Rio Juruá. *T. major borbae* (Pelzeln) (2) é o nome sob o qual se convencionou separar, com ou sem razão, essas populações intermediárias situadas na margem direita do baixo Amazonas, entre o Tapajós e o Madeira. Esta raça se acha tipicamente representada em nossa coleção por quatro ♂ e uma ♀ de Lago do Batista, localidade muito próxima da margem direita do Rio Amazonas, e pouco distante da margem oriental do Rio Madeira. Um casal de Parintins, que alhures (3) referi a *T. m.*

(1) *Thamnophilus melanurus* Sclater, 1855, Edinb. N. Philos. Journ., Nov. Ser., I, p. 233: Rio Ucayali (nordeste do Peru).

(2) *Thamnophilus major borbae* Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pags. 75 e 140: Borba (marg. direita do baixo Madeira).

(3) Cf. PINTO, Catal. Av. Bras., 1.ª parte (Rev. Mus. Paul., XXII), p. 447 (1938).

semifasciatus, deve também, com mais propriedade, ser referido a *T. m. borbae*. Tampouco se poderá estabelecer linha nítida de separação entre *T. m. melanurus* e *T. m. borbae*, fato aliás comum entre raças cujas diferenças são, como aqui, meramente quantitativas; ilustram-no alguns dos nossos ♂♂ do Juruá, em que algumas retrizes laterais conservam a ponta manchada de branco. (1)



Esquema da distribuição das raças brasileiras de *Taraba major* (Vieillot)

- | | | |
|---|---------------------------|----------------------------------|
| 1 | <i>Taraba major major</i> | (Vieillot) |
| 2 | " | " <i>stagurus</i> (Lichtenstein) |
| 3 | " | " <i>semifasciatus</i> (Cabanis) |
| 4 | " | " <i>borbae</i> (Pelzeln) |
| 5 | " | " <i>melanurus</i> (Sclater) |

(1) Vejam-se em confirmação d'êste aserto as notas de N. Gyldenstolpe (Bird Fauna Rio Juruá, p. 165).

As populações extra-amazônicas da espécie em território brasileiro andam repartidas em duas raças geográficas, também nem sempre fáceis de discriminar, visto a instabilidade das diferenças em que se esteia a sua caracterização. No que respeita à quantidade de branco na cauda, *Taraba major stagurus* (Lichtenstein), (1) do Brasil este-septentrional, ocupa o extremo oposto a *T. m. melanurus*, possuindo as próprias retrizes medianas pintadas de branco, pelo menos na barba interna. (2) Esta disposição, que, como vimos, não raro se acha esboçada em exemplos do baixo Amazonas, experimenta extraordinárias variações ao longo do Brasil central e meridional, onde não é possível assinalar limites geográficos precisos entre a raça este-brasileira e a forma típica da espécie, peculiar ao Paraguai e convizinhanças. É matéria de opinião referir as aves do oeste de São Paulo, Minas Gerais e sul de Goiás a *T. major major* (Vieillot), (3) como fez Hellmayr, (4) ou a *T. m. stagurus*, como prefere Zimmer. (5) Vestígios, maiores ou menores de branco na barba interna das retrizes medianas observam-se não só em aves do oeste de São Paulo (Itapura, Avanhandava), como nas do centro de Mato Grosso (Cuiabá, Rio Aricá) e mesmo, embora mais raramente, nas do sul e sudeste deste último Estado (Miranda, Corumbá); mas nestas populações meridionais não só é grande a percentagem de indivíduos com retrizes medianas completamente pretas, como ainda as manchas das referidas retrizes, nos casos em que se acham presentes, são muito menores do que nas da Bahia, pátria de *T. m. stagurus*. As aves do Espírito Santo (Rio Doce) e Minas Gerais (Pirapora), (6) a julgar pelos poucos exemplares de que disponho, embora ocupem do ponto de vista em questão posição intermediária, ficam decididamente melhor colocadas em *stagurus* do que em *major* no sentido restrito. No sul de Goiás, a forma existente é a mesma de São Paulo e Mato Grosso, como o

(1) *Lanius stagurus* Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 45: Bahia.

(2) A presente discussão suplementa as notas inseridas em trabalho anterior (Rev. Mus. Paulista, XIX, 1935, p. 170), a que me permito remeter os interessados no assunto.

(3) *Thamnophilus major* Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 313 (com base em Azara, N.º 211): Paraguay.

(4) Catal. Bds. Americas (Field Mus. Publ., Zool., XIII), parte 3.ª, p. 45 (1924).

(5) Amer. Mus. Novit., N.º 668 (1933).

(6) Fato digno de nota, *Taraba major*, espécie muito comum em quase toda parte, parece rara nas matas do Rio Doce situadas no Estado de Minas. Ela não figura na extensa coleção ornitológica ali conseguida em 1940, sob a minha direção, pelo Departamento de Zoologia. Cf. Pinto, Arquivos de Zoologia, IV, p. 54 (1945).

provam um ♂ da Fazenda Transwaal (Rio Claro) e outro do Rio das Almas, cujas rectrizes medianas são pretas, sem máculas. (1)

Há, no que respeita ao número e distribuição das manchas nas rectrizes dos ♂♂, grande semelhança entre *T. m. semifasciatus* e *T. m. major*; mas estas duas raças são nitidamente separadas pela diferença de coloração apresentada pelas ♀♀ respectivas, pois na forma paraense, conquanto em menor grau do que em suas similares do vale amazônico, a plumagem é de um ferrugineo muito mais carregado, tirante a castanho, do que na do Paraguai e sul do Brasil.

Sakesphorus luctuosus luctuosus (Lichtenstein)

Lanius luctuosus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 47: "Pará" (= Belém).²

1 ♂ adulto de Macapá (margem septentr. do estuário amazônico), coligido por Lasso em 18 de julho de 1936.

O exemplar, um ♂ plenamente adulto, em nada difere dos do mesmo sexo e idade que em nossas coleções representam a raça típica de *S. luctuosus*. Nos ♂♂ imaturos a plumagem não tem o negro brilhante dos exemplares idosos, apresentando, pelo contrário, acentuados tons de fuligem e cinza. A área geográfica da espécie na margem septentrional do Rio Amazonas se estende para oeste até pelo menos a região de Itacoatiara (Silves, Rio Anibá etc.), de onde possuímos numerosa série.

Sakesphorus melanothorax (Sclater)

Thamnophilus melanothorax Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. London, XXV, p. 133: "in America meridionale" (pátria típica Cayenne, fixada por Berlepsch).³

1 ♂ adulto, colecionado no Rio Arapiuns (margem esquerda do baixo Tapajós) em 5 de julho de 1937. Medidas: asa 81, cauda 72, culmen 21, tarso 26 mils.

A ocorrência desta espécie guianense na margem direita do Rio

(1) Com toda probabilidade, deve ser *T. m. stagurus* a raça existente na parte septentrional de Goiaz; um ♂ de Nova Roma, na região central do Estado, já dá a impressão de representar a forma nordestina, embora não me seja possível opinar com segurança à vista do mau estado da cauda, a que faltam grande número de rectrizes.

(2) HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist., XIII, ptes. 3, 1924, p. 60) escolheu Cametá, na margem esquerda do baixo Tocantins, como pátria típica da espécie. Não vejo porém razão para se substituir a localidade mencionada por Lichtenstein, visto que a cidade de Belém, em cujos arredores a espécie sabidamene existe, aparece sempre na literatura estrangeira com o nome impróprio de "Para", que pertence antes a todo o Estado, como já o era da antiga província.

(3) Novit. Zoologicae, XV, p. 161 (1908).

Amazonas é das mais desconcertantes e imprevistas. Contudo, não é possível ter-se a menor dúvida quanto à identidade do exemplar em mãos, tão exata é a sua concordância com a descrição de *Thamnophilus moestus* Pelzeln, (1) que outra coisa não é, conforme verificaram há longos anos Ménégau & Hellmayr, (2) senão o ♂ do mesmo pássaro cuja ♀ já houvera sido descrita anteriormente sob o nome de *Thamnophilus melanothorax* Sclater. Conforme concluiu Hellmayr ao reexaminar o assunto, (3) apesar da forte semelhança com algumas das espécie de *Myrmeciza* costumeiramente reunidas em *Myrmelastes*, esta espécie, pelo comprimento dos tarsos e estilo de coloração dos machos, mostra ser aparentada principalmente com as formas do gênero *Sakesphorus*, e particularmente com *S. luctuosus* Licht. Falta-lhe contudo a crista característica dêste último, além de ter as extremidades das rectrizes brancas em muito maior extensão (no exemplar do Rio Arapiuns, a porção apical branca mede 20 a 22 milímetros em todas as rectrizes) e possuir quase todas as coberteiras superiores das asas manchadas de branco no ápice. Comparado com os ♂♂ amazônicos (Itacoatiara, etc) de *S. luctuosus luctuosus*, o de Arapiuns difere ainda na tonalidade da plumagem, que é de um preto menos retinto, tirante a fuligem (em vez de negro brilhante), especialmente nas asas e no abdômen. Há também alguma diferença na conformação do bico, que no ♂ de Arapiuns é um pouco mais curto do que na generalidade dos nossos ♂♂ de *luctuosus*. Hellmayr dá para *melanothorax* um bico mais delgado do que neste último; isso porém não se observa no exemplar de Arapiuns, cujo bico é até mais espesso do que em muito dos nossos espécimes de *luctuosus*. O futuro nos dirá se o pássaro encontrado na margem sul do baixo Amazonas, pertence à mesma forma do da Guiana, ou se, como parece provável, representa uma variedade geográfica dentro da espécie respectiva.

Thamnophilus doliatus doliatus (Linnaeus)

Lanius doliatus Linnaeus, 1764, Mus. Ad. Frid., II, Prodr., p. 12: localidade não mencionada — pátria típica Surinam, indicada por Berlepsch & Hartert (Novit. Zool., IX, 1902, p. 70).

Um ♂ de Macapá (Rio Vila-Nova), colecionado por Lasso em 20 de julho de 1936.

(1) *Thamnophilus moestus* Pelzeln, 1868, Ornith. Bras., (2), p. 141, nota 1: Cayenne.

(2) Bull. de la Soc. Philom. de Paris, VII, (1905), p. 33 (1906).

(3) Field Mus. Nat. Hist., XIII (Catal. Bds. Americas), pte. III, p. 60, em nota margin. (1924).

Não tenho dúvida em referir êste exemplar à raça típica da espécie, à vista da quantidade de branco que apresenta no pileo. No que respeita à êste caráter, que é ao meu ver, abstração feita de *T. doliatus capistratus*, o mais valioso entre quantos se podem utilizar no discrimine das variedades geográficas da espécie, o ♂ de Macapá concorda fielmente com dois ♂♂ da margem septentrional do baixo Amazonas (Igarapé Boiuçu e Lago Cuitêua). (1) Em todos as penas da crista são brancas, com uma larga mancha denegrida, aproximadamente cuneiforme, na ponta. As variações experimentadas, no particular, pelas populações baixo-amazônicas da espécie serão melhor discutidas a propósito de *T. d. signatus*. Todavia, convém desde logo deixar assinalado que a nossa observação aqui se casa com a de Hellmayr, quando reconheceu sem hesitação a forma guianense de *T. doliatus* num ♂ de Pataua (Olalla col., 21 de jan. de 1935) submetido à sua opinião pelo conde Gyldenstölpe. (2)

Thamnophilus doliatus signatus Zimmer

Thamnophilus doliatus signatus Zimmer, 1933, Amer., Mus. Novit., N.º 646, p. 5: Santarém (margem oriental da boca do Rio Tapajós).

Dois ♂♂ de Oriximiná (margem septentrional do Amazonas, a oeste da foz do Rio Trombetas), colecionados por Lasso, respectivamente em 22 de julho e 1 de agosto de 1937; uma ♀ de Santarém, assinada por Olalla, 15 de jan. de 1934.

Os de Oriximiná diferem visivelmente no que respeita à quantidade de branco no pileo; no de 1 de agosto muitas das penas alongadas do vértice são inteiramente pretas, enquanto que as outras geralmente possuem branco apenas nas margens, sob a forma de pequenas manchas isoladas, e de forma muito irregular; no de 22 de julho todas as penas são abundantemente ladeadas de branco na metade basal. Ainda assim, em ambos a superfície exposta do pileo tem muito menos branco do que nos ♂♂ por mim há pouco mencionados sob a forma típica (Macapá, Lago Cuipeva, Ig. Boiuçu). Não

(1) Não pude acertar com precisão onde fica situado o "Lago Cuitêua", que tenho como sendo o mesmo chamado a maioria das vezes Lago Cuipeva. Na carta ao milionésimo (edição do Centenário da Independência) a que habitualmente recorro, aparece um Lago Cuipeva próximo à margem septentrional do Rio Amazonas oposta a Santarém. Penso que esta será a localidade de onde procede o exemplar em questão. Argumento favorável a esta hipótese é o fato do ♂ de Cuipeva ter sido colecionado em 12 de abril de 1935, precisamente na mesma época em que foi obtido o de Igarapé Boiuçu (10 de abril de 1935), localidade situada seguramente no mencionado trecho do baixo Amazonas. Outro Lago Cuipeva foi-me verbalmente referido pelo snr. Olalla, na região de Óbidos.

(2) The Bird Fauna of Rio Juruá, p. 167.

tenho pois dúvida em referi-los a *T. d. signatus*, embora convencido, como os autores que ultimamente se têm ocupado desta raça, de que ela é antes um mero conglomerado de intermediários e, consequentemente, insusceptível de caracterização precisa.

Os dois exemplares de Oriximiná diferem também muito sob outros aspectos; assim é que no de 22 de julho as partes inferiores são, da garganta para trás, intensamente rajadas de faixas pretas e brancas, largas e equidistantes, enquanto que o de 1 de agosto tem as faixas escuras relativamente estreitas e de um preto muito menos carregado. Os riscos longitudinais da garganta, largos e regulares no primeiro, são estreitos e menos bem definidos no último. Estas diferenças são, porém, no caso presente, destituídas de importância, pois apenas decorrem da maturidade incompleta do espécime colecionado em agosto, no qual se acham ainda algumas primárias pardo-arruivadas da plumagem juvenil. A predominância, nas partes inferiores, dos intervalos brancos sobre as faixas pretas, bem como a tonalidade menos retinta destas últimas, são atributos comuns à generalidade dos jovens de todas as raças, demonstrando a grande cautela com que se devem utilizar, para o discrimine das variedades geográficas, as diferenças observadas neste particular.

Thamnophilus doliatus signatus topotipicamente está representado na coleção do Departamento de Zoologia por um ♂ adulto de Santarém (Olalla col., 14 de julho de 1934). Este exemplar difere do adulto de Oriximiná pelas penas centrais do pileo pretas imaculadas, pelas partes inferiores regularmente raiadas de faixas pretas, separadas por intervalos brancos muito mais largos, e ainda pela largura muito menor dos riscos longitudinais da garganta. Uma série de 12 ♂♂, na sua maioria plenamente adultos, de Itacoatiara, permite apreciar com clareza a latitude das variações de que é passível o colorido do pileo nas populações habitualmente incluídas em *T. d. signatus*. Nesta série não existe um único ♂ cujo pileo seja tão preto como no de Santarém, havendo sempre, mesmo nas penas do vértice, pelo menos na porção basal extrema, maior ou menor quantidade de branco. No que tange a esta particularidade, a maioria dos espécimes é comparável aos de Oriximiná; mas há exemplos (N.os 17.723 e 18.589) em que o pileo tem ainda mais branco do que nestes últimos, admitindo franco paralelo com os de Macapá e semelhantes. O mesmo fato ocorrerá com segurança na zona de Óbidos, pois que Hellmayr, citado pelo conde Gyldenstolpe, (1) reconheceu

(1) The Bird Fauna of Rio Juruá, p. 167-8.

do *signatus* num ♂ daquela localidade, não vacilou em identificar como *T. d. doliatus* um ♂ procedente de Patauá, que fica praticamente na mesma região.

Th. doliatus subradiatus Berlepsch, (1) sob que andam reunidas as populações brasileiras da espécie espalhadas ao norte e ao sul das porções mais altas da bacia Amazônica, dos rios Negro e Madeira para oeste, é raça também mal definida, cujos ♂ ♂ adultos, tanto pelo desaparecimento geralmente completo do branco nas penas centrais do píleo, como pela densidade das raias pretas das partes inferiores, encontram freqüentemente similares ao norte e ao sul do trecho intermédio do baixo Amazonas, correspondente à área de *T. d. signatus*.

Foram ainda examinadas nesta emergência as populações extraamazônicas da espécie, deixadas inicialmente à margem as do Brasil este-septentrional, que sob a velha denominação de *Th. doliatus capistratus* Lesson (2) constituem raça nitidamente diferenciada de quaisquer outras, pela redução das manchas brancas das rectrizes à barba externa. Em Mato Grosso as aves apresentam o píleo cada vez mais preto, à medida que se marcha para o sul, de modo que na parte mais meridional do Estado (Corumbá, Miranda, Campo Grande) o branco de ordinário desaparece completamente do alto da cabeça, restringindo-se à fronte. As partes inferiores, pelo contrário, se tornam mais claras, pela diminuição de largura e número das faixas pretas, lembrando a fase imatura das aves amazônicas. As aves de São Paulo são inseparáveis das do sul de Mato Grosso e Paraguai, pátria típica de *T. doliatus radiatus* Vieillot. (3) As aves do Rio Araguaia e sul de Goiaz foram separadas por Hellmayr com o nome de *T. doliatus difficilis*, (4) raça bastante precária à vista das largas variações individuais observadas nas populações do norte e centro de Mato Grosso. Pelas mesmas razões, à vista do material abundante que tenho em mãos, considero hoje *T. doliatus novus* Pinto (5) sinônimo indiscutível de *T. d. radiatus*, raça em que não são absolutamente raros ♂ ♂ com as partes, inferiores

(1) *Thamnophilus subradiatus* Berlepsch, 1887, Journ. Orn., XXXV, pag. 17: Iquitos (teste Hellmayr).

(2) *Thamnophilus capistratus* Lesson, 1840, Rev. Zool., III, pag. 226: "Brésil" (pátria típica adotada, Bahia).

(3) *Thamnophilus radiatus* Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., III, pag. 315 (baseado em "Bataia listado", N.º 212, de Azara): Paraguay.

(4) *Thamnophilus nigricristatus difficilis* Hellmayr, 1903, Verhandl. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, pag. 216: Rio Claro (sul de Goiaz).

(5) *Thamnophilus doliatus novus* Pinto, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª parte, pag. 753: Sant'Ana do Paranaíba (sudeste de Mato Grosso).

tão intensamente raiadas de preto como no que me serviu de tipo. Neste caso estão, por exemplo, dois ♂♂ (N.os 18.425 e 18.426), das cercanias de Campo Grande (sul de Mato Grosso), colecionados por José Lima em 26 e 27 de julho de 1939.

Thamnophilus nigrocinereus nigrocinereus Sclater

Thamnophilus nigrocinereus Sclater, 1855. Proc. Zool. Soc. Lond., p. 19, pl. 81: "Pará" (= baixo Rio Tocantins).

Um ♂ de Macapá (Rio Vila Nova), colecionado por Lasso em 15 de julho de 1936.

Thamnophilus nigrocinereus está, infelizmente, muito mal representado nas coleções do Departamento de Zoologia, onde somente existe uma série de dois ♂♂ e sete ♀♀ da foz do Rio Curuá do Sul, importante afluente do baixo Amazonas pela margem direita (meridional), e aproximadamente em oposição a Monte Alegre. Como o diagnóstico entre *Th. n. nigrocinereus* Sclater e *Th. n. huberi* Sneath (1) parece repousar principalmente nos caracteres dos indivíduos do sexo masculino, é difícil determinar com segurança esse material, tanto mais quanto carece êle de exemplares topotípicos de qualquer destas duas raças. Mas, à vista das descrições de ambas dadas pelos autores, e particularmente por Hellmayr, (2) tenho pouca dúvida em referi-lo à forma típica da espécie, cuja área geográfica seria assim consideravelmente para oeste. (3) Nossos ♂♂ da Foz do Curuá têm ambos o píleo e as costas de um negro carregado e lustroso, contrastando com o uropígio, côr de cinza; o mento e a garganta, de um preto menos retinto do que as costas, fazem também contraste com o restante das partes inferiores, que são cinzentas, embora mais claras num (14 de dez. de 1936) do que no outro (27 de dez.). No ♂ de 14 de dez. são muito evidentes nas penas mais posteriores da garganta as manchas e estriações brancas verificadas por Hellmayr em dois ♂♂ velhos da Fazenda Nazaré, (Ilha Mexiana); em compensação, ao inverso do que acontece com o seu similar, nele só as rectrizes laterais, e muito poucas coberteiras inferiores, são distintamente debruadas de branco. As ♀♀ do

(1) *Thamnophilus huberi* Sneath, 1907, Ornith. Monatsb., XV, p. 161: Ilha Goiana (baixo Tapajós).

(2) Novit. Zool., XVII, pag. 337 e segs. (1910); Abhandl. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, p. 113 (1912).

(3) Ao sul do Rio Amazonas, o limite ocidental da área conhecida de *Th. nigrocinereus nigrocinereus* já fôra dilatada por Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 646, p. 16, 1933) até o Rio Xingu (Tapará, Vilarinho do Monte).

Rio Curuá concordam bem com a descrição de *Th. n. nigrocinereus*, embora haja notável variação tanto no tocante à tonalidade do dorso e das rectrizes, como no que se refere ao tamanho da nódoa branca do dorso.

O ♂ de Macapá diverge dos do Rio Curuá em mais de um ponto; mas estas diferenças provêm, sem dúvida, da imaturidade do exemplar. O dorso é de um preto muito menos brilhante e apresenta tons francamente pardo-azeitonados, irregularmente distribuídos; a garganta e o mento, em vez de pretos, são apenas mais escuros do que o peito, com o qual não há linha de demarcação distinta. Apresenta, porém, uma particularidade, que foi encontrada de modo muito inconstante por Hellmayr nos ♂♂ da Ilha Mexiana, e falta inteiramente aos da Foz do Curuá; refiro-me a uma mancha branca, muito conspícua, no trecho médio da barba externa das rectrizes do primeiro par (externas), ao longo da margem. Tal particularidade, segundo aquêle abalizado ornitólogo, seria destituída de qualquer significado, não passando de mera variação individual.

Thamnophilus aethiops atriceps Todd

Thamnophilus incertus atriceps Todd, 1927, Proc. Biol. Sec. Wash., XL, p. 152; Miritituba (marg. direita do baixo Tapajós).

Uma ♀ adulta de Aramaná (marg. direita do Tapajós), coligida por Lasso em 24 de novembro de 1932.

Esta raça estava até aqui representada nas coleções do Dept. de Zoologia apenas por um ♂ da vizinha localidade de Caxiricatuba, pequeno sítio situado umas 6 léguas acima de Santarém e também pouco distante da pátria típica. Comparada com uma ♀ de *Th. amazonicus polionotus* Pelzeln procedente de Manacapuru (Camarago col., 26-IX-1936), a de Aramaná difere antes de tudo pela côr muito menos carregada da plumagem e particularmente das partes superiores; o píleo, côr intensa de ferrugem (em vez de castanho-chocolate), destaca-se do dorso, mais pálido, ruivo-pardacento (em vez de pardo-castanho). Em compensação, é praticamente difícil diferenciá-la de algumas das ♀♀ topotípicas de *Th. amazonicus juruanus* Ihering existentes em nossa coleção. Não obstante, via de regra, as ♀♀ do alto Juruá têm a plumagem decididamente mais sombria e carregada, embora nenhuma em tão alto grau como a de Manacapuru. Fato semelhante observo com referência aos ♂♂, pois que o de Caxiricatuba, pelas suas costas mais escuras e píleo enegre-

cido, assemelha-se mais com os do Juruá, do que com um de Manacapuru (margem septentrional do Solimões), cujo dorso é antes cinzento, e o píleo de um preto menos retinto do que nos da margem meridional do Rio Amazonas. No que respeita às manchas brancas das coberteiras das asas, o ♂ de Caxiricatuba corresponde ao termo médio do que se observa nos do Juruá, onde ao lado de exemplares, em regra imaturos, de coberteiras quase imaculadas outros existem com abundante maculação. O de Manacapuru tem as asas ricamente pintadas de branco nas pontas das tectrizes.

Thamnophilus aethiops incertus Pelzeln

Thamnophilus incertus Pelzeln, 1868, Ornith. Brasil. (Abt. II), ps. 78 e 149: Pará (= Belém).

Um ♂ e uma ♀ de Capanema (a leste do Pará), colecionados por Lasso, em 24 de outubro e 16 de fevereiro de 1936.

Esta raça teve como base uma ♀ coletada por Natterer não longe de Belém no começo do século passado. Seu parentesco com as formas reunidas hoje no grupo encabeçado por *Thamnophilus aethiops* Sclater (1) foi implicitamente reconhecido por Pelzeln, quando, ao descrevê-la, apontou a semelhança do tipo com as ♀ ♀ de *Th. polionotus* Pelzeln. (2) Não obstante, entre as numerosas variedades geográficas admitidas atualmente em *Th. aethiops*, é uma das que apresentam, em ambos os sexos, diferenças mais acentuadas. Os ♂ ♂ se distinguem desde logo dos de qualquer outra raça pela sua plumagem muito mais clara, cinzento ardoziada, com o píleo da mesma cor das costas, e as partes inferiores apenas mais claras do que as superiores; faltam-lhes também completamente manchas apicais brancas nas coberteiras superiores das asas, persistindo porém na curva da asa maior ou menor quantidade de penas salpicadas de branco, caráter aliás comum a todas as formas do grupo *aethiops*. Por outro lado, as ♀ ♀ se reconhecem de relance pela sua plumagem muito mais desbotada, em que só o alto da cabeça se conserva cor de ferrugem. Do que diz Hellmayr. (3) infere-se que o colorido das partes inferiores está sujeito a variações apreciáveis, embora sempre muito mais claro

(1) *Thamnophilus aethiops* Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., pag. 65: Rio Napo (leste do Equador).

(2) *Thamnophilus polionotus* Pelzeln, 1868, Orn. Bras., pags. 77 e 147: Marabitanas (local. típica) e Barcelos (ambas no alto Rio Negro).

(3) Catal. Bds. Americas (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII), parte III, p. 83, nota a (1924)*.

do que nas ♀♀ das raças mais afins. Na ♀ de Capanema a garganta vai se tornando cada vez mais ocrácea a partir do mento, fazendo transição insensível com o peito, que é francamente tingido de canela; o abdômen é pardo-acinzentado claro, esbranquiçado no centro, e mais pardacento nos lados e no crisso.

As determinação das numerosas raças modernamente subordinadas a *aethiops* apresenta grandes dificuldades, já por se tratar de formas quase sempre rigorosamente intergradantes, já porque os autores se têm de ordinário limitado a compará-las com as formas mais afins, omitindo o paralelo, sobremodo útil quando não se disponha de coleções excepcionalmente ricas, com as cujo parentesco se reputa mais remoto. Não será por isso de todo supérflua a chave que abaixo procurei organizar, no intento de facilitar a outros a diagnose, pelos ♂♂, das diferentes formas por mim alistadas no "Catálogo das Aves do Brasil". (1)

O momento me parece também asado para dizer alguma coisa sobre *Thamnophilus aethiops juruanus* Ihering, (2) raça bem representada em nossas coleções e de que até hoje nenhuma ♀ topotípica parece ter sido descrita. A descrição original foi feita com base em dois ♂♂, nesse momento presentes, colecionados por E. Garbe em 1902 no alto Juruá, e através de Berlepsch, a quem o Dr. H. von Ihering os havia remetido. (3) O Dr. Hellmayr, que então tivera também o privilégio de examinar os tipos, publicou em duas feitas (4) notas interessantes sobre o seu parentesco com as outras formas do grupo *aethiops*, encarando o assunto com a agudeza e clarividência que lhe eram peculiares. Pouco depois, (5) a Dra. E. Sneathlage não teve dúvida em reconhecer o mesmo pássaro em dois exemplares, um ♂ adulto e uma ♀ juv., colecionados no alto Rio Purus (Monte Verde), continuando porém desconhecida a ♀ adulta. Em 1938, O. Pinto, (6) registra uma ♀ adulta de João Pessoa (Olalla col., 13 de out.

(1) Rev. Mus. Paulista, vol. XXII, pags. 154-5 (1938). Das formas incluídas na chave, só *Th. aethiops injunctus* Zimmer e *Th. aethiops aethiops* Scl., este de duvidosa ocorrência no Brasil, são-me autôpticamente desconhecidas.

(2) *Thamnophilus juruanus* Ihering, 1905, Rev. Mus. Paulista, VI, p. 439, estampa XVI, fig. 1: Rio Juruá (sul do Estado do Amazonas).

(3) Estes exemplares de Garbe são os únicos mencionados por Ihering em "As Aves do Brasil" (vol. I dos "Catalogos da Fauna Brasileira"), obra vinda a lume em 1908.

(4) Novit. Zoologicae, XIII, p. 339 (1906); id., XVII, p. 340 (1910).

(5) Journ. für Ornithologie, LVI, p. 15 (1908); Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 271 (1914).

(6) Rev. do Museu Paulista, XXII (Catal. Av. Brasil, 1.^a parte), p. 454. Por inexplicável descuido, que me apresso em retificar, foi neste trabalho colocado em *T. a. juruanus* uma ♀ de *Th. schistaceus capitalis*, que aliás é impossível de confundir com a do primeiro.

de 1936) adquirida pelo Museu Paulista, noticiando assim a primeira ♀ topotípica de *Th. aethiops juruanus*, sem contudo fazer qualquer comentário a seu respeito. Ulteriormente, a êsse exemplar vieram juntar-se no Departamento de Zoologia mais cinco da mesma procedência e sexo, o que neste particular me põe em situação vantajosa à do conde Gyldenstolpe, (1) último revisor do assunto. No que diz respeito às partes superiores, duas das ♀♀ do Rio Juruá (João Pessoa e Igarapé Grande) são praticamente impossíveis de distinguir de uma de *Th. a. polionotus* procedente de Manacapuru, (2) com a diferença de possuírem talvez o pileo de um castanho-ferrugíneo um pouco menos carregado; quanto às partes inferiores, são elas de um colorido geral ferrugíneo menos intenso e mais misturado de ocráceo. O peito, na maioria dos exemplares do Juruá é apenas mais carregado do que o abdômen; noutros é de um ferrugíneo muito mais carregado, concordando neste particular com a ♀ de Manacapuru. Consideradas em globo, as ♀♀ do Juruá ocupam, quanto à coloração da plumagem, posição intermediária entre a de Manacapuru e a de Aramaná (Rio Tapajós), estudada por nós pouco antes.

CHAVE para a determinação dos ♂♂ das raças brasileiras de
Thamnophilus aethiops Sclater.

- A. Partes superiores e inferiores pretas retintas, com lustro apreciável; coberteiras superiores das asas immaculadas (leste do Equador, Rio Napo). *Th. a. aethiops* Sclater³
- AA. Colorido geral plúmbeo ou escuro (mas nunca perfeitamente preto), mais carregado no dorso do que nas partes inferiores.
- B. Plumagem de um cinzento mais carregado, com o pileo preto, ou, pelo menos, sempre mais escuro do que o dorso.
- C. Todas as coberteiras superiores das asas (salvo exemplos excepcionais) com uma nódoa branca no ápice.

(1) The Bird Fauna of Rio Juruá (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., Band 22, 1945), p. 169.

(2) Rev. Mus. Paulista, XXIII, p. 566 (1937); id., XXII, p. 454 (1938).

(3) Não verificado ainda no Brasil, cujos limites oeste-septentrionais extremos é possível que alcance.

- D. Dorso com nódoa branca¹ semi-velada de cr-
dinário bastante distinta, mas ausente em cas-
sos de exceção (do Madeira ao Tapajós,
e trecho correspondente da marg. sept. do
Amazonas). *Th. a. punctuliger* Pelzeln
- DD. Dorso de colorido cinzento uniforme, sem ne-
nhuma nódoa branca distinta, ou, em casos
excepcionais, simples vestígios da dita.
- E. Plumagem de um cinzento mais escuro (da
margem septentrional do Solimões ao sul
da Venezuela). *Th. a. polionotus* Pelzeln
- EE. Dita mais clara, especialmente nas partes
inferiores (margem meridional do Amazo-
nas, da marg. direita do Purus à marg.
esquerda do Madeira). *Th. a. injunctus* Zimmer
- CC. Grandes coberteiras superiores das asas sempre
imaculadas; médias e pequenas eventualmente
manchadas de pequenas nódoas apicais brancas.
- F. Plumagem, tanto em cima, como em baixo,
de um cinzento muito carregado, quase preto
(margem meridional do Solimões, do Rio Ju-
ruá ao Purus). *Th. a. juruanus* Ihering
- FF. Plumagem menos escura (margem meridional
do baixo Amazonas, do Tapajós para leste). *Th. a. atriceps* Todd
- BB. Plumagem de um cinzento-ardosiado uniforme, com
o píleo da mesma côr (região de leste do Pará). *Th. a. incertus* Pelzeln

Thamnophilus schistaceus inornatus Ridgway

Thamnophilus inornatus Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, "1887", p. 522:
Diamantina (proximidades de Santarém, na marg. direita da bôca do Rio Tapajós).

Uma ♀, de Aramaná (pouco acima de Santarém), colecionada por Lasso em 24 de
novembro de 1932.

Nas coleções do Departamento de Zoologia não havia nenhuma
♀ de *Th. schistaceus inornatus* com que pudesse ser confrontada a
de Aramaná; mas não tenho a menor dúvida de que ela pertence à

(1) A nódoa branca interescapular é caráter bastante falível, podendo faltar às vê-
zes em *punctuliger* (exemplo de "Vila Bela Imperatriz", referida por Zimmer) ou, pelo
contrário, acha-se presente em *juruanus* (espécimes do Rio Purus, referidos pelo mesmo
autor).

forma descrita por Ridgway, visto a sua grande semelhança com as de *Th. s. capitalis* Sclater, ((1) raça de que possuímos boa série, oriunda do alto Rio Juruá e seu afluente Rio Eiru (material colecionado por Garbe, 1902. e Olalla em 1936-7). Sem embargo, a despeito das grandes diferenças individuais que entre si apresentam as nossas ♀♀ do Juruá, a de Aramanáí delas se destaca pela tonalidade carregada das partes superiores, e particularmente do píleo, cujo colorido ferrugineo intenso forma contraste mais vivo com o dorso. A ♀ de Aramanáí ainda se distingue das do Juruá pelas suas partes inferiores mais claras, pardo-esbranquiçadas, quase sem ocre.

Na 1.^a parte do "Catalogo das Aves do Brasil" (Rev. do Museu Paulista, XXII, 1938, p. 155), não sem alguma relutância, referi como de *Th. schistaceus inornatus* Ridgway um ♂ de Itapoama (marg, direita do Tapajós) colecionado pelo sr. A. Olalla em 5 de abril de 1934. Infelizmente, falta-me ainda hoje material para melhor ajuizar dos fortes traços de semelhança que êle apresenta com *Th. murinus* Sclater & Salvin, (2) espécie extraordinariamente parecida com *Th. schistaceus* D'Orbigny, (3) mas que desta se distingue antes de tudo pela presença de uma nódoa branca, mais ou menos velada, embora, ao que me parece sempre presente, na parte média do dorso. No que respeita particularmente às partes inferiores, o ♂ de Itapoama suporta perfeitamente o confronto com alguns dos nossos exemplares de *Th. murinus murinus* procedentes da região de Itacoalára (Rio Atabani, Rio Anibá); diverge porém no colorido das partes superiores, que são de um cinzento algo mais carregado, sem qualquer vestígio de nódoa branca dorsal, e ainda pelas asas, antes cinzento-escuras que pardas. Para a semelhança do ♂ de Itapoama com os de *Th. murinus* contribui a presença de pequena ourela esbranquiçada em algumas das coberteiras superiores das asas, sugerindo as manchas características das raças desta espécie, que aliás se supõe estranha à margem direita do baixo Amazonas. Segundo Hellmayr, (4) *Th. schistaceus inornatus* é raça pouco satisfatória, que a custo se pode distinguir de *Th. schistaceus schistaceus* D'Orbigny, forma de que não tenho exemplares.

(1) *Thamnophilus schistaceus capitalis* Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVI, pags. 65 e 214: Rio Napo (leste do Equador).

(2) *Thamnophilus murinus* Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., pags. 750 e 756: Manáus (pátria típica restringida por Hellmayr).

(3) *Thamnophilus schistaceus* D'Orbigny, 1838, Voyage Amér. Mérid., Oiseaux, p. 170, pl. 5, fig. 1: Yuracares (norte da Bolívia).

(4) Catal. Bds. Americas (Field Mus. Publ., Zool. Ser., vol. XIII), parte III, pag. 87, nota d (1924).

Thamnophilus punctatus punctatus (Shaw)

Lanius punctatus Shaw, 1809, Gen. Zool., Aves, VII (2), p. 387 (baseado em "Le Tachet" de Levaillant, 1798?, Ois. d'Afrique, II, p. 113, pl. 77, fig. 1): Cayenne.

Um ♂ adulto de Macapá e outro de Oriximiná (margem norte do baixo Amazonas), colecionados por Lasso em 23 de março de 1936 e 23 de julho de 1937, respectivamente.

Afora os espécimes agora registrados, a forma típica de *Thamnophilus punctatus* se acha representada por 13 ♂♂ e 18 ♀♀, procedentes de várias localidades da margem septentrional do baixo Amazonas (Óbidos, Igarapé Boiuçu, Igarapé Bravo, Patauá) e especialmente da região de Itacoatiara (Silves, Rio Anibá, Rio Atabani). Nestas séries, os ♂♂ diferem muito na quantidade de preto das partes superiores, e particularmente do dorso, que em alguns é de um cinzento claro quase uniforme, ao passo que noutros aparece abundantemente tismado de nódoas escuras, localizadas na porção terminal exposta das penas, e em brusco contraste com a parte basal branca. No que respeita a este carácter, o ♂ de Oriximiná coloca-se entre os exemplos em que a quantidade de preto no pileo e nas costas atinge o seu máximo, ao passo que o de Macapá corresponde ao termo médio.

Thamnophilus punctatus zimmeri subsp. nov.

TIPO, ♀ adulta, do Rio Pracupi, afluente da margem direita do baixo Amazonas, entre os rios Tapajós e Xingu (não longe de Portel), colecionada por Lasso, em 25 de janeiro de 1939.

DIAGNOSE. — Fêmea semelhante à de *T. punctatus punctatus*, mas com o pileo, as costas e a cauda muito mais ricos em ferrugem (menos oliváceos); rêmiges e coberteiras superiores das asas muito menos escuras (mais arruivadas); retrizes com as manchas brancas terminais menores e a porção a estas adjacente menos escurecida (mais tirante a ferrugem).

DESCRIÇÃO DO TIPO. Parte superior da cabeça côr de ferrugem intensa, desmaçando progressivamente para diante, até a fronte, muito mais clara do que o vértice e a nuca; dorso pardo-arruivado, lavado de tons oliváceos (mais acentuados no uropígio), as penas da região interscapular com largas manchas brancas subterminais, não expostas diretamente à vista; supracaudais côr de ferrugem. Supercílio, losos e região auricular côr de cinza mesclados de fulvo; garganta cinzento-esbranquiçada, mais clara no mento, e tocada

de fulvo na metade posterior; alto do peito, flancos e baixo abdômen ocráceo-acinzentados claros; baixo peito e parte central do abdômen esbranquiçados; infracaudais arruivadas, com larga faixa terminal branca. Asas pardo-arruivadas; primárias pardo-escuras, com as bordas externas ocráceo-arruivadas; terciárias com estreita orla branca ao longo da borda externa; coberteiras superiores das asas pardo-ocráceas, com a parte subterminal escurecida e larga mancha branca na extremidade; escapulares externas da côr das terciárias e, como estas, com a barba externa orlada de branco; coberteiras inferiores das asas brancas, sombreadas de cinza. Cauda francamente arruivada, com as retrizes medianas sem vestígio de mancha terminal; retrizes externas com a porção subterminal pardo-escura e ornadas de manchas branca terminal, interessando ambas as barbas, de moderada largura (aproxim. 3 milim.), bem como de uma pequena nódoa branca arredondada, junto ao último terço da barba externa; retrizes laterais intermédias de coloração semelhante à das externas, mas com mancha branca apenas na ponta. Maxila e mandíbula pardas, mais claras nas tômias.

Duas ♀♀ de *Th. punctatus saturatus* Todd (1) procedentes de Santarém, si comparadas com a do Pracupi, diferem à primeira vista pela menor quantidade de ruivo nas partes superiores, pelas suas terciárias e coberteiras superiores das asas pardo-escuras, quase pretas na metade terminal, e ainda pela cauda, cujo lado superior é de um pardo ferrugíneo muito mais carregado, ao passo que o inferior é francamente enegrecido.

Zimmer (2) foi o primeiro a reconhecer nas populações interpostas aos rios Xingu e Tocantins uma subespécie diversa das da margem septentrional do baixo Amazonas e das do Tapajós, pertencentes respectivamente a *T. p. punctatus* e *T. p. saturatus*. Entretanto, achando que "a female from Utiariti, Rio Papagaio, is very definitely like the Tocantins and Xingu females in contrast to females of *saturatus*", adotou o alvitre de referi-las à mesma forma de um macho que foi colecionado em São Vicente (alto Rio Guaporé, perto da cidade de Mato Grosso) por Natterer, e batisado com o nome de *Thamnophilus stictocephalus* por Pelzeln. (3) Sem ter visto a ♀ de Utiariti, cuja identidade aliás não me parece menos discuti-

(1) *Thamnophilus punctatus saturatus* Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 153: Vila Braga (Rio Tapajós, marg. esquerda).

(2) Amer. Mus. Novit., N.º 647, pags. 10-13 (1933).

(3) *Thamnophilus stictocephalus* Pelzeln, 1868, Orn. Bras., pags. 77 e 146: São Vicente (perto de Vila Bela de Mato-Grosso, no Rio Guaporé).

vel do que a do ♂ de São Vicente, reluto em acompanhar neste ponto aquêlê douto ornitólogo norte-americano, afigurando-se-me mais plausível pertencam as aves da mesopotâmia Xingu-Tocantins a raça particular, e tão diversa da norte-matogrossense quanto das suas similares baixo-amazônicas, embora muito aparentada com umas e outras.

Thamnophilus amazonicus paraensis Todd

Thamnophilus amazonicus paraensis Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 154: Benevides (leste do Pará).

Dois ♂♂ de Capanema, col. por Lasso em 17 de fevereiro e 30 de outubro de 1936; um ♂ e uma ♀ de Val-de-Cães (suburb. de Belém), obtidas pelo mesmo colecionador em 15 e 19 de janeiro de 1937.

As semelhanças dos ♂♂ de *Thamnophilus amazonicus paraensis* são principalmente com os de *Th. amazonicus amazonicus* Sclater, (1) a ponto de ser muitas vêzes impraticável a separação de uns e outros; as ♀♀, pelo contrário, possuindo o dorso abundantemente manchado de preto (menos oliváceo) aproximam-se muito mais das de *Th. amazonicus obscurus* Zimmer, (2) a julgar pelo menos através dos dois exemplares da margem direita do baixo Tapajós (Aveiro, Itapocama), que representam esta raça e sexo no material em mãos. Dos três ♂♂ acima registrados, o de Val-de Cães é o que possui as partes superiores mais denegridas; os de Capanema diferem muito neste particular, um tendo as costas quase tão pretas como o de Val-de-Cães, e o outro possuindo-as principalmente cinzentas. Numa série de *amazonicus* do alto Rio Juruá encontramos ♂♂ perfeitamente comparáveis a qualquer dos de leste do Pará.

Thamnophilus amazonicus obscurus interpõe-se geograficamente a *Th. a. paraensis* e *Th. a. amazonicus*, parecendo ter o seu limite ocidental no Rio Tapajós, como admitiram Griscom & Greenway. (3) Esta suposição se robustece diante de um ♂ de Iroçanga, na margem ocidental do Tapajós, que prova pertencer a *amazonicus*, enquanto que um de Aveiro, na margem direita do dito rio, copia a descrição de *obscurus*; falta-me porém material para verificar se ela é também confirmada pelas ♀♀, mais importantes no caso, visto tratar-se de formas heterogênicas.

(1) *Thamnophilus amazonicus* Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVI, pag. 214, pl. 139, figs. 1 e 2: "Upper Amazons" (= Rio Javari, teste Hellmayr).

(2) *Thamnophilus amazonicus obscurus* Zimmer, 1933, Amer. Mus. Novit., N.º 17: Tauari (marg. dir. do Tapajós).

(3) Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 233 (1941).

A área geográfica de *Th. amazonicus paraensis* é ainda matéria de debate. Tanto Zimmer como Griscom & Greenway fazem-na abranger a margem septentrional do baixo Amazonas (Rio Jamundá, Rio Jari), aceitando ainda como ponto pacífico a ocorrência da raça nas Guianas. Nada posso dizer a respeito, visto como o único exemplar cujos caracteres a princípio me fizeram supôr pertencesse a *Th. amazonicus*, um ♂ adulto de Igarapé Bravo (perto de Óbidos), melhor examinado com a ajuda de novos elementos, e à luz dos caracteres montados por Zimmer para a espécie, hoje se me afigura corresponder a *Th. punctatus punctatus*.

Dispondo de material mais farto e adequado do que anos atrás, (1) tenho hoje outra impressão sôbre a objetividade e o alcance prático de algumas das sutis diferenças descobertas por Zimmer em seu esforço para aplainar as dificuldades, por assim dizer insuperáveis, com que não raro se defronta a diagnose entre ♂♂ de *Thamnophilus punctatus* e *Th. amazonicus*, especialmente nos lugares onde as respectivas áreas de distribuição se acham superpostas, como é, pelo menos, o caso da margem direita do baixo Amazonas. Dessas diferenças, não sem razão chamadas microscópicas por aquele agudo observador, as que dizem respeito à côr das penas da região superciliar parecem-me, pela sua constância e perceptibilidade, as únicas verdadeiramente utilizáveis. Examinando sôbre fundo claro as penas da mencionada região, retiradas cuidadosamente a pínça, reconhecem-se com satisfatória segurança as de *Th. amazonicus* pela sua porção basal preta, e quase sempre em forte contraste com a parte terminal branca.

Dysithamnus ardesiacus obidensis Sneathlage

Dysithamnus ardesiacus obidensis Sneathlage, 1914, Ornithol. Monatsber., XXII, p. 40: Óbidos (margem septentrional do baixo Amazonas).

1 ♂ sub-adulto, de Macapá (Rio Vila Nova), colecionado por Lasso em 20 de maio de 1936.

O exemplar concorda em cada pormenor com a raça descrita por Sneathlage; as partes superiores são de um cinzento ardosiado claro, com uma nódoa branca velada, bastante distinta, na região interescapular; a garganta e porção subjacente do pescoço escurecidas, quase pretas, com pequena mescla de cinza; as retrizes, exceção feita das medianas, com estreita orla branca no ápice.

(1) Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 568 (1937).

Ao norte do Rio Amazonas, a espécie está representada em nos-Itacoatiara (Rio Anibá, Rio Atabani), e outros do Rio Urubu, que-
sas coleções por 5 ♂♂ e duas ♀♀, uns procedentes da região de
fica a meia distância entre a mencionada localidade e a barra do Rio
Negro. Há entre os ♂♂ dêste pequeno lote diferenças apreciáveis,
que me parecem quando muito testemunhar a variabilidade de *D. a.*
obidensis, e a sua tendência a intergradar com a forma típica, descri-
ta de leste do Equador. Num ♂ adulto do Rio Anibá e noutro do
Rio Atabani, quase não existe vestígio de nódoa branca interesca-
pular, como acontece em *D. a. ardesiacus* Sclater & Salvin; (1) en-
tretanto, num ♂ do Rio Urubu, zona mais próxima do centro de dis-
persão de *ardesiacus*, a referida mancha é perfeitamente distinta.
A côr da garganta, mostra análogas variações, ocupando sob êste
ponto de vista os extremos um ♂ do Rio Anibá (Olalla col., 16-IV-
1937), com a garganta e o baixo pescoço pretos retintos, e o citado
♂ do Rio Urubu, cuja garganta tem grande mistura de cinza.

Em nossas séries, as populações ao sul do Rio Amazonas se
acham representadas apenas por 9 ♂♂ e 8 ♀♀ do alto Rio Juruá
(João Pessoa, Igarapé Grande) e seu pequeno tributário, Rio Eiru
(Santa Cruz). A parte mais antiga dêste material (1 ♂ e 1 ♀ col.
por E. Garbe em 1902) foi alhures referida por mim a *D. ardesiacus*
saturninus (Pelzeln), (2) com base em Hellmayr, a quem eram co-
nhecidos tanto os tipos de *Thamnophilus saturninus* como de *Cer-*
comacra huallagae Cory. (3) Entretanto, o conde Gyldenstolpe, (4)
estudando em seu conhecido trabalho o material do alto Rio Juruá
adquirido pelo Museu Real de Stocolmo ao sr. Olalla, acha que êle
pertence sem dúvida a *Dysithamnus saturninus huallagae*, adotando
assim o ponto de vista de Zimmer, (5) para quem *D. ardesiacus* e *D.*
saturninus são espécies distintas. Diante da escassez de material,
não me acho habilitado a tomar posição segura neste ponto litigio-
so de sistemática; mas tenho ainda séria relutância em separar es-

(1) *Dysithamnus ardesiacus* Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., pag. 756
(nome novo para *D. schistaceus* Sclater (não d'Orbigny), Pr. Zool. Soc., XXVI, 1858,
pag. 66): Rio Napo (leste do Equador).

(2) *Thamnophilus saturninus* Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), ps. 77 e 147, em parte:
Borba, local. típica escolhida por Hellmayr (Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, 53, 1903,
p. 216).

(3) *Cercomacra huallagae* Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., I,
p. 338: Lagunas (baixo Huallaga, no nordeste do Peru).

(4) The Bird Fauna of Rio Juruá (em Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, 1945),
p. 175.

(5) Amer. Mus. Novit., N.º 558, pags. 12-14 (1932).

pecificamente *ardesiacus* de *saturninus*, embora ciente das dificuldades de ordem zoogeográfica que se procurou aplainar com êste modo de ver. As diferenças, meramente quantitativas, reconhecidas por Zimmer entre estas duas formas, perdem muito de seu valor diante das largas variações encontradas nas séries do mesmo sexo e procedência. Bastam para prová-lo os nossos exemplares do Juruá, oriundos aliás da mesma fonte e datados quase da mesma época, dos estudados por Gyldenstolpe. Abstração feita de dois ♂♂ imaturos, em que a plumagem, nas asas principalmente, conserva ainda restos da côr pardo-azeitonada dos jovens, a garganta é intensamente negra em todos os indivíduos do sexo referido; em quase todos os exemplares esta côr preta se estende pela região malar e porção subjacente do pescoço, tingindo às vêzes o alto do peito. Em alguns, vêem-se no abdômen e no crisso penas de raque esbranquiçado, formando estriações (shaft-streaks); noutros não há qualquer vestígio desta particularidade, pelo menos na porção exposta das penas. As coberteiras superiores das asas apresentam pequena mancha apical branca bem distinta em cêrca de metade dos ♂♂ adultos; nos restantes, há apenas vestígios dêste carater, ou êle se mostra completamente ausente (♂ de Santa Cruz, 22-X-1936). Em todos, inclusive os jovens, há uma grande nódoa branca velada na região interescapular, caráter aliás também presente em todos os nossos indivíduos do sexo oposto. Quanto a pertencerem as aves do Juruá a *saturninus* ou a *huallagae*, isso tanto mais me parece uma questão aberta quanto há notáveis discrepâncias entre o nosso material e a descrição de Cory, onde, entre outros informes, se diz serem as "upper wing coverts and bend of wing immaculate, with no white anywhere".

Thamnomanes caesius persimilis Hellmayr

Thamnomanes caesius persimilis Hellmayr, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 64: Tefé (marg. meridional do Rio Solimões).

1 ♂ e 1 ♀ adultos, de Aramaná (margem direita do Tapajós, perto de Santarém), colecionados por Lasso em 1 de dezembro e 24 de novembro de 1932).

Em comparação com um ♂ de Piquiatuba, localidade também muito próxima de Santarém, o de Aramaná tem a plumagem um pouco mais desbotada, talvez, por culpa de conservação menos perfeita. Em ambos a garganta é muito distintamente riscada de finas raquestrias brancacentas, ao passo que no dorso não há qual-

quer vestígio de nódoa branca interescapular. Divergem os autores no tocante à distribuição de *Th. caesius persimilis*, assunto que é da maior importância para a exata compreensão do grau de parentesco existente entre esta raça e as outras formas ordinariamente incluídas no grupo encabeçado por *Th. caesius* (Temm.) (1) Zimmer, (2) que teve em mãos vários exemplares topotípicos de *persimilis* e a esta raça refere todas as populações distribuídas pela extensa região compreendida entre o Madeira e o Rio Tapajós, menciona seis ♂♂ de Aramaná com larga nódoa interescapular branca, e semelhantes em tudo aos de *Thamnomanes glaucus* Cabanis. (3) Por outro lado, temos sob os olhos três autênticos exemplares do alto Rio Juruá, colecionados em 1902 por E. Garbe, que é impossível distinguir do de Aramaná agora registrado, devendo assim ser referidos também a *Th. caesius persimilis*. Acompanhando os três ♂♂ do Juruá, existe uma ♀, que é praticamente inseparável das de *Th. glaucus* provenientes da região de Itacoatiara. Estes quatro exemplares do Juruá estiveram em mãos do Dr. Hellmayr, que os referiu convictamente a *T. c. persimilis*, e sob esta rubrica os registrou em sucessivas publicações, inclusive no "Catalogue of the Birds of the Americas" (vol. III, 1924, p. 130). Não faz muitos anos, o próprio Autor (4) assinalara, por sua vez, a presença de *Th. c. persimilis* no alto Juruá, através dos espécimes de Garbe. A despeito porém destes testemunhos, a inclusão do Rio Juruá na área de distribuição de *persimilis* parece tácitamente impugnada, tanto por Zimmer, como por Gyldenstolpe, pois ambos omitem qualquer referência aos exemplares do Museu Paulista estudados por Hellmayr, suspeitando talvez uma possível confusão com *Th. schistogynus* Hellm., forma cuja abundância na zona em questão está hoje de sobejo demonstrada. O fato porém é que, tanto quanto é possível distinguir as duas formas pelos seus atributos de plumagem, uma e outra existem na região do alto Juruá, e se acham representadas em nossa coleção por exemplares de caracteres rigorosamente típicos. E' cedo talvez para interpretar corretamente esse ponto de sistemática, muitos de cujos aspectos permanecem obscuros, senão enigmáticos. Hellmayr, que reconheceu *schistogynus* nos espécimes do Rio Purus utilizados pela sra. E. Snethlage na descrição de seu *Thamnomanes purusia-*

(1) *Muscicapa caesia* Temminck, 1820, Réc. Pl. Color., livr. 3, pl. 17, fig. 1 (♂) e 2 (♀): sertão da Bahia (col. pelo Príncipe de Wied).

(2) Amer. Mus. Novit., N.º 558, p. 17 (1932).

(3) *Thamnomanes glaucus* Cabanis, 1847, Arch. Naturgesch., XIII, (1), pag. 230: Cayenne.

(4) Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. Bras., 1.ª parte), p. 468 (1938).

nus, (1) não lhe registrou todavia a ocorrência no alto Juruá, fato tanto mais curioso quanto no copioso material colecionado nesta região por Olalla e seus auxiliares, só *schistogynus* se acha representado. Acresce que não é o Rio Juruá o único distrito em que *schistogynus* vive em companhia de alguma das outras formas habitualmente enfeixadas em *Thamnomanes caesius*; em adição aos numerosos casos discutidos por Zimmer ao estudar material de leste do Peru, Griscom & Greenway, examinando exemplares de São Paulo de Olivença (marg. sul do Rio Solimões), verificaram que ao lado de sete machos e uma fêmea de *Th. glaucus*, um "collected at the same place and on the same day is a typical female of *schistogynus* Hellmayr". Como a êsses dous ornitólogos, a elevação de *schistogynus* à categoria de espécie afigura-se-me cada vez mais digna de consideração.

Thamnomanes glaucus Cabanis

Thamnomanes glaucus Cabanis, 1847, Arch. Naturges., XIII, (1), p. 230: Cayenne.

1 ♂ do Rio Mapuera (norte do baixo Amazonas, pouco a oeste do Rio Trombetas) e uma ♀ de Oriximiná (a leste do Trombetas), coligidos por Lasso, respectivamente em 13 e 26 de julho de 1937.

Êste exemplar é em tudo semelhante a dois ♂♂ do Rio Caura (Venezuela) obtidos há anos em permuta com o Tring Museum. Seis ♂♂ e quatro ♀♀ de Itacoatiara e cercanias (Rio Anibá, Rio Atabani) combinam também com êle em todos os traços capitais, como seja a larga nódoa branca velada na região interescapular. Em três dos ♂♂ de Itacoatiara, algumas das coberteiras superiores das asas são distintamente manchadas de branco no ápice. Os autores parecem mudos sôbre esta pequena particularidade; mas ela também às vêzes se observa em *Th. caesius persimilis* Hellm.

Nosso conhecimento sobre *Th. glaucus* participa da obscuridade que envolve as relações entre *Th. caesius* Temminck e suas correlatas, havendo provas de que ocorre promiscuamente com algumas destas últimas em diferentes pontos da Amazônia. Zimmer por exemplo, verificou a presença de *Th. glaucus* no baixo Tapajós (Aramainá) de parceria com *Th. persimilis*, ao passo que Griscom & Greenway o encontraram em S. Paulo de Olivença, juntamente com *Th. schistogynus* Hellm. E' tanto mais difícil dar atualmente a êstes fa-

(1) *Thamnomanes purusianus* Sneath, 1914, Ornith. Monatsb., XXII, p. 40: Ponto Alegre (Rio Purus).

tos uma interpretação satisfatória, quantô sabemos que *Th. persimilis* e *Th. schistogynus* levam também aparentemente vida em comum no alto Rio Juruá. Sob um ponto de vista ortodoxo somos levados a tratar como boas espécies *Th. caesius* (incl. *persimilis* e *hoffmannsi* como raças geográficas), *Th. glaucus* e *Th. schistogynus*; a ausência de nódoa branca interescapular nos ♂ ♂ caracterizaria a primeira, ao passo que a profunda diferença de colorido entre as ♀ ♀ distinguiria as últimas.

Myrmotherula brachyura brachyura (Hermann)

Muscicapa brachyura Hermann, 1783, Tab. Affin. Anim., p. 299, nota (baseada em "Le petit Gobe-mouche tacheté; de Cayenne", de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 831): Cayenne.

1 ♂ de Aramaná (marg. direita do baixo Tapajós), Lasso col. em 19 de outubro de 1932.

Em tudo semelhante a um ♂ de Itacoatiara, adquirido ao sr. A. Olalla (N.º 17.713 da coleção do Dep. de Zoologia) e a algumas velhas peles de "Bogotá", recebidas outrora pelo Museu Paulista, em permuta com o museu do conde Berlepsch. Três ♀ ♀, uma de Itacoatiara, outra de João Pessoa ((alto Juruá) e outra de Bogotá, confirmando o que aliás é sabido, distinguem-se à primeira vista pela côr amarelo-fulva (em vez de branca) das estriações que ornamentam a plumagem, de par com a tonalidade mais ou menos alaranjada do peito e da garganta.

Myrmotherula surinamensis surinamensis (Gmelin)

Sitta surinamensis Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 442 (baseado em "Surinam Mu-thach" de Latham, Gen. Syn. Bds., I, (2), p. 654, pl. 28, = ♀): Surinam.

1 ♂ de Macapá (Rio Vila Nova), obtido por Lasso em 4 de maio de 1936.

Por motivos geográficos, refiro o ♂ de Macapá à forma típica de *M. surinamensis*, espécie fortemente heterogínica, em que só pelas ♀ ♀ se podem distinguir as duas raças existentes na Amazônia brasileira. Em qualquer hipótese, concorda êle fielmente com um ♂ de Paramaribo e outro da "Guiana Inglesa", afora diferença insignificante no aspecto das partes inferiores, cujas estriações são um pouco mais finas. *M. surinamensis*, de cuja ocorrência em Óbidos temos a prova através de uma ♀ registrada por Griscom & Gre-

enway, (1) parece estender-se por toda a margem septentrional do baixo Amazonas; a oeste do Rio Negro, porém, conforme o demonstra uma ♀ de Manacapuru, ela passa a ser substituída por *M. surinamensis multostriata* Sclater, raça este-peruana, que ao sul do Rio Amazonas distribui-se extensamente para leste, sendo encontrada não só nos afluentes meridionais do Solimões (Rio Juruá, Rio Purus, Rio Tapajós, Rio Tocantins), (2) como ainda em toda a região este-paraense circunjacente a Belém (Rio Guamá, Prata, Peixe-Boi). Reexaminando a ♀ de Manacapuru, observo que a parte média do abdômen é nela quase branca, enquanto que em duas do Rio Juruá todo o abdômen é lavado de canela claro; não tenho porém base para dizer sobre o valor dessa pequena particularidade, que deixei sem reparo ao noticiar pela primeira vez os exemplares de Manacapuru. (3)

Myrmotherula guttata (Vieillot)

Myrmotherula guttata Vieillot, 1825, Galerie d'Oiseaux, II, p. 251, pl. 155. = ♂ : Cayenne,

1 ♂ imaturo do Rio Mapuera, colecionado em 16 de julho de 1937, por Lasso.

Há neste exemplar ainda muitos restos da plumagem ruivo-azeitonada que torna semelhantes às ♀♀ os ♂♂ jovens da espécie; não obstante, o píleo é cinzento ardoziado, sem nenhuma mistura de oliváceo ou ferrugem, enquanto que no peito é também de cinza a côr predominante. Os ♂♂ adultos de *M. guttata* se distinguem à primeira vista dos de *M. hauxwelli* (Sclater), (4) espécie muito afim, pela côr acanelada (em vez de branco puro) das manchas apicais das coberteiras das asas; as ♀♀ por outro lado, são inconfundíveis, visto terem o peito e a garganta fulvo-azeitonado, em vez de ferrugíneos como o baixo abdômen e as infracaudais.

Myrmotherula hauxwelli hellmayri Sneath

Myrmotherula hauxwelli hellmayri Sneath, 1906, Orn. Monatsb., p. 9: nenhuma indicação de localidade (subentendem-se os arredores de Belém, pátria típica aceita, de acôrdo com Hellmayr).⁵

(1) Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 236 (1941).

(2) No Catálogo das Aves do Brasil (Rev. Mus. Paul., XXII, p. 471), sem discussão, entre as raças geográficas de *M. surinamensis* (Gmelin) inclui *M. klagesi* (Todd); convenci-me de que esta última deve ser considerada uma boa espécie, embora não se tenha ainda a prova de que ela ocorre promiscuamente com a primeira, no Rio Tapajós.

(3) PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 568 (1937).

(4) *Formicivora hauxwelli* Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 236, fig. 2: "e. Peru" (= Chamicuros, teste Hellmayr).

(5) C. E. HELLMAYR, Novit. Zool., XII, p. 369 (1906); idem, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte 3, p. 141 (1924).

1 ♂ e 1 ♀ de Capanema, colecionados por Lasso em 18 de fevereiro e 3 de novembro de 1936.

A completa ausência, em ambos os sexos, de nódoa branca interescapular distingue muito facilmente esta raça das outras formas conhecidas de *M. hauxwelli*. A ♀ de Capanema, abstração feita da falta de nódoa interescapular, assemelha-se muito a uma de Itaituba (marg. esquerda do Rio Tapajós) pertencente a *M. hauxwelli clarior* Zimmer; (1) mas tem as partes superiores mais arruivadas, ficando assim no extremo oposto ao das ♀♀ de *M. hauxwelli hauxwelli* (Sclater), (2) raça de que tenho uma pequena série, colecionada no alto Rio Juruá. No Brasil a espécie parece confinada à margem meridional do Amazonas, extendendo-se para leste até a mata costeira do norte do Maranhão (Turiaçú).

Myrmotherula ornata hoffmannsi Hellmayr

Myrmotherula ornata hoffmannsi Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XVI, p. 84: Itaituba (marg. esquerda do Rio Tapajós).

1 ♀ do Rio Anapu (região de Portel), coligida por Lasso em novembro de 1938.

Desta *Myrmotherula* as coleções do Departamento de Zoologia possuíam até aqui apenas um ♂ topotípico colecionado por E. Garbe em fevereiro de 1921. (3)

Myrmotherula axillaris axillaris (Vieillot)

Myrmotherula axillaris Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XII, p. 113: Cayenne.

Dois ♂♂, um do Rio Mapuera (marg. septentr. do baixo Amazonas) e outro de Capanema (região de leste do Pará), colecionados por Lasso, respectivamente em 13 de julho de 1937 e 24 de outubro de 1936; uma ♀, de Aramaná (marg. direita do Tapajós, próximo de Santarém), obtida em 24 de dezembro de 1932 pelo mesmo colecionador.

A forma típica de *Myrmotherula axillaris* está legitimamente representada nas coleções ao meu dispôr por espécimes da margem septentrional do baixo Amazonas (Óbidos, Itacoatiara, Rio Ani-

(1) *Myrmotherula hauxwelli clarior* Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., N.º 523, p. 12: Vila Bela Imperatriz (= Parintins, marg. direita do Rio Amazonas), entre os rios Tapajós e Madeira.

(2) *Formicivora hauxwelli* Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 131, pl. 126, fig. 2: Chamicuros (leste do Peru).

(3) V. PINTO, Catal. Av. Bras. (Rev. Mus. Paul., XXII), p. 473 (1938).

bá, Silves). Dois ♂♂ e uma ♀ de Manacapuru, na margem norte do baixo Solimões são inseparáveis destes últimos, provando pertencerem também à forma guianense. A supranomeada ♀ de Aramanai (Rio Tapajós) é o único exemplar que possuo da margem meridional do baixo Amazonas; comparada com as de Itacoatiara e Manacapuru, ela difere apreciavelmente em vários pontos, entre os quais se destacam a tonalidade mais arruivada das partes superiores, da porção exposta das primárias e, especialmente, das coberteiras superiores da cauda. À falta de maior material, nada quero prejudicar sobre estas discrepâncias, de natureza provavelmente individual, pois é difícil admitir que, no caso de serem constantes, houvessem escapado a análise arguta de ornitólogos melhor aquinhoados. Em sentido divergente das do norte do Rio Amazonas varia uma ♀ do Rio das Mortes, importante afluente do Rio Araguaia, no Estado de Mato Grosso; nela as partes superiores são de um oliváceo claro, levemente lavado de fulvo, ao mesmo tempo que as inferiores são muito mais claras do que em qualquer dos nossos outros exemplares do mesmo sexo. Por todos estes traços, a ♀ do Rio das Mortes aproxima-se muito mais das de Itacoatiara do que da de Aramanai, motivo pelo qual continuo a referi-la a *M. axillaris axillaris*, (1) não sem admitir a possibilidade de que novos estudos revelem a existência no Brasil Central de uma forma não descrita. Corroborando esta hipótese, três ♂♂ (sendo um imaturo) do Rio das Mortes, conseguidos na mesma ocasião, deixam-se também distinguir toleravelmente dos do baixo Amazonas pelo cinzento mais claro das partes superiores, e pela menor quantidade de preto nas inferiores. Estudando material do Rio Juruá, o conde Gyldenstolpe chegou a conclusão de que as aves dessa zona devem ser referidas a *Myrmotherula axillaris heterozyga* Zimmer, (2) raça este-peruana de que não possuo exemplares típicos. Sinto-me disposto a acompanhar este modo de ver, reconhecendo nas partes superiores dos ♂♂ que possuímos da mencionada zona uma tonalidade mais carregada do cinzento, e nas das ♀♀ mais cinza (menos ocráceo). Estas diferenças são todavia extremamente fracas e só podem ser apreciadas pela comparação de séries.

(1) V. PINTO, Boletim Biológico, Nova Série, III, pags. 102 e 104 (1938); idem, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 474 (1938).

(2) *Myrmotherula axillaris heterozyga* Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., N.º 524, p. 7: Santa Rosa (Rio Ucayali, Peru).

Myrmotherula longipennis longipennis Pelzeln

Myrmotherula longipennis Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), págs. 82 e 153: Marabitanas (alto Rio Negro).

1 ♂ adulto do Rio Mapuera (afluente septentrional do baixo Amazonas, a oeste do Rio Trombetas), colecionado por Lasso em 13 de agosto de 1937.

Infelizmente o material de que disponho é paupérrimo no que toca a *M. longipennis*, pois até aqui somente *M. longipennis garbei* Ihering se achava nele representado, através dos três ♂♂ (inclusive o tipo da raça) e uma ♀ colecionados em 1902 por E. Garbe no alto Juruá. São-me assim autópticamente desconhecidas as outras variedades geográficas descritas na Amazônia brasileira posteriormente à última, bem como a ♀ da forma típica. A comparação do exemplar do Rio Mapuera com os do Rio Juruá corrobora fortemente uma velha observação do Conde Berlepsch, (1) acusando entre *M. l. longipennis* e *M. l. garbei* uma diferença que parece ter passado despercebida aos que modernamente se têm ocupado do assunto. No ♂ do baixo Amazonas, as medidas tanto da cauda, como da asa, se avantajam notavelmente à média das obtidas nos espécimes do Juruá.

MEDIDAS (em milímetros)

Myrmotherula longipennis longipennis

	asa	cauda
♂, Rio Mapuera. Lasso col., 13 de jul. de 1937	63	39

Myrmotherula longipennis garbei

♂, Rio Juruá, Garbe col., jul. de 1902	59	31
♀, idem, idem, set. de 1902	58½	31
♂, idem, idem, out. de 1902 (Tipo)	53	30
♂, idem, idem, idem, idem	51	27

Microrhophias quixensis emiliae Chapman

Microrhophias emiliae Chapman, 1921, Amer. Mus. Novit., N.º 2, p. 3: Alta Mira (local típica, no Rio Xingu) e Rio Tocantins.

1 ♀ de Aramanaí, na margem oriental do baixo Tapajós (pouco acima de Santarém), colecionada por Lasso em 19 de dezembro de 1932.

(1) Cf. Rev. Mus. Paulista, VI, p. 411 (1904). H. von Ihering descreve neste lugar a sua nova espécie com base nas observações de H. Berlepsch, a quem fôra remetido o exemplar típico.

Aramanaí já figurava na área de distribuição de *M. quixensis emiliae*, através de dois machos e duas fêmeas registradas por Zimmer, (1) juntamente com Tauari, outra localidade da margem direita do Rio Tapajós, limite ocidental da área geográfica da raça em questão.

Um casal desta espécie colecionado no alto Juruá por E. Garbe em 1902 foi por mim registrado no "Catal. das Aves do Brasil" (2) como *M. quixensis bicolor* Pelzeln. (3) pássaro descrito da bacia do Rio Madeira. O conde Gyldenstolpe, (4) baseando-se aparentemente em motivos de ordem zoogeográfica, prefere referir as aves daquele tributário meridional do Solimões a *M. quixensis intercedens* Zimmer, (5) raça sob a qual as populações do este-peruano, não representadas em nossas coleções, foram separadas de *M. quixensis quixensis* (Cornalia), (6) cujo tipo é de leste do Equador.

Formicivora grisea grisea (Boddaert)

Turdus grieseus (sic) Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 39 (baseado em "Le Grisin, de Cayenne" de Buffon e Daubenton, Pl. enl. 643, fig. 1): Cayenne.

Um ♂ de Macapá (Rio Vila Nova) e uma ♀ de Oriximiná, colecionados por Lasso, respectivamente em 4 de setembro de 1936 e 31 de julho de 1937.

Mais do que o Dr. Hellmayr não logro descobrir diferenças raciais entre as populações desta espécie distribuídas pela vasta região este-septentrional e oriental do Brasil, em cujos limites se compreendem as duas margens do baixo Amazonas e os Estados nordestinos, até pelo menos, o Recôncavo da Bahia. Uma ♀ de Caravelas, no extremo sul da Bahia, difere das do Recôncavo (Ilha de Madre de Deus) pelo ruivo mais carregado das partes inferiores; mas, sob este ponto de vista, uma ♀ de Santarém (N.º 14.653 da col. do Dept. de Zool.) muito dela se aproxima. Muito parecida com a de Caravelas, com a exceção de possuir as extremidades das rectrizes menos extensamente brancas, temos uma ♀ de Guarapari, localidade situada no litoral do Estado do Espírito Santo (pouco ao sul de Vitória).

(1) Amer. Mus. Novit., N.º 538, p. 7 (1932).

(2) Rev. Mus. Paul., XXII, p. 483 (1938).

(3) *Formicivora bicolor* Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pags. 48 e 156: Engenho do Gama (loc. típica aceita), Salto do Giráu, Borba, etc.

(4) The Bird Fauna of Rio Juruá, p. 331 (1945).

(5) *Microrhophias quixensis intercedens* Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., N.º 538, p. 5: Sarayacu (Rio Ucayali, leste do Peru).

(6) *Thamnophilus quixensis* Cornalia, 1849, Vertebr. Syn. Mus. Mediol. etc., p. 12c: leste do Equador.

Estado onde até hoje, ao que suponho, a espécie não tinha sido registrada. Como as ♀♀ de *F. grisea grisea*, segundo Hellmayr, mal se distinguem das de *F. grisea deluzae* (Ménétriès), (1) raça peculiar ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, fica todavia a possibilidade de pertencerem as aves do Espírito Santo à raça sudeste-brasileira, que apenas conheço através das descrições.

Formicivora rufa rufa (Wied)

Myiothera rufa Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, (2), p. 1.095 (descr. da ♀):
"aus den inneren Gegenden des Provinz Bahiá".

1 ♂ de Santarém, colecionado por A. Olalla, em 30 de junho de 1934.

Os ornitologistas são unânimes em admitir duas raças brasileiras em *Formicivora rufa*, com base precipuamente na diferença do aspecto oferecido pelas estrias longitudinais pretas que marcam a garganta e o peito das ♀♀, as quais nas populações da baixa Amazônia e Estados septentrionais do Brasil são, em regra, muito mais largas e abundantes do que nas aves do Brasil meridional e centro-occidental. Há porém, divergência no tocante aos limites zoogeográficos das duas formas e particularmente a qual das duas devem referir-se os tipos da espécie, sabendo-se que êles foram obtidos pelo príncipe Maximiliano no interior da Bahia. Já tive ocasião de discutir com o necessário pormenor êste interessante assunto, e não tenho nenhum motivo para modificar as conclusões a que me levou o seu estudo. (2) Colecionados nos campos do sul da Bahia, talvez não muito longe dos limites com Minas Gerais, é compreensível que os tipos da espécie, como casos extremos da flutuação a que seguramente estão sujeitas as populações intermediárias, apresentem estriação fraca e rala à semelhança do que é comum observar-se nas aves de São Paulo, não sendo assim necessário, para lhes explicar as feições particulares, admitir, com Zimmer, (3) a hipótese de erro na procedência que lhes foi assinada por Wied. Fortes e abundantes estriações devem ser também de regra nas aves do Rio de Janeiro, a julgar por duas ♀♀ de Cardoso Moreira (Rio Muriaé), o mesmo acontecendo com as do interior de Minas Gerais, pelo menos na região do Rio São Francisco (2 ♀♀ de Pirapora).

(1) *Formicivora deluzae* Ménétriès, 1835, Mém. Ac. Sci. St. Pétersb. (6.^a série), pte. 2, p. 434, pl. 5, fig. 2: "non loin de la Serra dos Orgãos" (Rio de Janeiro).

(2) Vide PINTO, Arquivos de Zoologia, II, p. 20 (1941); idem, Rev. Mus. Paul., XX, p. 86 (1936).

(3) Amer. Mus. Novitates, N.º 538, p. 8 (1932).

Zimmer inclui o Espírito Santo na área geográfica da raça fracamente estriada, que ele identifica a *F. rufa rufa*; mas, para estribar este modo de ver, parece não ter tido em mãos nenhum indivíduo do sexo feminino.

Resumindo, estou que os tipos de Wied, apesar de suas características, por assim dizer aberrantes, devem provir efetivamente do sul da Bahia, cujas populações, tanto quanto as de Minas Gerais e Rio de Janeiro, devem ser referidas à raça norte-brasileira, cujas ♀♀ são densamente estriadas, e que abranje em sua área o baixo Amazonas. Dou assim razão a Hellmayr, quando incluiu *F. rufa chapmani* Cherrie (1) na sinonímia de *F. rufa rufa* Wied, e conservou *F. rufa rufatra* (Lafresnaye & d'Orbigny) para as populações meridionais da espécie, distribuídas a partir de leste da Bolívia até São Paulo, através de Mato Grosso e Goiaz.

Cercomacra tyrannina laeta Todd

Cercomacra tyrannina laeta Todd, 1920, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIII, p. 73: Benevides (distrito leste-paraense).

1 ♂ ad. de Macapá, colecionado por Lasso em 29 de março de 1936.

Não se observa nenhuma diferença entre os ♂♂ das várias localidades da margem septentrional do Rio Amazonas representadas nas coleções ao meu alcance, inclusive a de Macapá. As pequenas variações na tonalidade do cinzento, que nalguns exemplares é de um schistáceo mais claro do que noutros, são, por exemplo, nos ♂♂ de Óbidos as mesmas que nos de Itacoatiara. Nas ♀♀ observa-se maior grau de variabilidade, embora sem relação aparente com a distribuição geográfica; assim é que em algumas as partes superiores são predominantemente acinzentadas, enquanto que em outras há abundância de tons ocráceos, misturados de oliva. As partes inferiores são cor de ferrugem, mais carregada no peito do que no abdômen. Numa ♀ de Lagoa Grande (marg. norte do baixo Amazonas, aproximadamente em oposição a Santarém), o lado ventral é muito mais pálido, antes canelino claro do que ferrugem, enquanto que as partes superiores são de um cinzento schistáceo quase puro. Estas diferenças fazem a ♀ de Lagoa Grande bastante parecida com a de Tapera (Pernambuco), alótipo de *Cercomacra tyrannina sa-*

(1) *Formicivora rufa chapmani* Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXV, p. 396: Altar do Chão (Rio Tapajós).

binói Pinto, (1) raça de que até aqui só se conhecem os dous exemplares utilizados na descrição respectiva.

Pyriglena leuconota similis Zimmer

Pyriglena leuconota similis Zimmer, 1931, Amer. Mus. Novit., N.º 509, p. 11: Caxiricubata (margem direita do baixo Tapajós).

1 ♂ de Aramaná (marg. dir. do Tapajós, não longe de Santarém), Lasso col., 30 de out. de 1932. Medidas: asa 74, cauda 80, culmen 18 mils.

É o único exemplar que possuo seguramente referível à raça descrita por Zimmer. A plumagem, em vez de preta retinta, como num ♂ de *P. leuconota leuconota* (Spix) (2) procedente de Utinga (arredores de Belém), é tocada de fuligem, especialmente no vértice, nas asas e no baixo abdômen. À falta de outros exemplares para comparação, suponho que estas diferenças correm por conta da possível imaturidade do ♂ de Aramaná.

Pyriglena leuconota interposita subsp. nov.

TIPO, N.º 31.826 do Dept. de Zoologia: ♀ adulta, do Rio Anapu (margem direita do baixo Amazonas, entre os rios Xingu e Tocantins), colecionado por Lasso em novembro de 1938.

DIAGNOSE — Colorido geral muito mais escuro do que o das fêmeas de *P. leuconota leuconota*, com as partes superiores, inclusive o píleo, pardo-arruivadas, aproximadamente como em *P. leuconota pernambucensis* Zimmer, (3) cuja aparência geral copia.

DESCRIÇÃO DO TIPO. Dorso pardo-arruivado ("Prout's Brown" de Ridgway), com larga nódoa branca semi-velada no manto, contrastando com a parte subterminal, enegrecida, das penas da região; píleo da côr do dorso, exceção feita da região frontal, que é cinzento-escuro, bem como os loros e o contôrno anterior dos olhos; asas pardo-acaneladas, com as pontas das primárias pardo-escuro; cauda preto-fuliginosa, enegrecendo da base para a ponta; mento e garganta esbranquiçados, passando gradualmente a branco-aloiro-

(1) *Cercomacra tyrannina sabinoi* Pinto, 1939, Bol. Biológico, Nov. Ser., IV, p. 191: Fazenda São Bento (estação de Tapera, não longe de Recife, Estado de Pernambuco).

(2) *Myiothera leuconota* Spix, 1824, Av. Bras., I, p. 72, pl. LXXII, fig. 2 (= ♀): "in confinibus Parae".

(3) *Pyriglena leucoptera pernambucensis* Zimmer, 1931, Amer. Mus. Novit., N.º 509, p. 10: Brejão (Pernambuco).

do de diante para trás; peito fulvo-acanelado, tocado de pardo na metade anterior, que se continua sem mudança de cor pelos lados do pescoço, até a região auricular; abdômen a princípio mais claro do que o peito, depois se tornando gradualmente mais pardo em direção ao crisso, que não tem limite definido com as infracaudais, ruivo-fuliginosas.

DISCUSSÃO. A determinação da do rio Anapu foi embaraçada pela falta de exemplares do mesmo sexo procedentes da margem oriental do Tapajós, pátria típica de *P. l. similis* Zimmer. (1) Não padece porém dúvida de que ela não admite confusão com as ♀♀ desta raça, que se diz muito semelhantes às de *P. l. picea* Cabanis, e como tais reconhecíveis à primeira vista por terem a cabeça e a garganta preto-fluginosas, em contraste com o pardo-arruivado das partes adjacentes. Comparada com uma ♀ de Miritiba (norte do Maranhão) pertencente a *P. l. leuconota* a do rio Anapu imediatamente se distingue pela cor muito mais carregada de toda a plumagem, especialmente a das partes superiores, pardo-arruivadas escuras, em vez de pardo-acaneladas. No que respeita ao colorido, a ♀ do Anapu se assemelha muito mais com uma de Tapera (Estado de Pernambuco), exemplar praticamente topotípico de *P. l. pernambucensis*; dela difere, todavia, pelas suas partes superiores um pouco menos escuras (mais arruivadas), bem como pela muito maior abundância de ruivo nas partes inferiores, pela cor menos enegrecida das infracaudais e, finalmente, pelo bico mais claro. (2)

A existência entre as áreas geográficas de *P. l. leuconota* e *P. l. similis* de uma raça de caracteres semelhantes aos de *P. l. pernambucensis* é fato digno de nota, que futuros estudos deverão devidamente elucidar.

Myrmoborus leucophrys angustirostris (Cabanis)

Conopophaga angustirostris Cabanis, 1848, em Schomburgk, Reisen Brit. Guiana, III, p. 685: matas costeiras da Guiana Inglesa.

Um ♂ e uma ♀ de Macapá (Rio Vila Nova), col. por Lasso em 27 de julho de 1936.

O ♂ tem o mento e a garganta pretos, passando gradualmente a cinzento escuro no peito e, depois, do abdômen às infracaudais, a cinzento ardoziado, não muito carregado. Num ♂ de Manacapuru,

(1) *Pyriglena leucoptera similis* Zimmer, 1931, Amer. Mus. Novit., N.º 509, pag. 11: Caxiricatuba (Rio Tapajós, marg. direita).

(2) Cf. PINTO, Arquivos de Zoologia, I, p. 256 (1940).

na margem septentrional do Rio Solimões (pouco a oeste de Manaus), a plumagem é mais clara, especialmente nas partes inferiores, exceção feita da garganta, que é denegrida, e faz contraste mais forte do que no de Macapá. Parece fora de dúvida que tanto um como outro devem ser referidos à raça guianense, cuja característica mais saliente é a côr cinzenta, relativamente pálida, das partes inferiores, em forte contraste com o preto da garganta. Anos atrás, no "Catalogo de Aves do Brasil", (1) referi também a *M. l. angustirostris* vários espécimes (4 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀) do Rio Juruá, colecionados na sua maioria por E. Garbe, em 1902. Esse juízo baseou-se na comparação feita com um ♂ de Villavicencio (base orient. dos Andes, Colombia), que tem as partes inferiores muito mais escuras e. acompanhando Hellmayr, (2) supuz representar a forma típica da espécie. Hoje, com abundante material do Rio Juruá, posso apreciar melhor as variações de tonalidade a que estão sujeitas as aves dessa região. Em nenhum dos 18 ♂ ♂ do alto Juruá (e seu pequeno tributário Rio Eiru) que tenho sob os olhos, as partes inferiores chegam a ser tão escuras como no Villavicencio; (3) mas, sem falar num ♂ imaturo dos colecionados por Garbe (N.º 2.801 da col. do "Museu Paulista"), cujo abdômen é de um cinzento mais claro do que nos de Macapá e Manacapuru, há muita variação sob este particular. Nos ♂ ♂ do Juruá a garganta é, em regra, de um preto mais ou menos puro; mas, casos há em que ela tem mais cinza do que preto, preludiando o que acontece nas populações do Rio Madeira, as quais Zimmer separou sob o nome de *M. leucophrys griseigula*, (4) raça que aliás só conheço através das descrições. Segundo o conde Gyldenstolpe, (5) que teve em mãos material semelhante, as aves do Rio Juruá são inseparáveis das de leste do Peru, pátria de *M. leucophrys leucophrys* (Tschudi), (6) as do Rio Purus, segundo o mesmo autor, pertencem seguramente a *M. l. griseigula* Zimmer.

(1) Rev. Museu Paulista, XXII, p. 498 (1938).

(2) Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte III, pag. 233 (1924).

(3) J. T. ZIMMER que, sob o nome de *M. l. erythrophrys* (Sclater), reconhece nas da Colombia uma raça particular, diz que elas diferem de *M. l. leucophrys* principalmente pela plumagem das ♀ ♀ (cujo dorso é mais arruivado etc.), enquanto que os ♂ ♂ a custo se podem distinguir.

(4) *Myrmoborus leucophrys griseigula* Zimmer, Amer. Mus. Novit., N.º 545, p. 3: Rcsarinho (Lago Sampaio, marg. esquerda do Rio Madeira).

(5) "The Bird Fauna of Rio Juruá", p. 187 (1945).

(6) *Pithys leucophrys* Tschudi, 1844, Arch. Naturgesch., X, (1), p. 278: Peru.

Myrmoborus myotherinus ochrolaemus (Hellmayr)

Hypocnemis myotherina ochrolaema Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Club, XVI, p. 109: Itaituca (margem ocidental do Rio Tapajós).

1 ♂ adulto do Rio Anapu (colecionado por Lasso em novembro de 1938), pequeno afluente da margem direita do baixo Amazonas, entre os rios Xingu e Tocantins e pouco a oeste de Fortel.

E' das mais precárias a representação de *Myrmoborus myotherinus* (Spix) nas coleções do Depart. de Zoologia; basta dizer que, por mais estranho que isso possa parecer, das poucas raças de que nelas existem exemplares, não possuímos senão ♂ ♂.

Como se sabe, a denominação de *Thamnophilus myotherinus* (1) foram confundidas por Spix duas espécies perfeitamente diversas, pois enquanto a descrição do ♂, e respectiva figura, efetivamente se aplicam ao pássaro que nos ocupa, a descrição e figura do que êle tinha por ♀ correspondem ao ♂ de *Myrmoborus leucophrys angustirostris* (Cabanis). (2) De muito maiores consequências do que esta confusão foi a perda do tipo e a completa ignorância em que nos deixou Spix sobre a sua procedência, pois disso advieram as grandes divergências verificadas na nomenclatura de algumas das formas reconhecidas no grupo. Seguindo o ponto de vista de Hellmayr, (3) adotei alhures (4) como localidade típica da espécie o Rio Içá, um dos afluentes septentrionais do Solimões visitados pelo naturalista bávaro; mas, estudando mais de perto a gravura de Spix, sou hoje levado a aceitar a proposta de Berlepsch & Hartert, que antes de quaisquer outros haviam escolhido para pátria da espécie Fonte Boa, na margem meridional do baixo Solimões. Apesar de suas imperfeições, a estampa me parece reproduzir com relativa fidelidade o colorido de três ♂ ♂ do Rio Juruá que posteriormente vieram se juntar às nossas coleções; pela côr parda

(1) *Thamnophilus myotherinus* Spix, 1825, Av. Bras., II, p. 30, em parte (só a descrição e figura do ♂): pátria ignorada (fixada por Berlepsch & Hartert em Fonte Boa, na marg. direita do Solimões).

(2) *Conopophaga angustirostris* Cabanis, 1848, Reise Brit. Guiana, III, p. 685: matas litorâneas da Guiana Inglesa.

(3) Cf. Novitates Zoologicae, XIV, 20 (1907); Field Mus. Nat. Hist., XIII (Catal. Bds. Amers.), pte. 3, p. 236 (1924). Convém assinalar que posteriormente Fonte Boa foi aceita como localidade típica da espécie pelo próprio Hellmayr, no Journ. für Ornithol. Festschrift E. Hartert, 1929, p. 55); êsse trabalho não era conhecido do Autor durante a preparação da Pte. 1 do "Catal. das Aves do Brasil".

(4) Rev. Mus. Paulista, XXII (Catal. Av. Bras, 1.ª parte), p. 499 (1938). Neste trabalho, referiu-se erroneamente um ♂ de Codajaz, cuja correta coloração em *M. myotherinus ardesiacus* Todd foi aliás quase contemporaneamente reconhecido (Rev. Mus. Paul., XXIII, 1937, p. 571).

das rêmiges e da cauda vê-se que o exemplar utilizado como modelo era um ♂ imaturo, enquanto que a tonalidade sombria das partes inferiores, de certo mais escuras do que nos ♂♂ do Juruá há pouco referidos, correria por conta das deficiências da arte gráfica daquela época. *Mymoborus myotherinus melanolaema* (Sclater). (1) deverá incluir-se na sinonímia de *M. m. myotherinus* Spix, pois pouca probabilidade existe de serem as aves do leste peruano separáveis das da margem meridional do Rio Solimões.

Não é ainda bem conhecida a extensão, para leste, da área de *M. m. myotherinus*, como por demais confusas são as idéias atuais sôbre as suas relações com as formas, que, segundo Zimmer, passam a substituir a raça típica na região do Rio Madeira. Um ♂ único de Porto Velho, localidade situada na margem ocidental dêste grande afluente do Rio Amazonas, logo abaixo das cachoeiras, praticamente não difere dos do alto Juruá, confirmando a observação de Hellmayr, que determinou como *M. m. melanolaema* (= *M. m. myotherinus*) exemplares de Humaitá, que fica um pouco abaixo, na mesma margem do Rio Madeira.

Na margem direita do Rio Madeira, quase em oposição a Humaitá, descreveu Hellmayr, sob o nome de *Hypocnemis myotherina sororia* (2) uma raça particular, com base principalmente nas ♀♀, que diferem das de "*melanolaema*" pela côr ocrácea mais carregada do abdômen, garganta amarelada (em vez de branca) etc. Zimmer, por sua vez, credits a *M. m. sororius* ♂♂ de várias estações situadas a leste do alto Madeira (Rio Roosevelt, Morrinho Lira), inclusive Calama. Em seu trecho mais baixo, conforme ainda os estudos de Zimmer, o Rio Madeira portar-se-ia também como divisor zoogeográfico, separando *Myrmoborus myotherinus proximus* Todd (cujos ♂♂ se diz serem muito semelhantes aos de *M. myotherinus ardesiacus* Todd e, portanto, muito diferentes dos de *M. m. myotherinus* e *M. m. sororius*) de *Myrmoborus myotherinus ochrolaema* Hellmayr, (3) raça que difere de *M. m. myotherinus* quase que tão somente pela côr intensamente ocrácea da garganta das ♀♀.

Hellmayr (4) diz que os ♂♂ de *M. m. ochrolaema* têm o peito e o abdômen ainda mais claros do que os de "*melanolaema*", mas

(1) *Hypocnemis myotherinus melanolaema* Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., "1854", p. 254, pl. 72, fig. 2: Chamicuros (leste do Peru).

(2) *Hypocnemis myotherinus sororia* Hellmayr, 1910, Novit. Zool., XVII, p. 258: Calama (marg. esquerda do Rio Madeira).

(3) *Hypocnemis myotherina ochrolaema* Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XVI, p. 109: Itaituba (marg. esquerda do Tapajós).

(4) Novit. Zool., XIV, p. 20 (1907).

isso não se verifica no do Rio Anapu, cuja côr combina com a dos ♂♂ mais escuros do Rio Juruá, e bem assim com a do ♂ de Porto Velho.

Em face desta sùmula zoogeográfica das raças de *M. myotherinus* que habitam a região do Rio Madeira, abre margem a dúvidas o registro, feito por Zimmer, de um ♂ e uma ♀ de *M. myotherinus proximus* em Santo Antônio do Guajará, lugar que pelos mapas parece situar-se no Rio Mamoré, um dos principa's formadores daquele grande afluente do Amazonas.

Hypocnemis cantator cantator (Boddaert)

*Formicarius cantator*¹ Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44 (com base em "Le Carillonneur, de Cayenne" de Buffon, Daubenton, Pl. enlum. 700, fig. 2): Cayenne.

1 ♂ de Macapá (Rio Vila Nova), colecionado por Lasso em 19 de agosto de 1936.

Espécime defeituoso, a que faltam todas as retrizes. O dorso côr de cinza, com as penas enegrecidas na região subterminal e sem nenhum branco na parte exposta, fá-lo destacar-se dos ♂♂ do alto Juruá, pertencentes a *H. c. peruviana* Taczan.(2) Aliás, a côr das costas varia de modo bastante apreciável nos nossos exemplos da margem septentrional do baixo Amazonas, ocorrendo casos, como num ♂ de Óbidos, em que o dorso é distintamente manchado de nódoas pretas, ladeadas de branco.

Hypocnemis cantator striata (Spix)

Thamnophilus striatus Spix, 1825, Av. Bras., II, p. 29, pl. XL, fig. 2: localidade não indicada (Santarém, pátria típica sugerida por Zimmer).³

1 ♂ de Aramaná (margem direita do Tapajós, perto de Santarém), colecionado por Lasso em 25 de novembro de 1932.

O exemplar ajusta-se perfeitamente à descrição de Zimmer e, pela côr pardo-ferruginosa do baixo dorso e uropígio, é impossível de confundir, tanto com os ♂♂ do Juruá como com os da região de Itacoatiara, que em nossas coleções representam respectivamente *H.*

(1) Em BODDAERT lê-se *cantatar*, por êrro tipográfico evidente.

(2) *Hypocnemis cantator peruvianus* Taczanowski, 1884, Orn. Perou, II, p. 61: Yurimaguas (norte do Peru).

(3) J. T. ZIMMER, Amer. Mus. Novit., N.º 538, p. 13 (1932). O tipo de Spix de há muito se acha perdido; não obstante, conforme demonstra Zimmer, é muito plausível que êle fosse um exemplo da raça peculiar ao baixo Tapajós.

c. peruviana Taczanowski (1) e *H. cantator cantator* (Boddaert); (2) sem embargo, pela grande mancha branca velada interescapular como pelo dorso preto, estriado de branco, assemelha-se mais com os primeiros do que com os últimos. Um ♂ de Marai, também na margem oriental, e apresenta o uropígio e o baixo dorso muito mais claros, antes ferrugíneo-oliváceos do que pardo-ferruginosos. Segundo os autores, *H. c. striata* habita as duas margens do Rio Tapajós; ignora-se porém a partir de quando ela cede o lugar a *H. c. implicata* Zimmer, (3) raça que me é apenas conhecida por um ♂ de Arimã (margem direita do Rio Purus), (4) conseguido do Museu de Estocolmo em permuta, por intermédio do sr. Conde N. Gyldenstolpe.

Hypocnemis hypoxantha ochraceiventris Chapman

Hypocnemis hypoxantha ochraceiventris Chapman, 1921, Amer. Mus. Novit., N.º 2, p. 5: Altamira (Rio Xingu, margem esquerda).

Um ♂ de Aramanai (margem direita do baixo Tapajós), colecionado por Lasso em 24 de novembro de 1937.

Comparados com os nossos ♂♂ de Manacapuru, pertencentes à forma típica da espécie, o de Aramanai se distingue à primeira vista pelo amarelo mais desmaiado das partes inferiores e, principalmente, pela abundante mistura de ocre no baixo abdômen e flancos; no que respeita às dimensões, concorda com êles em tamanho de asa, mas tem a cauda mais longa (48 mils., em vez de cerca de 40 mils.).

Embora, pelos autores, pareça comum na região do baixo Tapajós, é este o primeiro exemplar da raça tapajoense a entrar para as nossas coleções.

Hypocnemoides melanopogon melanopogon (Sclater)

Hypocnemis melanopogon Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 130, em parte: "Chamicuros, e. Peru", — localidade errônea, a ser substituída pela "Guiana" (de onde, segundo o testemunho de Hellmayr,⁵ procedia o tipo da espécie).

(1) *Hypocnemis cantator peruvianus* Taczanowski, 1884, Orn. Pérou, II, p. 61: Yurimaguas (norte do Peru).

(2) *Hypocnemis cantator implicata* Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit. N.º 538, p. 11: Igarapé Auará (margem direita do baixo Madeira, perto de Borba).

(3) Sobre a identidade das populações do Rio Purus veja-se Gyldenstolpe, em "The Bird Fauna of Rio Juruá" (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3), p. 189 (1945).

(4) *Formicarius cantatar* (sic) Boddaert, 1783, Tabl. Pl. enlum., pag. 44 (baseado em Daubenton, Pl. enlum. 700, fig. 2: Cayenne).

(5) Cf. C. E. HELLMAYR, Novitates Zoologicae, XIV, p. 381 (1907).

Uma ♀ de Macapá (Rio Vila Nova), Lasso col. em 8 de agosto de 1936.

Este exemplar tem as partes superiores bem menos plúmeas do que uma ♀ do Rio Anibá, na zona de Itacoatiara; a cor parda-centa das rêmiges demonstra porém tratar-se de indivíduo imaturo. Zimmer, sob a denominação de *Hypocnemoides melanopogon occidentalis*, (1) separou as aves da porção mais ocidental da área geográfica ocupada pela espécie, aí compreendidas as do alto Rio Negro (Javanari, Tabocal, Rio Uaupés); no baixo Rio Negro, as populações devem filiar-se à forma típica, o mesmo acontecendo com as da margem septentrional do baixo Solimões, de onde tenho em mão um casal, colecionado em Manacapuru.

Percnostola rufifrons subcristata Hellmayr

Percnostola rufifrons subcristata Hellmayr, 1908, Verh. Orn. Gesells. Bayern, VIII, p. 142: "Barra do Rio Negro" (= Manaus, na marg. esquerda da boca do Rio Negro).

Um ♂ imaturo, de Oriximiná (pouco a oeste da foz do Rio Trombetas), Lasso col. em 23 de julho de 1937.

Numerosos ♂ ♂ e algumas ♀ ♀ da região de Itacoatiara (Rio Anibá, Rio Atabani, Rio Urubu) existentes nas coleções do Dept. de Zoologia, permitem-me comparação fácil com os da margem septentrional da porção mais baixa do Rio Amazonas (Igarapé Boiuçu, Patauá, Igarapé Bravo), pertencentes a *P. rufifrons rufifrons* Gmelin, (2) confirmando as nítidas diferenças das duas raças separadas pelo Rio Trombetas.

Sclateria naevia naevia (Gmelin)

Sitta naevia Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 442 (baseado em "The Wall-creeper of Surinam" de Edwards): Surinam (Guiana Holandesa).

Um ♂ de Capanema, obtido por Lasso em 31 de outubro de 1936.

E' este o primeiro exemplar de leste do Pará que entra para as nossas coleções. Comparando com três ♂ ♂ de Itacoatiara e Rio Atabani, ele difere pela estriação mais densa das partes inferiores, cujas penas, desde a base do pescoço até o abdômen, são emolduradas de um cinzento mais escuro e em mais nítido contraste com o

(1) *Hypocnemoides melanopogon occidentalis* Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., N.º 538, p. 21: Puerto Indiana (rio Marañon, leste do Peru)

(2) *Turdus rufifrons* Gmelin, 1789, Syst. Nat. I, (2), p. 825 (com base em "Merle roux de Cayenne" de Buffon e em Daubenton, Pl. enlum. 644. fig. 1, = ♀): Cayenne.

branco da parte central e das margens. Tais diferenças, embora tenham a sua importância diminuída pelas que apresentam entre si os próprios ♂♂ de Itacoatiara, justificam a suposição de que as aves do aludido trecho da margem septentrional do Amazonas possam representar uma raça à parte, seja ela ou não a que Hellmayr descreveu, no baixo Tapajós com o nome de *Scl. naevia toddi*. (1) A este propósito é oportuno lembrar que Griscom & Greenway (2) já antes chamaram a atenção para os caracteres intermediários das séries de Óbidos, não hesitando em referi-las à raça do Tapajós, que só conheço pelo que dela dizem os outros.

Sclateria naevia toddi Hellmayr

Sclateria naevia toddi Hellmayr, 1924, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte III, p. 253: Santarém (margem direita da boca do Tapajós).

1 ♂ adulto, de Arapiuns (margem esquerda do baixo Tapajós), colecionado por Lasso em 25 de outubro de 1937.

As coleções ao meu alcance carecem completamente de exemplares topotípicos de *S. naevia toddi* Hellm. e *S. naevia argentata* (Des Murs) (3) com que pudesse ser comparado o ♂ de Arapiuns. Na verdade, o exemplar de Arapiuns, com ter a partes inferiores quase brancas (só na base do pescoço e nos flancos as penas são lunuladas de cinzento claro) e as patas amarelas claras, parece-me concordar fielmente com a descrição dos ♂♂ do Rio Madeira dada por Hellmayr, (4) acomodando-se igualmente aos comentários de Zimmer (5) sobre os seus exemplares de *S. naevia argentata* procedentes de Rosarinho (margem esquerda do baixo Madeira). Não obstante, visto que Zimmer identificara como *S. naevia toddi* ♂♂ e ♀♀ da Serra de Parintins, ponto situado muito mais próximo do Rio Madeira do que do Tapajós, força é admitir que o ♂ de Arapiuns deva também incluir-se na mesma raça, a menos que se esteja disposto a aceitar a opinião de Todd, (6) quando considera *S. naevia* e *S. argentata* formas especificamente distintas. Em qual-

(1) *Sclateria naevia toddi* Hellmayr, 1924, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte III, p. 253: Santarém.

(2) Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 246' (1941).

(3) *Herpsilochmus argentatus* Des Murs, 1856, em Castelnau, "Expéd. Amer. Sud", I, p. 53, pl. 17, fig. 2: Nauta (nordeste do Peru).

(4) Novit. Zoologicae, XIV, p. 375 (1907).

(5) Amer. Mus. Novit., N.º 509, p. 4 (1931).

(6) Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 165 (1927).

quer hipótese, o exemplar de Arapiuns difere enormemente dos ♂♂ de Itacoatiara, e mais ainda do de Capanema, estudados há pouco.

Schistocichla leucostigma rufifacies Hellmayr

Schistocichla leucostigma rufifacies Hellmayr, 1929, Journal für Ornithologie, Festschrift Ernst Hartert, p. 64: Apaci (Rio Tapajós).

1 ♂, do Rio Arapiuns (marg. esquerda do baixo Tapajós), Lasso col., 27 de outubro de 1937. Medidas: asa 67, cauda 59, culmen 20 milims.

Este exemplar se acomoda satisfatoriamente ao paralelo feito por Hellmayr entre *S. leucostigma rufifacies* e *S. leucostigma humaythae* (Hellm.) (1) raça que se acha representada em poucas coleções por um ♂ de Codajaz, recebido do Museu de Stocolmo, por intermédio do Conde Gyldenstolpe. (2) Difere de um ♂ de *S. leucostigma leucostigma* (Pelz.) (3) proveniente do Rio Atabani (perto de Itacoatiara), não só pela tonalidade uniformemente mais clara da plumagem, como pela ausência de qualquer vestígio de manchas apicais brancas nas rectrizes laterais. Do pequeno número de exemplares existentes nas coleções, conclui-se que, pelo menos no Brasil, todas as raças de *S. leucostigma* provam ser pássaros de encontro difícil, senão raros, em qualquer parte.

Myrmeciza longipes griseipectus Berl. & Hartert

Myrmeciza swainsoni griseipectus Berl. & Hartert, 1902. Novit. Zool., IX, p. 76: Caicara (local. típica, no Rio Orenoco, Venezuela).

Uma ♀ de Macapá (Rio Vila Nova), col. por Lasso em 16 de julho de 1936.

Pássaro muito comum na zona de Óbidos (Igarapé Boiuçu, Igarapé Bravo, Lago Grande), de onde as coleções do Dept. de Zoologia possuíam bom número de exemplares de ambos os sexos.

(1) *Sclateria schistacea humaythae* Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Cl., XIX, p. 51: Humaitá (margem esquerda do alto Madeira).

(2) Vide Nils Gyldenstolpe, "The Bird Fauna of Rio Juruá in western Brazil", em Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 191 (1945). O exemplar referido no texto foi determinado pelo próprio Conde Gyldenstolpe, com base em informações prestadas por Hellmayr, que mediante comparação com os tipos de *S. l. humaythae*, verificou pertencerem a esta raça as aves da margem septentrional do baixo Solimões.

(3) *Pernostola leucostigma* Pelzeln, 1868, Zur Ornith. Brasiliens, (2), pags. 86 e 160: Barra do Rio Negro (= Manaus).

***Myrmeciza ferruginea ferruginea* (P. L. S. Müller)**

Turdus ferrugineus P. L. S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 141 (baseado no "Merle à cravate, de Cayenne" de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 560, fig. 2): Cayenne.

Um ♂ do Rio Vila Nova (Macapá), coligido por Lasso em 5 de maio de 1936.

Pássaro mais ou menos comum em toda a margem septentrional do Rio Amazonas, desde o Rio Negro, até a embocadura, em contraste com a restrita distribuição de *M. ferruginea eluta* (Todd), (1) que apenas se conhece do curto trecho da margem meridional compreendido entre a margem esquerda do Rio Tapajós e a direita do baixo Madeira.

***Myrmeciza hemimelaena pallens* Berl. & Hellm.**

Myrmeciza hemimelaena pallens Berlepsch & Hellmayr, 1905, Journ. f. Ornith., LIII, p. 32: Vila Bela de Mato Grosso (alto Rio Guaporé).

1 ♂ de Aramaná (baixo Tapajós, pto. de Santarém), colecionado em 7 de novembro de 1932 por Lasso.

Desta raça de *Myrmeciza hemimelaena* Sclater (2) não há nas coleções do Dept. de Zoologia mais que um ♂ imaturo de Caxiricubá. Dois ♂♂ e duas ♀♀ do alto Juruá, colecionados por E. Garbe em 1902, e com a nota de terem sido vistos por Berlepsch e Hellmayr, figuram no meu "Catalogo das Aves do Brasil" sob a rubrica de *M. h. pallens*, de acôrdo com o parecer daqueles eminentes ornitólogos. Entretanto, os ♂♂ dêste lote se deixam facilmente separar do de Aramaná por diferenças muito sensíveis, tais como à extensão maior do escudo peitoral preto, a côr ruivo-acastanhada (em vez de ocráceo-arruivada) dos flancos, a tinta muito mais carregada, pardo-castanha (em vez de ferruginea) do baixo dorso e das supracaudais, bem como das rectrizes, e o colorido cinzento mais escuro do pileo. Estas diferenças se conciliam exatamente com o paralelo feito por Hellmayr (3) entre *M. hemimelaena pallens* e a forma típica da espécie, permitindo reificar a determinação dos espécimes de Garbe como *M. hemimelaena hemimelaena* Sclater, em con-

(1) *Myrmedestes ferrugineus elutus* Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 172: Vila Braga (marg. esquerda do Rio Tapajós).

(2) *Myrmeciza hemimelaena* Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 48: Bolívia.

(3) Novit. Zool., XVII, p. 364 (1910), Rio.

firmação aliás do que fez ultimamente o Conde Gyldenstolpe, (1) ao estudar material de idêntica procedência. (2)

Afora os exemplares de Garbe, que é de presumir-se provenham da margem direita (oriental) do alto Juruá, temos no Depart. de Zoologia, adquiridos ao snr. A. Olalla, 2 ♂♂ e 2 ♀♀ de João Pessoa (antiga São Felipe) e Igarapé Grande, localidades ambas da margem ocidental do referido rio; uns e outros, comparados os indivíduos do mesmo sexo, diferem fortemente dos primeiros, provando pertencerem a raça nitidamente diversa e de características coincidentes com as descritas em *M. hemimelaena spodiogastra* Berlepsch & Stolzmann, (3) raça primitivamente conhecida apenas do Peru. Os ♂♂ de João Pessoa têm a parte média do abdômen cinzenta, em vez de branca, como nos de "Rio Juruá" coligidos por Garbe; as ♀♀, por sua vez, distinguem-se das de Garbe pela côr uniformemente mais carregada das partes inferiores, especialmente do abdômen, que é antes pardo-oliváceo claro, lavado de ruivo (sem nenhum branco). Estas conclusões coincidem também com as alcançadas pelo Conde Gyldenstolpe (op. cit., p. 196); ao estudar material semelhante ao nosso,

Formicarius analis analis (Lafresn. & d'Orb.)

Myothera analis Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 14: Yuracares (aceita como loc. típica) e Chiquitos, na Bolívia.

1 ♂ adulto, de Capanema (leste do Pará), Lasso col. em 15 de fev. de 1936.

O exemplar combina com os de nossa série da margem direita dos rios Amazonas (Utinga, Caxiricatuba, Lago do Batista, etc.) e Solimões (Rio Juruá). Da margem septentrional temos apenas um ♂ imaturo, procedente da região de Itacoatiara (Rio Anibá); pela abundante mistura de ferrugem nos lados do pescoço, dá a impressão de pertencer a *F. analis crissalis* (Cabanis), (4) raça de que infelizmente não conheço exemplos incontestes.

(1) N. GYLDENSTOLPE "The Bird Fauna of Juruá", p. 195 (1945).

(2) Em consequência, *Drymophila juruana* Ihering, 1905 (Rev. Mus. Paul., VI, p. 442) entra na sinonímia de *M. h. hemimelaena*.

(3) *Myrmeciza spodiogastra* Berlepsch & Stolzmann, 1894, Ibis, 6.^a Série, vol. VI, p. 397: Borgoña (vale do Chanchamayo).

(4) *Myrmornis crissalis* Cabanis, 1861, Journ. f. Ornith., IX, pag. 96: Roraima (Guiana Inglesa).

Formicarius colma colma Boddaert

Formicarius colma Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44 (baseado em "Le Colma", de Buffon, e Daubenton, Pl. enlum. 703): Cayenne.

1 ♂ adulto, de Macapá (Rio Vila Nova), coligido por Lasso em 16 de abril de 1936.

Pelos comentários feitos, anos idos, (1) a propósito de exemplares do baixo Solimões (Manacapuru) e alto Rio Negro (São Gabriel), deixei claras as grandes variações encontradas nas populações de *Formicarius colma* distribuídas ao norte do Rio Amazonas, concluindo pela vantagem de referi-las todas à forma típica da espécie. Esse modo de ver hoje se reforça diante de duas ♀♀ do alto Juruá (Igarapé Grande), as quais, segundo penso, representam com segurança a forma este-peruana conhecida por *F. colma nigrifrons* Gould; nestas a garganta e o peito são de um negro muito mais re-tinto do que em qualquer dos nossos exemplares da margem septentrional, quer do baixo Amazonas (Óbidos, Igarapé Bravo, Rio Anibá, Rio Urubu) quer do Solimões (Manacapuru), inclusive o Rio Negro (São Gabriel).

Pithys albifrons albifrons (Linnaeus)

Pipra albifrons Linnaeus, 1866, Syst. Nat., 12.^a ed., I, p. 339 (baseado no "White-faced Manakin" de Edwards, Glean. Nat. Hist., III, p. 280, pl. 344, fig. 1): "Guiana" (= Cayenne).

Um ♂ do Rio Arapiuns (margem ocidental do baixo Tapajós), colecionado por Lasso, em 6 de junho de 1936.

Abstraindo o Peru, onde a espécie aparece representada no Rio Ucayali por uma raça aparentemente estranha ao Brasil, não há, que me conste, na literatura ornitológica, nenhuma referência à presença de *Pithys albifrons* em qualquer ponto da margem meridional do Rio Amazonas. Daí a importância muito particular de que se reveste a verificação agora feita de sua ocorrência na margem esquerda do Rio Tapajós. O ♂ de Arapiuns, de modo geral, apresenta os caracteres da forma típica, representada em nossas coleções por um casal do Rio Atabani e 4 ♂♂ da Venezuela (Rio Caura); mas, a julgar pelo material em estudo, apresenta certas singularidades sobre cujo valor e significado é impossível ajuizar à falta de outros indivíduos da mesma procedência, tais como o tamanho um

(1) Rev. Mus. Paul., XXIII, pags. 519 e 573 (1937).

lepidonota, pelo contrário, o dorso e as coberteiras são manchadas de branco e todo o lado ventral é côr de canela, com mistura variável de pardo no peito e nos flancos.

As sul do Solimões vive *Hylophylax poecilinota gutturalis* Todd, (1) em que, graças à garganta preta dos ♂♂, ambos os sexos possuem características suficientes para impedir qualquer confusão com as duas raças há pouco referidas. Infelizmente, de *H. p. gutturalis* não possuem as coleções em estudo mais do que duas ♀♀, procedentes de João Pessoa, localidade situada na margem esquerda (ocidental) do alto Juruá. Num ♂ de Santa Cruz, lugarejo situado no Rio Eiru, todas as partes inferiores, inclusive a garganta, são côr de cinza, provando pertencer a *Hylophylax poecilinota griseiventris* (Pelzeln), (2) forma descrita primitivamente da margem direita do baixo Madeira (Borba) e cuja distribuição para oeste já sabemos, através de Gyldenstolpe, (3) alcançar, pelo menos, o Rio Purus. Temos de *griseiventris* uma ♀ de Lago do Batista, que se pode considerar praticamente topotípica; o lado inferior inteiramente côr de cinza (em vez de oliváceo-arruivado) distingue-a imediatamente das de João Pessoa, ao mesmo tempo que a falta de qualquer mancha nas coberteiras a separa das de qualquer das outras raças a que aqui foi feita referência.

Costas e coberteiras imaculadas são também característicos das ♀♀ de *H. p. nigrigula* (Snehl.) e *H. p. vidua* (Hellmayr), formas representativas da espécie nas regiões respectivamente do Tapajós e de leste do Pará.

• *Hylophylax naevia ochracea* (Berlepsch)

Hypocnemis naevia ochracea Berlepsch, 1912, Ornith. Monatsber., XX, p. 20: Tucunaré (Rio Jemauchim, afl. oriental do Tapajós).

1 ♀, de Aramaná (perto de Santarém), colecionada por Lasso em 23 de novembro de 1932.

A tonalidade muito mais carregada, tirante a ferrugem, das partes inferiores, de par com o desaparecimento completo das pintas pretas na parte média do peito, distinguem ao primeiro lance de

(1) *Hylophylax poecilinota gutturalis* Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 174: São Paulo de Olivença (marg. direita do Rio Solimões).

(2) *Pithys griseiventris* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Bras., (2), pags. 89 e 167: Vila Maria (= São Luiz de Cáceres (noroeste de Mato Grosso)).

(5) Cf. "The Bird Fauna of Rio Juruá", p. 203 (1945).

olhos a ♀ de Aramanai das do alto Juruá, que em nossas coleções exemplificam *H. naevia theresae* (Des Murs). (1)

Phlegopsis nigro-maculata paraensis Hellmayr

Phlegopsis paraensis Hellmayr, 1904, Ornith. Monatsber., XII, p. 53: Pará (= vizinhanças de Belém, no Estado do Pará).

Um ♂ e uma ♀, de Capanema, colecionados por Lasso, respectivamente em 8 e 7 de novembro de 1936.

A raça este-paraense de *Phlegopsis nigro-maculata* contava em nossas coleções apenas com uma ♀ de Murutucu, adquirida pelo Museu Paulista, anos atrás, ao sr. Francisco Queiroz Lima. Vê-se por êstes exemplares que as características desta variedade geográfica são sobremodo constantes, permitindo reconhecê-la à primeira vista entre as suas correlatas. Em nossos três exemplares as manchas pretas subterminais das rectrizes são bastante grandes, e, estreitando-se bruscamente, às vêzes se alongam, de cada lado do raque, em direção à base. A tonalidade decididamente arruivada, (em vez de fulvo-olivácea) das costas, de par com o pequeno tamanho das manchas pretas do dorso, também diferenciam facilmente *Phl. n. paraensis* de *Phl. n. bowmani* Ridgway, (2) raça de que tenho em mãos um ♂ de Lago Batista, localidade situada pouco a leste do baixo Madeira. A essas raças, na região do Rio Xingu, se interpõe *Phl. n. confinis* Zimmer, que não conheço senão através da descrição. (3) Uma ♀ e um exemplar sem sexo, provenientes do alto Rio Juruá, representam em nossas coleções a forma típica da espécie, ajustando-se fielmente à descrição do tipo de *Myothera nigro-maculata* Lafresnaye & d'Orbigny (4) fornecida por Hellmayr. O aspecto lacrimiforme e o tamanho reduzido das manchas dorsais são as características mais frizantes desta raça, diferente ainda pela côr mais clara, francamente azeitonada, das partes superiores.

(1) *Conopophaga theresae* Des Murs, 1856, em Castelnau, Expéd. Amér. du Sud, Oiseaux, livr. 18, p. 51, pl. 16, fig. 2: Rio Javari.

(2) *Phlegopsis bowmani* Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 254: Diamantina (marg. direita do Tapajós, perto de Santarém).

(3) *Phlegopsis nigro-maculata confinis* Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., N.º 558, p. 22: tipo de Tapará, na margem direita do Rio Xingu.

(4) *Myothera nigro-maculata* Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., em Magaz. Zool., cl. II, p. 14: Guarayos (norte da Bolívia).

Myrmornis torquata (Boddaert)

Formicarius torquatus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 43 (baseado em "Le Fourmilier, de Cayenne", de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 700, fig. 1): Cayenne.

1 ♀ adulta, de Aramaná (Rio Tapajós, pouco acima de Santarém), coligida por Lasso em 17 de novembro de 1932.

Aramaná é mais uma localidade a juntar-se às várias outras da margem direita do Tapajós em que esta espécie tem sido registrada. Os ornitologistas atualmente se recusam a admitir variações geográficas em *Myrmornis torquata*, a inseparabilidade de *M. t. tragicus* Cherrie (1) sendo afirmada por Hellmayr. Sem embargo não há perfeita semelhança entre um ♂ de Aveiro (baixo Tapajós, marg. direita), e outro de Igarapé Anibá (perto de Itacoatiara), sugerindo a possibilidade de representarem raças diversas. Cingindo-me às diferenças mais visíveis, observo que no ♂ do rio Anibá as partes inferiores são de cor cinzenta uniforme, sem nenhum vestígio de branco, nem de raias pretas (caracteres presentes também nas ♀♀ de Aveiro e Aramaná), o uropígio e o crisso são de um castanho muito carregado, em vez de ferrugíneo.

Myrmothera campanisona campanisona (Hermann)

Myrmornis campanisona Hermann, 1783, Tabl. Affin. Anim., p. 189, em nota (baseado em "Le Grand Beffroi" de Buffon): Cayenne.

Um ♂ adulto, rotulado como do Rio Arapiuns (margem esquerda do baixo Tapajós) e coligido por Lasso em 2 de junho de 1937.

A exiguidade do material disponível impede-me de formar idéia clara das variações geográficas de *Myrmothera campanisona*, e muito especialmente das diferenças que é corrente reconhecer entre as populações distribuídas ao norte e ao sul do baixo Amazonas. Neste particular, o ♂ de Arapiuns serve antes para aumentar a minha perplexidade, visto a sua semelhança incomparavelmente maior, por assim dizer quase perfeita, com um ♂ de Igarapé Bravo (ponto situado ao norte do mencionado Rio, perto de Óbidos), do que com dois ♂♂ de Aveiro, localidade sabidamente situada na margem direita do Tapajós, e não muito longe da pátria típica de *M. compani-*

(1) *Rhopoterpe torquata tragicus* Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXV, p. 184: Rio Roosevelt (afl. da margem direita do Rio Madeira, norte de Mato Grosso).

sona subcanescens Todd. (1) Assim é que nos ♂♂ de Arapiuns e Igarapé Bravo as partes superiores são fortemente arruivadas com os raques das penas mais claros, sob a forma de riscos longitudinais perfeitamente distintos, ao passo que nos de Aveiro as costas têm menor quantidade de ruivo e não se vêem quaisquer estriações. Também no que respeita às partes inferiores o exemplar de Arapiuns, em que o cinzento do peito é misturado de ocre, concorda muito mais com o de Igarapé Bravo, do que com os de Aveiro. Estes fatos são tanto mais interessantes quanto um ♂ do Rio Atabani (perto de Itacoatiara), também seguramente pertencente a *M. campanisona campanisona*, é, contra toda expectativa, menos parecido com o de Igarapé Bravo do que o de Arapiuns. A hipótese, que tudo explicaria, de situar-se o Rio Arapiuns na margem septentrional do baixo Amazonas, não tem em seu apoio qualquer argumento, como também me parece pouco defensável a suposição de erro na procedência atribuída ao exemplar. Resta portanto a possibilidade de ser o Rio Amazonas cruzado pela raça típica a oeste do Rio Tapajós, não obstante se possa a ela contrapor, afora argumentos teóricos, a presença, assinalada por Zimmer, de *M. c. subcanescens* na região de Parintins. Só o futuro, com o melhor conhecimento das variações individuais experimentadas pelas diferentes populações da espécie, permitirá interpretar corretamente as feições desconcertantes descritas há pouco no exemplar de Lasso.

Aproveitando a ocasião, o material mais velho de nossas coleções foi submetido a novo exame. Dois ♂♂ do alto Rio Juruá, um colecionado por E. Garbe em 1902, e outro adquirido ao snr. Olalla (com rótulo de Igarapé Grande, 19 de jan. de 1937) devem ser referidos a *M. campanisona minor* (Taczan.); (2) sem ser perfeitamente semelhante, um ♂ de Manacapuru, qua alhures (3) referi a *M. c. dissors* Zimmer, (4) parece-me hoje pertencer também à raça esteperuana. Este espécime de Manacapuru ocupa no tocante à côr das partes superiores posição intermediária entre os do Juruá e um ♂ do Rio Uaupés (Taracuá), que ainda suponho representar seguramente a raça do rio Cassiquiare.

(1) *Myrmothera campanisona subcanescens* Todd, 1934, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, pag. 176: Colônia do Mojuí (baixo Tapajós, perto de Santarém).

(2) *Grallaria minor* Taczanowski, 1882, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 33: Yurimaguas (nordeste do Peru).

(3) Rev. Mus. Paulista, XXIII, p. 576 (1937).

(4) *Myrmothera campanisona dissors* Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., N.º 11: Rio Cassiquiare (sudoeste da Venezuela).

Corythopsis torquata anthoides (Pucheran)

Muscicapa anthoides Pucheran, 1855, Arch. Mus. d'Hist. Nat. Paris, VII, p. 334: Cayenne.

Um ♂ de Macapá e um insexuado de Oriximiná, ambos imaturos, colecionados por Lasso, respectivamente em 5 de maio de 1936 e 20 de julho de 1937.

Os dois exemplars têm as partes superiores, inclusive o pileo, pardo-oliváceas, sem mescla perceptível de cinzento; no peito não há ainda o preto característico das aves adultas, mas apenas um pardo-cinza, mais escuro no de Macapá do que no de Oriximiná.

Embora haja ainda hoje que lamentar a falta quase completa de material desta espécie, tenho pouca dúvida de que um ♂ de Manacapuru (margem septentrional do Solimões) deva pertencer a *C. torquata anthoides*, como me pareceu a principio. (1) Ao sul do Solimões, *C. torquata anthoides* é substituído por *C. torquata torquata* Tschudi, (2) forma atualmente representada em nossas coleções por 5 ♂ ♂ e uma ♀ dos rios Juruá (João Pessoa) e Eiru (Santa Cruz).

(1) Cf. PINTO, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 565 (1937). O exemplar em questão figura no Catalogo das Av. do Brasil (1.^a parte, p. 530) como *C. t. sarayacuensis* Chubb, forma a que, aliás, o conde Gyldenstolpe (The Bird Fauna of Rio Juruá, p. 206) também refere exemplares de Codajaz.

(2) *Corythopsis torquata* Tschudi, 1844, Arch. Naturgesch., X (1), p. 279: "Peru" (pátria típica o vale do Chanchamayo, Dept. de Junin, por sugestão de Hellmayr).

INDICE

<i>Accipiter bicolor</i>	318	<i>Dendrocygna discolor</i>	317
<i>aenea</i> , <i>Chloroceryle</i>	378	<i>Dendroplex picus</i>	403
<i>aethiops</i> , <i>Thamnophilus</i>	443	<i>derbyanus</i> , <i>Nyctidromus</i>	357
<i>albicollis</i> , <i>Nyctidromus</i>	355-356	<i>deserti</i> , <i>Bubo</i>	352
<i>albifrons</i> , <i>Pithys</i>	474	<i>discolor</i> , <i>Dendrocygna</i>	317
<i>albigularis</i> , <i>Crypturellus</i>	315	<i>dissors</i> , <i>Synallaxis</i>	423
<i>albirostris</i> , <i>Galbula</i>	382	<i>doliatus</i> , <i>Thamnophilus</i>	435
<i>amazonicus</i> , <i>Phaethornis</i>	259-360	<i>Dysithamnus obidensis</i>	449
<i>Trogon</i>	371	<i>elatus</i> , <i>Chrysolampis</i>	367
<i>amazonum</i> , <i>Pyrrhura</i>	346	<i>elegans</i> , <i>Celeus</i>	392
<i>analis</i> , <i>Formicarius</i>	473	<i>emiliae</i> , <i>Microrhoptias</i>	458
<i>anerythra</i> , <i>Pyrrhura</i>	345	<i>extensus</i> , <i>Tripsurus</i>	396
<i>angustirostris</i> , <i>Myrmoborus</i>	463	<i>eytoni</i> , <i>Xiphorhynchus</i>	405
<i>ani</i> , <i>Crotophaga</i>	340	<i>ferruginea</i> , <i>Myrmeciza</i>	472
<i>anthoides</i> , <i>Corythopsis</i>	480	<i>flavus</i> , <i>Crocomorphus</i>	395
<i>Aratinga aurea</i>	343	<i>Formicarius analis</i>	473
<i>atriceps</i> , <i>Thamnophilus</i>	440	<i>colma</i>	474
<i>aurea</i> , <i>Aratinga</i>	343	<i>Formicivora grisea</i>	459
<i>auritus</i> , <i>Heliotrix</i>	368	<i>rufa</i>	460
<i>Automolus cervicalis</i>	426	<i>Forpus deliciosus</i>	351
<i>paraensis</i>	427	<i>fulica</i> , <i>Heliornis</i>	330
<i>axillaris</i> , <i>Myrmotherula</i>	456	<i>furcatoides</i> , <i>Thalurania</i>	362
<i>axillaris</i> , <i>Sittasomus</i>	416	<i>Galbula albirostris</i>	382
<i>bahiae</i> , <i>Lepidocolaptes</i>	414	<i>cyanicollis</i>	382
<i>Belonopterus cayennensis</i>	330	<i>galbula</i>	382
<i>bicolor</i> , <i>Accipiter</i>	318	<i>garbei</i> , <i>Myrmotherula</i>	458
<i>bivittatus</i> , <i>Lepidocolaptes</i>	414	<i>genibarbis</i> , <i>Xenops</i>	427
<i>brachyura</i> , <i>Myrmotherula</i>	454	<i>gilvicollis</i> , <i>Micrastur</i>	322-328
<i>brasiliensis</i> , <i>Chelidoptera</i>	391	<i>Glaucis hirsuta</i>	361
<i>Brotogeris takatsukasae</i>	348-349	<i>glaucus</i> , <i>Thamnomanes</i>	453
<i>st. thoma</i>	349	<i>Glyphorhynchus cuneatus</i>	416
<i>versicolurus</i>	350	<i>spirurus</i>	415
<i>brunnescens</i> , <i>Malacoptila</i>	386	<i>grisea</i> , <i>Formicivora</i>	459
<i>Bubo deserti</i>	352	<i>griseipectus</i> , <i>Myrmeciza</i>	471
<i>campanisona</i> , <i>Myrmothera</i>	478	<i>griseola</i> , <i>Columbigallina</i>	336
<i>Campylopterus largipennis</i>	361	<i>gujanensis</i> , <i>Synallaxis</i>	422
<i>cantator</i> , <i>Hypocnemis</i>	467	<i>guttata</i> , <i>Myrmotherula</i>	455
<i>Capella paraguaiae</i>	332	<i>Heliornis fulica</i>	330
<i>cayana</i> , <i>Piaya</i>	338	<i>Heliotrix auritus</i>	368
<i>cayanus</i> , <i>Hoploxypterus</i>	331	<i>hellmayri</i> , <i>Myrmotherula</i>	455
<i>cayennensis</i> , <i>Belonopterus</i>	330	<i>Himantopus melanurus</i>	333
<i>Celeus elegans</i>	392	<i>hirsuta</i> , <i>Glaucis</i>	361
<i>multifasciatus</i>	393	<i>hoffmannsi</i> , <i>Myrmotherula</i>	456
<i>Ceophloeus lineatus</i>	399	<i>Hoploxypterus cayanus</i>	331
<i>Cercomacra laeta</i>	461	<i>hypnaleus</i> , <i>Nystactes</i>	384
<i>certhiolus</i> , <i>Lepidocolaptes</i>	413	<i>Hypocnemis striata</i>	467
<i>cervicalis</i> , <i>Automolus</i>	426	<i>cantator</i>	467
<i>chacoensis</i> , <i>Lepidocolaptes</i>	413	<i>ochraceiventris</i>	468
<i>Charadrius collaris</i>	331	<i>Hypocnemoides melanopogon</i>	468
<i>Chelidoptera brasiliensis</i>	391	<i>Hylophylax ochracea</i>	476
<i>tenebrosa</i>	389-390	<i>poecilnota</i>	475
<i>Chlorestes notatus</i>	366	<i>incertus</i> , <i>Thamnophilus</i>	441
<i>Chloroceryle aenea</i>	378	<i>inornatus</i> , <i>Crocomorphus</i>	393-396
<i>chochi</i> , <i>Tapera</i>	343	<i>Thamnophilus</i>	444
<i>Chordeiles rupestris</i>	353	<i>interposita</i> , <i>Pyriglena</i>	462
<i>Chrysolampis elatus</i>	367	<i>laeta</i> , <i>Cercomacra</i>	461
<i>Coccyzua minuta</i>	340	<i>largipennis</i> , <i>Campylopterus</i>	361
<i>colma</i> , <i>Formicarius</i>	474	<i>Laterallus viridis</i>	329
<i>collaris</i> , <i>Charadrius</i>	331	<i>Lepidocolaptes bahiae</i>	414
<i>Columba sylvestris</i>	335	<i>bivittatus</i>	414
<i>Columbigallina griseola</i>	336	<i>certhiolus</i>	413
<i>concolor</i> , <i>Dendrocolaptes</i>	402	<i>chacoensis</i>	413
<i>coronatus</i> , <i>Lepidocolaptes</i>	410-414	<i>coronatus</i>	410-414
<i>Corythopsis anthoides</i>	480	<i>praedatus</i>	413
<i>Cranioleuca mulleri</i>	424	<i>Leptotila rufaxilla</i>	336
<i>Crocomorphus flavus</i>	395	<i>Leucopternis schistacea</i>	319
<i>inornatus</i>	393-396	<i>lineatus</i> , <i>Ceophloeus</i>	399
<i>peruvianus</i>	396	<i>longipennis</i> , <i>Myrmotherula</i>	458
<i>subflavus</i>	396	<i>longirostris</i> , <i>Nasica</i>	414
<i>tectricialis</i>	396	<i>luctuosus</i> , <i>Sakesphorus</i>	434
<i>Crotophaga ani</i>	340	<i>lyra</i> , <i>Philydor</i>	425
<i>major</i>	341	<i>macconnelli</i> , <i>Picumnus</i>	401
<i>Crypturellus albigularis</i>	315	<i>Sclerurus</i>	428
<i>parvirostris</i>	316	<i>maculatus</i> , <i>Nystalus</i>	384
<i>cuneatus</i> , <i>Glyphorhynchus</i>	416	<i>major</i> , <i>Crotophaga</i>	341
<i>cyanicollis</i> , <i>Galbula</i>	382	<i>Malacoptila brunnescens</i>	386
<i>deliciosus</i> , <i>Forpus</i>	351	<i>marail</i> , <i>Penelope</i>	328
<i>Dendrocincla rufo-olivacea</i>	417	<i>melanopogon</i> , <i>Hypocnemoides</i>	468
<i>Dendrocolaptes concolor</i>	402	<i>melanopterus</i> , <i>Trogon</i>	376
		<i>Sakesphorus</i>	434

melanurus, Himantopus	333	ramonianus, Trogon	370
Trogon	377	rikeri, Monasa	386-388
Micrastur gilvicollis	322-328	ruber, Pygmornis	360
ruficollis	327	rufa, Formicivora	460
Microrhopias emiliae	458	rufaxilla, Leptotila	336
minuta, Coccoecua	340	ruficeps, Veniliornis	401
momota, Momotus	379	ruficollis, Micrastur	327
Momotus momota	379	rufifacies, Schistocichia	471
simplex	380	rufo-olivacea, Dendrocicla	417
Monasa, morphoeus	389	rupestris, Chordeiles	353
nigrifrons	389	rutilans, Synallaxis	423
peruana	388	Sakesphorus luctuosus	434
rikeri	386-388	melanothorax	434
montana, Oreopeleia	337	Scapanus olallae	397-399
morphoeus, Monasa	389	trachelopyrus	398
mulleri, Cranioleuca	424	schistacea, Leucopternis	319
multifasciatus, Celeus	393	Schistocichia rufifacies	471
Myrmeciza ferruginea	472	Sclateria naevia	469
griseipectus	471	toddi	470
pallens	472	Sclerurus macconnelli	428
Myrmoborus angustirostris	463	pallidus	429
ochrolaemus	465	signatus, Thamnophilus	436
Myrmornis torquata	478	Sittasomus axillaris	416
Myrmothera campanisona	478	semifasciatus, Taraba	430
Myrmotherula axillaris	456	similis, Pyriglena	462
brachyura	454	simplex, Momotus	380
garbei	458	spirurus, Glyphorhynchus	415
guttata	455	spixii, Xiphorhynchus	409
hellmayri	455	Spizaetus ornatus	321
hoffmannsi	456	tyrannus	321-322
longipennis	458	squalidus, Phaethornis	360
surinamensis	454	st. thoma, Brotogeris	349
naevia, Sclateria	469	striata, Hypocnemis	467
Tapera	342-343	strigilatus, Trogon	375-376
Nasica longirostris	414	striolatus, Nystalus	383
nigrescens, Nyctipolus	358	subcristata, Percnostola	469
nigrifrons, Monasa	389	subflavus, Crocomophilus	396
nigrocinereus, Thamnophilus	439	surinamensis, Myrmotherula	454
notatus, Chrorestes	366	sylvestris, Columba	335
Nyctidromus albicollis	355-356	Synallaxis dissors	423
derbyanus	357	gujanensis	422
Nyctipolus nigrescens	358	rutilans	423
Nystactes hypnaleus	384	takatsukasae, Brotogeris	348-350
tamatia	384	tamatia, Nystactes	384
Nystalus maculatus	384	Tapera chochi	343
striolatus	383	naevia	342-343
obidensis, Dysithamnus	449	Taraba semifasciatus	430
ochracea, Hypophylax	476	tectricialis, Crocomorphus	396
ochraceiventris, Hypocnemis	468	tenebrosa, Chelidoptera	389-390
ochrolaemus, Myrmoborus	465	Thalurania furcatoides	362
olallae, Scapanus	397-399	Thamnomanes glaucus	453
Oreopeleia montana	337	persimilis	451
ornatus, Spizaetus	321	Thamnophilus aethiops	443
pallens, Myrmeciza	472	atriceps	440
pallidus, Sclerurus	429	doliatus	435
paraensis, Automolus	427	incertus	441
Phlegopsis	477	inornatus	444
Thamnophilus	448	nigrocinereus	439
paraguaiae, Capella	332	paraensis	448
pardalotus, Xiphorhynchus	408	punctatus	446
parvirostris, Crypturellus	316	signatus	436
passerinus, Veniliornis	400	zimmeri	446
pella, Topaza	369	toddi, Sclateria	470
Penelope marail	328	Topaza pella	369
Percnostola subcristata	469	torquata, Myrmornis	478
persimilis, Thamnomanes	451	trachelopyrus, Scapanus	398
peruana, Monasa	388	Tripsurus extensus	396
peruvianus, Crocomorphus	396	Trogon amazonicus	371
Phaethornis amazonicus	359-360	strigilatus	376
squalidus	360	Trogon melanopterus	376
Philydor lyra	425	melanurus	377
pyrrhodes	425	ramonianus	370
Phlegopsis paraensis	477	strigilatus	375
Piaya cayana	338	tyrannus, Spizaetus	321-322
Picumnus macconnelli	401	Veniliornis passerinus	400
picus, Dendroplex	403	ruficeps	401
Pithys albifrons	474	versicolorus, Brotogeris	350
poecilinota, Hypophylax	475	viridis, Laterallus	329
praedatus, Lepitocolaptes	413	Xenops genibarbis	427
punctatus, Thamnophilus	446	Xiphorhynchus eytoni	405
Pygmornis ruber	360	pardalotus	498
Pyriglena interposita	462	spixii	409
similis	462	zimmeri, Thamnophilus	446
pyrrhodes, Philydor	425		
Pyrrhura amazonum	346		
anerythra	345		